

2018

Prêmio
Funarte de
Dramaturgia

Centro de Artes Cênicas – Ceacem/**Funarte**
Adulto

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Sérgio Sá Leitão

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES | FUNARTE

Presidente

Stepan Nercessian

Diretor Executivo

Reinaldo Veríssimo

Diretor do Centro de Artes Cênicas | CEACEN

Ginaldo de Souza

Coordenador de Teatro (interino)

Cristiano Cabral de Oliveira

Comissão de Habilitação

Elizabeth de Araújo Fernandes

Janaína Botelho Guerreiro

Maria José da Silva

Comissão de Seleção

Angel Custódio Jesus Palomero

Ernesto Piccolo Neto

Maria de Fátima Saadi

Edição, Diagramação e Revisão

Anna Flávia Costa Oliveira

Cristiano Cabral de Oliveira

Giselle Brito de Miranda França

Mariana Cavalcante Dantas Marques

Valquíria Silva de Santana

CEACEN - CENTRO DE ARTES CÊNICAS

Centro Empresarial Cidade Nova

Teleporto - Av. Presidente Vargas nº 3131 / sala 1805

Cidade Nova - CEP: 20.210-911

Rio de Janeiro - RJ

www.funarte.gov.br

Ministério da Cultura

SUMÁRIO

	Página
<u>Coração Rasgado</u>	04
<u>Ensaio Sobre a Verdade</u>	50
<u>Mestre Luz</u>	67
<u>Terminal</u>	118
<u>Eu Sempre Soube</u>	160

CORAÇÃO RASGADO

**Ou... Desculpem! Não foi bem assim que aconteceu.
Mas aconteceu!**

Texto de Edson Bueno

O cenário é uma mistura de bar, quarto de hospital e palco de teatro.

PRÓLOGO.

Os três atores cantam “A Felicidade”, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes.

Introdução da música:

ATOR 1 – Esse é o sujeito. Oduvaldo Vianna Filho.

ATOR 2 – O Vianinha.

ATOR 3 – Dramaturgo, ator e diretor de teatro e televisão, militante comunista brasileiro. Gente da melhor qualidade.

ATOR 1 – Lutador incansável, revolucionário e talentoso até o talo.

ATOR 2 – Escreveu as peças “Chapetuba Futebol Clube”, “Moço em Estado de Sítio”, “A Mão na Luva”, “Allegro Desbum”, “A Longa Noite de Cristal”, “Papa Highirte”, “Rasga Coração”, entre tantas.

ATOR 3 – As duas últimas ele não viu encenadas no palco. Foram proibidas pela censura e só liberadas depois de sua morte em 1974, aos 38 anos, em plena ditadura militar.

ATOR 2 – Morreu sem ter visto as encenações nem a volta da democracia. Mas viveu o sonho!

ATOR 1 – Esse é ele. O cara! Hoje ele está aqui, conosco! Podem acreditar!

OS TRÊS – *(Cantam)* – Tristeza não tem fim/ Felicidade sim/ A felicidade é como a pluma/ Que o vento vai levando pelo ar/ Voa tão leve/ Mas tem a vida breve/ Precisa que haja vento sem parar/ A felicidade do pobre parece/ A grande ilusão do carnaval/A gente trabalha o ano inteiro/ Por um momento de sonho/ Pra fazer a fantasia/ De rei ou de pirata ou jardineira/ E tudo se acabar na quarta-feira/ Tristeza não tem fim/ Felicidade sim.../ A felicidade é como a gota de orvalho/ Numa pétala de flor/ Brilha tranquila/ Depois de leve oscila/ E cai como lágrima de amor/ Tristeza não tem fim/ Felicidade sim...

ATOR 1 – 1959! Após o ensaio geral de sua peça de teatro CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE, Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, então com 23 anos, teve um diálogo muito franco com um representante da Censura Federal. A coisa aconteceu mais ou menos assim...

ATOR 2 – *(Apresentando-se)*– Vianinha!

ATOR 3 – *(Apresentando-se)* – Censor!

ATOR 3 – Boa tarde, seu Oduvaldo!

ATOR 2 – Boa tarde!

ATOR 3 – O problema é o seguinte, seu Oduvaldo: identifiquei em sua peça teatral...

ATOR 2 – CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE.

ATOR 3 – Isso. Gostei da peça, mas identifiquei nela seis palavrões de fazer corar qualquer senhora de boafamília.

ATOR 2 – Dá pro senhor ser mais específico?

ATOR 3 – Em resumo, há no seu texto cinco “merdas” e um “puta que o pariu”, e isso é inconcebível. Vamos ter que cortá-los.

ATOR 2 – Mas, senhor censor...

ATOR 3 – Dr. Fulano é meu nome.

ATOR 2 – Pois então, doutor Fulano, são cinco “merdas” mais do que necessárias. Eu diria que insubstituíveis. A primeira, por exemplo, não pode sair porque tiraria o sentido da fala. E a segunda... A segunda “merda” faz parte do contexto geral, seria aviltante... A terceira “merda”, o senhor veja, é tão necessária quanto um “ser ou não ser”, em Hamlet.

ATOR 3 – Hamlet?

ATOR 2 – De William Shakespeare.

ATOR 3 – Paulista também?

ATOR 2 – Sim, sim... Mas viveu a vida inteira em Teresópolis!

ATOR 3 – Entendo.

ATOR 2 – E a quarta “merda”... É tão orgânica e parte de um lugar tão profundo do personagem, que nem soa como palavrão, parece uma carícia. Já a quinta “merda” é tão inocente quanto um cumprimento, um bom dia. Veja bem, senhor Fulano! Eu não estou falando de qualquer “merda”. É “merda” literária, artística. Não quer ofenderninguém!

ATOR 3 – Estou refletindo aqui com meus botões.

ATOR 2 – Então?

ATOR 3 – Pois então, seu Oduvaldo... Eu começo a entender a inocência dessas cinco “merdas”, daí que vou abrir uma exceção e vou liberá-las em nome da presumida inocência. Mas infelizmente, o “puta que o pariu” eu vou ter que cortar. É muita indecência para o povo brasileiro.

ATOR 2 – O senhor tem certeza?

ATOR 3 – Absoluta!

- ATOR 2 – Pois é...
- ATOR 3 – Estamos conversados?
- ATOR 2 – Se o senhor diz.
- ATOR 3 – Ótimo! Então, assunto encerrado.
- ATOR 2 – Parece...
- ATOR 3 – Então, passe bem seu Oduvaldo.
- ATOR 2 – Senhor Fulano...
- ATOR 3 – Pois não?
- ATOR 2 – Será que não podíamos fazer uma permuta?
- ATOR 3 – O senhor poderia explicar melhor, seu Oduvaldo?
- ATOR 2 – O senhor corta as cinco “merdas” e me devolve o meu “puta que o pariu”. Que tal?

Os três atores cantam “Brasil Maravilha”, marchinha de Carnaval de Carlos Gonzaga.

OS TRÊS – A minha maravilha é você/ Brasil você é lindo de morrer/ Verde amarelo cor de anil/ Brasil Brasil Brasil/ A minha maravilha é você/ Brasil você é lindo de morrer/ Verde amarelo cor de anil/ Brasil Brasil Brasil/ Terra de gigantes/ Que grande nação/ Brasil você é dono do meu coração/ Terra de gigantes/ Que grande nação/ Brasil você é dono do meu coração/ Brasil! / A minha maravilha é você...

ATOR 1 – 1968! Mais precisamente, 13 de dezembro. Sexta-feira treze! Um golpe de estado dentro de outro golpe de estado!

ATOR 3 – Que já tinha acontecido em 1964.

ATOR 1 – O Ministro da Justiça, Gama e Silva, comunica à nação o teor do Ato Institucional número 5.

ATOR 3 – Garantias constitucionais foram suspensas, políticos tiveram seus mandatos cassados e sindicalistas foram presos. Adeus, estado de direito! Adeus, democracia! O Estado tinha agora o monopólio da coerção e o controle supremo das atividades políticas, sociais e econômicas.

Os três cantam trechos de “Eu Te Amo, meu Brasil”, de Don e Ravel.

OS TRÊS – *(Cantam)* -Eu te amo, meu Brasil/ Eu te amo/ Meu coração é verde amarelo branco azul anil/ Eu te amo, meu Brasil/ Eu te amo/ Ninguém segura a juventude do Brasil.

- ATOR 1 – A ofensiva fascista tinha um apetite de dragão! Desmantelou as formas críticas de expressão e submeteu a atividade intelectual e artística à vigilância policial. Pra vocês terem uma ideia, em dez anos foram proibidos quase 600 filmes, 500 livros, 450 peças de teatro, mil letras de músicas, milhares de matérias jornalísticas, etc, etc e etc.
- ATOR 2 – Uma merda!
- OS TRÊS – *(Cantam)* –As praias do Brasil ensolaradas/ Lá lá lá lá/ O chão onde o país se elevou/ Lá lá lá lá/ A mão de Deus abençoou/ Mulher que nasce aqui tem muito maisamor.
- ATOR 1 – Mais?
- OS OUTROS DOIS – Mais!
- OS TRÊS – *(Cantam)* –O céu do meu Brasil tem mais estrelas/ Lá lá lá lá/ O sol do meu país mais esplendor/ Lá lá lá lá/ A mão de Deus abençoou/ Em terras brasileiras vou plantar amor.
- ATOR 2 – O autoritarismo virou uma rotina. Gente desaparecida e que nunca mais apareceu, violência, tortura e morte. Professores foram compulsoriamente aposentados, estudantes expulsos das universidades, artistas obrigados a se exilar.
- OS TRÊS – *(Cantam)* –As noites do Brasil têm mais beleza/ Lá lá lá lá/ Mulatas brotam cheias de calor/ Lá lá lá lá/ A mão de Deus abençoou/ Eu vou ficar aqui porque existeamor...
- ATOR 1 – Mas, é claro, no meio de tudo isso teve muita resistência, queda de braço e os artistas lutaram o quanto puderam. Greves, batalhas e passeatas. Uma luta semtréguas!
- ATOR 3 – 1974. Oduvaldo Vianna Filho, 38 anos, ator, autor de teatro e criador do Centro Popular de Cultura...
- ATOR 2 – *(Apresentando-se)* –Eu! *(Subindo na mesa e discursando, empolgado)* - Uma passeata pra nós não é o suficiente! Nós temos outras armas, só nós temos, somos artistas, precisamos fazer do teatro um instrumento de luta, nossos espetáculos são nossas armas contra a ditadura. Tudo bem sair na rua, mas precisamos gritar nos palcos, o teatro tem que aprofundar as contradições dasociedade!
- ATOR 3 – Como eu estava falando... 1974! Oduvaldo Vianna Filho, 38 anos, ator, autor de teatro e criador do Centro Popular de Cultura, ao tomar banho numa manhã fria e calculista, descobre pequenos nódulos na região da

virilha. Procura seu médico de confiança.

ATOR 2 – Doutor!

ATOR 1 – *(Apresentando-se)* –O médico!

ATOR 2 – Doutor, e então?

ATOR 1 – Olha, Vianinha, a realidade é que o câncer está dando sinais de que não está mais só no pulmão, mas avançou para outros lugares do teu corpo.

ATOR 2 – E qual a minha chance?

ATOR 1 – Difícil dizer com certeza, mas a porcentagem não é das maiores.

ATOR 2 – Pode ser mais exato, doutor?

ATOR 1 – Se retomarmos o tratamento, você até pode se curar.

ATOR 2 – Opa!

ATOR 1 – Quer dizer... A princípio pode... Mas a probabilidade de vida nesses casos é de uns dois anos de vida.

ATOR 2 – Dois anos?

ATOR 1 – É. Por aí.

Pequena pausa.

ATOR 2 – E será que vai dar tempo de acabar a minha peça?

ATOR 1 – Que peça?

ATOR 2 – RASGA CORAÇÃO, doutor!

ATOR 1 – Assim, assim.

ATOR 2 – É importante.

ATOR 1 – E vai ser boa?

ATOR 2 – Acho que sim.

ATOR 1 – Então tem que dar tempo.

ATOR 2 – É a história de um cara chamado Manguary Pistolão.

ATOR 1 – Que nome!

ATOR 2 – Na verdade, apelido. O nome mesmo é Custódio Manhães Jr., um herói anônimo.

ATOR 1 – Como você?

ATOR 2 – Eu não sou anônimo, doutor.

ATOR 1 – Mas é herói?

ATOR 2 – O Manguary é um daqueles sujeitos que sacrificaram a vida inteira em função dos seus ideais políticos. Um comunista, comprometido, verdadeiro. Um cara que dedicou sua vida à causa da justiça, da igualdade e da liberdade.

ATOR 1 – Forte.

ATOR 2 – Mas que perdeu a parada!

ATOR 1 – Como você?

ATOR 2 – Eu não.

ATOR 1 – Não?

ATOR 2 – A luta política vale a pena, doutor. Acredite! Apesar dos fracassos e das derrotas. Eu só não queria morrer antes de terminar esta peça.

ATOR 1 – Então corra, Vianinha. Corra!

ATOR 2 – Que consolo!

ATOR 1 – O negócio é o seguinte: não fique na saudade!

ATOR 2 – Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!?

ATOR 1 – É isso aí!

Os três atores cantam os primeiros versos de CHEGA DE SAUDADE, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim.

OS TRÊS – Vai minha tristeza/ E diz a ela/ Que sem ela não pode ser/ Diz-lhe numa prece/ Que ela regresse/ Porque eu não posso mais sofrer/ Chega de saudade/ A realidade/ É que sem ela não há paz/ Não há beleza/ É só tristeza/ E a melancolia/ Que não sai de mim/ Não sai de mim/ Não sai/ Mas...

ATOR 3 – 16 de julho de 1974.

ATOR 2 – Oduvaldo Vianna Filho, um dos maiores dramaturgos brasileiros de todos os tempos, faleceu de câncer no pulmão aos 38 anos, sem ter visto a encenação de duas de suas peças mais importantes: PAPA HIGHIRTE e RASGA CORAÇÃO, proibidas, sem choro nem vela, pela censura da ditadura militar.

ATOR 1 – Pra vocês terem uma ideia, as últimas cenas de RASGA CORAÇÃO ele ditou pra sua mãe, na cama do hospital.

ATOR 2 – Escreve aí, mamãe: Não saco muito conflito de gerações, sabe? Pra mim, o importante não é o conflito de gerações, é a luta que cada geração trava

dentro de si mesma... Eu sou da geração de seu filho, pô, mas sou outra pessoa... Tem umas gerações que acham que a política é a atividade mais nobre, a suprema, a exclusiva invenção do ser humano... Tem outras gerações que pensam que a política é a coisa mais sórdida que o homem faz... Quero que a minha seja como a primeira... *(Tosse muito!)*

Os três cantam trechos de “Fado Tropical”, de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra.

OS TRÊS – *(Cantando)* –Oh, musa do meu fado/ Oh, minha mãe gentil/ Te deixo consternado no primeiro abril/ Mas não sê tão ingrata/ Não esquece quem te amou/ E em tua densa mata/ Se perdeu e se encontrou/ Ai esta terra ainda vai cumprir seu ideal/ Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

ATOR 2 – Sabe, no fundo eu sou um sentimental. Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dose de lirismo (além da sífilis, é claro). Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar, meu coração fecha os olhos e, sinceramente, chora...

OS TRÊS – *(Cantando)* –Com avencas na caatinga/ Alecrins no canavial/ Licores na moringa/ Um vinho tropical/ E a linda mulata com lendas do Alentejo/ De quem numa bravata/ Arrebata um beijo/ Ai esta terra ainda vai cumprir seu ideal/ Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

ATOR 2 – Meu coração tem um sereno jeito e as minhas mãos o golpe duro e presto. De tal maneira que, depois de feito, desconstruído, eu mesmo me contesto. Se trago as mãos distantes do meu peito, é que há distância entre intenção e gesto. E se o meu coração nas mãos estreito, me assombra a súbita impressão de incesto. Quando me encontro no calor da luta, ostento a aguda empunhadura à proa. Mas o meu peito se desabotoa e se a sentença se anuncia bruta, mais que depressa a mão cega executa. Pois que senão o coração perdoa.

OS TRÊS – *(Cantando)* –Guitarras e sanfonas/ Jasmins coqueiros fontes/ Sardinha mandioca/ Num suave azulejo/ E o rio Amazonas que corre trás dos montes/ E numa pororoca deságua no Tejo/ Ai esta terra ainda vai cumprir seu ideal...

ATOR 1 – Conta uma lenda...

ATOR 3 – Vejam! É apenas uma lenda.

ATOR 2 – Sobre RASGA CORAÇÃO.

ATOR 3 – Conta ela que a peça estava sendo ensaiada com direção de José Renato.

ATOR 1 – *(Apresentando-se)* –Eu!

ATOR 3 – O diretor ia todos os dias ao hospital contar dos ensaios.

ATOR 2 – Mas não foi assim que aconteceu.

ATOR 1 – Na verdade, enquanto Vianinha estava no hospital, Zé Renato empreendia uma batalha diária pela liberação do texto. Era o tempo da ditadura militar em seu momento mais crítico e violento. Daí que a batalha foi perdida.

ATOR 3 – A censura proibiu a encenação.

ATOR 2 – Mas voltemos à lenda...

ATOR 1 – A lenda vira as costas para a realidade e conta que Zé Renato continuou indo ao hospital mentir a Vianinha sobre os ensaios que só continuavam a acontecer na imaginação do diretor e no sonho do autor.

ATOR 3 – Zé Renato sabia que Vianinha estava morrendo e não queria quebrar seu coração com a dura realidade.

ATOR 1 – É só uma lenda... Mas as lendas são importantes para o teatro, que vive de imaginar a história misturada ao sonho.

ATOR 2 – É preciso um teatro de criação e não de imitação do real. Um teatro otimista, direto, violento, sátiro e revoltado. Como deve ser o povo brasileiro.

ATOR 3 – Falou!

Os três cantam um pequeno trecho de “Rasga o Coração”, de Anacleto de Medeiros e Catulo da Paixão Cearense.

OS TRÊS – *(Cantam)* –Se tu queres ver a imensidão do céu e mar/ Refletindo a prismação da luz solar/ Rasga o Coração/ Vem te debruçar/ Sobre a vastidão do meu penar/ Rasga-o que hás de ver/ Lá dentro a dor a soluçar/ Sob o peso de uma cruz/ De lágrimas chorar/ Anjos a cantar preces divinais/ Deus a ritmar seus pobresais...

ATOR 3 – A peça propriamente dita. A ação se passa num quarto de hospital. Vianinha está na cama, muito doente. Zé Renato ao seu lado. Visita.

A partir de agora o ATOR 1 é Zé Renato e o ATOR 2 é Vianinha.

ZÉ – Eu acredito, eu acredito.

VIANINHA – Mesmo?

ZÉ – Mesmo! Porque o ator quando coloca o pé no palco – o de verdade! – ele tem certeza de que tá mudando tudo! Ninguém diz uma frase, embarga a

voz, derrama uma lágrima, solta uma gargalhada, sofre pelo que parece impossível e não sabe que está virando tudo de ponta cabeça.

VIANINHA – Até quando?

ZÉ – Até quando der, ué! Enquanto sobrar uma fresta de liberdade, a gente sai por aí, falando o que tem que ser falado. Coragem.

VIANINHA – E não é coragem contar a história de um funcionário público por profissão, comum, brasileiro, comunista militante e que encara três gerações de um Brasil de trabalhadores lutando contra o autoritarismo?

ZÉ – Grande Manguary Pistolão!

VIANINHA – O Manguary sabe que muita batalha é perdida, mas que brigar é o sal da terra! Eu e você e os atores também sabemos.

ZÉ – Será que a gente sabe mesmo?

VIANINHA – Zé?! Quantas gerações você já encarou? Até onde eu sei, só tá te faltando ser preso e torturado!

ZÉ – Credo!

VIANINHA – E eu? Quantas gerações eu encarei? Mal e mal a minha! Mas como é que eu ia adivinhar que um câncer de pulmão ia me tocar na primeira esquina? E já que me faltam as forças e o futuro é cada vez menor, me sobram as palavras. (*canta, suavemente*)—Se tu queres ver a imensidão do céu e o mar/ Refletindo a prismação da luz solar/ Rasga o coração/ Vem te debruçar/ Sobre a vastidão do meu penar.

Pequena pausa.

VIANINHA – Eu espero, sinceramente, que as minhas palavras venham a servir para alguma coisa.

ZÉ – Ué, você que escreveu, não acredita?

VIANINHA – E muito. Me diz aí, Zé. Tem garra nos ensaios?

ZÉ – Tem.

VIANINHA – Carne e sangue?

ZÉ – Muito, querido!

VIANINHA – Suor e lágrimas?

ZÉ – Se tem!

VIANINHA – Como eu gosto. Como meu pai me ensinou.

ZÉ – Você tinha que estar lá pra ver.

VIANINHA – Tô em espírito.

ZÉ – Romântico!

VIANINHA – Sou mesmo. O maior dos comunistas românticos deste país.

ZÉ – Aquelas palavras que enchem a boca de qualquer ator que preste, elas enchem a sala que nem precisam de sonoplastia. Pra que música se as palavras já são tudo e mais um pouco?

VIANINHA – Você acha que eles vão deixar passar? Vão liberar?

ZÉ – Claro! A censura é habitada por gente tosca, burra, ignorante! O que de pior existe. Eles não conseguem alcançar a inteligência e a poesia. Vianinha, eles quiseram prender o Sófocles!!!

VIANINHA – Você acha mesmo que a minha peça é tanto assim?

ZÉ – Vianinha, amigo! É mais, muito mais. Quando a gente estreiar vai ser uma revolução! Vamos abrir a cabeça dessa gente que dorme, vamos quebrar com tudo, vamos mudar o governo, vamos endireitar tudo que tá torto.

VIANINHA – E entortar tudo que está direito.

ZÉ – Vamos arrebentar!

VIANINHA – A mais valia vai acabar, seu Edgar!

Os três cantam trecho de “Não existe pecado ao sul do Equador”, de Chico Buarque e Ruy Guerra.

OS TRÊS – *(Cantam)* – Não existe pecado do lado de baixo do Equador/ Vamos fazer um pecado rasgado, suado a todo vapor/ Me deixa ser teu escracho, capacho, teu cacho/ Um riacho de amor/ Quando é lição de esculacho/ Olha aí, sai debaixo/ Que eu sou professor/ Deixa a tristeza pra lá, vem comer, me jantar/ Sarapatel, caruru, tucupi, tacacá/ Vê se me usa, me abusa, lambuza...

Vianinha tem um acesso de tosse.

ZÉ – Que foi, querido? Quer que eu chame a enfermeira?

VIANINHA – Que nada! Esta tosse vai aumentando, aumentando e quando chega a madrugada vira sangue. Pus e sangue. É nojento. Mas eu dou conta dos três: da tosse, do pus e do sangue.

ZÉ – Você vai estar inteiro e firme pra estreia, Vianinha!

VIANINHA – Se a peça estreiar, estreie quando estreiar, nem me importa se eu vou estar vivo ou não, quero só que estreie. Meu canto de cisne vai ser uma peça de teatro que fala de política pela boca do coração. Mas eu tenhomedo.

ZÉ – Pra quê?

VIANINHA – Se matam gente, Zé. Se torturam, dão sumiço, você acha que vão deixar a gente estrear? É só uma peça! Frágil, delicada, vulnerável.

ZÉ – Pretensiosa.

VIANINHA – Quê?

ZÉ – Que o quê! Você é um dos escritores mais espertos que eu já vi no mundo. Escreve com uma arma na mão. Vai fundo e, no entanto, não tem uma palavra na tua peça que sequer sugira que nós estamos fazendo alguma coisa subversiva.

VIANINHA – E não estamos?

ZÉ – Estamos, ué! Mas eles não sabem e nem nunca vão saber.

VIANINHA – É.

ZÉ – É mesmo!

VIANINHA – Verdade?

ZÉ – Duvida?

VIANINHA – Fala mais. Mais do ensaio.

ZÉ – Acho que é a peça mais emocionante que eu já dirigi na minha vida!

VIANINHA – Só pra me agradar que eu tô com o pé na cova.

ZÉ – Quando a gente chega no auge do ensaio, da palavra, da respiração... Quando bate aquele cansaço delicioso e os atores estão transtornados de suor e cansaço, então vem o melhor. Você precisava ver!

VIANINHA – Conta mais!

ZÉ – Parece que baixa uma luz, sei lá! Você acha que eu estou exagerando?

VIANINHA – Exagera, vai. Exagera!

ZÉ – Eles ficam iluminados, querido! Não é mais o ator. É o Manguary de verdade! O Lorde Bundinha de verdade! A Nena, o Luca, o Camargo Moço... É tudo de verdade, Vianinha! Cadê o teatro? Os olhos brilham e parece que nem foi você que escreveu aquilo. Parece que tudo nasceu de dentro deles mesmos! Que Shakespeare, o quê! É você lá, querido. Em tudo! Você acha que eu tô exagerando?

VIANINHA – Exagera mais, que assim eu nem imploro pela morfina no meio da madrugada.

ZÉ – Então eu digo pra você que é coisa de deuses! De Dionísio, misturado com Apolo, mais Tchekhov, Shakespeare, Beckett! Karl Marx!!!

VIANINHA – Viva!!!

ZÉ – Viva!!!

VIANINHA – E uma pitada de sem-safadeza. Que sem a boa e companheira sem-safadeza não tem teatro.

ZÉ – Não tem mesmo.

VIANINHA – Você me acha mesmo um autor safado?

ZÉ – Acho.

VIANINHA – Sou mesmo. Sou danado de safado! Eu acho que escrever pra teatro é um pouco sambar de pés descalços em cima de brasa vermelha. Eu que nem sei sambar. Mas sei o que é samba, e sei o que é brasa vermelha. É jogar com as ideias aqui e ali, malemolejar com o jeito de as pessoas falarem. Teatro na boca do povo, Zé. E o povo o que é? Malemolejo! O povo pensa, mas não fala. Sonha, mas quase nunca faz. Vive uma festa de liberdade e prazer dentro da cabeça e, quando vai realizar, esbarra no arroz com feijão. Vai cantar e cala a boca dele. Vai dançar e travam as suas pernas. Então que eu gosto de escrever com jeito de safadeza, pra ficar parecendo que tudo é coisa de quem fala mesmo, e não de quem escreve. O teatro, Zé! Onde os homens se encontram e democratizam o grau de liberdade de cada um. E liberdade é falar, viver, cantar! *(canta, meio do pé quebrado)* –Quebra, quebra, gabiropa, quero ver quebrar, quebra lá que eu quebro cá, quero ver quebrar!*(Tosse!)*

ZÉ – Esta tua exaltação ainda vai te levar pro...

VIANINHA – Buraco?

ZÉ – Eu ia falar brejo.

Os dois se olham e riem, cúmplices.

Acende uma luz na cabeceira da cama.

ZÉ – Olha aí os burocratas da saúde dizendo que a visita acabou. Que o doente tem que ficar sozinho com a sua doença e o diretor em pleno e aparente estado de saúde tem que ir pra casa estudar o texto pro ensaio de amanhã.

VIANINHA – Você está bem?

ZÉ – Claro que tô!

VIANINHA – E o pulmão?

ZÉ – Às vezes dá umas rateadas. Quem manda fumar tanto!

VIANINHA – Muito ainda?

ZÉ – Querido! A tua peça me tira do sério. Até a estreia eu vou fumar um barracão inteiro decigarros!

VIANINHA – Mas podia fumar uma marca menos vagabunda?

Riem.

ZÉ – Quanto mais vagabunda, mais eu me inspiro.

VIANINHA – Um autor vagabundo, um diretor vagabundo...

ZÉ – Uns atores vagabundos... Um país vagabundo.

VIANINHA – Tudo vagabundo de bom!

ZÉ – Pois é.

VIANINHA – É. Que eu nunca sei direito quando é verdade e quando é ilusão.

ZÉ – Agora eu tenho que ir, querido.

VIANINHA – Tem mesmo?

ZÉ – Mesmo.

VIANINHA – Amigos podem ser exagerados às vezes?

ZÉ – Claro.

VIANINHA – Podem ser meio demagogos às vezes? Ter a língua maior que a boca?

ZÉ – Se misturarem com poesia e coração.

VIANINHA – Então... Obrigado, Zé. Meu coração bate mais forte cada vez que você entra por aquela porta e vem me contar dos ensaios. Já era pra eu ter morrido há muito tempo. Só me recusei a virar defunto porque eu quero ver essa peça encenada. Minha última.

ZÉ – Meu coração se rasga inteiro cada vez que você fala em morte.

VIANINHA – Mas eu vou morrer. É fato.

ZÉ – Todos vamos morrer, querido!

VIANINHA – Não é disso que eu tô falando. Tem um câncer maldito brincando com as minhas vísceras. Um câncer rápido, forte e determinado. Vou morrer é logo.

ZÉ – Eu sei. E o meu coração se rasga inteiro de tanto que eu gosto de você.

VIANINHA – Amigo diretor.

ZÉ – Amigo autor.

VIANINHA – Artistas!

ZÉ – Abraço?

VIANINHA – No desajeito.

Abraçam-se. Zé dá um beijo no rosto de Vianinha e vai saindo.

ZÉ – Até amanhã, querido.

VIANINHA – Até.

Zé se vira para ele.

ZÉ – Como é que é? Se correr o bicho pega...

VIANINHA – Se ficar o bicho come.

Os dois cantam os primeiros versos de “Brasil”, de Aldo Cabral e Benedito Lacerda.

OS DOIS – *(Cantam à capela)* –Brasil, és no teu berço dourado/ Do índio civilizado e abençoado por Deus/ Brasil, gigante de um continente/ És terra de toda gente, orgulho dos filhos teus...

Riem. Zé sai.

Vianinha fica só com sua doença e sua cama.

VIANINHA – *(Para a plateia)* -Então é isso. Morrer mais um pouco a cada dia. Mas o meu consolo é que não sou só eu. É todo mundo. Os médicos, as enfermeiras, o dono do supermercado, o taxista, o milico, o ditador e a mulher dele. Até o torturador filho de uma puta. *(Ainda, falando sozinho)* – Escreve aí, Zé. Uma fala pro filho do Manguary Pistolão: “Já foram encontradas tartarugas com anéis de plástico enrolados no pescoço.” – O que é que as tartarugas têm aver com isso? “Mais da metade do mundo já destruiu todo seu ambiente natural, diversas espécies de animais só existem nos jardins zoológicos, as abelhas e as borboletas estão acabando, vocês vivem no meio do lixo, gás carbônico, asfalto, enfartos, depressão, pílulas, solidão...” – Eu penso exatamente o contrário e estou aqui, solitário, nesta cama de hospital. Quer dizer, solitário não, porque o câncer dialoga comigo a cada minuto. É um conversador. Fala até pelos cotovelos. E me consome. Escreve aí, Zé: “Essa civilização é uma decadência e quem fica nela e se interessa por ela é porque perdeu o interesse pela vida...”- Eu sei, eu sei! Mas eu não perdi o interesse pela vida. Eu não sou feito de frases e palavras, eu sou de carne, osso e esperança. É isso. E quem não gostar que não coma. Pensando bem, Zé. Não escreve isto ainda não. Deixa eu refletir mais um pouco.Zé?

Ator 3 canta o primeiro trecho de “Folha Morta”, de Ary Barroso.

ATOR 3 – *(Canta)* –Sei que falam de mim/ Sei que zombam de mim/ Oh Deus!/ Como sou infeliz/ Vivo à margem da vida/ Sem amparo ou guarida/ Oh Deus!/ Como sou infeliz/ Já tive amores/ Tive carinho/ Já tive sonhos/ Os dissabores levaram minh’alma/ Por caminhos tristonhos/ Hoje sou folha morta/ Que a corrente transporta/ Oh Deus!/ Como sou infeliz/ Eu queria um minuto apenas/ Pra matar minhas penas/ Oh Deus!/ Como sou infeliz...

ATOR 1 – 1961! Entra em cena outro gênio: Nelson Rodrigues!

ATOR 3 – Eu!

ATOR 1 – Que não perde uma chance de entrar em polêmicas. E Vianinha, que também não deixa por menos. É ódio? É amor? É tudo! E como diria o Chico: “Te adorando pelo avesso...”

A partir de agora o Ator 3 é Nelson Rodrigues, enquanto o Ator 2 continua sua aventura de ser Vianinha.

NELSON – *(Como se entrasse no quarto do hospital)* -Boa noite.

VIANINHA – Quanto mais eu rezo.

NELSON – Já se foi o grande diretor?

VIANINHA – Não viu?

NELSON – Me fazendo de bobo.

VIANINHA – Sei. Bobo é que você não é nem nunca foi.

NELSON – Dois intelectuais, um diretor e um autor, brincando de transformar o mundo com uma peça de teatro que eleva aos píncaros da glória um comunista que não é como o Stálin, que é uma flor de decência e bondade. Sei, sei... O bem, o mal, é tudo igual.

VIANINHA – Escuta! Eu te chamei aqui? Sabe que às vezes eu acho que já morri, que já estou enterrado, fedendo e assim, de repente, Deus, só pra se vingar porque eu não acredito nele, me concedeu o castigo eterno de ter você no meu sapato me enchendo o saco com seu pensamento retrógrado e ultrapassado. Deus, em sua infinita vingança, coloca grudado no meu pé o sujeito que eu mais queria longe de mim. Pronto, falei.

NELSON – E eu ouvi.

VIANINHA – E tem mais o seguinte. Não sou, não fui e nunca tive a pretensão de ser intelectual. Minha pretensão sempre foi a de ser um marginal, um sujeito que é esquecido um minuto depois que os aplausos acabam e os atores começam a dar seus autógrafos. Eles, os atores, é que são o centro do

teatro. Eu, quando decidi que queria escrever para teatro fiz uma opção pela marginalidade. Está satisfeito? Você que sonha em um dia ir pra Academia Brasileira de Letras, entrar pela porta da frente com tapete vermelho etudo.

NELSON – No fundo, nós somos iguais.

VIANINHA – Mas diferentes.

NELSON – Acabaram de proibir a minha última peça.

VIANINHA – Nossa! Fogo amigo? Agora estão censurando até elogio?

NELSON – Uma mãe apaixonada pelo filho louco, um irmão apaixonado pela irmã lésbica, um pai estuprador de meninas e uma tia frustrada e seca que arranja menininhas pra ele. Ele, o coronel, é quem tem que desvirginar todas as mulheres da fazenda.

VIANINHA – Estou emocionado. Não vem agora você tentar me convencer de que o coronel é uma metáfora do general ditador.

NELSON – Eu não gosto de metáforas. A metáfora é o sujeito com medo de dizer a verdade olho no olho. É a palavra do covarde.

VIANINHA – E eu não gosto de frases feitas. Tô me lixando para as grandes verdades. Não tô esperando que verdade nenhuma aconteça, meu negócio é descobrir verdades todos os dias.

NELSON – Frase feita.

VIANINHA – Até nesta cama que mais me parece um caixão de defunto.

NELSON – Olha aí a metáfora!

VIANINHA – Caguei. Metáfora e frases feitas não mudam o mundo.

NELSON – Só palavras de ordem.

VIANINHA – Talvez.

NELSON – Sabe qual é o problema de vocês? É que vocês resumem tudo à luta de classes. É a verdade luminosa que determina os caminhos.

VIANINHA – Vem você de novo...

NELSON – Eu, oras!

VIANINHA – Escuta! Por que é que você não se manda, hein? Vai escrever mais uma peça! Vai se masturbar com a ideia deliciosa de uma plateia de senhoras gritando: “Mata ele! Mata o dramaturgo! Mata o pornógrafo!”

NELSON – Tenho uma missão a cumprir: devolver inteligência a um moribundo que se agarra à ignorância. O céu não admite genteburra.

VIANINHA – Quem disse que eu quero ir pro céu?

NELSON – É, tem razão. Lenin, Trotsky e Stalin estão no inferno.

VIANINHA – Viu?

NELSON – Mas o inferno também não admite energúmenos. E Karl Marx ferve no purgatório. Seus ídolos estão apodrecendo.

VIANINHA – Então eu me contento em apodrecer no cemitério. Tá ótimo! Ou posso ficar vagando pelo mundo, enchendo o saco dos meus detratores. Como você que já morreu.

NELSON – Eu não morri.

VIANINHA – Morreu sim, mas esqueceu de deitar. Pra mim você morreu, pronto! É um fantasma decrépito, fedorento e inútil. E agora, se me dá licença, eu quero dormir. Aproveitar que não está doendo tanto. Posso? Me dá esse direito?

NELSON – E a revolução?

VIANINHA – A arte.

NELSON – A arte é essencial para a vida.

VIANINHA – A arte é essencial para a revolução.

NELSON – Frase feita.

VIANINHA – Frases feitas.

NELSON – Boa noite.

VIANINHA – Boa noite.

Pausa.

Ator 1 canta trecho de “Ela disse-me assim”, de Lupicínio Rodrigues.

ATOR 1 – Ela disse-me assim/ Tenha pena de mim/ Vá embora/ Vais me prejudicar/
Ele pode chegar/ Está na hora/ Eu não tinha motivo nenhum/ Para lhe
recusar/ Mas aos beijos caí em seus braços/ E pedi pra ficar/ Sabe o que
sepassou...

NELSON – Escuta!

VIANINHA – Quê?

NELSON – Você vai se contentar em morrer no diminutivo? Oduvaldo Vianna Filho é um nome muito mais digno para uma sepultura e mais ainda para um dicionário do teatro brasileiro! Já pensou o repórter Esso dando a notícia? “Morre hoje, consumido pelo câncer, o dramaturgo cubano... digo, brasileiro... Vianinha!” Não fica bem, não fica bem! Não parece que estão chorando a tua morte. Parece que estão comemorando! E um epitáfio: Aqui jaz Oduvaldo Vianna Filho, autor de teatro, apaixonado pela ditadura

de Fidel Castro! Não é melhor que “Aqui jaz Vianinha”? Olha que epitáfio é pra sempre!

VIANINHA – Adoro meu apelido.

Pausa.

NELSON – Mesmo?

VIANINHA – Não me encha o saco!

NELSON – De verdade?

VIANINHA – Escuta aqui, ô estrume! Lá fora tem uma peça, uma peça minha sendo ensaiada e ensaiada. Vai estrear. Vai contar do sonho da revolução, do sonho de mudar o país. Do sonho.

NELSON – Da derrota de mudar o país.

VIANINHA – Eu não estou falando de vitórias, estou falando de sonhos! Pode ser derrota, por que não? Derrota não significa que as tuas convicções foram por água abaixo. Significa que você tem que aprimorar seus planos de ataque. E isso, me perdoe a franqueza, não é diminutivo. Minha peça vai contar do sonho. Do sonho que eu não tenho mais porque a morfina não deixa. A morfina que me presenteia com o delírio! E é isso que você é! Um delírio de morfina! Prova de que o presente nem sempre é bem-vindo. Vai, fica a vontade, diz quantas merdas quiser, porque o meu cérebro gira e gira e gira e eu só penso em uma coisa: Hei, povo! (*Delira!*) -Vamos tacar fogo nos jornais! Jogar nosso ódio nas ruas! Nosso ódio quente! Vamos queimar tudo! Acender a lenha! Vamos bater muito, demais! Raiva na rua! Raiva maltrapilha! Frita! Esparrama! Quebra tudo e mais um pouco! O Brasil está livre! Sopra vida de verdade neste país! Chuta! Grita! Canta! (*Canta só este trecho*) – Chegou a hora da fogueira/ É noite de São João/ O céu fica todo iluminado/ Fica o céu todo estrelado/ Pintadinho de balão/ Pensando na cabocla a noite inteira/ Também fica uma fogueira dentro do meu coração ... (*Chegou a hora da Fogueira, de Lamartine Babo!*)

Pausa.

VIANINHA – É isso. Ou fazemos a história ou a história é feita por gente que tem nojo da gente. É isso. Boa noite.

Cobre a cabeça com o cobertor.

NELSON – Puxa! Admirável!

Nelson se senta na pequena poltrona.

NELSON – É isso e não é isso. O que a história quer mesmo é um crápula com toque de gênio. Um canalha como líder. Sabe por quê? Porque todo líder é um canalha. Stalin? Ninguém mais líder. Lenin pode ser esquecido, Stalin, não. Um dia os camponeses insinuaram uma resistência. Stalin não teve dúvida, nem pena. Matou, de fome punitiva, 12 milhões de camponeses. Nem mais, nem menos. 12 milhões. Era um maravilhoso canalha e, portanto, o líder puro. O crápula com toque de gênio.

VIANINHA – Dá pra parar de latir e apagar a luz?

NELSON – *(Canta)* –Se você pensa que cachaça é água/ Cachaça não é água não...

Nelson estala o dedo e a luz se apaga.

Luz no Ator 1, que inicia cantando sozinho e depois é seguido pelos outros dois. Canta “Opinião”, de Zé Ketí.

ATOR 1 – Podem me prender/ Podem me bater/ Podem até deixar-me sem comer/
Que eu não mudo de opinião/ Daqui do morro/ Eu não saio não/ Daqui do morro/ Eu não saio não...

OS TRÊS – Se não tem água/ Eu furo um poço/ Se não tem carne/ Eu compro um osso/
E ponho na sopa/ E deixa andar/ Deixa andar/ Fale de mim quem quiser falar/
Aqui eu não pago aluguel/ Se eu morrer amanhã, seu doutor/ Estou pertinho do céu/
Podem me prender/ Podem me bater/ Podem atédeixar-me sem comer/
Que eu não mudo de opinião/ Daqui do morro eu não saio não/ Daqui do morro eu não saio não...

ATOR 3 – *(Cantando)* –Calcinha, calcinha/ Calcinha branca de cristal/ Desta vez em vez da piroquinha/
Serás a rainha do meu carnaval. *(Troca de música – “Piston de Gafieira”, de Billy Blanco)* –Na gafieira segue o baile calmamente/
Com muita gente dando voltas no salão/ Tudo vai bem mas eis porém que de repente/
Um pé subiu e alguém de cara foi ao chão/ Não é que o Doca um crioulo comportado/
Ficou tarado quando viu a Dagmar/ Toda soltinha dentro de um vestido saco/
Tendo ao lado um cara fraco/ E foi tirá-la pra dançar...

ATOR 2/ VIANINHA – *(Cantando)* –O moço era faixa preta simplesmente/ E fez o Doca rebolar qual bambolê/
A porta fecha e enquanto dura o vai-não-vai/ Quem está fora não entra/ Quem está dentro não sai...

ATOR 3 – Mas a orquestra sempre toma providência/ Tocando alto pra polícia não manjar...

ATOR 2/ VIANINHA – E nesta altura como parte da rotina/ O piston tira a surdina/ E põe as coisas no lugar.

OS DOIS – Pararararararararara... Pararararara...Parara...Rararará!

Riem.

VIANINHA – É isso aí, Zé!

ATOR 1 – Não dá pra pensar só em política, né? Tem que tirar cera e deitar verde também!

Ator 3 canta “E o Mundo Não Se Acabou”, de Assis Valente.

ATOR 3 – *(Canta)* –Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar/ Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar/ E até disseram que o sol ia amanhecer antes da madrugada/ Por causa disso nessa noite não se fez batucada...

ATOR 1 – *(Canta)* –Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar/ Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar/ E até disseram que o sol ia amanhecer antes da madrugada/ Por causa disso nessa noite não se fez batucada...

ATOR 3 – *(Canta)* –Chamei um gajo com quem não me dava/ E perdoei a sua ingratidão/ E festejando o acontecimento/ Gastei com ele mais de quinhentão/ Agora soube que o gajo anda/ Dizendo coisa que não se passou? lhhhh! vai ter barulho/ Vai ter confusão/ Porque o mundo não se acabou...

VIANINHA – *(Cantando à capela)* –Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar...
(Rápido, para o Zé) -Pega um lápis e um papel e escreve aí, Zé.

ZÉ – Quê?

VIANINHA – Vai, pega!

Zé pega um papel e lápis.

VIANINHA – Escreve e depois coloca na boca do Manguary: “Estou muito assustado... Nem reconheço mais nada... Não queria me assustar, mas... Botei fora a minha vida na solidariedade. Meu filho, meus amigos e minha mulher me olham como se eu não passasse de um sonhador fracassado...” *(Para o Zé)* –Escreveu?

ZÉ – Escrevi.

VIANINHA – Agora me diz, vai, olha bem fundo nos meus olhos e diz: diz que o sonho ainda não foi pras cucuias.

Se olham profundamente.

ZÉ – Foi é nada.

VIANINHA – Tem um pensamento oriental que diz que um sujeito morre três vezes: a primeira quando o coração para de bater, a segunda quando é enterrado e a terceira quando é esquecido.

ZÉ – Você nunca vai ser esquecido.

VIANINHA – Paro no enterrado!

ZÉ – É.

Os dois riem um tanto.

VIANINHA – Ah, Zé! Eu não devia dizer isso, mas pra você eu digo: tenho muito medo de morrer!

ZÉ – (*Cantando*) – Calcinha, calcinha/ Calcinha branca de cristal...

VIANINHA – Leva a sério!

ZÉ – Lá fora tá um dia lindo, um sol de inverno que enche o peito de qualquer um de otimismo. Não tem mais ninguém preso, os milicos pularam fora do governo, o pessoal exilado tá voltando, o povo vai eleger um socialista de verdade e a carteira de trabalho não vai mais existir porque o céu é um arco-íris de sonho e felicidade! Quer saber? Tem feijão e arroz na mesa de todo mundo! E batata frita e bife e atévinho!

VIANINHA – E a censura?

ZÉ – Que censura, amigão? Acabou-se! Os censores tomaram vergonha na cara e foram nadar pelados numa praia de nudismo. Descobrimos que todas as censoras eram virgens e os censores tinham pinto pequeno. Foi capa de jornal! E mais! O palavrão foi definitivamente alforriado: PUTA QUE O PARIU!!! O Brasil virou uma chanchada da Atlântida!

VIANINHA – Olha aí a morfina fazendo efeito!

ZÉ – Tô fantasiado de Carmem Miranda?

VIANINHA – Não.

ZÉ – De Eva Todor?

VIANINHA – Não.

ZÉ – De Oscarito?

VIANINHA – Não.

ZÉ – Então não é morfina coisa nenhuma. É felicidade pura!

VIANINHA – O ensaio?

ZÉ – Que só!

VIANINHA – Viva!!!

ZÉ – A peça tá pronta! É só você terminar o texto.

VIANINHA – Pensa que é fácil?

ZÉ – Fácil não é, mas tem que sair, não tem?

VIANINHA – Tem gente que usa cocaína pra escrever. Eu uso morfina com prescrição médica. Chique! E o câncer é meu companheiro de viagem. O câncer, a esperança e a indignação.

ZÉ – Estamos ensaiando de obsessivos que somos. Cada interpretação que só vendo. Nem parece que estamos numa sala com roupas de briga. Parece que tudo já está acontecendo no palco, com figurinos, cenários e iluminação! É um acontecimento! E digo mais: é o maior acontecimento teatral da história do Teatro Brasileiro desde...

Pausa.

VIANINHA – Desde...?

ZÉ – Desde...

VIANINHA – Desde o quê, Zé? Que é que você ia latir?

ZÉ – Será que falo?

VIANINHA – Agora que apontou, atira!

ZÉ – Desde o VESTIDO DE NOIVA do Nelson Rodrigues.

VIANINHA – Puta que o pariu! – *(Gritando)* – Enfermeira! Morfina!!!!

Zé ri muito. Atira-se no sofazinho de tanto que gargalha. Os dois gargalham!

VIANINHA – Eu adoro o teatro, Zé! Sabe por quê? Porque ele é teimoso. Não desiste! Ele é tudo o que a sociedade burguesa mais abomina. No palco, o ator pode ser tudo e viver uma eterna metamorfose e redescoberta de si mesmo. O teatro invoca tudo que a sociedade burguesa deseja sufocar. O mundo mítico, Zé. O encantamento com o corpo, as cores, o ser total! Eu adoro o teatro! Quer saber? Olha só! Cadê meu câncer? Sumiu. Evaporou-se! E sabe qual é o remédio?

ZÉ – Imagino.

VIANINHA – *(Senta-se na cama com os pés para fora)* -Os teus relatos exagerados sobre os ensaios!

- ZÉ – Eu não exagero coisa nenhuma!
- VIANINHA – Ah, tá! Às vezes eu até acho que os ensaios não são assim tão epifânicos!
- ZÉ – São sim!
- VIANINHA – Zé! Eu faço teatro há tanto tempo! Tem dias que é chato. Chato de doer! Quando não acontece nada. Você nunca me conta dos dias chatos.
- ZÉ – Ah, tá! Aí eu chego aqui, e vou usar os poucos minutos que o hospital me concede, pra torrar a paciência do doente terminal com aborrecimentos? Eu sou um diretor e diretor não é profissão, é função. Quero lá eu ser responsabilizado pelo teu agravamento?
- VIANINHA – Eu sei. Estou aqui de coisas, provocações. Mas eu sei também que lá fora não tem só teatro. Que tem a guerra. O AI-5 a mil por hora! Quetemgente morrendo e gente matando. Tem mãe procurando filho, filho procurando mãe e pai. Gente sumindo assim, de repente. Tortura física e psicológica. Que tem um país amortecido, inerte, cantando “eu te amo, meu Brasil, eu te amo” com a maior cara de idiota. Mas eu sou um lutador, Zé. Inconformado com essa cama maldita que me aprisiona. Tem uma guerra lá fora e eu tô preso nesta torre branca, bancando o herói com as palavras. Eu posso ser tudo, menos um príncipe!
- ZÉ – Você é um herói, querido. Um artista! E um artista nesses tempos miseráveis é um herói tão grande quanto Joaquim José da Silva Xavier!
- VIANINHA – E parece que toda a opressão se resume a uma peça de teatro que se ensaia numa sala meio escondida, na esperança de que os carrascos não a proibam. Não é meio egoísmo?
- ZÉ – Quer saber?
- VIANINHA – Diga.
- ZÉ – É.
- VIANINHA – Eu sabia.
- ZÉ – Mas também é a nossa parte, não é?
- VIANINHA – “As palavras vão mudar o mundo”, me dizia sempre o meu pai. “Acredite! Se você escrever elas direito, umas depois das outras; com honestidade e determinação... E, se um ator pronunciá-las direito, com firmeza, verdade e coragem, elas têm o poder de transformar as consciências e alterar o rumo da história”. Você crê que ele acreditava nisto? E eu também acreditei, me dediquei, abandonei minha faculdade de arquitetura, e hoje vivo de esperança. Mas um menino tem que acreditar no seu pai, não tem? Ainda mais se ele admira o pai que tem. E eu admirei sempre e muito o meu. O artista. Seu Oduvaldo Vianna, que entre outras coisas me ensinou a dar nó em pingo d’água. Driblar o fracasso, a polícia, a censura! lhhh! Os caras pensam que me pegam, mas quando eles estão indo com a farinha

eu tô voltando com o pão.

Pausa. Vianinha fica sério.

VIANINHA – Mas tem o medo, Zé.

ZÉ – Quê?

VIANINHA – O medo, Zé. Vai. Diz aí: o que aconteceria se, de repente, você recebesse um telefonema dos gorilas, determinando o fim dos ensaios?

ZÉ – Você tá louco?

VIANINHA – Uma hipótese.

ZÉ – Isso não vai acontecer.

VIANINHA – Mas e se acontecesse?

ZÉ – Não vai acontecer, Vianinha! Põe isso na tua cabeça. Não – vai – acontecer!!!

VIANINHA – Mas e...?

ZÉ – E o quê? E se você morresse e não terminasse o texto? E se eu morresse atropelado por uma carrocinha de Chicabon quando saísse daqui? E se o ator principal tiver um ataque cardíaco? E se o teatro pegar fogo? E se?

VIANINHA – E se o Comando de Caça aos Comunistas entrasse com tudo nos ensaios e saísse batendo em todo mundo?

ZÉ – Se?

VIANINHA – É. Se.

ZÉ – A gente apanhava. E batia. E se atirava de cabeça nas profundezas do inferno! Porque não é com medo que a gente faz poesia. Não é com medo que a gente faz política. Não é com medo que a gente vai lutar sem tréguas até o dia em que esses milicos caíam fora e o Brasil volte a ser uma chanchada da Atlântida!

VIANINHA – É proibido ter medo?

ZÉ – Não, não é, querido. Mas agora olha nos meus olhos e repete: os ensaios continuam e a peça vai estrear.

Pausa.

ZÉ – Vai. Repete.

VIANINHA – Os ensaios continuam e a peça vai estrear.

ZÉ – Repete comigo: Viva Oscarito e Grande Otelo!
VIANINHA – Viva Oscarito e Grande Otelo!
ZÉ – Viva a Dercy Gonçalves e o Zé Trindade!
VIANINHA – Viva a Dercy Gonçalves e o Zé Trindade!
ZÉ – Viva a Violeta Ferraz e a Norma Bengell!
VIANINHA – Viva a Violeta Ferraz e a Norma Bengell!
ZÉ – E viva a merda do Brasil e viva a merda do Teatro!
VIANINHA – E viva a merda do Brasil e viva a merda do Teatro!

Ator 3 canta um outro trecho de “E o Mundo Não se Acabou”, de Assis Valente.

ATOR 3 – Acreditei nesta conversa mole/ Pensei que o mundo ia se acabar/ E fui tratando de me despedir/ E sem demora fui tratando de aproveitar/ Beijei na boca de quem não devia/ Peguei na mão de quem não conhecia/ Dancei um samba em traje de maiô/ E o tal do mundo não se acabou...

ZÉ – *(Quase gritando)* –Caralho!!!
VIANINHA – Porra!
ZÉ – Porra, o quê?
VIANINHA – Você, alguma vez, deu passes em terreiro de macumba?
ZÉ – Engraçadinho!

Acende a luz sobre a cama de Vianinha.

ZÉ – Olha aí! Hora de ir embora.
VIANINHA – Rápido! Pega o papel e o lápis e anota outra fala pro Manguary! Rápido, Zé!
ZÉ – O herói?
VIANINHA – É. Anota.
ZÉ – Tô anotando.
VIANINHA – *(Dita)* –Sou um lutador! Lutador dos melhores. Muita derrota, muita decepção, fracassos e fracassos dão tempero na batalha. Muita derrota dá cada vez mais esperança... Sou um lutador. Venho das renúncias, das paixões caladas, dos escrachos, da solidão, abandono e fome. Fui fabricado na miséria humana, sou de boa cepa, sou um vencedor. Tenho fé até no

fundo do poço.

Pausa.

VIANINHA – Que tal?

ZÉ – Quem é que tá falando? O protagonista ou você?

VIANINHA – E dá pra separar o artista do homem?

ZÉ – É lindo! E eu queria ser o ator e não o diretor.

VIANINHA – Por quê?

ZÉ – Pra dizer este texto na boca de cena.

Os três se levantam e dizem em uníssono!

OS TRÊS – Sou um lutador! Lutador dos melhores. Muita derrota, muita decepção, fracassos e fracassos dão tempero na batalha. Muita derrota dá cada vez mais esperança... Sou um lutador. Venho das renúncias, das paixões caladas, dos escrachos, da solidão, abandono e fome. Fui fabricado na miséria humana, sou de boa cepa, sou um vencedor. Tenho fé até no fundo do poço.

A luz acende de novo na cabeceira da cama.

VIANINHA – Olha eles aí, te mandando embora.

ZÉ – Eu sei.

VIANINHA – Até amanhã?

ZÉ – Até amanhã.

Zé dá um beijo no rosto de Vianinha e sai.

VIANINHA – *(Para a plateia)* –Falo agora do câncer. Há de diversos tipos. O social, aquele que inventa um Hitler, um ditador, um torturador, um psicopata político que odeia o povo, dizendo que faz tudo em nome dele. E há o físico mesmo, que pode ser causado por um excesso de cigarros vagabundos ou pela indignação, pelo estranhamento, pelo cansaço de tanto engolir sapos. O câncer, filho da impotência diante da truculência e do ódio. Diante do real que não serve, porque reduz o homem ao estado de coisa. Porque marginaliza, exclui e castiga. O meu é este. E é tão meu quanto o meu coração e a minha alma. Vamos os quatro pra cova todos juntos. Eu, o câncer, o coração e a alma.

Os três cantam, subitamente, uma música fora do tempo: “Gente Humilde”, de Chico Buarque de Holanda, Cartola e Vinicius de Moraes.

OS TRÊS – Tem certos dias em que eu penso em minha gente/ E sinto assim todo o meu peito se apertar/ Porque parece que acontece de repente/ Comoum desejo de eu viver sem me notar/ Igual a como quando eu passo no subúrbio/ Eu muito bem vindo de trem de algum lugar/ E aí me dá uma inveja dessa gente/ Que vai em frente sem nem ter com quem contar/ São casas simples com cadeiras na calçada/ E na fachada escrito em cima que é um lar/ Pela varanda flores tristes e baldias/ Com uma alegria que não tem onde encostar/ E aí me dá uma tristeza no meu peito/ Feito um despeito de eu não ter como lutar/ E eu que não creio/ Peço a Deus por minha gente/ É gente humilde/ Que vontade de chorar...

VIANINHA – *(Para algum lugar dentro do quarto)* –Agora pode sair! Sai, sai! Eu sei que você está aí, sempre esteve, ouvindo tudo. Rindo das minhas ilusões. Pode sair que hoje eu tô preparado pra qualquer coisa.

NELSON – O último estágio da agonia é a autopiedade. Depois é a cova.

VIANINHA – Pedi, por acaso, a sua opinião? Que eu saiba isto aqui é um quarto de hospital, não um banheiro público derodoviária.

NELSON – *(Surgindo)* –Você me escracha porque eu não me chamo Tchekhov, Ibsen, Ionesco!

VIANINHA – Se você fosse qualquer um deles, não escrevia as merdas que escreve.

NELSON – Sabe qual é a diferença entre as minhas merdas e as tuas?

VIANINHA – Vai, fala! Já disse: hoje eu tô preparado pra qualquer coisa.

NELSON – As minhas fedem e as tuas cheiram a Cashmere Bouquet!

VIANINHA – Cashmere Bouquet? Eu ouvi direito? Você falou Cashmere Bouquet?

NELSON – Falei. Por quê?

VIANINHA – Quando é que você vai desistir dessa coisa antiga, Nelson? Quem é que sabe o que é Cashmere Bouquet?

NELSON – Todomundo!

VIANINHA – Todo mundo? Que todo mundo? Nem a minha mãe sabe mais o que é CashmereBouquet!

NELSON – É pó de arroz.

VIANINHA – Aí ó!

NELSON – Nosso problema não é o pó de arroz Cashmere Bouquet!

VIANINHA – Claro que não!

NELSON – Nosso problema é que você é jovem e eu sou uma múmia.

VIANINHA – Parálitica!

NELSON – Nosso problema é de língua. Eu falo a brasileira e você fala a cubana. Somos duas épocas que se digladiam acusparadas.

VIANINHA – Nosso problema é que você é um reacionário, Nelson. Reacionário. Nas tuas peças você não se solidariza com os humilhados, com os ofendidos. Você é reacionário até o último fio de cabelo. A tua solidariedade afirma o que os teus personagens têm de pior para deixarem de ser humilhados e ofendidos. Você ri da cara deles!

NELSON – Por que é que você me escracha? Hein?

Vianinha vai falar qualquer coisa.

NELSON – Não, não! Eu mesmo pergunto e eu mesmo respondo. Porque você é um autor de teatro cubano! Digo em letras maiúsculas e assino embaixo: Cubano! E explico: Você, Vianinha, mora fisicamente no Brasil; mas a tua residência sentimental e ideológica é Cuba. E digo mais: se você pudesse, substituí a hino nacional pela Internacional Comunista e aí ia se prostrar emocionado em posição de sentido, lágrimas nos olhos e ia se sentir o rei da cocada preta! O teu processo de alienação é tal que pode te levar a confusões ainda piores. Quer dizer, podia. Se você saísse vivo desta, eu ainda ia te ver consultando um guia turístico pra saber onde é a Avenida Rio Branco.

Vianinha, ironicamente, canta “Chan Chan”, de Compay Segundo.

VIANINHA – *(Canta)* – De alto cedro vou para Marcané/ Llego al cueto voy para Mayari/ Cari`no que te tengo/ Yo no lo puedo negar/ Se me sale la babita/ Yo no lo puedo evitar...

Nelson ri quase cúmplice com o bom humor de Vianinha.

VIANINHA – Escuta, Nelson, você pensa?

Nelson vai responder.

VIANINHA – Não, não! Eu mesmo pergunto e eu mesmo respondo. Pensa! Pensa, sim! E se acha o máximo porque pensa. Ao contrário dos teus personagens que, quando pensam, degradam-se. É isso, Nelson! Você se sente superior aos teus personagens. E quanto ao Fidel, vou te contar uma coisa. Não

sou só eu que adoro o Fidel, não. Tem gente que você endeusa e que adora ele até mais que eu. Por exemplo, a Jacqueline Kennedy.

NELSON – A Jacqueline?

VIANINHA – Não sabe?

NELSON – O quê?

VIANINHA – Ah, não sabe? Pois devia saber! O Kennedy entrou na fria de patrocinar a invasão da Baía dos Porcos por pura dor de corno, por ciúmes da Jacqueline, que é vidrada no Fidel Castro. Vidrada!

NELSON – Isto é mentira!

VIANINHA – Claro! As únicas verdades são as confissões do senhor Nelson Rodrigues!

NELSON – Eu teria vergonha de espalhar uma calúnia dessas de uma senhora tão digna e honesta. Vocês reduzem tudo à ideologia. Não existe amor, não existe fraternidade, não existe decência. Só existe a luta de classes.

VIANINHA – Eu reduzo tudo à luta de classes?

NELSON – Batata!

VIANINHA – E você reduz tudo à pelada e briga de galos!

NELSON – Eu? É você!

VIANINHA – Eu? Oduvaldo Vianna Filho?

NELSON – Não! Não o Oduvaldo Vianna Filho, mas o seu diminutivo, o Vianinha, que ia todos os dias na porta da UNE e lá, em exposição, fazia um sucesso monstruoso. Lá você posava de sanguinário. Mas só que tem um detalhe escalafobético! Pra sustentar o êxito você tinha que parecer bestial, tinha que parecer feroz. O Vianinha, não o Oduvaldo Vianna Filho, na porta da UNE tinha ar de fanático, todo disposto a ferrar os caninos na carótida mais a mão. Ô Dona Florípedes, a senhora sabe quem é o Oduvaldo Vianna Filho? Ela responde: “Não é o grande autor de teatro que está no hospital morre não morre?” Batata! E o Vianinha, a senhora sabe? “O Vianinha? Ah, sim, este eu sei bem. É um drácula de araque.” Batata, Dona Florípedes! O Vianinha é a cambaxirra darevolução!

Pausa.

VIANINHA – *(Aplaudindo)* – Palmas pra ele que ele merece! Terezinhaaaa!!! Vocês querem bacalhau? Vocês querem abacaxi? *(Canta)* –Ó Terezinha, ó Terezinha, é um barato a Buzina do Chacrinha!!! *(Imitando o Chacrinha)* – Eu vim para confundir, não para explicar! *(Sai da cama)* –É o seguinte: ou você sai agora do meu quarto ou eu vou chamar a enfermeira!

NELSON – Chama! Chama! E ela vai te levar direto pro hospício! Falando com um

delírio de morfina. Fala Dona Eclesiástica: “Sinto muito, seu Vianna, mas o senhor vai pro hospício.”

VIANINHA – *(Quase gritando)* -Eu amo a minha loucura! Levanto-a como um facho a arder na noite escura...!

NELSON – Você é um ressentido, Oduvaldo Vianna Filho!

VIANINHA – *(Quase num delírio de morfina)* –Vem por aqui! Dizem-me alguns com olhos doces, estendendo-me os braços, seguros de que seria bom que eu os ouvisse quando me dizem: Vem por aqui! Eu olho-os com olhos laços, há nos meus olhos ironias e cansaços e cruzo os braços e nunca vou por ali. A minha glória é esta: criar desumanidades, não acompanhar ninguém!

NELSON – Você nega o meu teatro de cima a baixo e sabe por quê?

VIANINHA – Não! Eu não vou por aí. Só vou por onde me levam meus próprios passos...

NELSON – Simples! Porque eu não faço propaganda política, porque não engulo a arte intolerante, rígida. Você queria que os meus personagens parassem a peça e apresentassem um atestado de ideologia. Você queria que a Geni parasse a peça e mostrasse o atestado.

VIANINHA – Prefiro escorrer nos becos lamacentos, redemoinhar aos ventos, feito farrapos, arrastar os pés sangrentos...

NELSON – Não! Não! Você quer mais! Não basta a Geni, o Boca de Ouro, o Arandir! Você exige também de mim, o autor, o mesmo atestado. Escuta, seu Oduvaldo Vianna Filho: Ô Rapaz!!! Você é revolucionário ou tira ?

VIANINHA – *(Encarando Nelson nos olhos)* –Olha aqui, seu Nelson! Meu nome não é Oduvaldo Vianna Filho, não. É só Oduvaldo Vianna. Meu pai esqueceu de colocar o “filho”quando me registrou. Foi o Brasil que cravou este filho no meu nome, mas nem precisava porque eu teria o maior orgulho do mundo em levar pra cova o nome da pessoa que eu mais admiro no mundo: meu pai, Oduvaldo Vianna, jornalista, dramaturgo, cineasta e radionovelistas. E eu sou Vianinha sim, filho de dois artistas e comunistas até os ossos: OduvaldoVianna e Deocélia Vianna. O meu talento e a minha ideologia eu herdei dos dois. E eu caí de cabeça na militância política quando eu tinha nove anos! Sabia? Pois fique sabendo! Em plena Avenida Ipiranga o meu pai e a minha mãe deram de cara comigo, menino de bosta, distribuindo santinhos pra campanha dele a deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro. Eu gritava. Gritava não, berrava: Votem! Votem em Oduvaldo Vianna, o candidato do povo! Os meus pais choraram. E sabe do quê? De orgulho! Porque se tem uma coisa que eu faço questão que sintam de mim depois que eu morrer é orgulho! Porque cada frase, cada palavra, cada vírgula e cada ponto que eu coloco nas minhas peças vem do mais profundo da minha alma e da minha crença. Ah, como eu acredito no que eu escrevo! E eu escrevo porque eu amo. Eu sou um revolucionário! E um verdadeiro revolucionário é movido pelo

mais profundo sentimento de amor! Fazer política, militar sem tréguas pela causa democrática, socialista e humanista! É isso! E quer saber mais? Cai fora do meu quarto e não me torra mais a paciência que eu tô louquinho de vontade de morrer em paz com as minhas convicções, os meus personagens panfletários, as minhas peças comunistas e a porra da minha ideologia! E tem mais uma coisa! Olhasó!

NELSON – Peraí! Isto é covardia!

VIANINHA – Nelson, você é um chato!

Os três cantam “Guantanamera”, de José Martí e Joseíto Fernández.

OS TRÊS – *(Cantam)* -Guantanamera, guajira guantanamera/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Yo soy un hombre sincero/ De donde crece la palma/ Yo soy un hombre sincero/ De donde crece la palma/ Y antes de morir me quiero/ Echar mis versos del alma/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Mi verso es de un verde claro/ Y de un carmín encendido/ Mi verso es de un verde claro/ Y de un carmín encendido/ Mi verso es un ciervo herido/ Que busca en el monte amparo/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Por los pobres de la tierra/ Quiero mis versos dejar/ Por los pobres de la tierra/ Quiero yo mis versos dejar/ Porque arroyo de la tierra/ Me complace más que el mar/ Guantanamera, guajira guantanamera/ Guantanamera, guajira guantanamera...

A luz volta e Vianinha está na cama com a maior cara de cansado, enquanto Zé está sentado ao seu lado. Nelson fuma em uma mesa próxima.

ZÉ – Você está com uma cara de quem não recebeu soro na refeição da manhã.

VIANINHA – É que eu passei a madrugada falando sozinho, brigando comigo mesmo.

ZÉ – Cansaço filosófico?

VIANINHA – Dor de barriga ideológica. Ressaca, enjoo, náusea, dor.

ZÉ – Muita?

VIANINHA – Muita dor. Eu estou pela boa, Zé, pode acreditar. Mas um sujeito sabe quando está chegando a hora. E eu ainda não terminei de escrever a peça. Não posso morrer, né Zé? Antes de terminar. Senão como é que você vai dar conta dos ensaios. Ensaia, ensaia e a peça fica inacabada? Vai ser um vexame! Como o Brasil. Faz quase quinhentos anos que a gente ensaia, ensaia um país; e quando está perto de estreiar, o autor morre. E a gente tem que começar tudo de novo. *(canta)* – “Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração. Todos juntos, vamos, pra frente Brasil, salve a seleção!” – Quanta merda, minha mãe do céu! Ai! Você não faz

ideia, Zé, da quantidade de dores que eu estou sentindo. É dor aqui, dor ali, dor de dentro pra fora, dor de fora pra dentro.

ZÉ – E a morfina?

VIANINHA – Não dá pra tomar morfina como se fosse suco de laranja, Zé. Só mais tarde. Mas acredite, eu estou sem peso, flutuando, subindo pro céu... É como se eu não existisse mais... O que me bota em pé, sempre, é a peça, Zé. A peça. Rasga o coração, vem te debruçar, sobre a vastidão do meu penar...!

ZÉ – Como diz o Manguary Pistolão: “a gente precisa se encher de problemas, não fugir deles”.

VIANINHA – E as alegrias?

ZÉ – O ensaio?

VIANINHA – Claro! E pode exagerar, que eu tô precisando de exagero, porque com essa dor toda eu nunca estive com o espírito mais escangalhado.

ZÉ – As alegrias e as dúvidas.

VIANINHA – Exageradas!

ZÉ – Para de ser engraçadinho!

VIANINHA – Não sei o que é isso.

ZÉ – Hoje, de repente, o Luca...

VIANINHA – O personagem.

ZÉ – O ator! O ator me olha na cara e pergunta: Zé, o que vem depois? Depois que um filho olha pra cara do pai e descarrega: “Você é que pensa que é revolucionário, é a doce imagem que você faz de você, pai, mas você é um funcionário público, você trabalha para o governo”. As lágrimas rolavam nos olhos dele enquanto ele me dizia o texto e perguntava ao mesmo tempo. “Anda de ônibus 415...”

VIANINHA – “... com dinheiro trocado pra não brigar com o cobrador e que de noite fica na janela vendo uma senhora de peruca tirar a roupa e ficar nua.”

ZÉ – O que vem depois disto?

Pausa.

VIANINHA – Vai lá, Zé! Pega a caneta e o papel.

ZÉ – Peraí.

VIANINHA – Escreve aí... Mas é só rubrica. Eu acho que então só resta ao Manguary tacar um tapa na cara do filho. Daqueles bem dados. Um tapa indignado,

ofendido!

ZÉ – Era o que você faria?

VIANINHA – Era. Com a mais profunda das dores, mas era o que eu faria. Essa meninada de hoje - eu já fui assim - acha que o novo é que é a revolução. Mas o revolucionário nem sempre é novo e o novo nem sempre é revolucionário. A revolução é um troço que tem uma intenção, Zé. Mas é por isso que se chama revolução, porque é meio bagunça, meio zona. Uma revolução é meio a casa da Mãe Joana. O importante é a intenção. “Cambiar el mundo, que no es locura ni utopia, sino justicia.”

ZÉ – Mas como? É uma geração perdida, só pensa em sexo.

VIANINHA – Assim, assim, Zé. Toda geração é uma geração perdida. Só pensa em sexo. Só que tem umas que não querem encarar isso. E vamos e convenhamos: toda geração só pensa em justiça!

ZÉ – Só que tem umas que não querem encarar isso.

VIANINHA – Na mosca!

ZÉ – Você, às vezes, é um tal de um individualista!

VIANINHA – *(Rindo)* – Só que eu te enganei porque isso não é fala minha.

ZÉ – Não? Você acabou de falar.

VIANINHA – Anota aí, Zé. É diálogo do Manguary com seu filho Luca.

ZÉ – Nunca sei quando você está vivendo vida e quando tá fazendoteatro.

VIANINHA – É tudo igual, Zé. Tudo igual! Anota aí. O Luca olha pra cara do pai e fala: “As pessoas desaprenderam de foder, falar e de comer, saca?” Aí o Manguary retruca: “As pessoas não têm o que comer! As pessoas não...” - Bota umas reticências porque o Luca retruca o pai e se sai com essa: “Gás carbônico, brometo, DDT, 40 toneladas de corante, é isso que as pessoas comem! Vocês estão comendo coisas mortas, fúnebres, e isso é que explode dentro do sangue de vocês! Hein?”

ZÉ – Hein, o quê?

VIANINHA – Hein é texto, Zé! Texto! Continua anotando: “Hein? E pra fugir dessa morte, hein? Essa ansiedade! Pra afogar essa ansiedade vocês resolveram fazer o reino da fartura e pulam em cima da natureza, querem domá-la à porrada e comem morte e engolem carnes, bloqueiam o corpo, os poros...” “Ajuda aí, Zé!

ZÉ – Sei lá! Sei lá! Já tá difícil acompanhar o teu raciocínio.

VIANINHA – “Sobra o cérebro pensando incendiado em descobrir um jeito de não viver e a tensão toma conta de tudo e vocês só fazem guerras, as guerras pela justiça, pela liberdade, dignidade e nada descarrega a tensão, o cheiro de podre vem de dentro, o sexo entra pelas frestas, sobre o sexo nas

noites solitárias martelando, então mais guerras e napalm e guerras...”
Que tal, Zé?

ZÉ – Sesquipedal!

Vianinha tem uma risada vitoriosa.

VIANINHA – Aí o Manguary olha pra cara do filho e ataca: “Quer saber? Você sabia que o Hitler era vegetariano?”

Se atira na cama e ri, ri, ri muito.

ZÉ – Às vezes eu acho que entre você e o diabo, a única diferença é que você não tem chifres.

VIANINHA – Nem rabo. Sabe, Zé, eu não sei se o diabo existe, mas se existe é casado!

ZÉ – Por quê?

VIANINHA – Porque tem chifres, ué!

Vianinha respira livre, saudável.

VIANINHA – Zé, você não acha isso tudo meio exagerado?

ZÉ – Acho.

Os dois riem mais ainda.

VIANINHA – Pois foda-se! É assim que tem que ser. Teatro tem que ter sangue, tem que sair de dentro das vísceras como de um vulcão no auge da erupção! As palavras têm que ser lavas, lavas ardendo, queimando tudo que encontram pela frente. Zé, você e eu sabemos que não existe teatro sem tensão dionisíaca!

ZÉ – Ele disse isso.

VIANINHA – Ele, quem? Sou eu que estou falando.

ZÉ – Não, Vianinha. Esta última fala não é tua.

VIANINHA – “Não existe teatro sem tensão dionisíaca”? Não é minha? Se não é minha, é de quem?

ZÉ – Devia saber.

VIANINHA – Mas não sei.

Pausa.

ZÉ – Do Nelson Rodrigues.

VIANINHA – Verdade?

ZÉ – Verdadeiríssima!

VIANINHA – Caralho! É a morfina, só pode ser a morfina! (Gritando, chamando!) – Enfermeira!!!

Riem.

Pausa.

VIANINHA – *(Desconversando e mudando de assunto rapidamente)* -Mas então, do que é que a gente estava falando mesmo?

ZÉ – Do que é que a gente só fala?

VIANINHA – Teatro, teatro, texto, atores...

ZÉ – Ensaio.

VIANINHA – Opa! E então, Zé? O ensaio?

ZÉ – O ensaio está sempre impregnado de perguntas! Perguntas, perguntas, perguntas... E eu nem sempre sei direito o que responder.

VIANINHA – Os atores?

ZÉ – Quem mais?

VIANINHA – Ah, Zé! Eles perguntam por desencargo de consciência. Mas no fundo eles sabem de tudo! Compreendem tudo! Porque não tem nada que esteja nos diálogos que não está lá fora, na cara de todo mundo, pra ser visto por quem tiver um mínimo de percepção. E quem não tiver que ponha uma lente de aumento,

porra!

ZÉ – Mas você precisa terminar o texto... Fica enxertando diálogos no meio, mas o fim que é bom...

VIANINHA – Eu sei. A pressa, o tempo, a história, o passado. As futuras gerações têm que saber, têm que pegar o touro à unha, ficarem donas das suas vidas!

ZÉ – Rasga Coração, Vianinha!

VIANINHA – Eu rasgo!

ZÉ – A peça de teatro!

- VIANINHA – Você está certíssimo! Eu tenho que tratar de encarar a morte de frente e terminar de escrever esse texto. Você não está me pressionando, eu sei... Falta pouco...
- ZÉ – Não é isso.
- VIANINHA – Mas em algum lugar essa peça tem que chegar, né? Será que vai ser que nem ELES NÃO USAM BLACK-TIE que o pai coloca o filho pra fora de casa? O que você acha?
- ZÉ – Eu acho o que você achar. Sempre. E os atores também acham.
- VIANINHA – Então escreve aí.
- ZÉ – Já?
- VIANINHA – Escreve, porra! Depois do tapa na cara, o Manguary descarrega esta fala em cima do filho.
- ZÉ – Tapa na cara? Vai ter tapa na cara?
- VIANINHA – Claro! Não falei que a gente tinha que exagerar? Tapa na cara é trágico. Olhar nos olhos da tragédia é dominá-la. Vai ter sim, um puta de um tapa na cara!
- ZÉ – Então vamos lá. *(Escrevendo)* –Manguary acerta um tapa na cara do filho. *(Olha para Vianinha)* –Tapa na cara é uma merda, Vianinha! Não existe técnica pra isso. Vai ser tapa de verdade durante o ensaio, nas apresentações... Os atores odeiam tapa na cara!
- VIANINHA – Vai ter tapa na cara, sim! E depois o Manguary descarrega: “Me desculpe, mas eu não posso viver com uma pessoa que me olha como se eu estivesse morto! Como se todas as pessoas que estão aí fora, gemendo no mundo, fossem a mesma coisa! Como se não houvesse dois lados! E eu sempre estive ao lado dos que têm sede de justiça, menino! Eu sou um revolucionário, entendeu? Só porque uso terno e gravata e ando no ônibus 415 não posso ser revolucionário? Sou um homem comum, isso é outra coisa *(As lágrimas brotam dos seus olhos)*,mas até hoje ferve meu sangue quando vejo do ônibus as crianças na favela, no meio do lixo, como porcos, até hoje choro, choro quando vejo cinco operários sentados na calçada, comendo marmitas frias, choro quando vejo vigias de obras, aos domingos, sentados, rádio de pilha no ouvido, a imensa solidão dessa gente, a imensa injustiça. Revolução sou eu! Revolução pra mim já foi uma coisa pirotécnica, agora é todo dia, lá no mundo, ardendo, usando as palavras, os gestos, os costumes, a esperança desse mundo, você não é o revolucionário, menino, sou eu, você é um covardezinho que quer fazer do medo de viver, um espetáculo decoragem!”

Zé está parado, com o lápis na mão, as lágrimas lambendo o rosto.

VIANINHA – Escreveu?

ZÉ – Quê?

VIANINHA – Tô perguntando se você escreveu.

ZÉ – Desculpe, querido, mas... Mas eu esqueci de escrever. Esqueci. Você acha que vai lembrar de tudo pra me ditar de novo?

VIANINHA – Eu não! Mas não sou eu que estou dizendo isso, Zé. É o Manguary Pistolão, meu ídolo. E ele vai lembrar de cada palavra.

ZÉ – Graças a Deus!

VIANINHA – Ah! E pensei uma outra coisa, Zé. Esta fala do Manguary tem que vir antes, antes da fala do filho. Vai ficar mais forte, mais contraditório, vai encher a cabeça do público de dúvidas. E isso é que é o teatro. Primeiro o Manguary fala, depois o filho retruca.

ZÉ – E aí?

VIANINHA – Aí o Manguary bota o filho pra fora!

ZÉ – Bota o filho pra fora? (*Indignado!*) -Bota o filho de dezessete anos, pra fora?

VIANINHA – Ofendidíssimo!

ZÉ – Sem tapa na cara!

VIANINHA – Com tapa na cara, Zé! Com tapa na cara, Zé!!!

ZÉ – Com tapa na cara!

Ator 3 canta “Carcará”, de João do Vale e logo é seguido pelos dois.

OS TRÊS – (*Cantam*) –Carcará/ Pega mata e come/ Carcará/Num vai morrer de fome/
Carcará/ Mais coragem do que homem/ Carcará/ Pega mata e come/
Carcará/ Lá no sertão/ É um bicho que avoa que nem avião/ É um pássaro
malvado/ Tem o bico volteado/ Que nem avião/ Carcará/ Quando vê roça
queimada/ Sai voando cantando/Carcará/ Vai fazer sua caçada/ Carcará/
Come té cobra queimada/ Quando chega o tempo da invernada/ O sertão
não tem mais roça queimada/ Carcará mesmo assim num passa fome/ Os
burrego que nasce na baixada/ Carcará/ Pega mata e come/ Carcará/ Num
vai morrer de fome/ Carcará mais coragem do que homem/ Carcará/ Pega
mata e come/ Carcará é malvado é valentão/ É a águia de lá do meu
sertão/ Os burrego novinho num pode andar/ Ele puxa no bico inté
matar/ Carcará/ Pega mata e come...

VIANINHA – Zé! Zé! Zé! Pensei aqui! Melhor! Pensei uma coisa aqui. Eu corto para o pai do Manguary botando ele, Manguary Pistolão, pra fora de casa, lá atrás, no tempo do Getúlio. Escreve aí: “Fora! Fora da minha casa! Rua! Se

manda! Fora da minha casa! Rua! Rua! Rua!” (*Canta à capela “Chiquita Bacana”, de João de Barro e Alberto Ribeiro e “Marcha do Remador”, de Antonio Almeida e Oldemar Magalhães*) –Chiquita bacana lá da Martinica/ Se veste com uma casca de banana nanica/ Não usa vestido/ Não usa calção/ Inverno pra ela é pleno verão/ Existencialista com toda razão/ Só faz o que manda o seu coração./ Se a canoa não virar/ Olê Olê Olá/ Eu chego lá/ Se a canoa não virar/ Olê Olê Olá/ Eu chego lá/ Rema rema rema remador/ Querover depressa o meu amor/ Se eu chegar depois do sol raiar/ Ela bota outro em meu lugar/ Se a canoa não virar/ Olê Olê Olá/ Eu chego lá!!!

Atira-se na cama, refestelado.

VIANINHA – Ah, Zé! Como eu amo o teatro! Eu só queria era morrer só no ano que vem, numa noite de carnaval, como o Ary Barroso. Cantando... (*canta*) – Brasil, meu Brasil brasileiro/ Meu mulato inzoneiro/ Vou cantar-te nos meus versos/ O Brasil samba que dá/ Bamboleio que faz gingar/ O Brasil do meu amor/ Terra de Nosso Senhor/ Brasil, pra mim/ Pra mim, Brasil/ Ah! Esse coqueiro que dá coco... (*Ri, sonolento*) –Esse coqueiro que dá coco? Se não desse coco ia dar o quê?

Pausa.

VIANINHA – Boa noite, Zé!

ZÉ – Boa noite, querido.

Dorme, feliz.

ZÉ – Dorme, meu amigo. Que eu posso estar falando a maior das bobagens do mundo, mas o que te espera é a eternidade. E a gente só fala estas coisas de pessoas pra quem a vida foi meio injusta porque ensinou pra ela como transformar o mundo, mas não lhes deu tempo pra completar uma tarefa tão trabalhosa. Mas ainda temos RASGA CORAÇÃO, não é? E se os gorilas não deixaram ela ser encenada quando você podia vê-la vigorosa no palco, vão ter que se curvar diante da história e quando eles saírem de cena pela porta dos fundos, a gente coloca ela no palco com pompa e circunstância. E aí vai faltar mão pra tanto aplauso. É, meu amigo querido, amanhã há de ser um outro dia. E vamos ver jardim florescer, céu clarear, sol raiar, galo cantar, viola tocar sem pedir licença. E vamos morrer de tanto rir, que esse dia há de vir, antes do que todo gorilapensa.

Entra Nelson.

Vianinha dorme.

NELSON – Rimou.

ZÉ – Embora não seja a coisa mais importante do mundo, rimar é sempre bom.

NELSON – Olavo Bilac que o diga.

ZÉ – E aproveitando a deixa: o que é que você está fazendo aqui?

NELSON – Eu sou um delírio de morfina. Um mísero pretexto.

ZÉ – Tudo bem, mas eu não tomei morfina.

NELSON – Pois devia. Porque vai ter uma hora em que você vai ter que contar pra ele. E vai doer muito! Vai ter que dizer pra ele que não tem ensaio nenhum, que já faz mais de duas semanas que a censura baixou, proibiram a peça de fio a pavio e tudo foi por água abaixo. Os atores voltaram pras suas casas engolindo os textos em seco e mordança na boca. A produção jogou a toalha e você vemaqui mentir pra ele, fazendo de conta que a peça vai estreiar. Mas não vai. RASGA CORAÇÃO foi pro fundo da gaveta, presa a sete chaves.

ZÉ – Pra que contar a verdade, Nelson? Ele vai morrer logo, não ia mesmo ver a estreia. Nunca vai sair deste quarto. Daqui direto pro cemitério. Pra quê? Pra morrer com a sensação da derrota? Da batalha perdida? Nunca!

NELSON – Uma vez eu me encontrei com a mãe dele, Dona Deocélia. Foi nas escadarias do Teatro Municipal, depois do show Opinião, numa manifestação contra a censura. Ela me olhou e disse: “Você aqui, Nelson?”. E eu: “Pois é, Dona Deocélia, só o Vianinha... Só o Vianinha pra me pôr aqui. Imagina, eu fazendo greve...”. Não acho que seja muito diferente a censura contras as minhas peças e as peças dele. Mas eu sei que no meu caso é uma desculpa e no caso dele é ódio mesmo. No fundo é tudo a mesma coisa. “Ô Dr. Fulano, isso aqui não pode ir pra frente! Não é digno de ser apresentado como arte.”- “Então corta, filho, proíbe e pronto. Atira no esgoto, trata de marginal. Nós temos que explicar pra manada o que é e o que não é cultura. E estamos conversados.” Um carimba o proibido, o outro assina em cima e vão tomar um cafezinho com hortelã na padaria daesquina.

ZÉ – Vê isso, Nelson.

Tira um papel do bolso e entrega para Nelson.

ZÉ – Lê aí.

NELSON – (*Lendo*) – “O autor deixa transparecer sua intenção de estabelecer comparações entre a situação política na época da revolução de 1930 com a situação atual, jogando com os fatos para tecer severas críticas ao atual sistema social e político do Brasil. Estas situações, envolvendo ideologia política com o agravante das críticas, são alternadas com outras, quais sejam: atitudes indecorosas e mesmo libidinosas dos personagens com

relação ao sexo, uso indiscriminado de pornografias, além de propagação e uso de drogas. Visto as implicações ocorrerem em todo o desenrolar da peça, e na impossibilidade de sugerir cortes que atenuem ou façam desaparecer os comprometimentos, opino pela não-liberação da presente obra.”

ZÉ – Isto é uma pena de morte capital. Não é o câncer, é mais que o câncer. É a forca, a cadeira elétrica, o pelotão de fuzilamento.

Pequena pausa.

NELSON – Pensei aqui uma coisa.

ZÉ – O quê?

NELSON – Vamos acordar o Vianinha!

ZÉ – Nelson, não! Ele já custa a dormir por causa das dores e quando ele consegue você resolve acordá-lo?

NELSON – Vamos acordar o Vianinha!

ZÉ – Você está louco!

NELSON – Vamos acordar o Vianinha!

ZÉ – Pra quê?

NELSON – Pra brigar.

ZÉ – Brigar? Contra quem?

NELSON – Contra você, contra mim, contra os médicos, as enfermeiras; contra os Estados Unidos, contra os militares, contra os fascistas, contra quem ele achar e contra quem ele bementender.

ZÉ – Você não está bem.

NELSON – Eu sou um delírio, lembra? Delírio não está nunca nem bem e nem mal. Delírio simplesmente está. *(Decidido!)* -Vamos acordar o Vianinha! Vai que este sujeito morre dormindo, Zé! Vamos acordar o Vianinha!

ZÉ – Você vai é matar o Vianinha!

NELSON – Eu? Coisa nenhuma! Eu vou acordar o Vianinha, que ninguém vai conseguir terminar um texto tão “revolucionário”, tão “fascinante”, tão “obra- prima” fazendo pose de doente terminal e tendo como diretor de teatro e amigo uma fada-madrinha.

ZÉ – A peça foi proibida, Nelson!

NELSON – Por enquanto, Zé! Por enquanto! Mas é uma questão de tempo. O futuro dirá! Mas antes ela precisa ser escrita, terminada, virar clássico! O Machado de Assis já dizia: “Não importa ao tempo o minuto que passa,

mas o minuto que vem!”. Quer ver só? (*Levanta o tom da voz*) –Vianinha!!!
Acorda!!! Acorda!!!

Vianinha dá um resmungo de acordar.

- NELSON – Olha aqui, senhor Oduvaldo Vianna Filho, pra mim você não passa de um marxista de galinheiro!
- VIANINHA – (*Acordando*) –Quê?
- ZÉ – Eu não tenho nada com isso!
- NELSON – Intelectual de passeata!
- VIANINHA – (*Indignado*) -O quê? Repete!
- NELSON – Intelectual de passeata! Freqüentador assíduo de boteco ideológico! Levanta daí e vai derrubar bastilhas, homem! Vai decapitar “marias antonietas”, ao invés de ficar lambendo as botas do camarada Stalin a milhares de quilômetros de distância.
- VIANINHA – Reaça!
- NELSON – Batata, Vianinha! Eu sou o reacionário obsessivo, a encarnação abominável da direita! Se depender de mim, nada vai mudar neste país! Então? Quem vai mudar qualquer coisa neste país? A esquerda por acaso tem um canalha para exercer uma liderança concreta e proveitosa? O Brasil implora por um crápula com toque de gênio!
- VIANINHA – Eu sou um artista!
- NELSON – Eu também!
- VIANINHA – Você é um artista que tem ânsia de vômito quando vê operário, acende vela pra Rockfeller, não assiste a suas próprias peças, não entende de candomblé, nunca ouviu falar no Garrincha, usa batina dentro de casa. No seu modesto entender, reacionário é gagá.
- NELSON – E é mesmo!
- VIANINHA – Gagá é gagá, Nelson! Reacionário é outra coisa. É coisa de gente inteligente, predestinada, perigosa.
- NELSON – Então eu sou um reacionário gagá!
- VIANINHA – Você está ficando pra trás, por isso fica me torrando a paciência. Me deixa morrer em paz!
- NELSON – Paz? Quem pode ter paz enquanto o país clama por justiça?
- ZÉ – Eu não acredito!
- VIANINHA – A tua sinceridade está começando a desbotar. Cada vez mais você quer se bom autor: mais e mais autor na opinião dos outros. “Eu não sou

Shakespeare, não uso calçãozinho...” Nelson, você está começando a se defender, por isso saiu para o ataque às galinhas, me comparando a elas. As galinhas não são marxistas!

- NELSON – As galinhas são cubanas! Galinha é o bicho mais burro do mundo!
- VIANINHA – Quer saber? Eu só vou te levar a sério no dia em que a Geni for à boca de cena e mostrar o atestado de ideologia! E sem calcinha, porque Geni de calcinha é coisa de pornógrafo de araque! Que cacareja pra ganhar elogio!
- NELSON – E eu só vou te levar a sério no dia em que você deixar de ser um diminutivo!
- VIANINHA – *(Para o Zé)* – Você vai ficar aí, de bico fechado, como uma múmia?
- ZÉ – Que é que eu posso fazer, Vianinha? Que é que eu posso fazer?
- VIANINHA – Dar um soco neste sujeito por mim que eu não tenho forças. Não tá vendo que eu estou morrendo de câncer?
- NELSON – Aí, ó! Você vai morrer e eu vou continuar vivo.
- VIANINHA – Eu vou morrer, mas o meu teatro revolucionário, político e briguento já se instalou. Gostou ou quer mais?
- NELSON – Não vejo a hora!
- VIANINHA – E é irreversível. Ouviu bem? Irreversível! E deixa você longe vários corpos, mais distante que os 14 mil quilômetros que me separam das botas e do túmulo do camarada Stalin. Ao invés de comprar galocha e guarda-chuva você quer parar o toró que vem aí. Logo você vai estar escrevendo “A Vida Como Ela Foi”, fantasiado de Madame Clessi, vestido de noiva! *(Para o Zé)* – Vai Zé, pega o papel, a caneta e escreve!
- NELSON – Acontece que eu estou muito velho para andar de quatro!
- VIANINHA – Fica quieto que o marxista de araque está escrevendo! Agora me bateu um desejo irresistível de terminar esta peça, porque daqui a pouco tem um elenco com sede de sangue pra ensaiar e botar a boca no mundo. O teatro novo não vê a hora de sair na passarela. Sambando até o sol raiar! Tem ou não tem, Zé?
- ZÉ – O quê?
- VIANINHA – Um elenco sedento de ensaio? Sedento de desejo e paixão?
- ZÉ – Tem!
- VIANINHA – Tem ou não tem um elenco doido pra ir pro palco e levar porrada de fascista, se for o caso?
- ZÉ – Tem!
- VIANINHA – O brasileiro pensa, não é um homem das cavernas que só segue seus

instintos primários! Pensa! Pensa ou não pensa, Zé?

ZÉ – Pensa!

VIANINHA – Então escreve!

ZÉ – Tá na mão!

VIANINHA – No capítulo 9, depois, depois que o Luca olha pra cara do Manguary e fala que ele descarrega sua raiva pelo fato de ele ter vivido sem deixar a sua marca na história... Lembra?

ZÉ – Lembro.

VIANINHA – Então o Manguary rebate. Escreve aí: “Teu pai não deixou marca? Mas cada vez que começa uma assembleia num sindicato, a luz baça, teu pai está lá, cada vez que um operário, chapéu na mão, entra na Justiça do Trabalho, teu pai está lá, cada vez que em vez de dizer países essencialmente agrícolas, dizem países subdesenvolvidos, teu pai está lá, cada vez que dizem imperialismo, em vez de países altamente industrializados, teu pai está lá, cada vez que fecham um barril de petróleo na Bahia, teu pai está lá... Teu pai é um revolucionário, sim...” E depois vem a cena 10. A final. Luca vai embora, se despede do pai, diz que não tem rancor e sigo com o coração leve. Dá um beijo no rosto do Manguary e vai embora... Zé, se eu não morrer até amanhã, ainda hoje a gente dá conta dos últimos diálogos. Só pra fechar a peça, porque ela já acabou quando o Manguary diz de boca cheia: *(Olha para o Nelson e sobe o tom da voz em muitos decibéis)* EU SOU UMREVOLUCIONÁRIO!!!

ZÉ – E eu sou o diretor!

Zé levanta o dedo pra estalar.

VIANINHA/ Não faz isso, Zé!
NELSON –

Zé estala os dedos e a luz cai.

Luz em Vianinha e Nelson, que, teatralmente (porque isso só é possível no teatro!) dançam divertidamente “Piston de Gafieira”, de Billy Blanco.

Luz no Ator 2, enquanto Vianinha e Nelson dançam gafieira.

ATOR 2 – No dia 16 de julho de 1974 morreu Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha. E no dia 21 de setembro de 1979, no Teatro Guaíra, em Curitiba, RASGA CORAÇÃO estreou com direção de José Renato e Raul Cortez no papel de Manguary Pistolão. Quando a cortina se fechou na cena final, o Teatro Guaíra passou alguns segundos tomando fôlego para a apoteose – Oito minutos de aplausos!

- ATOR 1 – “Se vier a rasgar o coração do espectador, não será mera coincidência, mas pura realidade.” Escreveu Flavio Marinho, em O Globo.
- ATOR 3 – “RASGA CORAÇÃO foi escrita por um homem condenado à morte que, mesmo assim, não se deixou enredar por enredos transcendentais ou fatalismo. Sua resposta à morte foi a emoção, a glorificação da vida através da luta.” Escreveu Alberto Dines na Folha de São Paulo.
- ATOR 1 – E pra fechar, uma brincadeira de sonho. Que é o teatro. Com a permissão e o perdão de Rolando Boldrin, Catulo da Paixão Cearense, Aldo Cabral e Benedito Lacerda. Pelo uso, abuso e pela transformação dos versos e palavras ao sabor da história e da lenda.
- ATOR 3 – Então... Vianinha morre e vai pro céu, no qual ele não acreditava. Lá é recebido por São Pedro. São Pedro sem saber de onde vinha aquela figura magra e altiva, pergunta: Quem és tu?
- ATOR 2 – Meu nome é Vianinha. Só.
- ATOR 3 – E de que país você veio, rapaz, com esta pose toda de solidão e grandeza?
- ATOR 2 – De um paraíso esplêndido, senhor, o Brasil. E o Brasil tem coisas que o céu não tem nem nunca terá. Uma beleza!
- ATOR 3 – Aponte-me uma e bastará.
- ATOR 2 – Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá. Tem gente doida, tem gente braba, tem gente grande e pequena; e tem artistas e poetas como em nenhum outro lugar há.
- ATOR 1 – São Pedro olha pra ele, até com pena, e diz: Filho, aqui no céu tem gente tão artista e tão especial que esse seu Brasil aí nunca ouviu e nem ouvirá.
- ATOR 3 – Vianinha arremata assim.
- ATOR 2 – Ah, São Pedro, então tá bom. Mas os artistas que aqui poetam ou gritam, não poetam como lá. E quer saber? Me deixa entrar!

Os três cantam uma versão para “Brasil”, de Catulo da Paixão Cearense e Aldo Cabral, mais as poesias de Benedito Lacerda, com pequenas intervenções desautorizadas.

OS TRÊS – Este Brasil/ Tão grande amado/ É o meu país/ Certo e errado/ Terra de amor e esperança/ Toda verde toda nossa/ De carinho e aventura/ Na noite quente apaixonada/ O brasileiro está sonhando/ E vai sonhar na madrugada/ Sonhar, lutar, brigar, lutando/ O sol que nasce em toda terra/A vida em festa comemora/ Cantando a luta em minha terra/ Que ri, braveja, canta e chora. Brasil/ És o meu berço dourado/ Um povo apaixonado/ Abençoado por Deus/ Brasil/ Gigante de um continente/ És terra de toda gente/ Orgulho dos filhos teus/ Brasil/ És o meu berço dourado/ Um povo apaixonado/ Abençoado por Deus/ Brasil...

VIANINHA – Minha terra é uma grande pessoa! Meu país é a criança pura, boa, inocente. É também o sofrido adolescente. Ou então, o jovem combatido e sonhador... Mas agora, em tempo novo, é preciso acreditar e reafirmar e reafirmar: há valores de sempre que precisam ser permanentemente ditos e repetidos, como a solidariedade, o direito ao fracasso, a beleza da justiça, da liberdade, do amor conquistado, da rebeldia diante da injustiça, a igualdade dos seres humanos e o direito à busca da felicidade.

E, claro, o autor pede que os cantores terminem tudo com uma música brasileira, entre tantas, escritas pelos nossos artistas guerreiros, como Chico Buarque, João Bosco, João do Vale, Zé Keti, Caetano Veloso, Caetano Veloso, Caetano Veloso, Renato Russo... Cada dia uma música diferente, que cantar é preciso. E se tiver um telão, ficaria lindo exibir imagens e fotos da primeira encenação de “Rasga Coração”, dirigida pelo José Renato!

FIM

ENSAIO SOBRE A VERDADE

Texto de Wanderson Alex Moreira de Lana

PERSONAGENS

Zé Basílio

Inácio

Fazenda do interior de Mato Grosso. Casa de Zé Basílio.

CENA 01

Sala da casa de Zé Basílio. Ele está de frente para a janela, de costas para a cena. Só vemos Zé Basílio.

ZÉ BASÍLIO – A mentira é uma erva daninha que depois de plantada não para mais de crescer. Se espalha por baixo, pela raiz. Quando a gente vê já tá causando mal, tá espalhada por tudo quanto é canto. Um dia o Seu Raimundo me mostrou uma erva chamada tiririca e me disse que era impossível acabar com ela. Eu até falei que se tratava apenas de uma planta pequena que se podia matar com um pisão. Mas aí o Seu Raimundo me derrotou de maneira quase infantil, como se eu fosse uma criança boba, sem entendimento nenhum da vida. Mostrou uma raiz que já dava vida a outra raiz. Ela se espalhava por baixo, sem ninguém ver. Tiririca... Esse era o nome da planta que se tornou imortal, vivendo no outro... como uma mentira, entende? Porque a mentira quando morre em alguém continua vivendo em outra pessoa... Uma mentira que se espalha se torna imortal

Inácio aparece. Estava escutando o pai.

INÁCIO – Pai... O Sr. está falando de que?

ZÉ BASÍLIO – De nada.

INÁCIO – Eu não estou mentindo.

ZÉ BASÍLIO – De nada, Inácio.

INÁCIO – Falo a verdade sobre o gado que está solto no pasto.

ZÉ BASÍLIO – Nada... Eu disse nada e você continuou justificando.

Silêncio.

INÁCIO – Desde que o gado começou a morrer o senhor não me olha mais nos olhos.

Silêncio.

INÁCIO – Não olha mais nos olhos do seu filho.

Silêncio.

INÁCIO – Que pai não olha nos olhos do próprio filho?

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Onde está sua mãe?

INÁCIO – Eu estava falando da gente.

ZÉ BASÍLIO – E eu falava de mentiras, Inácio.

INÁCIO – Disse que não falava de nada mesmo quando eu perguntei. O gado está morrendo no pasto. Tínhamos mais de 600 cabeças e agora não passa de 60. Ninguém sabe se é doença, os veterinários disseram desconhecer todas as causas. A mãe saiu para pedir para rezar uma missa...

ZÉ BASÍLIO – Está rezando uma missa então?

INÁCIO – O gado morre, pai.

ZÉ BASÍLIO – Perguntei de sua mãe e não do gado.

INÁCIO – Mas estamos perdendo tudo e a casa...

ZÉ BASÍLIO – Senta, Inácio!

Silêncio.

Inácio reticente, senta.

ZÉ BASÍLIO – Vira a cadeira pra frente. Não consigo olhar mais pra sua cara.

Inácio vira a cadeira para frente. Zé Basílio se vira e olha para Inácio. Toda vez que Inácio olhar para o pai, esse deve desviar o olhar.

ZÉ BASÍLIO – Não ter força para olhar na cara do filho.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Do próprio filho.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Não consigo ficar no mesmo lugar que você nem por 15 minutos.

INÁCIO – Vai sair?

ZÉ BASÍLIO – Pra onde, Inácio? Tudo lá fora está morrendo. Eram 627 cabeças de gado e agora não passa de 60. Sua mãe foi até rezar uma missa porque pensa que é uma praga.

INÁCIO – Pela mentira.

ZÉ BASÍLIO – O que disse?

INÁCIO – Uma praga que veio por conta da mentira.

Silêncio.

Zé Basílio senta. Inácio olha para Zé Basílio.

ZÉ BASÍLIO – Não faça isso. Eu não suporto seus olhos. São como os olhos daquele boi.

INÁCIO – De qual boi?

ZÉ BASÍLIO – Eu mandei matar os bois que sobraram, mandei hoje cedo.

INÁCIO – O que? Como assim? Pai... O senhor mandou matar o resto do gado?

ZÉ BASÍLIO – Sim. Não ia aguentar ver os últimos morrendo... Morrendo aos poucos. Você acompanhou? Você viu algum boi morrer?

INÁCIO – O senhor mandou matar os 60 bois?

ZÉ BASÍLIO – Demora 33 minutos para cada boi morrer. Eles começam a caminhar com dificuldade e sempre arrastando a perna direita. Depois não conseguem mais manter a cabeça erguida, parece que fica pesada, como se não coubesse mais nada ali dentro. É triste de ver... O boi cai com o peso da cabeça, com o que tem dentro dela. Às vezes eu acho que é culpa. É culpa, sabia? A culpa que fica aqui enfiada na minha cabeça e que eu consigo aguentar, começou atacar todas as coisas dessa fazenda e os bois não suportam o peso das coisas e caem... Eles caem... E a culpa mata todos eles em 33 minutos.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – E os desgraçados não fecham os olhos. Nenhuma boi que morreu fechou os olhos. Ficam com eles abertos. E os vermes comem tudo, menos os olhos que ficam virados pra essa casa.

INÁCIO – Devia mandar jogar as carcaças fora?

ZÉ BASÍLIO – E sua mãe?

INÁCIO – Mais de 600 carcaças... Dizem que sentem o cheiro da cidade.

ZÉ BASÍLIO – Sua mãe já chegou?

INÁCIO – Fedendo, pai... Essa terra fede... Parece que estamos mortos aqui dentro. Não sei se esse cheiro podre vem lá de fora ou se vem daqui dentro, se vem de mim, de você, da minha mãe... Que só reza. Manda levar essa carniça pra algum lugar... Manda levar embora esse gado morto.

ZÉ BASÍLIO – Pra quem? Pra quem, Inácio? Pra onde? Nada pode sair dessa fazenda. Tudo que vem aqui morre... Tudo! Só a gente que não. A gente só fede... A gente só fede, mas não morre... Fede... O fedor nosso tá chegando na cidade, não o dos bois. O dos bois vem direto pra essa casa.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Eu não consigo ficar 15 minutos com você.

INÁCIO – Falava do massacre?

ZÉ BASÍLIO – Massacre?

INÁCIO – Sim, pai. Você mandou matar...

ZÉ BASÍLIO – Não se fala em massacre nessa fazenda!

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – É proibido.

Silêncio.

INÁCIO – Como o senhor tentou melhorar a situação da fazenda?

ZÉ BASÍLIO – Pergunta sobre os bois que levei para o abate?

INÁCIO – Sim. Pergunto sobre essas coisas, pai.

ZÉ BASÍLIO – Mandei o caminhão buscar todos os bois que ainda estavam vivos. Chamei todos os funcionários da fazenda e pedi para que matassem os bois a tiro... Duas balas para cada boi. Uma em cada olho. Eu fiz o que deveria fazer, Inácio.

INÁCIO – Mandou matar todos?

ZÉ BASÍLIO – Mas quando o caminhão chegou, um deles correu pra porteira e ficou lá parado, como se já soubesse o que iria acontecer. O motorista e um vaqueiro abriram a carroceria e o boi baixou a cabeça. Ninguém percebeu... Os vaqueiros pularam a cerca e entraram no curral para prender o resto do gado que se revoltou. Começaram a correr para todos os lados até se verem completamente cercados. Uma imagem feia... Como o resto das imagens que essa fazenda traz. Aquele boi continuava na porteira, parado, de cabeça baixa. Em algum momento eu pensei ser o

líder se entregando, mas eram... mas... Não, ele não podem ser como a gente... Quando abriram a porteira ele correu para dentro do caminhão, para a parte mais funda e ficou, resignado... O desgraçado não lutou, se entregou. Entrou na merda daquele caminhão como um covarde. E assim, na sua covardia, me fez parecer fraco. Na minha cabeça, não tinha sido assim que havia decidido que fosse, então... Então eu mandei matar todos os bois, menos ele. Pedi ainda para que colocassem o boi para ver morrer todos os seus semelhantes. Depois, para que o jogassem na fazenda e o deixassem morrer de tristeza.

INÁCIO – Isso... Isso... Isso é cruel, pai.

ZÉ BASÍLIO – É só uma maneira diferente de matar.

INÁCIO – É matar também.

ZÉ BASÍLIO – A morte é a morte!

INÁCIO – Transformou a morte em algo comum, em prazer.

ZÉ BASÍLIO – Você não sabe de nada!

INÁCIO – E quem sabe? O senhor? Aquele que deixou viver o único que aceitou morrer e matou todos os outros que lutaram com tudo que tinham para permanecerem ali, firmes e de cabeça erguida.

ZÉ BASÍLIO – Esse lugar já não pertencia a eles, pertencia a mim? São animais, Inácio!

INÁCIO – Eles são gente pai?

Silêncio grande. Entendimento. Acalmam-se abruptamente.

INÁCIO – Desculpa?

ZÉ BASÍLIO – Pelo o quê?

INÁCIO – Por ter levantado a voz.

ZÉ BASÍLIO – Tudo bem.

Silêncio.

INÁCIO – Falávamos sobre o quê?

ZÉ BASÍLIO – Sobre sua mãe.

INÁCIO – Sim. Verdade. Agora me lembro. Sobre como reza todos os dias.

ZÉ BASÍLIO – Saiu há pouco pra rezar e ainda não voltou.

INÁCIO – Fala de maldições o dia inteiro. Ontem mesmo me contou sobre sete pragas lançadas a um faraó no Egito. Sabe dessa história, pai?

ZÉ BASÍLIO – Não consigo te olhar nos olhos.

INÁCIO – Por que?

ZÉ BASÍLIO – Não consigo olhar nos olhos do meu próprio filho.

Silêncio.

INÁCIO – E no do boi?... No olhos do boi que ficou vivo, mesmo querendo morrer?

ZÉ BASÍLIO – Como sabe do boi?

INÁCIO – O Sr. Raimundo falou, assim que cheguei.

ZÉ BASÍLIO – O que ele disse?

INÁCIO – Sobre o boi que queria morrer e agora está vivo. O boi que não sai de frente da nossa porta.

ZÉ BASÍLIO – Eu não podia matá-lo.

INÁCIO – E aos outros, podia?

ZÉ BASÍLIO – Sim. Eles lutaram, mereceram morrer. Mas ele não fez nada, se entregou por uma coisa maior, eu não sei... Às vezes penso que foi covardia, outras resignação...

INÁCIO – Me falaram da maneira como entrou na carroceria.

ZÉ BASÍLIO – A cabeça pesada... Você consegue entender?

INÁCIO – Se a mãe demorar eu vou ter que ir.

ZÉ BASÍLIO – Fica.

Silêncio.

INÁCIO – Eu não consigo ficar 15 minutos nessa casa.

Silêncio.

INÁCIO – A fazenda toda fede. Chega na cidade. Aqueles bois com a carcaça tomada de vermes e olhos brilhando, como se vivos em direção a mim, como se eu também tivesse culpa pelas coisas que o senhor fez.

ZÉ BASÍLIO – Filho...

INÁCIO – O fedor vem de você e não deles.

Zé Basílio se vira para Inácio cabisbaixo. Inácio olha de maneira superior para Zé Basílio.

INÁCIO – Olha pra mim.

Zé Basílio não reage.

INÁCIO – Olha pra mim...

Zé Basílio angustia-se a cada investida de Inácio.

INÁCIO – Olha pra mim, desgraçado, olha para o seu filho. – Inácio tenta erguer os olhos do pai que reluta – Olha nos meus olhos, nos olhos do seu filho, desgraçado. Olha... Olha...

Zé Basílio olha os olhos do filho. Ficam um tempo. A tensão entre eles desenrola-se em uma crescente.

INÁCIO – Não chora... Me encara, mas não chora. É um homem velho... É um homem velho e fraco... Não chora!

Zé Basílio tenta abaixar o rosto, mas Inácio segura com mais força. A proximidade entre os rostos aumenta.

INÁCIO – O que o senhor vê nos meus olhos, pai? O que vê nos meus olhos?

ZÉ BASÍLIO – Me larga!

INÁCIO – O que o senhor vê nos olhos do seu filho?

ZÉ BASÍLIO – Eu matei sua mãe.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – O fedor da casa é dela e não do gado.

Inácio se retrai.

ZÉ BASÍLIO – Não posso olhar seus olhos senão terei que matá-lo também.

INÁCIO – Hoje?

ZÉ BASÍLIO – Não, há seis dias. Ela estava rezando no quarto. Pedindo desculpas por tantas coisas que nem sei ao certo se alguém iria entender. Se eu fosse Deus ficaria perdido com tantos pedidos de desculpas. Eu precisei matar... Sua mãe começou a realizar um funeral para cada boi morto, não se cansava, queria uma redenção, um perdão que não era mais possível....

INÁCIO – Perguntei quando irá me matar.

ZÉ BASÍLIO – Não quer saber de sua mãe?

INÁCIO – Hoje?

ZÉ BASÍLIO – Ela teria entrado na frente de qualquer boi que eu matei hoje cedo... Sua mãe carregava culpa e transpirava culpa. Agora fica fedendo no quarto. Não posso enterrá-la.

INÁCIO – Eu fumo?

ZÉ BASÍLIO – Inácio?

INÁCIO – Eu fumo?

ZÉ BASÍLIO – Não, não fuma.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – E eu?

INÁCIO – Não. Ninguém nunca fumou nessa casa. Eu tenho asma... O senhor sempre proibiu.

Silêncio, quebrado pelo sorriso de Inácio.

INÁCIO – É engraçado não se lembrar disso.

ZÉ BASÍLIO – Lembrar do que?

INÁCIO – Que não fuma. Perguntar pra alguém.

Zé Basílio começa a sorrir com Inácio.

ZÉ BASÍLIO – Já não lembro de tantas coisas, meu filho. Quanto mais velho a gente vai ficando, mais a memória vai falhando.

INÁCIO – Está ficando velho, seu Zé Basílio.

ZÉ BASÍLIO – Estou. Nem me lembro o que fiz semana passada.

Continuam a sorrir, agora de maneira mais exagerada.

INÁCIO – O senhor matou minha mãe.

Tempo. Entendimento de Zé Basílio. Inácio continua sorrindo muito.

INÁCIO – Com dois tiros, um em cada olho... Quando eu entrei no quarto dava pra ver o sangue escorrendo das órbitas como se ela chorasse sangue. Parecia uma santa que chora sangue... Ela se transformou no que sempre quis, uma santa, uma santa que chora sangue e fede... A mãe está fedendo tanto que o povo da cidade veio reclamar pensando que fossem os bois. Ah... Seu Zé Basílio... dois tiros, um em cada olho... Mas isso foi a coisa mais engraçada que eu já vi na minha vida.

Inácio continua sorrindo.

ZÉ BASÍLIO – Hoje.

INÁCIO – *(ainda sorrindo)*: O que?

ZÉ BASÍLIO – Eu vou ter que te matar hoje.

Inácio para de sorrir abruptamente. Muda. Ele corre e abraça o pai. Está frágil, emocionado.

INÁCIO – Agora? Por favor, agora... Atira nos meus dois olhos também... Tenho medo, tenho medo de depois de morto ainda continuar olhando as coisas, como os bois que estão lá fora mortos e não fecham os olhos. Por favor... Eu não quero ver mais, eu não quero ver mais.

ZÉ BASÍLIO – *(firme)*: Me solta, Inácio. Me solta agora!

INÁCIO – *(soltando)*: Por favor, pai. Por favor...

ZÉ BASÍLIO – Para! Para de chorar como se ainda fosse uma criança. É um homem feito, Inácio, um homem! Engole esse choro!

Inácio chora. Zé Basílio se irrita ainda mais.

ZÉ BASÍLIO – Olha pra mim.

INÁCIO – Minha mãe morreu, pai.

ZÉ BASÍLIO – Olha pra mim.

INÁCIO – Minha mãe morreu, pai.

ZÉ BASÍLIO – Olha pra mim, Inácio!

Inácio olha rápido.

ZÉ BASÍLIO – Sua mãe não merece essa sua fraqueza. Olha no rosto, olha firme. Agora me fala o que aconteceu.

INÁCIO – Minha mãe ficou louca! Começou a velar o corpo de todos os bois mortos na fazenda. Não sabíamos o que fazer. Ela estava carregada de

culpa, falava que a mentira é como uma erva daninha que depois de espalhada se torna imortal... Falava de coisas que sobrevivem no peito das outras coisas...

ZÉ BASÍLIO – Nunca entendi o que sua mãe falava. Não entendo o que você fala também.

INÁCIO – Ela comeu, ela comeu a carne de uma vaca morta com um bezerro na barriga... Comeu os restos e os vermes. Quando o Sr. Raimundo viu, chamou todos os outros funcionários para impedi-la de comer a vaca. Arrastaram ela pela fazenda... A mãe começou a cantar uma música enquanto era arrastada em meio as carcaças dos bois... Quando ela passava entre eles cantando, os bois fechavam os olhos. A música que minha mãe cantou pareceu embalá-los para descasarem finalmente...

ZÉ BASÍLIO – Ela comeu a carcaça de um boi?

INÁCIO – De uma vaca que morreu prenha.

ZÉ BASÍLIO – Estava fora de si.

INÁCIO – Fez dormir todos os bois mortos. Ninguém olha mais pra cá.

ZÉ BASÍLIO – Morreu?

INÁCIO – Morreu. Na mesma noite. Morreu de joelhos rezando. E depois de morta não caiu, continuou firme. Só perceberam depois de seis dias, quando seus olhos caíram no chão. Ficando só as órbitas... Como se fosse uma santa.

ZÉ BASÍLIO – Eu não entendo.

INÁCIO – Ela morreu feliz, pai.

ZÉ BASÍLIO – Não é isso.

INÁCIO – O que é então?

ZÉ BASÍLIO – A música...

INÁCIO – Como?

ZÉ BASÍLIO – Havia uma música.

INÁCIO – Que fechou os olhos da morte.

ZÉ BASÍLIO – Que música era.

INÁCIO – Dói, lembrar...

ZÉ BASÍLIO – Só mais essa fez.

INÁCIO – Dói lembrar...

ZÉ BASÍLIO – Eu preciso ouvir...

Silêncio.

INÁCIO – Falava de desculpas, dizia que...

ZÉ BASÍLIO – Canta.

Inácio se prepara, um pouco reticente.

INÁCIO – A mentira é... Erva daninha
A mentira é... Erva daninha
Depois de plantada, não morre mais
Tá dentro do meu peito, já não sai mais.
Vai se espalhar
Descansa em paz
Vai se espalhar
Descansa em paz.

Zé Basílio chora enquanto a música é cantada de maneira lenta por Inácio.

INÁCIO – Pai.

Zé Basílio foge do olhar do filho.

INÁCIO – O senhor está chorando?

ZÉ BASÍLIO – É uma música muito bonita.

INÁCIO – Foi a última coisa que ouvimos dela antes de morrer.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Morreu de que? O que disse o médico?

INÁCIO – De infarto.

ZÉ BASÍLIO – Não foi a carne da vaca prena?

INÁCIO – Foi Infarto, pai.

ZÉ BASÍLIO – Isso não pode estar certo.

INÁCIO – Não podemos dizer a verdade.

ZÉ BASÍLIO – Todos já sabem a verdade.

INÁCIO – Passou muito tempo. Já esqueceram.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Já descobriram do que morreram os bois?

INÁCIO – Suicídio.

ZÉ BASÍLIO – Todos?

INÁCIO – Suicídio Coletivo.

ZÉ BASÍLIO – É possível que os bois tenham cometido suicídio?

INÁCIO – Estamos falando do que pai?

Tempo. Há um determinado constrangimento. Entendimento.

ZÉ BASÍLIO – Não consigo ficar 15 minutos perto de você.

Tempo.

INÁCIO – Eu fumo?

ZÉ BASÍLIO – É engraçado me perguntar isso.

INÁCIO – Por que?

ZÉ BASÍLIO – Você tem asma.

INÁCIO – Achei que era alergia ao cheiro de boi morto.

ZÉ BASÍLIO – É asma. Nasceu assim.

INÁCIO – Tenho vontade de fumar.

ZÉ BASÍLIO – Como sua mãe.

INÁCIO – Minha mãe não fumava.

ZÉ BASÍLIO – Me lembro de um vício...

INÁCIO – Pedia desculpas.

ZÉ BASÍLIO – O tempo inteiro. Pedia desculpas por ela e pelo os outros.

INÁCIO – Morreu assim, pedindo desculpas.

Silêncio.

INÁCIO – O boi continua em frente a casa. Olhando pra porta, esperando sua saída. Acho que vai matá-lo.

ZÉ BASÍLIO – A mim também? Já não chega sua mãe.

INÁCIO – Minha mãe?

ZÉ BASÍLIO – Sim, Inácio.

INÁCIO – Por que não me disse assim que cheguei?

ZÉ BASÍLIO – Porque parecia resignado com alguma coisa. Me disseram que quando foram te buscar na cidade, já esperava no portão. Seus primos brincavam, corriam para um lado e para o outro e foi preciso seus tios usarem da firmeza da educação dessa família para que parassem e aceitassem o que iria ser pedido. Você não, ficou no portão, parado. Quando abriram a porta do carro... Ah, Inácio, você baixou a cabeça como se aceitasse o que estaria por vir. Foi só abrir o portão que você entrou e se acomodou lá no fundo... no canto, sem dizer uma palavra... Todos ficaram com medo de te dizer que sua mãe morreu atingida pelos chifres de um boi.

INÁCIO – Não teve, não teve... Pai...

ZÉ BASÍLIO – O boi atingiu com os chifres os dois olhos da sua mãe ao mesmo tempo.

INÁCIO – Não se pode morrer assim... Não, não, isso não está certo.

ZÉ BASÍLIO – Quando o Sr. Raimundo chegou ela já estava morta.

INÁCIO – Eu preciso vê-la.

ZÉ BASÍLIO – Estão lavando o corpo.

INÁCIO – O senhor sabe porque isso aconteceu. O senhor saber porque isso aconteceu, seu cretino de merda!

ZÉ BASÍLIO – Todos os bois fecharam os olhos, todos...

INÁCIO – Não me interessa esse monte de merda que ninguém se importa. Ele matou minha mãe e fica lá fora em pé... Esperando para matá-lo também e o senhor não faz nada.

ZÉ BASÍLIO – Chega. Já fomos longe demais.

INÁCIO – Me dá a arma!

ZÉ BASÍLIO – Não.

INÁCIO – Me dá a arma!

ZÉ BASÍLIO – A mentira é como uma erva daninha que se espalha...

INÁCIO – Me dá a arma, seu desgraçado!

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Hoje... Ele vai me matar hoje.

INÁCIO – Não, pai... Não... Não, não, isso não tá certo.

ZÉ BASÍLIO – Agora chega. Senta. Senta, Inácio! – Inácio obedece – Agora vira pra

frente que não consigo mais olhar na sua cara.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Todos sabem, Inácio. Todo mundo dessa fazenda e das outras fazendas sabem, o povo da cidade sabe. Eles sabem.

INÁCIO – O gado?

ZÉ BASÍLIO – Chega!

INÁCIO – Pai. As pessoas esquecem.

ZÉ BASÍLIO – Aquele boi, ele vai me matar... Vai ser hoje, eu sei... E eu preciso que seja. Ele sabe de tudo... Como todo mundo. Ele não esquece. Pra isso são as cicatrizes, a falta do dedo, do couro, do sono... As coisas ficam faltando pra gente nunca esquecer das coisas.

INÁCIO – Mas as pessoas esquecem, pai. Por favor... Me escuta... Vai lá e mata o boi. Só falta ele... Depois, tudo vai ter terminado, tudo. Começamos... Esquecemos as outras coisas...

Silêncio.

INÁCIO – Pai...

ZÉ BASÍLIO – Descobriram do que morreram os bois.

INÁCIO – E de que morreram os bois?

ZÉ BASÍLIO – Tinha mercúrio na água.

INÁCIO – Tinha diamante na água.

ZÉ BASÍLIO – E mercúrio também.

INÁCIO – O que o senhor está tentando dizer?

ZÉ BASÍLIO – Nada, Inácio, nada.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Onde está sua mãe?

INÁCIO – Morta.

ZÉ BASÍLIO – Quem te entregou a notícia.

INÁCIO – O Senhor Raimundo enquanto me mostrava um pé de tiririca.

ZÉ BASÍLIO – Aquilo não morre, cresce por bairro, se espalha... Aquilo é uma praga.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – O boi ainda está lá fora?

INÁCIO – Não se mexe. Está te esperando.

ZÉ BASÍLIO – Quer dizer alguma coisa?

INÁCIO – Não. Não aguento mais a tua presença.

ZÉ BASÍLIO – Perguntou sobre os olhos?

INÁCIO – A quem?

ZÉ BASÍLIO – Ao boi. O único que sobrou. Perguntou sobre os olhos?

INÁCIO – O que quer saber?

ZÉ BASÍLIO – Porque morreram com os olhos abertos.

INÁCIO – Estão fechados agora.

ZÉ BASÍLIO – Desde que sua mãe morreu.

INÁCIO – Desde que minha mãe morreu.

Silêncio.

ZÉ BASÍLIO – Você está fedendo.

INÁCIO – Juntamos todos os corpos. Demorou o dia todo.

ZÉ BASÍLIO – Não tem mais nada lá fora?

INÁCIO – Só um boi.

ZÉ BASÍLIO – O que ele quer?

INÁCIO – Não sei. Disseram que quer ser morto.

ZÉ BASÍLIO – Por mim?

INÁCIO – Pela mãe.

ZÉ BASÍLIO – Sua mãe está rezando.

INÁCIO – A mãe está morta, pai.

ZÉ BASÍLIO – O que a gente, fez, Inácio? O que a gente fez?

INÁCIO – Jogamos mercúrio no rio e matamos centenas de... de...

ZÉ BASÍLIO – Bois... Diga bois.

INÁCIO – Matamos centenas de bois que ficaram espalhados no quintal da fazenda até que descobrissem do que tinham morrido. Minha mãe morreu do

mesmo veneno. Isso fez com que seus olhos não se fechassem de nenhuma maneira e foi enterrada com os olhos abertos, virados pra essa casa.

ZÉ BASÍLIO – Isso é verdade?

INÁCIO – Não sei... Eu não sei, pai... Eu não sei...

ZÉ BASÍLIO – A mentira é uma erva daninha que depois de plantada não para mais de crescer.

INÁCIO – O senhor já disse isso.

ZÉ BASÍLIO – E é verdade?

INÁCIO – O senhor precisa descansar.

Inácio vai até o pai e tenta acompanhá-lo para fora de cena.

ZÉ BASÍLIO – Sua mãe nunca mais olhou em meu rosto. Viveu seis dias, ruminando na cama até morrer sem olhar nenhuma vez pra mim.

INÁCIO – Ela não estava bem. Estava grávida de um bebê morto.

ZÉ BASÍLIO – E o boi parado na porta, filho?

INÁCIO – Não existe boi nenhum pai. Nunca existiu boi nenhum nessa fazenda.

ZÉ BASÍLIO – E falávamos do que, então?

INÁCIO – De nada, pai. De nada.

O palco fica vazio, a luz vai baixando em resistência. Até o black-out final.

FIM

MESTRE LUZ

Texto de Edson José Marques Lustosa

Os PERSONAGENS

Homem de físico forte. Longos cabelos e barbas e negros, olhar penetrante, firme, fazem de Omar Khayam um homem que vence pela imagem. Exige muito do ator, pois seu texto mais parece o de uma comedia pastelão, só que a seriedade de Omar não estava no que ele dizia, mas na forma como ele dizia, às vezes as maiores besteiras até; mas com tanta seriedade, que convencia. Omar Khayam muitas vezes se utiliza de um tom colérico com o fim de intimidar seu interlocutor. Impostor por excelência, é um homem astuto, de raciocínio rápido, que confia bastante no seu discípulo Celso, a ele inclusive revelando coisas vedadas aos demais discípulos. Sua fala é pausada, com um bem leve sotaque estrangeiro, fala típica dos falsos gurus. Nunca se desmente, pelo contrário, emenda uma mentira a outra, seguindo desenfreadamente conforme lhe permite a imaginação. Coloca tudo como coisas simples, uma maneira de induzir os outros a acreditarem no que diz.

**Mestre Omar
Khayam**

Portuguesa. Idade de 54 anos. Cabelos grisalhos, amarrados para trás. Patética. “Uma perfeita imbecil”, como diz Omar Khayam, mas que pensa que é esperta e por isso, mesmo depois de descobrir ser ele um impostor, permanece a seu lado, na esperança de que ele resolva seu problema de herança. Ele então faz com que ela se apaixone por ele e explora seus últimos tostões.

Glória

Jovem (dezenove anos) idealista, com o natural entusiasmo da idade, aliado a uma credulidade meio infantil. É o “bom porém corruptível”. De expressão alegre, ar meio infantil em corpo meio adulto. Incapaz de fazer mal a alguém, usa do cinismo para convencer-se a si próprio de que é esperto; e também quando isso lhe é exigido por uma questão de sobrevivência.

Celso

Típico anarquista, homossexual-alternativo. Entrou na onda da seita, se arrependeu, caiu fora. Magro de fome, andar solto, pensa que é intelectual.

Personagem A

Sobrinho do anfitrião de Omar Khayam. É convencido por Celso a entrar para a vida de discípulo. Crédulo e bobo. É alto, cabeça tombada para o lado e usa óculos.

Personagem B

Moça do interior. Cabelos compridos em rabo-de-cavalo.

Personagem C

Mulher do interior, classe média alta. Personagem sem diálogo.

Socorro

Anfitrião de Omar Khayam, a quem cede a casa da irmã. Marido de Socorro, é homem de 45 anos aproximadamente. Representa o máximo de alienação pela seita. Aceita ver a mulher se entregar a Omar Khayam em um “exercício de troca de energia vital”. Usa óculos, cabelos untados, partidos do lado e puxados para trás, sempre molhados. Magro. Cara de alienado. **Joaquim**

Típica solteirona. Idade de 38 anos. Cacoete de girar a cabeça pro lado. Grandes óculos escuros, de armação extravagante. Grande franja cobrindo a testa. **Iracema**

Rapaz de 23 anos aproximadamente. Ligeiro sotaque carioca. **Irmão de Celso**

Alguns personagens podem ser feitos pelo mesmo ator. Os diálogos foram estruturados de forma a permitir isso.

CENA 01

Cenário

Quadro-negro ao lado de uma cadeira com almofadas.

Figurino

Mestre com bata preta, sandálias pretas e bastão na mão direita. Discípulos com bata branca e descalços. Personagem C com roupa comum.

Os atores entram em fila indiana, passando pela platéia e sobem ao palco. O mestre se senta e os discípulos ocupam as laterais, de pé. Silêncio.

MESTRE – Primeiramente quero dar, antes de mais nada, o meu boa-noite a todos aqui presentes neste encontro. E agradecer ao nosso irmão Joaquim por essa chance que está nos dando a todos, ao oferecer este espaço para a realização de nosso trabalho. Acredito que muitos dos senhores aqui presentes estejam neste local sem nem mesmo saberem o verdadeiro porquê de estarem aqui. Presumo que muitos tenham vindo buscando uma distração, um passatempo para suas noites ociosas. Talvez imaginando que isso aqui seja uma representação, um espetáculo de esoterismo. Devo portanto apresentar-me; e dizer-lhes que sou um dos únicos nove monges médicos no mundo todo, graduado em trinta e três ordens secretas, grão- mestre da Ordem Tântrica Zoística do Brasil e o único mago – não confundir com mágico – prático no mundo. Tudo que falo, faço. Não reconheço nenhum estudo sobre magia, seja magia simpática ou parassimpática, que não seja acompanhado da respectiva prática. Porque, afinal, tudo é magia. O fato de estarem aqui, por exemplo, é também magia. Tudo aquilo que nos cerca é magia. Para os senhores talvez não tenha explicação o fato de terem vindo até aqui esperando uma coisa e encontrarem outra totalmente diferente. Mas, para nós, hierofantes, isso é coisa banal. Tão simples quanto fazermos levitação ou caminhar sobre a água, coisa que já fiz diversas vezes. Hoje, no decorrer de nossa palestra, os senhores aqui terão a chance de ver com seus próprios olhos eu colocar algumas pessoas em letargia, ou seja, elas ficarão como se estivessem mortas. Verão que não é difícil. É tudo uma questão de concentração. Filho de pai marajá indiano riquíssimo e mãe baronesa alemã, larguei tudo aos quinze anos para ir para o Tibete estudar. Lá, passei mais de quinze anos caminhando até encontrar meu mestre; e mais trinta anos estudando até me tornar mestre. Certamente devem estar perguntando que idade tenho eu afinal. Tenho 68 anos, mas conservo esta aparência de cerca de 42, isso porque nós, os tântricos, não envelhecemos. Transcendemos o tempo e o espaço, limitações que só existem para os que não dominam os conhecimentos esotéricos. É muito comum também perguntarem: “Será que o mestre tem algum problema na perna? Ele anda de bengala.” Não, não tenho problema algum na perna. Isto que vêem em minha mão não é uma bengala, mas um bastão de monge suâmi, confeccionado na Malásia com chifre de rinoceronte. Todos nós, monges suâmi, temos que utilizá-lo em nossas

operações cósmicas. E, hoje ainda, vocês terão a oportunidade de ver com seus próprios olhos como funciona este bastão, que poderes ele tem. Eu pediria agora ao meu prezado discípulo que me trouxesse giz.

Levanta-se e põe-se a desenhar no quadro negro.

MESTRE- Todos nós, na verdade, não somos um, mas cinco; ou seja, temos cinco corpos no total. O primeiro deles é o que todos nós conhecemos: o corpo físico, constituído de matéria densa, resulta do desenvolvimento de um óvulo fecundado por um espermatozóide de origem paterna, que vai se desenvolvendo até se desprender do corpo materno e passar a ter vida independente. O segundo corpo que possuímos é o corpo espiritual, constituído de energia fluida. É o que podemos chamar de corpo perfeito, uma vez que não sofre alterações com o tempo. Alguns imbecis costumam falar em adotar uma certa conduta de vida para que o espírito evolua. Ora, o espírito não evolui. Ele já é evoluído por natureza. O corpo físico é que pode evoluir ou não. O espírito transcende nossas limitações do conhecimento material. Temos também um terceiro corpo, que é o que chamamos de corpo astral e que significa o lugar que ocupamos no espaço, ou seja, para existirmos ocupamos um certo lugar no espaço, este é, portanto, o nosso corpo astral. Há ainda o perespírito, constituído de energia densa, que é o que faz a união entre o corpo físico e o corpo espiritual. É ele quem armazena as informações do corpo físico e as transmite ao corpo espiritual e vice-versa, sendo portanto o elo entre estes dois corpos. E, finalmente, o duplo etérico, constituído de matéria fluida, que muitos dos senhores já devem ter visto, isto é, se possuem o hábito de passear pelos cemitérios à noite, coisa que eu adoro fazer – nunca fui perturbado por um morto! Aquilo, que alguns chamam de fantasma nada mais é que o duplo etérico ao se desprender do corpo físico. E a reencarnação? – muitos perguntam. Vamos, pois, ver como se dá a reencarnação nos diversos níveis. Vamos supor que de repente meu discípulo Celso morra – isso se eu não estiver por perto, pois perto de mim ninguém morre; e, se morrer, eu ressuscito. Mas vamos supor que ele morra, então eu falo com nosso irmão JOAQUIM – “Olha, vamos enterrar o Celso no pé daquela mangueira. Muito bem. Como na natureza nada se perde, mas tudo se transforma, a mangueira passa a aproveitar para si material orgânico do corpo do Celso que fora enterrado ali. Aí, vamos supor que a Dona Maria esteja grávida e comece a se alimentar do fruto daquela mangueira. Assim, quando o seu menino nascer, nós podemos dizer categoricamente que ele é de fato a reencarnação física do Celso. Já a reencarnação do corpo espiritual se dá pela ocupação de um corpo físico por um espírito que já esteve ligado a um outro corpo físico. No corpo astral, a reencarnação seria a reocupação por uma nova pessoa de um espaço deixado por uma pessoa ao falecer. O corpo físico tem como centro vital o coração, ou seja, cor e ação. Isso porque a cor vermelha é a cor da vitalidade. Aliás, cada cor tem um aspecto vibratório. Quando, por exemplo, uma pessoa morre –

vamos supor que seu João morra, então a dona Maria vai se vestir de preto, todas as pessoas vão se vestir de preto e ficar em torno do caixão, lamentando a morte do João. Ora, a cor preta é de péssimo aspecto vibratório, ela só aumentará o sofrimento, a lamúria dos que ali estão. Dona Maria deveria, na verdade, é se vestir de vermelho, amarelo, parar de chorar, cantar, sorrir, fazer alguma coisa que a levasse a esquecer o mais depressa possível a morte do João. E melhor terapêutica ainda seria arranjar outro João. Como eu disse, os senhores hoje terão a chance de ver com os próprios olhos como se faz um trabalho de letargia. Você, por favor, venha até aqui.

Aponta para o Personagem C na platéia. Ela vai até ele. Ele pede a Celso que se ponha atrás dela. Aproxima a mão de seus olhos e pede-lhe que os feche. Ao que aproxima o polegar do “terceiro olho” do Personagem C. Vibra um som com a boca, empurrando-a para trás. Celso a segura e a deita no chão. Pede da platéia um lenço para cobrir o rosto do Personagem C.

MESTRE- Eu gostaria que os senhores permanecessem em absoluto silêncio.

Acena para Glória, chamando-a. Faz o mesmo com ela. Fica em silêncio por alguns minutos.

MESTRE- Vejam agora como utilizarei o meu bastão de suâmi para transferir energia de um corpo para o outro.

Aproxima o bastão do corpo do Personagem C fazendo novamente o som com a boca.

MESTRE- Observem agora como seu braço esquerdo irá levantar.

O braço do Personagem C não se levanta de imediato.

MESTRE- Observem bem.

Então ele aumenta o som que faz com a boca e aproxima mais o bastão. O Personagem C levanta o braço vagarosamente.

MESTRE- Observem como ela sentirá agora uma forte dor no estômago. Quando sentir a dor, ela colocará a mão sobre o abdome.

Coloca a ponta do bastão no abdome do Personagem C e novamente aumenta o som que faz com a boca. O Personagem coloca a mão sobre o abdome. A mesma demonstração é feita em Glória, só que na cabeça.

MESTRE- Quando acordarem não se lembrarão de absolutamente nada do que aconteceu aqui. Vamos deixá-las dormir por mais alguns minutos.

Passa a mão na testa. Respira bem fundo como se estivesse muito cansado, mas logo prossegue com o discurso.

MESTRE- Na próxima vez, vou separar minha cabeça e vou deixá-la aqui falando, que não há mistério nenhum nisso. É tudo muito simples, matemático. Absolutamente simples. Vou também sair de meu corpo e encarnar em um de vocês aí da platéia, que ficará aqui no meu lugar fazendo a palestra para mim. Vão ver também que não há nada de misterioso nisso. Precisamos marcar um dia para irmos em grupo de quatro ou cinco caminhar sobre a água. Verão que é muito simples. Basta ter autocontrole e equilíbrio.

Aponta para a pessoa mais gorda da platéia.

E você está convidado a ir comigo caminhar sobre a água.

Enxuga a testa. Suspira.

Agora já podemos acordá-las.

Aproxima o bastão do rosto do Personagem C e pede ao Personagem A que lhe seja tirado o lenço do rosto. Pronuncia algumas palavras numa língua inventada e pede silêncio novamente. Pronuncia outras palavras e assopra fortemente em direção ao rosto do Personagem C, que acorda meio assustada e retorna ao seu lugar na platéia. Faz o mesmo com Glória. Senta-se novamente.

MESTRE- Como viram, sou um mago prático. O que eu falo eu faço. Infelizmente não posso demonstrar mais do que isso por hoje porque exigiria de mim um desprendimento de energia muito grande. E não posso ficar desprendendo em demonstrações a energia de que me utilizo para curas. Hoje, por exemplo, foi um dia em que atendi a mais de cinquenta pessoas doentes durante a tarde. Caso desejem aprender a fazer o que viram hoje aqui, é só me procurar e eu ensinarei, mas só para o bem... apenas para o bem... Quando um mestre fala, de mil que o ouvem cem o escutam, de cem que o escutam dez o seguem, de dez que o seguem um se tornará mestre um dia e passará a possuir os mesmos poderes. Portanto, quem quiser aprender é só me procurar que eu ensinarei: mas só para o bem. Apenas para o bem!

Sorri. Apaga-se a luz.

A passagem para a próxima cena deve ser imediata. Tempo apenas para que tire a manta. Já deve trazer por baixo da manta a roupa para a cena seguinte.

CENA 02

Cenário

Holofote num canto vazio do palco. Apenas Celso, o Personagem A e uma mochila no chão. O holofote deve ser suave.

Figurino

Celso com o mesmo anterior. Personagem A com bermuda até os joelhos, sandálias e camisa meio hippie.

CELSO – Vai mesmo embora?

PERSONAGEM A– Vou, cara. Não agüento mais. Que paranóia! Isso aqui parece que não combina comigo. É pior do que Hare Krishna. A gente tem que ficar trabalhando o tempo todo.

CELSO – Ele aqui aceitou você com todas as suas fraquezas.

PERSONAGEM A– Eu não sei até que ponto são fraquezas. Acho que eu tenho é que me impor e não me refugiar numa seita onde me toleram. E depois, bem, não é só isso. Eu conversei com o irmão daquela menina que ele botou em letargia, quer dizer, que ele disse que botou em letargia...

CELSO – Você não acredita no mestre?

PERSONAGEM A– Peraí. Escuta só. Ele me disse que ela falou em casa que estava ouvindo tudo e que não sentiu dor nenhuma no estômago.

CELSO – Ele pode estar justamente querendo ver como a gente se comporta diante da farsa.

PERSONAGEM A– Você acha realmente isso?

Celso vira o rosto. O Personagem A força Celso a encará-lo.

CELSO – Você tem dinheiro pra ir embora?

PERSONAGEM A– Eu me viro, pego uma carona, sei lá...

CELSO – Eu não sei até que ponto ele pode estar fazendo tudo isso de propósito, entende? Só pra ver qual é a reação da gente. Como se fosse uma provação...

PERSONAGEM A– Se é provação, então eu já estou reprovado.

CELSO – Você falou com ele?

PERSONAGEM A– Falei.

CELSO – E o que ele disse?

PERSONAGEM A– Que está certo. Que, se eu não quero mais ficar, é melhor mesmo eu partir, que nem todo mundo nasce pra levar uma vida resignada. E você?

Vai ficar?

CELSO – Já meti a cara, agora eu vou até o final. Quero ver em que vai dar tudo isso.

PERSONAGEM A– Você que sabe. Mas pensa bem, não seria medo de voltar.

CELSO – *(caçoando)*...medo de voltar...

PERSONAGEM A– Quando a gente mete a cara numa coisa assim, às vezes tem medo, vergonha, sei lá, de voltar atrás, de reencarar as pessoas, a família principalmente. Você já pensou nessa hipótese?

Celso fica pensativo.

PERSONAGEM A– Bom, cuidado, viu?!

CELSO – Eu sei me cuidar.

PERSONAGEM A– Sabe dum coisa? Ele até que é legal. Tem as pirações dele, mas no fundo é um cara legal. Mas essa portuguesa que ele arrumou aqui, vou te contar... é simplesmente intragável.

CELSO – Ah, a Dona Glória? Ela vai acabar espantando os clientes dele.

PERSONAGEM A– Aquela mulher é completamente neurótica. Só pode ser doida...

CELSO – ...doida por ele...

PERSONAGEM A– Você acha?

CELSO – Tá na cara. Não vê que ela não desgruda dele um minuto?

Silêncio.

CELSO – Você vai sair daqui como?

PERSONAGEM A– Vou pegar uma carona com o motorista do seu Joaquim. Ele tem que levar as crianças na escola.

Silêncio.

PERSONAGEM A– Tem certeza que você não quer ir?

CELSO – Tenho, tenho sim.

PERSONAGEM A– Você acha que vai agüentar ficar sozinho? É trabalho demais.

CELSO – Já estou providenciando um substituto pra você. O sobrinho do seu Joaquim.

PERSONAGEM A- Você também não é fácil...

CELSO – Sozinho que eu não fico. Além disso, bem, eu acho que botando o sobrinho dele na seita é a única maneira de fazer ele enxergar o que se passa aqui dentro. Falar é que não adianta. Do jeito que o pessoal está fanatizado, se a gente falar alguma coisa, acho que são capazes de trucidar a gente.

PERSONAGEM A- Pior que é mesmo.

CELSO – Vai lá, cara. Boa sorte. Assim que a gente voltar pra Belém, eu te procuro.

PERSONAGEM A- Boa sorte é pra você.

Personagem A pega a mochila e sai. A luz fecha em Celso pensativo.

CENA 3

Cenário

O mesmo. A uma certa altura, o holofote acompanha Celso e o Personagem B, que saem passeando por entre a platéia.

Figurino

Celso – o mesmo. Personagem B– calça, camisa e tênis.

CELSO – Veio cedo hoje...?

PERSONAGEM B– Vim ver se chegava a tempo pra meditação do amanhecer.

CELSO – Ah... Mas acho que hoje não vamos ter a meditação. É que o mestre foi dormir muito tarde ontem, ficou atendendo até de madrugada.

PERSONAGEM B– Ah... que pena!

CELSO – Não, não é uma pena. Seria uma pena se não tivéssemos feito nada pelos outros ontem. Aí sim, teríamos perdido o dia e seria realmente uma pena.

PERSONAGEM B– Mas vocês não ficam cansados?

CELSO – Vivemos para os outros. O que nos importa não é nosso cansaço, é o bem-estar dos que nos cercam. Além disso, nosso trabalho não é físico, é espiritual. É preciso abnegação, sim; mas nos sentimos compensados. O prazer maior não é o do corpo, mas o do espírito.

Põe a mão sobre o ombro do Personagem B e saem passeando por entre a platéia.

PERSONAGEM B– E o que você fazem no dia-a-dia?

- CELSO** – Basicamente o bem. Alguns exercícios de hata yoga, ginástica, artes marciais...
- PERSONAGEM B**– Artes marciais?
- CELSO** – Sim. Mas não nos aperfeiçoamos para lutar; lutamos para nos aperfeiçoar. Nada de violência.
- PERSONAGEM B**– Poxa! A vida que vocês levam é tão diferente da nossa.
- CELSO** – Mas está ao alcance de todos. Afinal, somos todos iguais em potencial. Há os que trabalham esse potencial e chegam a mestres, há os que preferem permanecer profanos e não têm coragem de optar por uma vida dedicada aos outros, a promover o bem. Estes serão julgados pela sua própria consciência e certamente vão se arrepender um dia. Já os que preferem seguir o mestre no caminho do bem viverão sempre em paz.
- PERSONAGEM B**– Eu tenho vontade de seguir o mestre, mas...
- CELSO** – A chama do amor cósmico acaba de se acender no seu coração. Não deve deixar que ela se apague. Converse com o mestre.
- PERSONAGEM B**– Será que ele me aceita?
- CELSO** – Converse com ele. *(sorri)*

Saem da cena. Acende-se imediatamente a luz no palco.

CENA 4

Cenário
Ashram itinerante (V. descrição).

Figurino
MESTRE – o mesmo. **Personagem C:** roupa comum. **Discípulos:** o mesmo. Todos calçados.

Mestre ofegante, ajeitando a manta e se arrumando sobre as almofadas. Personagem C ajeitando a roupa.

Personagem C se levanta e abre a porta, sai e dá de cara com Glória, que tem um copo de suco na mão.

PERSONAGEM C: O Mestre mandou chamar a senhora.

Glória olha desconfiada para o Personagem C. Entra e se senta sobre as próprias pernas, aos pés do Mestre.

MESTRE – Chame os outros discípulos, diga-lhes para virem até aqui.

Personagem C sai. Glória o olha o Mestre nos olhos e ele evita encará-la. Celso entra acompanhado do Personagem B, este também já devidamente trajado, e o Personagem C. O Personagem C evita encarar a todos.

GLÓRIA – Mestre, trouxe um suquinho de laranja para o senhor.

MESTRE – (Ainda bastante ofegante) Ah, obrigado, Glória. Mandei chamar a todos para comunicar-lhes que teremos em breve a festa do fogo. Provavelmente na próxima semana. Só estou esperando o nosso irmão Joaquim me trazer a madeira de sândalo que deve estar chegando por esses dias, da Índia pra cá as encomendas sempre demoram um pouco. Nesta cerimônia vou precisar de muita energia, por isso quero que você, Glória, me providencie por esses dias mais doze virgens. Pois, como sabem, treze é o grande número cabalístico.

Todos olham para o Personagem C, que baixa a vista, envergonhada.

MESTRE – Vamos realizar uma grande festa, idêntica às que vi no Tibete.

PERSONAGEM B – O Mestre já esteve no Tibete?

MESTRE – Claro, meu filho. E então onde foi que eu me tornei mestre? Passei quinze anos subindo a montanha em busca de meu mestre e mais vinte até me tornar mestre. Para depois ser preso e ficar cinco anos nos cárceres comunistas.

CELSO – O Mestre já esteve preso?

MESTRE – Diversas vezes. Essa humanidade é perversa.

CELSO – Mas o Mestre esteve preso acusado de quê?

Glória olha para Celso reprovando-o pela pergunta.

MESTRE – Ora, meu filho, vá cometer o bem. Pra essa humanidade não existe crime maior do que fazer bem. Já passei por diversas privações por causa disso. *(dirigindo-se ao Personagem C)* Você pode ir. Não esqueça de fazer os exercícios que lhe ensinei. Qualquer dúvida, estou aqui para elucidar. *(Personagem C sai)* Uma vez, subindo a montanha com alguns monges que estavam fugindo da prisão comigo, tivemos que comer fezes de cachorro para não morrer de fome!

CELSO – Por que o mestre não comeu o cachorro?

MESTRE – Não... o cachorro foi comido... só que depois.

GLÓRIA – Ai, Mestre, achei tão engraçado o jeito como o senhor falou “o cachorro foi comido”.

MESTRE – *(Dirigindo-se a Glória)* E qualquer dia você vai comer comigo. Vou preparar igual como eu aprendi em Pequim. Você vai ver que não vai lhe fazer mal nenhum. É bem melhor do que um enlatado desses por aí. *(Olha para Celso e pisca).*

GLÓRIA – Mestre, o senhor vai mesmo a Brasília amanhã?

MESTRE – Vou fazer o possível pra ir, é bem provável que eu me transmaterialize, não posso perder tempo com viagens. Aliás, quando olharem aqui no quarto e não me virem, não se assustem. Não há motivo para preocupação – ah, o Mestre desapareceu! A transmaterialização é uma das coisas mais simples, e que vocês vão aprender em breve. É pena que ultimamente não tenhamos tido muito tempo para nos dedicarmos ao estudo de esoterismo, de magia, de filosofia. Mas a partir da semana que vem acredito que estejamos mais folgados.

GLÓRIA – Ai, Mestre, eu esqueci a sopa lá no fogo. *(Levanta-se aflita)*

MESTRE – Calma, menina. O navio só entra no porto quando o mar está calmo.

Glória sai.

MESTRE – E então, como está se sentindo? Está gostando desta nova vida?

PERSONAGEM B– Estou sim. Mestre, quando vamos treinar artes marciais?

MESTRE – Breve, muito breve. Tão logo o espírito e a mente estejam afinados, começaremos a afinar o corpo.

PERSONAGEM B– Ah, Mestre, tem uma senhora lá fora que está com a perna toda ferida. Eu posso mandar ela passar na frente dos outros clientes?

MESTRE – Não, não. Diga-lhe que aguarde igualzinho aos outros. Aqui todos são iguais. Eu conheço esse pessoal. Eu sei de quem você está falando. Eu estou aqui dentro, mas estou vendo tudo o que está se passando lá fora. O que ela tem é um eczema, um eczema que ela mesma criou e alimenta. Isso aí, meu filho, sabe o que é? É gente que não quer ter saúde. Toda doença é sinal de uma falta cometida. Pergunte se ela quer um inhame cozido na água e sal? Garanto que vai dizer “Deus me livre”. Então Deus a livra de ter saúde. Agora, ofereça um torresminho com coca-cola pra ver se ela não quer. Então: morra! Eu é que não posso perder meu tempo com quem não quer ficar bom. E, depois, a mim não interessa ficar tratando de pobre, é um pessoal que não quer ter saúde. Esses miseráveis só me atrapalham. Não ganho nada tratando de pobre.

CELSO – Mas, mestre, ela talvez, justamente por ser pobre, não tenha recebido informação suficiente sobre alimentação, pra saber o que faz mal e o que não faz.

MESTRE – Não, meu filho, isso é conversa de comunista. Ponha uma coisa na cabeça: dinheiro é medida de valores. Isso no campo intelectual, porque no

campo espiritual a pobreza é sinal de um carma pesadíssimo. Essas pessoas têm é que sofrer mesmo, para se purificarem. Isto tudo é resultado dos erros cometidos ao longo das vidas passadas. Outra coisa que quero adverti-los é para as perguntas que sei que vão fazer-lhes lá fora. Não respondam nada. Qualquer coisa, digam apenas isso: “pergunte ao mestre”. Vão perguntar de onde me conhecem, se é verdade que tenho mais de uma esposa, onde nasci, onde moro...

CELSO – Mas, Mestre, e se insistirem com as perguntas?

MESTRE – Se perguntarem onde nasci, podem dizer que foi aqui na Terra mesmo. Quantas mulheres tenho? (sussurrando) Olha, lá em Belém ele tem cinco, mas eu ouvi dizer que tem mais de trinta pelo mundo. Digam assim, no ouvido da pessoa, que é pra notícia se espalhar. Sempre que quiserem que uma notícia se espalhe depressa, é só falar baixinho no ouvido de alguém, como se fosse segredo, que de repente a notícia se espalha. Digam assim, que é para confundir mesmo. Se perguntarem a minha idade, podem dizer que tenho mais de cem anos. Aliás, foi bom me lembrar disso, porque mês que vem é aniversário do meu mestre no Tibete. Quero ver se lhe faço uma visita.

PERSONAGEM B– Mestre, que idade tem o seu mestre?

MESTRE – Trezentos e cinqüenta anos. Mas nem comentem isso por aí, se não vão dizer que o mestre está louco e que vocês estão ficando loucos também. Aliás, muita coisa nem devem comentar por aí. Deixem os imbecis afogados na ignorância. Eu, antigamente, entrava no poço para tirar os outros, o que acontecia era que muitos, quando alcançavam a beirada e não precisavam mais da minha ajuda, me empurravam com os pés para dentro do poço novamente. Hoje em dia, eu passo, jogo a corda, quem quiser que segure nela e suba; me sacrificar pelos outros, nunca mais. Já me sacrifiquei muito por causa dos outros.

CELSO – A gente pode mandar entrar o próximo cliente?

MESTRE – Aguardem uns vinte minutos, enquanto eu descanso um pouco, e depois então mandem vir o próximo.

CELSO – Sim, senhor, Mestre.

Celso e o Personagem B saem. O Mestre arruma algumas coisas a sua volta, pensativo. A luz vai-se apagando até escurecer de todo.

CENA 5

Cenário

O mesmo.

Figurino

O mesmo.

Acende-se a luz. Mestre sentado como sempre.

MESTRE – Como está o movimento lá fora?

CELSO – Algumas pessoas estão um pouco irritadas com a demora.

MESTRE – Ora, mande-os à merda, meu filho. São cristãos. Não tenha pena de cristão, que nenhum deles presta. Essa humanidade é perversa. Eu conheço muito bem esses cristãos. Vêm aqui se tratar comigo e depois, quando ficam bons, vão agradecer a Cristo, como se quem estivesse aqui dando duro fosse ele e não eu. Mande todos à merda. Essa humanidade é podre. Só explora. Se eu pedir um favor a qualquer um deles, eu duvido que me atendam. Todo mago é explorado pelo povo. Todos os mestres são sugados pelo povo até o fim. Se eu tivesse que erguer um monumento a alguém, ergueria a Hitler, que matou mais de vinte milhões de pessoas. Todo genocida devia virar ídolo.

Silêncio.

O que você está achando de nosso novo discípulo?

CELSO – Acho que, com o tempo, ele vai melhorar. Só é um pouco emotivo demais. Ele vê uma pessoa doente, só falta chorar. Se a doença for grave, quer deixar passar à frente dos outros.

MESTRE – Infelizmente os defeitos dele não ficam por aí. Tome cuidado com ele. Observe bem se ele está recebendo doações das pessoas. Eu não quero um tostão, sou um mago. Tenho o direito que preciso na hora que quero. Mas não posso permitir que fiquem recebendo dinheiro em meu nome.

CELSO – Sim, senhor, mestre.

MESTRE – Ele ontem esteve aqui falando de você – o Celso passa o dia inteiro dormindo, não quer ajudar lá fora. Eu sei que não é verdade. Inclusive até tenho me preocupado com você, justamente por trabalhar demais. Queria que você, quando estivesse cansado, não se inibisse, viesse a mim e eu veria como organizar as coisas sem você. Mas você sabe como é. Ele não sabe me procurar pra outra coisa a não ser pra falar de você. Mas não se incomode. Eu sempre sei quem tem razão. E quanto a Glória, a mesma coisa. É uma completa imbecil. Hoje mesmo já veio aqui duas vezes se queixar de você. Diz que você vive contando piadas imorais e pregando sustos nela. Está querendo ir pra Belém comigo. Formiga quando quer se perder cria asa. Quantas pessoas, mais ou menos, há lá

fora?

CELSO – Umas vinte, vinte e cinco.

MESTRE – Deixe-as esperar. Chame lá o rapaz que vou ter uma conversa dura com ele.

CELSO – Sim, senhor, Mestre. (sai)

CENA 6

Cenário

O mesmo.

Figurino

O mesmo.

Personagem B entra. O Mestre gesticula mandando-o sentar.

MESTRE – E então? Como está lá fora?

PERSONAGEM B– Tudo bem.

MESTRE – Como está se sentindo em seu trabalho?

PERSONAGEM B– Ah, tudo bem. O Celso tem me ajudado bastante. Sempre que ele termina as tarefas dele ele vem me ajudar.

MESTRE – Mas cuidado! Quem vê cara não vê coração. Agora mesmo ele esteve aqui se queixando de você. Que você não faz nada, que passa o dia dormindo. Eu sei que não é verdade. Aliás, eu até me preocupo com você justamente por trabalhar demais. Eu sei como é duro organizar esses cristãos lá fora. Queria que você, quando estivesse cansado, não se inibisse, viesse a mim e eu veria como organizar as coisas sem você. Mas você sabe como é, ele não sabe me procurar pra outra coisa, a não ser pra falar mal de você. Parece ser um bom rapaz, mas não se iluda. Não se preocupe, eu sempre sei quem tem razão. Quanto a Glória, a mesma coisa. Vive aqui se queixando de você. Tome cuidado com os dois. Aliás, observe se Celso anda recebendo dinheiro das pessoas. Eu não quero um tostão. O que derem lá fora, podem ficar. Sou um mago. Tenho o dinheiro que preciso na hora que quero. Mas não posso de forma alguma admitir que um discípulo meu fique recebendo dinheiro em meu nome. Fique atento, sua função é observar.

PERSONAGEM B– Sim, senhor, mestre.

MESTRE – Não precisa ficar assim, não. Isso é comum na vida. Eu vou lhe ensinar como um homem deve se portar em meio à traição. Não se preocupe. Preocupar-se é pré- ocupar-se, ou seja, ocupar-se antes. Portanto, é uma

ocupação vazia, abstrata, imbecil. Apenas permaneça atento; e, qualquer coisa, venha a mim. E lá fora? Algum caso grave?

PERSONAGEM B– Tem uma senhora que está sentindo umas dores.

MESTRE – Diga ao Celso para ir ver o que é. Pode ser que esteja fingindo para passar à frente dos outros. Eu conheço as artimanhas desses cristãos.

PERSONAGEM B– Sim, senhor, mestre.

MESTRE – Chame Glória para mim.

O Personagem B sai.

CENA 7

Cenário

O mesmo.

Figurino

O mesmo.

O mestre se arruma para receber Glória. Glória entra. O mestre a abraça e possui. A luz vai-se apagando.

GLÓRIA – *(sussurrando)* Ai, mestre... ai, mestre...

CENA 8

Cenário

O mesmo.

Figurino

O mesmo para o mestre. Socorro usa roupa comum e Joaquim usa terno e gravata.

Acende-se a luz. Joaquim e Socorro estão sentados. O mestre, de pé.

MESTRE – E então, irmã Socorro? Tem feito os exercícios conforme eu mandei? Este problema do seu ouvido não será curado enquanto você não tiver uma boa distribuição energética no seu corpo. O que está acontecendo é que está havendo uma concentração maligna de energia vital em sua região perineal, deixando a parte superior de seu corpo, principalmente as laterais cranianas, completamente desenergizadas. E é isto que está lhe levando a essa surdez crescente. Mas eu vou curá-la. Isto é, se você

quiser realmente ser curada. Tem feito os exercícios?

Socorro não responde, baixa a cabeça.

MESTRE – Você, Joaquim, tem ajudado sua mulher a se curar?

Joaquim também baixa a cabeça.

MESTRE – Pois bem, muito bem. Tenho por ambos um grande apreço, mas devem reconhecer que não posso ficar me dedicando apenas a vocês dois. O caso de sua mulher requer um desprendimento muito grande de energia. Só hoje já atendi mais de trinta pessoas. Já me transmateralizei duas vezes pela manhã para atender dois casos. Uma em Brasília, da filha do embaixador da Indonésia, que por sinal é médico, mas que na hora do desespero leva a filha pra ser tratada por mim. E foi uma das pessoas que mais me combateu quando eu estive no país dele para tratar de mais de cinco mil pessoas de graça, sem cobrar nada. Nunca cobre um tostão por um tratamento.

Volta-se novamente para Socorro.

MESTRE – Então? Levante-se, venha até aqui.

Ela vai até o mestre.

MESTRE – Observe bem, Joaquim. Você deve repetir exatamente o que eu vou fazer. Preste bem atenção, pra depois não dizer “ah, o mestre não ensinou”. Socorro,ponha as mãos no meu ombro. Agora deslize seus braços sobre meus ombros até tocá-los com as axilas.

A luz começa a diminuir.

Mas sem afastar suas mãos do meu corpo. Isso! Agora coloque sua face esquerda encostada à minha. Isso, muito bem. Agora vá descendo a mão pelas minhas costas até alcançar a base da coluna. Muito bem. Agora venha trazendo as mãos para a frente. Aí! Agora faça pressão com as pontas dos dedos da mão direita em mim; e com os dedos da mão esquerda pressione sua região pubiana, depois entre as virilhas. Muito bem! Está vendo como a energia de seu corpo está praticamente toda concentrada nesta área? Continue pressionando. Isso.

Escuro total.

Agora que ambos os corpos estão energizados, vamos fazer um exercício para transferir energia do seu ponto vital para o meu.

Escuro total, apenas suspiros e gemidos.

Afaste bem os joelhos para que não haja interferência energética nesta região. Isso! Muito bem!

Acende-se gradativamente a luz. O mestre ajeita a bata. Socorro se ajeita. Socorro evita encarar o marido.

E então, Joaquim? Aprendeu? Por favor, não diga que não aprendeu que eu já não agüento mais. É muita energia que isso me rouba. E você sabe que eu preciso de energia para cuidar dos outros doentes. Pode ir, Socorro. Qualquer dúvida, não esqueça: a função do mestre é ensinar. Ah, por favor, chame nosso irmão Celso pra mim.

Socorro sai. Ao que Socorro abre a porta, repete-se o incidente com Glória, que quase cai. Glória olha Socorro de cima a baixo e encosta a porta, ficando fora.

JOAQUIM – Mestre, amanhã é seu encontro com o arcebispo e a palestra no Conselho de Educação. Eu precisava dos seus dados para compor o seu currículo, pra ser lido na abertura da sua palestra.

Joaquim tira do bolso um bloquinho e uma caneta.

MESTRE – Ah, sim, anote aí.

JOAQUIM – Eu vou ler aqui um pedacinho da apresentação pro senhor ver como é que ficou: “O Conselho Estadual de Educação, com muita honra, recebe hoje a visita de sua eminência o Grão Mestre da Ordem Tântrica Zoística do Brasil, Omar Khayam. Uma das maiores autoridades mundiais no conhecimento esotérico. Graduado em trinta e três ordens religiosas e membro de vinte e cinco academias científicas internacionais. Hierofante da Grande Fraternidade Rosacruz Cabalística. Grão- mestre da Maçonaria Egípcia, Rito de Memphis. Poliglota, conhece mais de quarenta idiomas. Homem de elevada cultura e conhecimento científico, Omar Khayam não poderia ficar oculto aos olhos da humanidade e das grandes instituições internacionais, daí o grande número de títulos e agraciações que recebeu, dentre eles o de Homem Enciclopédico Mundial, conferido pelo papa Paulo VI, como o homem mais culto do mundo. Aí eu ia discorrer aqui sobre os títulos que o senhor recebeu.

MESTRE – Ah, sim. Ponha aí também o de bacharel honoris causa da Universidade de Hyderabad, que eu recebi do Nehru, que era primeiro ministro naquela época. O de conde da Casa de Cagliostro, que aliás eu renunciei, mas é sempre bom botar, esses imbecis sempre dão valor a títulos de nobreza. O de membro vitalício da Academia Internacional de Ciências.

CELSO – *(entrando)* Mestre, o senhor mandou me chamar?

MESTRE – Onde estão aqueles vasilhames que eu pedi pra lavar?

- CELSO** – *(apontando)* Naquela sacola, mestre.
- MESTRE** – Quero que você os encha com esse preparado curativo. (Mostra um balde cheio.) Aliás, depois me lembrem, você e Glória, para eu preparar pra vocês também. É um ótimo revigorante...
- GLÓRIA** – *(entrando)* Mestre, eu trouxe uma agüinha de coco por senhor. Está geladinha.
- MESTRE** – Ah, muito obrigado, Glória. Ponha aí do lado da pirâmide pra conservar gelado.
- CELSO** – *(sentado, engarrafando)* Mestre, o senhor conhece aquele pessoal do Princípio Único, não conhece?
- MESTRE** – Claro, viviam me chamando pra dar aula de macrobiótica pra eles. Só que eu não posso largar meus trabalhos em Belém e ir dar aula pra eles em São Paulo. Só vim pra cá pra Goiânia porque foi a pedido do Joaquim e da Socorro, que são pessoas pelas quais eu tenho a mais profunda estima e consideração.
- CELSO** – Pois é, mestre. O pessoal lá do Princípio Único diz que não se deve tomar nada gelado porque cristaliza as toxinas no organismo.
- MESTRE** – *(rindo)* Ah, eles dizem isso, é? São mesmo uns imbecis. Cristaliza as toxinas, ora vejam só...
- CELSO** – Não é verdade, não?
- MESTRE** – Claro que não, meu filho. Se você for dar ouvido a todas essas escolas de macrobiótica, você acaba louco. Existe muito falso mestre por aí.
- JOAQUIM** – É... mestre, quais os outros títulos que o senhor recebeu?
- MESTRE** – Ah, sim, ponha aí: o de presidente de honra da Sociedade Internacional de Medicina Eterinária. Não confundir com veterinária...
- CELSO** – Mestre, o que é essa medicina eterinária?
- GLÓRIA** – Não interrompe o mestre. Que coisa!
- MESTRE** – Não... a função do mestre é ensinar. Eterinária é a medicina que se processa através de operações etéricas. Mas isso só se aprende no Tibete. Aqui no ocidente é coisa Praticamente desconhecida.
- CELSO** – Mestre, e no caso essa Sociedade Internacional de Medicina Eterinária, quem são os membros dela? Se ela só é conhecida no Tibete...
- MESTRE** – Ora, meu filho, o que mais existe por aí são magos tibetanos refugiados pelo mundo. A maioria com identidade trocada. Eu mesmo conheci diversos em Nova Iorque.
- CELSO** – O senhor já esteve em Nova Iorque?

- MESTRE** – Diversas vezes. Não só participando, como muitas vezes presidindo congressos.
- CELSO** – Mas o senhor não detesta os americanos?
- MESTRE** – Mas eu fui a convite da ONU, se dependesse dos americanos eu jamais iria; depois da campanha que fiz contra a coca-cola, até hoje me detestam por lá, o que pra mim é uma honra.
- GLÓRIA** – Ai, mestre, por que esse povo é tão perverso com o senhor?!
- MESTRE** – É o destino de todo mago.
- JOAQUIM** – *(escrevendo)* Presidente de honra da Sociedade Internacional de Medicina Eterinária...
- MESTRE** – E doutor honoris causa das universidades de Córdoba, Argentina; Catmandu, Nepal; Oxford, Sorbonne... aliás, Sorbonne não, esse eu me recusei a receber.
- CELSO** – O senhor se recusou por quê, mestre?
- MESTRE** – Em protesto contra o domínio francês na África.
- JOAQUIM** – Mais algum, mestre?
- MESTRE** – Comendador da Ordem do Mérito de San Martin, Espanha; cavaleiro grã-cruz da Confederação Bizantina das Ordens da Cavalaria Cristã; núncio apostólico do Dalai Lama para o Brasil... *(abre a maleta preta)* Eu tenho outros títulos aqui de que nem me recordo... ah, sim, duque de Adana – ponha aí – conferido pelo rei Timur I da Mongólia.
- JOAQUIM** – Acho que aqui já está bom, mestre. É só pra ler na abertura.
- MESTRE** – Ah, sim, e não esqueça de dizer também que eu já fui por diversas vezes convidado para ocupar cargos públicos, mas que recusei por preferir me dedicar aos pobres de todo o mundo. Minha pátria é a humanidade.
- JOAQUIM** – Vou acrescentar aqui.
- MESTRE** – *(bebendo)* Hum, esse coco estava bastante verde.
- GLÓRIA** – *(pensando que ele estava se queixando)* Foi esse Celso aí que tirou esses cocos, cada um mais verde que o outro.
- MESTRE** – Ah, ótimo! O ideal é que o coco esteja bem verde. A água fica mais doce. Aliás, deveriam tomar também bastante água de coco. É um ótimo rejuvenescedor *(olha para Glória)*. Eu, quando estive no Havai, passei cinco anos me alimentando só de coco.
- CELSO** – O senhor já esteve no Havai?
- MESTRE** – Claro, meu filho. Onde um navegador como eu já não esteve?
- CELSO** – Eu não sabia que o senhor já tinha sido navegador...

MESTRE – Já fui tudo na vida. Sei desde o que é comer ovos de andorinha em prato de ouro até comer feijão podre em folha de jornal.

CELSO – Onde foi que o senhor comeu feijão podre em folha de jornal?

MESTRE – Ora, quando estive preso na Ilha do Diabo, o que você acha que nos davam pra comer? Arroz integral com algas marinhas? Não, meu filho, era feijão podre mesmo, isso quando davam alguma coisa.

GLÓRIA – Mestre, hoje fiz uma sopinha de bardana especial pro senhor.

MESTRE – Ah, Glória, não precisava fazer comida pra mim. Você esqueceu que hoje é meu dia de jejum?

GLÓRIA – Ai, mestre, que pena! Mas eu posso guardar.

MESTRE – Não, dê para o Celso. Não convém guardar bardana de um dia para o outro.

Glória olha revoltada para Celso, que ri.

GLÓRIA – Então vai tomar logo a sopa que eu preciso da vasilha desocupada.

CELSO – Mestre, eu já terminei aqui.

Celso se levanta e sai.

MESTRE – Muito bem. Vá, vá almoçar.

JOAQUIM – Mestre, eu já vou indo então...

MESTRE – Vá, vá. Ah, Joaquim, depois eu quero conversar com você sobre o nosso projeto de abertura da Faculdade Livre de Ciências Metafísicas e Filometapsíquicas.

JOAQUIM – Eu já tomei as informações em Brasília. Nós vamos precisar do seu currículo para enviar ao Ministério junto com o projeto.

MESTRE – Ah, eles querem meu currículo, é? (ri) Não se preocupe, tão logo termine esse governo, as coisas ficarão bem facilitadas pra nós. O próximo presidente da República, inclusive, será membro da Ordem. Já está tudo encaminhado. Só espero que me dê um pouco de descanso e não fique como esses ministros aí, me perturbando a toda hora pedindo conselhos.

Joaquim sai.

GLÓRIA – Mestre, aquele meu problema da herança...

MESTRE – O que é que tem a herança, Glória?

GLÓRIA – Será que dava pro senhor ver pra mim?

MESTRE – Ora, menina, fique tranqüila. Pode deixar comigo. Ah, por falar nisso, no próximo sábado diversas pessoas serão batizadas na Ordem, dentre elas o desembargador Paulo Duarte; a Nanci, nossa cliente, e mesmo nosso irmão Joaquim. Não esqueça que ele é juiz, pode ficar tranqüila que tudo está encaminhado.

GLÓRIA – Ai, mestre, é que eu gostaria tanto de ter de volta minhas coisas que aquele desgraçado daquele procurador tomou.

MESTRE – E você vai ter de volta.

Glória se aproxima do mestre e ele a beija.

O mestre pede a Glória que o ajude a arrumar as almofadas em que ele se senta.

MESTRE – Ah, Glória, você por um acaso tem alguma peça de prata? Eu ia precisar de um cálice de prata para fazer alguns trabalhos.

GLÓRIA – Ai, mestre, de prata eu só tenho um faqueiro. Mas tenho uns cálices de cristal.

MESTRE – Serve, serve. Tanto a prata como o cristal têm o mesmo aspecto vibratório.

GLÓRIA – Ai, não, me lembrei: eu tenho um cálice de prata, sim; prata portuguesa até.

MESTRE – Amanhã então você vá a sua casa na cidade e veja o que pode me trazer. Aqui a gente vê o que vai precisar para a cerimônia. Faça um favor, Gl – mande entrar o próximo cliente.

A luz vai diminuindo até se apagar.

CENA 9

Cenário

O mesmo.

Figurinos

O mestre começa a cena com a mesma bata preta e depois a troca por uma roupa branca, calças e sandálias brancas, medalhão no pescoço. Usa cueca samba- canção.

Todos já em cena, acende-se a luz.

MESTRE – Meus prezados discípulos, mandei chamar a todos para elucidar alguns problemas que acredito estejam surgindo. É terrível para um mestre ver a

discórdia se disseminar entre seus discípulos. Isso faz cair sua credibilidade. Eu, uma vez, quando estava em Bombaim, vi discípulos de Rajneesh brigando. Então, que confiança posso depositar em Rajneesh? É por isso que reuni a todos: para que todas as dúvidas sejam elucidadas. Pediria a cada um que dissesse, aqui e agora, o que pensa, com toda a sinceridade, de cada um aqui presente. Você, Celso, o que pensa de Glória? Pode falar.

CELSO – Olha, mestre, o senhor vai me desculpar, mas...

MESTRE – Vamos, fale, não tenha medo.

CELSO – ...a dona Glória só pode ser louca. É esquizofrenia no duro.

MESTRE – Sim, prossiga. O que o leva a esse diagnóstico?

CELSO – Tem hora que ela trata a gente bem, mas tem hora que ninguém agüenta. Até os clientes já não suportam mais o jeito dela. O pessoal chega aí e já até evita falar com ela. Está espantando os clientes com esse jeito louco dela.

GLÓRIA – Louco é você, que fica o dia todo me perturbando com esse outro aí.

PERSONAGEM B– Olha, dona Glória, eu não queria falar, não; mas nesse ponto eu tenho que concordar com o Celso; eu sei que ele gosta de falar dos outros, mas a senhora...

Celso e Glória se dirigem simultaneamente ao Personagem B.

CELSO – Ah, eu é que gosto de falar dos outros? Qual é, meu irmão? Vê se você se manca. Vê se eu tenho cara de quem passa o dia inventando história dos outros.

GLÓRIA – Você não pode falar nada que você é novato. Você cala sua boca que é melhor!

PERSONAGEM B– Eu calo se eu quiser. O mestre mandou cada um falar o que pensa.

No que a discussão vai-se acirrando, o mestre faz sinal com a mão para que silenciem porque os outros podem ouvir. Não consegue esconder um sorriso. A discussão para.

MESTRE – Por favor, por favor... não briguem! Glória, por favor, faça-me uma massagem nos pés com aquele unguento.

GLÓRIA – Ai, mestre, que cheiro forte.

MESTRE – É banha de ornitorrinco que eu trouxe do Alasca. É ótimo para a circulação.

Glória aplica a banha.

MESTRE – Celso, por favor, traga-me um pouco d'água.

GLÓRIA – Ah, mestre, eu já trouxe as coisas que o senhor pediu.

MESTRE – É? E onde estão? Deixe-me vê-las?

GLÓRIA – Estão lá na cozinha. Celso, meu filho, dá pra você trazer aquela mala vermelha que está lá na cozinha?

CELSO – Ah, sim, senhora. Pode deixar que eu trago.

Celso sai.

PERSONAGEM B– Mestre, posso sair?

MESTRE – Claro, claro. Veja como é que estão as coisas lá fora. Diga que hoje não vou atender mais ninguém porque tenho encontro com o arcebispo.

Personagem B sai, Glória fica massageando os pés do mestre. Celso bate à porta.

MESTRE – Pode entrar.

Celso está trazendo o copo d'água e a mala.

CELSO – Está tudo aqui, mestre.

MESTRE – Celso, que remédio você deu para aquela senhora ontem? Você disse que já havia dado o remédio lá fora... Veja só, Glória. Ontem eu estava atendendo uma paciente, a porta do ashram já estava fechada, quando de repente escuto baterem à porta. Imaginei: não pode ser um discípulo, todos sabem que depois que começo a atender um paciente não posso ser interrompido. Tive então que projetar minha visão para além da porta, quando se revelou que era nosso discípulo Celso que estava ali. Mandei-o entrar. Tão logo a porta se abriu, olhei-o nos olhos e ele foi me dizendo que já havia dado lá fora para aquela paciente o remédio que eu havia mandado dar. Só que eu não havia mandado dar remédio nenhum...!

Surto de riso, que contagia Glória.

CELSO – Desculpe, Mestre. É que eu achei que ela estava inventando que estava passando mal só pra passar à frente dos outros. Tem cliente que às vezes faz isso pra furar a fila. Aí eu fiz uma mistura aqui e disse que o senhor tinha mandado dar aquele remédio pra ela. Fiz mal?

MESTRE – Não, não! Você fez muito bem. Ela não estava mentindo, ela realmente estava tendo uma crise de cólica menstrual. E o remédio que você deu fez

com que a crise passasse. Agora eu quero saber o que foi que você colocou nesse remédio milagroso, pois nós podemos vender essa fórmula.

Novo surto de riso.

CELSO – Ah, mestre... Eu pus o que tinha aí: um pouco de água com mel, sal, pó de café, limão, pimenta-do-reino...

MESTRE – Que mais? Que mais?

CELSO – Ah, um pouquinho de vinagre de maçã também... só isso.

MESTRE – Pois da próxima vez coloque mijo.

Celso ri.

MESTRE – Sim, é verdade, coloque mijo. Mijo de discípulo é um ótimo revigorante e analgésico.

Todos riem.

MESTRE – *(olhando Celso nos olhos)* Aliás, você está indo muito bem. Está começando a compreender a humanidade. Em breve chegará a monge. Está pensando o quê? A humanidade é para ser tratada a ferro e fogo. É assim que tratam os magos. Lá em Belém, só o Dr. Chara, aquele juiz que você conheceu lá na Ordem, comprou quarenta mil cruzeiros de mijo no mês passado. O Dr. Medeiros, a mesma coisa. Cristãos têm que sofrer. A esposa do Dr. Medeiros comprou três vidros de mijo, pra rejuvenescer. Eu ainda coloco os rótulos: dez dias, quinze dias, vinte dias. Quanto mais velho, mais eles gostam. Está bom, Glória. Já dá pra andar.

Glória pára a massagem. O mestre se levanta e troca de roupa, ficando em cena de cueca.

MESTRE – Glória, mostre-me o que você trouxe.

Glória abre a maleta e começa a mostrar talheres de prata, taças de cristal, o cálice de prata.

MESTRE – Ah, muito bem, vão servir sim.

O mestre se dirige a Celso.

MESTRE – Depois de amanhã devo ir até Belém para acertar alguns compromissos por lá, se você quiser aproveitar... devo passar uns três dias por lá.

CELSO – Ah, quero sim, mestre.

MESTRE – Hoje à noite vamos arrumar nossa bagagem. Vamos levar tudo. Quando voltarmos pra cá, iremos para outra casa. Ainda tenho esse encontro com o arcebispo católico para acabar de me atrasar. Tanta coisa pra fazer e ainda me arranjam encontro com arcebispo católico. O carro já está aí fora?

CELSO – Está sim, mestre.

MESTRE – Deixe-o esperar. Vamos ver se esse arcebispo tem cultura. Vou conversar com ele em latim e italiano. Vamos ver se é arcebispo mesmo. E se me der na telha vou falar em esperanto e sânscrito, vamos ver se ele tem cultura pra conversar comigo. Lá no oriente, pra eu chegar a arcebispo da Igreja Gnóstica, tive que aprender seis idiomas só pra poder estudar. Agora aqui, qualquer um chega a arcebispo da Católica com a maior facilidade. Celso, o que estavam comentando ontem dos remédios?

CELSO – O pessoal lá fora estava dizendo que os remédios são todos iguais. Teve uma moça que disse que o remédio que o senhor mandou ela tomar pros rins era igual ao que senhor tinha dado pra outra moça que estava com sinusite.

MESTRE – São uns imbecis. Não sabem que na homeopatia o que importa é a dinamização e não a fórmula. A fórmula é a mesma. Você pode ir a uma farmácia homeopática que você vai ver aqueles glóbulos todos iguais. O que varia é a dinamização. O remédio tem que receber energia até atingir uma frequência de vibração energética idêntica à da doença. Mas não adianta querer explicar isso pros leigos, esses imbecis nem vão entender. E isso não é nada. Querem que eu dê de graça. Como se o laboratório lá na Índia fosse só pedir que logo me mandavam tudo de graça.

Silêncio.

Bem, tudo em ordem. Podemos ir.

O mestre pega a maleta preta e o bastão.

GLÓRIA – Ai, mestre, como o senhor está bonito!

O mestre sorri. Todos saem. Escurece até apagar-se a luz.

CENA 10

Cenário

O mesmo (a mala fica em cena).

Figurinos

Mestre – bata preta. Glória – vestido. Celso – calça, camisa e tênis.

O mestre fala o tempo todo sentado nas almofadas, quase deitado, exausto, morrendo de sono.

MESTRE – Eu sabia, quando inventaram de eu ficar lá pela cidade pra dormir, eu sabia que não ia dormir. Essa humanidade é terrível. Só sabe explorar os amigos da verdade. Saberem que eu tinha que viajar hoje e ficarem me explorando até a última hora... sinceramente! Fizeram alguma doação, Glória?

GLÓRIA – Só cinqüenta mil.

MESTRE – Ora, cinqüenta mil... isso aí não dá nem pra eu pagar o que já estou devendo ao laboratório na Índia. Chego a contrair dívida para tratar dos outros, mas não reconhecem isso. Só querem me explorar. Celso, cuidado com as peças de cristal, é melhor forrá-las.

Celso passa a forrar as peças de cristal com as mantas e os lençóis. Faz isso com bastante prática.

GLÓRIA – Puxa! Olha só, mestre. O Celso parece até que já trabalhou em mudança. Você tem prática, né, rapaz?

O mestre pisca para Celso, que sorri.

MESTRE – A que horas sai o avião?

GLÓRIA – Às dez horas. Em que avião nós vamos, mestre?

MESTRE – O mesmo em que vim: o avião do governador.

PERSONAGEM B– *(entrando)* Bom dia, mestre.

MESTRE – Paz, muita paz.

PERSONAGEM B– Mestre, aquele tatu morto que eu achei lá na entrada da chácara, que o senhor mandou guardar, o que é que eu faço com ele?

MESTRE – Ah, sim. Vou precisar dele pra fazer um remédio pra uma menina que está com leucemia. Faça um favor, lave-o pra mim.

PERSONAGEM B– Mas é que ele está todo bichado.

MESTRE – Não tem problema, meu filho. Pode lavar que eu vou levá-lo.

PERSONAGEM B– Sim, senhor.

Personagem B sai.

MESTRE – Glória, por favor, prepare-me um pouco de cebola batida com alho no liquidificador. Coloque uma cebola e três cabeças de alho, mas não ponha mais nada, é só alho e cebola.

GLÓRIA – Sim, senhor, mestre.

Glória sai.

MESTRE – Esta imbecil está querendo ir pra Belém comigo. Azar o dela. Tomara que o avião pegue uma tempestade pela frente e caia um raio bem na cabeça dela. Uma idiota a menos no mundo! Só espero que aquele outro idiota não queira ir junto também.

Entra o Personagem B segurando tatu pelo rabo e nitidamente com nojo.

PERSONAGEM B– Olha, mestre, ele está todo bichado.

MESTRE – Ah, é só lavar.

PERSONAGEM B– Como é que eu lavo isso?

MESTRE – Com água. Tatu se lava com água. Você vai até o lavatório, abre a torneira e enfia ele embaixo. Não existe outro método.

Celso ri.

PERSONAGEM B– (*chateado*) Sim, senhor.

Personagem B sai. Celso e mestre riem. Glória entra com um prato e o leva em direção ao mestre.

MESTRE – Pode comer, Glória. É pra você. É um ótimo rejuvenescedor. Eu me conservo com essa aparência graças a isso. Se eu for dizer minha idade verdadeira, duvido que acreditem. Já deixo por 68 pra não dizerem que estou mentindo. Pode comer...

GLÓRIA – (*hesitante e resignada*) Muito obrigada, mestre.

MESTRE – Não, não tem o que agradecer. Você vai ver como eu vou lhe fazer ficar com aparência de trinta anos.

Glória come fazendo careta, mas sem reclamar. O mestre pisca para Celso.

MESTRE – Eu nunca devia ter ido à cidade. Sabia que iam me explorar. Cristãos, ainda não vi um que prestasse. Todos, canalhas. A começar pela minha mãe, que era cristã. Era não, é; porque ainda é viva.

GLÓRIA – Mestre, que idade tem sua mãe?

MESTRE – Cento e quarenta. Mas, você olha, parece uma menina de quinze anos.

GLÓRIA – E como é que ela se conserva?

MESTRE – É bruxa, minha filha. Toda bruxa se conserva. É uma feiticeira perigosíssima. Toda feiticeira se conserva.

CELSO – Mas, mestre, ela não é cristã?

MESTRE – E então, meu filho: bruxaria cristã é justamente a pior que existe.

CELSO – Ah, eu não sabia que existia bruxaria cristã também.

MESTRE – Não são tão poderosos como eu, mas são grandes feiticeiros também, só que para o mal. Os cristãos são terríveis.

Glória deixa pingar comida no chão.

GLÓRIA – Ai, será que vai manchar o assoalho?

MESTRE – Não se incomode, deixe manchar. A irmã do Joaquim, dona dessa casa, é uma freira, não esqueça. Cristão tem que sofrer. Depois me lembrem para, antes de irmos embora, cagarmos a casa toda. Vamos encher essas paredes de merda. Se vierem reclamar alguma coisa, eu mando à merda. Já mandei o presidente da República à merda uma vez. Vamos cagar a casa toda e deixar aí para esses filhos da puta limparem.

GLÓRIA – Ai, mestre, acho tão bonitinho o senhor falando palavrão.

MESTRE – Cadê o menino do tatu? Ainda não voltou? *(Celso ri)* Será que ainda não descobriu como é que se abre a torneira? Celso, vá até lá ver o que ele está fazendo. Diga-lhe pra pôr pra secar no sol.

Celso sai.

MESTRE – Glória, foi muito bom você ter decidido ir a Belém comigo. Vou precisar muito de você por lá.

GLÓRIA – Ai, eu não vou deixar o mestre sozinho nunca mais. Aonde o senhor for, mestre, pode contar que eu vou com o senhor.

MESTRE – Eu só não quero que você sacrifique seu lado para seguir comigo.

GLÓRIA – Ai, mestre, mas não é sacrifício algum. Imagina!

- CELSO** – *(entrando)* Ele já botou pra secar.
- MESTRE** – Ótimo. Quando estiver bem sequinho vou salgar e dar pra colocarem na sopa. Garanto que não vão ter coragem de recusar. Presente do mestre... Aquele parente do Joaquim, que tinha mania de mexer nas panelas não apareceu mais?
- GLÓRIA** – Ah, aquele sumiu, graças a Deus. Toda vez que chegava aí ia direto na cozinha.
- MESTRE** – É uma pena. Podíamos preparar uma sopa com esse tatu e deixar lá pra ver se ele comia. Uma vez, eu queria cuspir, não tinha onde; cuspi numa caixinha de fósforo, depois fiz um embrulhinho todo bonitinho, coloquei em cima de uma mesa e deixei. Um desses cristãos cleptomaníacos, a primeira coisa que fez quando viu aquele embrulhinho assim lá num canto dando sopa, foi roubar. Roubou cuspe, pra deixar de ser imbecil. Doutra vez, eu estava atendendo, queria mijar, não tinha como... É... porque eu não posso mijar. É por isso que eu mando vocês tirarem todo mundo de dentro de casa e fecharem as janelas toda vez que eu quero ir ao banheiro. Buda cagava, Maomé cagava, Confúcio cagava, Zoroastro cagava, o Papa caga, Moisés cagava... mas na Bíblia você não encontra uma passagem dele cagando. As pessoas acham que os grandes mestres não cagavam. Se me virem cagar, são capazes de perder a fé em mim. O menino do tatu não voltou mais, né?
- CELSO** – O senhor quer que eu vá chamá-lo?
- MESTRE** – Não, deixe-o pra lá. Para que eu quero aquele imbecil aqui? Só vai atrapalhar vocês. Continuem aí arrumando as coisas. Não quero chegar atrasado no aeroporto. Uma vez, quando estava voltando de um congresso em Nova Délhi, cheguei quatro minutos atrasado no aeroporto, o avião já tinha saído. O funcionário quis discutir comigo, eu só fiz dizer: olhe seu relógio! Ele olhou, ainda faltavam dez minutos para a hora de partida do avião. Fiz os ponteiros do relógio dele voltarem quatorze minutos. Aí queriam às pressas contactar o piloto pelo rádio, eu só fiz dizer: não precisa. Pedi licença, entrei no banheiro do aeroporto e me transmaterializei pra dentro do avião. O idiota deve estar até hoje me procurando lá dentro do banheiro.
- GLÓRIA** – Ai, mestre, ele deve ter ficado desconsertado.

*O mestre fecha os olhos, parece adormecer. Celso e Glória arrumam tudo.
Glória acorda o mestre, o Personagem B entra.*

- PERSONAGEM B** – Mestre, o que é que o senhor quer que eu faça na sua ausência?
- MESTRE** – Junte baratas. Vou precisar de muitas baratas pra fazer remédio pra asma. Não precisa ficar com nojo, não. Se você for a uma farmácia homeopática, vai ver lá: blata orientalis, que nada mais é do que barata do oriente, só que escrito em latim. Aí os imbecis compram achando até o

nome bonito. Junte quantas puder, quando eu voltar já venho contando com isso, para poder salvar muitas vidas. Aliás, eu nunca vi tanto asmático como aqui nesta cidade. Parece incrível. Bem ajude o Celso a levar as coisas daqui.

Depois que põem tudo pra fora, o mestre contempla por alguns segundos a sala vazia, como que verificando se haviam esquecido alguma coisa. Todos saem e apaga-se a luz.

CENA II

Cenário
Ashram (V. descrição.)

Figurinos
Os mesmos.

Acende-se a luz no ashram. Celso entra puxando o baú e o deixa próximo à porta. Sai novamente para pegar mais coisas. Escuta-se a voz do mestre se aproximando, conversando com Glória.

MESTRE – Pode ficar tranqüila, Glória, que eu vou curar essa sua dor nas costas. Deve ter sido a posição no avião. Eu, antes de ser mago, não podia fazer viagens longas, que chegava morto de dores nas costas. Depois foi que aprendi a dominar a dor, que, aliás, não existe: toda dor é apenas psicológica. Uma das principais coisas que um monge deve aprender é dominar a dor, ou melhor: dominar a mente, não ter dor nunca.

*O mestre ao entrar dá uma topada no baú que Celso deixara perto da porta.
O mestre grita de dor. Celso vem voltando.*

MESTRE – Que topada desgraçada!

GLÓRIA – Como é que você deixa o baú no meio do caminho, rapaz?

O mestre geme e se contorce de dor. Celso o olha desconfiado. O mestre logo vai se sentar e faz de conta que não está sentindo dor nenhuma.

MESTRE – Não, a culpa não foi dele. A culpa foi minha, que não olhei para onde andava.

Algum silêncio.

MESTRE – *(entregando os pontos):* Mas que topada desgraçada!

Silêncio. Todos se entreolham por breve instante.

Finalmente chegamos! Viagem cansativa. Nunca fiz uma viagem tão ruim. Vou logo avisar que só volto se for de carro. Aliás, Glória, depois quero que você veja uns carros pra mim. Faça um favor: compre o jornal e assinale todos os carros antigos e grandes. Esses carros modernos são uma porcaria. É bem melhor viajar de carro do que de avião. A gente aproveita, vai parando pelo caminho.

CELSO – Só que esses carros grandes geralmente gastam muita gasolina.

MESTRE – Ora, meu filho, gasolina não é problema. Onde eu chego a maçonaria paga.

CELSO – O senhor vai querer que a gente vá arrumando as coisas?

MESTRE – Não, não precisa. Podem deixar aí que depois eu mando outros discípulos arrumarem.

GLÓRIA – O mestre está cansado?

MESTRE – Exausto. Glória, depois me lembre para eu lhe dar o dinheiro do hotel. Como você vê, aqui o ambiente é pequeno. Chato é que estava contando com esse dinheiro para outras coisas.

CELSO – É, mestre, se a dona Glória quiser, ela pode ficar lá em casa. Sou só eu e o meu irmão mesmo...

MESTRE – Ah, então está aí. Está ótimo assim. Glória, você trouxe a lista de encomendas?

GLÓRIA – Trouxe sim, mestre.

MESTRE – Ah, muito bem. Depois eu quero que você telefone para essas pessoas. Ligue a cobrar lá da casa do Celso mesmo. Diga pra me enviarem o dinheiro. Estão querendo me passar pra trás. Querem que eu leve o remédio e depois fiquem lá me enrolando para pagar. Eu só tenho pena é das crianças, porque essas não têm culpa de nada. Por uma criança eu sou capaz de qualquer coisa. Você, Glória, você pensa que eu gostava de aturar aquele beócio do Joaquim com aquela imbecil da Socorro? Aquilo pra mim era um sacrifício. Viviam lá se queixando de vocês dois. A Socorro principalmente. Ora, o dia que eu não confiar nos meus discípulos, vou confiar em quem? Glória, vou precisar também de um outro favor seu. Lá perto da casa do Celso há uma ótima feira, eu queria que você comprasse algumas frutas. Anote aí: fruta-pão, jenipapo, abricó, abiu, carambola, lima-da-pérsia, banana-pão, cacau, graviola, ananás, nectarina, nêspira, romã... ah, compre também: taioba, couve chinesa, brócolis, alcachofra, alface crespa, couve-manteiga, repolho roxo, alho porró, espinafre, um molho de cheiro-verde, pimenta calabresa, alho roxo... Você pode comprar que depois eu acerto com você, a menos que você queira o dinheiro agora...

GLÓRIA – Não, mestre, que é isso? Depois o senhor me dá.

MESTRE – Pode pegar um táxi pra trazer essas compras que eu pago.

GLÓRIA – Ai, mestre, é tão bonito aqui. Quanto livro!

MESTRE – E tenho muito mais. Tenho uma casa lá no subúrbio cheia de livros. Já não dá mais nem para abrir a porta de tanto livro. Tenho livros que escrevi que até já me esqueci que escrevi. Este aqui, por exemplo, eu já ia lê-lo, depois é que me lembrei que foi escrito por mim. Este outro aqui, querendo adivinhar minha vida... *(mostra a biografia de Galileu)*

GLÓRIA – Galileu Galilei, mestre?!

MESTRE – Sou muito perseguido, minha filha. Quantas vezes pensavam que me matavam e eu tinha que aparecer com outro nome em outro lugar.

CELSO – Então o mestre tem mais de quinhentos anos?

MESTRE – *(piscando para Celso)*: Muito mais. E vocês vão chegar a essa idade também! Celso, pegue aquele livro pra mim. *(aponta)* Esse mesmo. Olhem aqui. *(abre o livro)* Estão vendo essa foto? Isso foi um mestre meu que uma vez, durante uma palestra, duvidaram dele. Ele tirou a cabeça e ficou segurando. Estão vendo aqui? *(mostra rapidamente a foto)*

GLÓRIA – Ai, mestre, depois queria ler esse livro.

MESTRE – Vamos ter tempo pra isso sim. Fiquem tranqüilos que agora vamos ter muito tempo pra estudar muita coisa. Celso, pegue aquele outro livro ali.

Quando Celso se vira, o mestre rapidamente esconde o livro que tinha na mão.

MESTRE – Olhe aqui, Glória – “Grandes Homens e Suas Grandes Obras”, este é pra você.

GLÓRIA – Ai, mestre, pra mim? Muito obrigada.

MESTRE – Aí você vai encontrar o resumo biográfico de diversos grandes homens. Inclusive o seu amigo aqui está aí também.

GLÓRIA – Ai, é mesmo?

MESTRE – *(antes que Glória abra o livro)*: Leve, leia em casa com calma.

Celso está olhando uma coleção.

Você gostou dessa coleção? Pode levar pra você.

CELSO – Ah, muito obrigado, mestre.

MESTRE – Bem, agora vou dormir direto, pra ver se recupero o sono perdido.

GLÓRIA – Mestre, quando é que a gente volta pra Goiânia?

MESTRE – Agora, só quando mandarem o carro nos buscar. De avião é que não vou mais. Aliás, Glória, telefone para o Moreira Marques, nosso grão-mestre adjunto, que é assessor do governador, e diga para mandar o carro com chofer nos buscar. Pode dizer mesmo que de outra forma não vou. E não esqueça de ligar para as pessoas que encomendaram remédios. Dinheiro, antes. Mande depositarem no seu nome, que assim você mesma recebe no banco. Vão, vão descansar. Amanhã eu os aguardo aqui às três horas.

CELSO e GLÓRIA – Até amanhã, mestre.

MESTRE – *(mãos juntas)*: Paz, muita paz!

Apaga-se a luz.

CENA 12

Cenário

O mesmo, mais a sala de espera (canto vazio com três cadeiras).

Figurinos

Os mesmos; Iracema usa vestido abaixo do joelho e com pouco decote.

Acende-se a luz no ashram e na sala de espera. O mestre está de pé, com o ouvido encostado à porta, ouvindo o que se passa na sala de espera. Celso e Glória estão sentados. Iracema chega.

IRACEMA – Quem são vocês?

CELSO – Meu nome é Celso.

GLÓRIA – Meu nome é Glória.

IRACEMA – Não, eu pergunto se vocês são amigos dele...

GLÓRIA e CELSO – Somos, claro...

IRACEMA – Mas... o que é que vocês são?

CELSO – Bem, eu sou estudante.

IRACEMA – Mas como é que vocês conheceram aqui?

O mestre abre a porta colérico:

MESTRE – Cale a boca, Iracema. Você é uma imbecil. Eu estava lá dentro meditando, mas estava captando tudo o que estava se passando aqui fora. Ouvi inclusive quando o rapaz falou que era estudante, porque realmente não sabia como responder sua pergunta imbecil.: “Quem são vocês? O que vocês são?” Entre aqui, Iracema.

O mestre puxa Iracema pelo braço e a faz sentar numa cadeira.

MESTRE – Você quer que eu a ajude. Mas você não quer ser ajudada. Sua mente está completamente imbecilizada, mas eu vou curá-la.

O mestre novamente abre a porta e manda que Celso e Glória entrem e sentem.

MESTRE – Muito bem, Iracema. Então você quer saber quem são esses dois. Mas vamos inverter. Vamos primeiro fazer com que eles saibam quem é você. Que você é uma imbecil eles já sabem. Eu já lhe falei, Iracema, eu só vou poder desimbecilizar sua mente a partir do momento em que você quiser deixar de ser uma imbecil. É por isso que você está sozinha. É por isso que homem nenhum lhe quer. Mas eu vou curá-la. Este seu cacoete, por exemplo, vai desaparecer. Isso é um sinal de sua hipertensão. Que, por sua vez, é resultado da repressão que você sofreu e que continua a sofrer por parte do canalha do seu pai, que não deixa homem nenhum se aproximar de você. Isto, porque na mente dele só deve haver uma palavra: sexo. Deve ser um desses doentes que só pensa em sexo. E então você já está com trinta e oito anos e permanece virgem, intocada. Mas diga a verdade, Iracema, (toca com o bastão a zona erógena de Iracema) você não sente uma gostosa tesão nesta sua boceta? O que foi? Está assustada? Sim, uma tesão, por que não? Ou, se você prefere que eu use outra linguagem: isso não lhe provoca uma excitação dos polímeros andromorfos que a conduzem a uma exacerbação da libido? O que no fundo vem a ser uma gostosa duma tesão. Vamos! Diga! Não minta! (colérico) Você tem coragem de mentir para um mago como eu? Tem, Iracema? Diga! Você não sente uma gostosa duma tesão?

IRACEMA – Sinto.

MESTRE – Então por que você não rompe esta virgindade imbecil de uma vez?

IRACEMA – Meu pai ia me matar.

MESTRE – Ah, então o problema é de polícia. Sim, porque se você convive com uma pessoa que lhe faz ameaça de morte, você tem que procurar é a polícia. Coloque esse canalha em cana, porque ele é que está impedindo de você ser feliz.

Silêncio.

Mas a sua história não pára aí, não é, Iracema? Conte para os meus discípulos o que aconteceu recentemente quando você teve coragem de procurar um homem. Vamos, conte.

IRACEMA – Bem, eu conheci um rapaz por um anúncio de jornal e aí a gente se correspondeu por algum tempo. Até que eu criei coragem e convidei ele pra ir a minha casa, que eu queria conhecê-lo pessoalmente.

MESTRE – Conte como você ficou no dia.

IRACEMA – Aí, no dia dele ir lá em casa, eu me arrumei toda. Fiquei nervosa desde cedo, ansiosa. Aí eu desci – lá em casa são dois andares – e meu pai, já na sala, me perguntou se eu estava esperando alguém.

MESTRE – E aí? Fale o que foi que você respondeu.

IRACEMA – Eu disse que não. Aí ele perguntou por que é que eu estava toda arrumada. Eu disse que era porque tinha dado vontade.

Celso ri, o mestre sorri e Glória ameaça um sorriso.

MESTRE – Mas e aí? Continue.

IRACEMA – Aí eu estava ansiosa, né? Eu queria muito vê-lo pessoalmente, a gente só se correspondia por carta, e, pela foto que ele tinha mandado, ele parecia ser bem bonito.

MESTRE – E aí? Prossiga.

IRACEMA – Quando eu vi que era ele que estava chegando lá no portão, eu subi às pressas e mandei a empregada ir dizer que eu não estava.

Celso e o mestre explodem em riso; Glória sorri; Iracema ri.

MESTRE – É uma perfeita imbecil! Então você se corresponde por um longo tempo, até que cria coragem e, depois, se esconde. Mas eu vou curá-la. Mas a primeira coisa, Iracema, é você se libertar desse canalha do seu pai. Saia de casa o mais breve possível. Você não é formada?

IRACEMA – Sou.

MESTRE – Não trabalha?

IRACEMA – Eu arranjei um emprego no Ministério da Fazenda, passei no concurso pra auditora fiscal, mas aí meu pai me disse que não queria que eu trabalhasse, que ele podia me sustentar.

MESTRE – Sim, porque sustentando você ele tem mais domínio sobre você. E você largou o emprego no Ministério?

IRACEMA – Quando veio a chamada eu nem compareci, eu fiquei com medo que ele fizesse alguma coisa.

MESTRE – Agora vejam vocês. Largou um emprego que tem milhões de pessoas querendo, com medo do pai.

Silêncio.

Venha cá, Iracema, levante-se. Agora me dê um beijo.

Iracema mantém o corpo afastado e apenas aproxima seu rosto do mestre.

MESTRE – Devo dizer-lhe que, em 68 anos de existência e 53 de monge e vagabundo, nunca tive uma doença venérea. Portanto não há por que ficar com medo de encostar em mim.

O mestre abraça forte Iracema e a beija.

MESTRE – Isso! Você tem que perder esse medo estúpido de explorar a sensualidade do seu corpo.

O mestre solta Iracema e com o bastão passa a tocá-la conforme o discurso seguinte:

Sete são os pontos principais de energia no corpo humano, chamados chacras. Este aqui, no alto da cabeça, onde os padres católicos costumam raspar o cabelo. Este outro, entre as sobrancelhas, que chamamos de terceiro olho e que as virgens indianas costumam cobrir com um sinal. Este outro, no pomo de Adão. Este aqui, no esterno, onde a Igreja Católica costuma colocar o coração nas imagens de Cristo. O outro, aqui no umbigo. O sexto, no púbis. E o sétimo, no cóccix. Toda a energia do corpo humano entra e sai por esses pontos. Eu pediria aos meus prezados discípulos que aguardassem lá fora novamente. O que tiveram hoje foi uma aula prática de psicologia oriental. Levem alguma coisa para ler. Você, Glória, leve o Manual das Bruxas. Quem sabe um dia você venha a se tornar uma bruxa; heim, Glória? *(sorri)*

CELSO – Mestre, posso pegar esse livro?

MESTRE – Claro, claro...

Celso e Glória saem. O mestre pega as mãos de Iracema. A luz diminui gradativamente até se apagar no ashram e fica acesa na sala de espera. Celso e Glória se sentam, abrem os livros. Celso lê silenciosamente. Glória se levanta e anda de um lado pro outro com o livro na mão. Olha para Celso, olha para a porta..

CELSO – Calma, dona Glória, o mestre não deve demorar.

Passa-se algum tempo, reacende-se a luz no ashram, Iracema sai cabisbaixa, Glória e Celso entram.

MESTRE – Estão vendo o caso dessa mulher? Já tinha estado aqui hoje pela manhã, mandei que voltasse à tarde. Chegou aqui morrendo de medo. Para fazê-la sentar e relaxar um pouco foi um custo. Tudo por causa de um pai canalha que a mantém prisioneira em casa. Trinta e oito anos e não sabia o que era um homem. Chegou aqui hoje toda desconfiada. Senti que estava duvidando de mim. Fiz um copo de água ferver na frente dela só com a força do pensamento. Ficou de boca aberta me olhando. Detesto

que façam perguntas a meus discípulos. Da próxima vez não respondam nada. Qualquer coisa, mandem perguntar a mim. Doutra vez foi a mulher do Dr. Medeiros, chegou aqui perguntando a todo o mundo se era verdade que eu curava, que era mago, se alguém sabia se eu tinha outro nome... Chamei-a lá fora, mandei que entrasse: “Venha cá, sua imbecil.” Dei-lhe um papel, uma caneta; e mandei que fosse anotando uma série de nomes. Ela: “Pra que isso?”. Eu: “Vá anotando!”. Mais de cem nomes e endereços, ela aí sentada escrevendo. Quando terminou, eu falei: isso é pra você perguntar dessas pessoas se é verdade que eu curo ou não. Quanto ao meu nome, quer saber? Espalhei minhas cento e quarenta carteiras de identidade sobre a mesa, cada uma com um nome. “Escolha aí, pode me chamar por qualquer um desses nomes. O nome não modifica o cheiro do perfume.” Nunca mais fez perguntas sobre mim. (silêncio) Olhe, Glória, deixe eu acertar com você aquelas compras. Quanto deu tudo mesmo?

GLÓRIA – Deu duzentos, mestre.

MESTRE – Ah, sim, está aqui, tome. Ah, Glória, eu vou precisar de que você me compre, quando andar pela rua, uns livros que estou procurando já há algum tempo. Anote aí: Maçonaria Simbólica, Princípios Ocultos de Saúde e Cura, Esoterismo – A Chave dos Mistérios, O Poder do Espírito, O Poder da Hipnose e o Mistério das Pirâmides Egípcias. Procure em Livrarias Especializadas, que é sempre mais fácil de encontrá- los. Deixe eu lhe dar o dinheiro... Ah, onde será mesmo que pus aquele dinheiro que chegou ontem?

CELSO – O senhor não pagou o laboratório com ele?

MESTRE – Ah, foi mesmo. Faça o seguinte, Glória – compre daí desses duzentos que depois eu acerto com você. A menos que você queira o dinheiro já. Eu posso dar um jeito aqui.

GLÓRIA – Não, não, mestre, que é isso? Depois o senhor me dá.

MESTRE – Então está bem, se você prefere assim...

GLÓRIA – Ah, mestre, eu queria fazer uma perguntinha ao senhor.

MESTRE – O que é, Glória? Pode perguntar.

GLÓRIA – É que eu estava lendo aquele livro que o senhor me deu, Grandes Homens e Suas Obras, aí eu queria saber com que nome é que o senhor está naquela enciclopédia.

MESTRE – Ah, menina, isso aí você vai descobrir. (sorrindo) Você está querendo que lhe dê tudo de mão beijada?

GLÓRIA – Ai, mestre, não dá pro senhor dar uma pista?

MESTRE – Não... você é que vai descobrir e vai me dizer aqui. Como é que estão as encomendas de remédios?

- GLÓRIA** – Eu passei no banco, até ontem ainda não tinham me mandado nada. Eu telefonei pro pessoal, disseram que amanhã vão depositar.
- MESTRE** – Assim que chegar, Glória, me avise. Hoje mesmo pela manhã recebi uma correspondência do laboratório, dizendo que os remédios já estão a caminho.
- CELSO** – Mestre, o senhor ainda vai querer alguma coisa por hoje?
- MESTRE** – Não, não. Podem ir. Glória, não esqueça de ver os livros que lhe pedi.
- GLÓRIA e CELSO** – Até logo, mestre.
- MESTRE** – Paz, muita paz.

Apaga-se a luz.

CENA 13

Cenário
O mesmo.

Figurinos
Os mesmos

Acende-se a luz na sala de espera e no ashram.

- GLÓRIA** – Ai, mas que será que o mestre está demorando tanto?
- CELSO** – Deve estar fazendo alguma transferência de energia vital.

Glória o olha repreendendo-o pela pilhéria.

- CELSO** – Eu, heim, dona Glória. Por que a senhora não assume logo? Vai dizer que a senhora não é candidata a sexta esposa do mestre?
- GLÓRIA** – E se eu fosse?
- CELSO** – Não tinha nada demais. Por isso mesmo é que eu acho que a senhora devia assumir logo.
- GLÓRIA** – Ah, mas você não é mesmo capaz de entender o que eu sinto pelo mestre.
- CELSO** – Talvez, se a senhora explicasse.
- GLÓRIA** – Ai, o mestre pra mim é tudo o que eu sempre pedi a Deus. Quando eu entrei pra Rosa Cruz, eu fazia lá as minhas preces, minhas obrigações, aí o que eu mais pedia é que eu queria ver o mestre, queria pelo menos uma

vez na vida ver o mestre. Até que um dia eu sonhei, vi direitinho o rosto do mestre. Quando ele foi a Goiânia da primeira vez, no que eu fui me consultar com ele, quando eu vi o mestre na minha frente, eu tive certeza: era ele. Direitinho como eu tinha visto no sonho. Aí eu prometi pra mim mesma que nunca mais eu ia largar o mestre. Eu me lembro que ele mandou colocar no livro de presença, do lado do meu nome, “aom”, uma cruz e “aom” novamente.

No ashram, o mestre arruma alguns livros pensativo. Enrola os dedos seguidas vezes na longa barba. Levanta-se e abre e a porta.

MESTRE – Olá, vieram mais cedo hoje? Podem entrar.

GLÓRIA e CELSO – Boa tarde, mestre.

MESTRE – Paz, muita paz.

Sentam-se todos.

GLÓRIA – Mestre, eu comprei os livros que o senhor mandou.

MESTRE – Ah, muito bem, Glória. Quanto foi tudo?

GLÓRIA – Deu trezentos.

MESTRE – Ah, sim, deixe eu lhe pagar logo. Tome cento e cinqüenta, depois eu lhe dou os outros cento e cinqüenta. A menos que você queira tudo agora.

GLÓRIA – Não, mestre. Depois o senhor me dá.

MESTRE – Olhe lá, heim, menina. Não vá se sacrificar por minha causa. Ah, Glória, eu ia precisar que você comprasse uns comprimidos, anote aí: Bio-sex, Revigorol, Floravital, Iodozil... é só esses quatro. Só que eu não tenho dinheiro agora.

GLÓRIA – Ah, mestre, eu já ia esquecendo, chegou dinheiro hoje no banco.

MESTRE – Quanto?

GLÓRIA – Somando tudo, uns quinze mil.

MESTRE – Só? Então quase ninguém pagou as encomendas.

GLÓRIA – É, até agora só uns seis pagaram.

MESTRE – Ora, quinze mil... Já estou devendo mais de cem mil ao rapaz do laboratório. Deixe esses quinze mil aí, que o rapaz ficou de passar por aqui hoje à tarde. Vou ver se ele aceita receber o resto depois. Faça o seguinte, Glória, compre os comprimidos daí desses cento e cinqüenta, que depois eu acerto com você, isto é, a menos que você queira receber o dinheiro agora.

GLÓRIA – Não, mestre. Depois o senhor me dá.

MESTRE – Então está bem. Mas não vá se sacrificar por minha causa.

CELSO – O senhor estava meditando quando a gente chegou, mestre?

MESTRE – Estava lendo uns jornais que falam de mim.

GLÓRIA – Ai, é mesmo?

CELSO – Posso ler, mestre?

MESTRE – Vamos ter tempo pra isso. Tão logo eu resolva este problema de Goiânia, vamos ter muito tempo para nos dedicarmos à leitura.

O mestre pega jornais, finge estar lendo notícias sobre ele. Logo que acaba de ler cada jornal, fecha-o rapidamente e o guarda em um local fora do alcance de Glória e Celso.

Estão vendo aqui? Um porta-voz do Ministério do Planejamento declarou ontem que o ministro Delfim Neto, ao ser indagado se a economia brasileira terá uma boa recuperação no próximo ano, declarou: “Esta pergunta só um homem pode responder: o conde Omar Khayam. (Pega outro) Este aqui fala de quando eu fui convidado para dirigir a Biblioteca Nacional. Ah, mas eu recusei. Nunca aceitei emprego do governo. Olhem este outro aqui: “Conde Omar Khayam indicado para o Prêmio Nobel da Paz.”

CELSO – Mestre, o senhor já tem uma previsão de quando volta pra Goiânia?

MESTRE – Agora vou ter que esperar chegarem as encomendas da Índia. Por falar nisso, Glória, o Joaquim ou o Moreira Marques já telefonaram dizendo quando é que vão mandar o carro?

GLÓRIA – Ainda não, mestre.

MESTRE – Pra você ver. Depois, querem que eu fique lá um mês, dois, não posso. Só o tempo que eu já estou perdendo aqui,ilhado, por causa deles... E quanto às encomendas de remédios, avise às pessoas que, mesmo que eu não vá agora, eu despacho pelo correio.

CELSO – Mestre, eu já vou indo. O senhor vai querer alguma coisa de mim?

MESTRE – Não, não... O que eu precisar Glória faz sozinha.

CELSO – Até logo, mestre.

MESTRE – Paz, muita paz.

Celso sai.

GLÓRIA – Está vendo, mestre? Que desaforo! Diz que vai embora e sai assim.

MESTRE – Essa juventude é assim mesmo.

- GLÓRIA** – Mestre, aquele meu problema da herança...
- MESTRE** – Fique tranqüila, Glória. Telefone para o Paulo Duarte, desembargador, e diga: “o mestre Omar Khayam mandou o senhor o senhor ir a Caldas Novas, falar pra juíza dar sentença favorável a mim”. Pode deixar que tudo vai voltar pra você.
- GLÓRIA** – Ai, mestre, eu já não vejo a hora de ter minhas coisas de volta.
- MESTRE** – E você vai ter. Pode ficar tranqüila que você vai ter.
- GLÓRIA** – Ai, mestre, eu queria lhe contar umas coisas lá da casa do Celso.
- MESTRE** – Depois conversamos sobre isso.
- GLÓRIA** – O senhor é que sabe. Mestre, o senhor quer que eu arrume esses livros?
- MESTRE** – Não, não precisa, Glória. Por incrível que pareça, estão arrumados. Não estão nas prateleiras, mas estão arrumados. Sei exatamente onde está cada um. (Segura as mãos de Glória) Eu preferia que você ver se encontrava os comprimidos. O Bio- sex, principalmente. (Beija-a na testa). Amanhã nós conversamos com calma.

Glória sai. Apaga-se a luz.

CENA 14

Cenário
O mesmo.

Figurinos
Os mesmos

Acende-se imediatamente a luz na sala de espera e penumbra no ashram. Na sala de espera, Glória caminha de um lado pro outro. No ashram, o mestre conta dinheiro e depois esconde dentro das páginas furadas de um livro. O mestre abre a porta.

MESTRE – (*friamente*): Olá, Glória, entre

Glória o beija no rosto, mas ele permanece frio.

GLÓRIA – Mestre, todo mundo já pagou suas encomendas.

MESTRE – (*anima-se*): Ah, já? E quanto deu tudo?

GLÓRIA – Cento e vinte mil.

MESTRE – Ah, felizmente. Exatamente de quanto vou precisar.

- GLÓRIA** – Está aqui, mestre. *(entregando-lhe o dinheiro)* Mestre, eu comprei os comprimidos. Foi quatrocentos e vinte.
- MESTRE** – Ah, sim, deixe eu lhe pagar logo então. Só que eu não queria desfalcar esse dinheiro.
- GLÓRIA** – Depois o senhor me dá. *(Toca os pés do mestre com seus pés)*
- MESTRE** – *(puxando os pés pra trás)*:Se você prefere, então melhor assim. Depois fazemos uma conta só.
- GLÓRIA** – Mestre, sabe que eu tenho observado o comportamento do Celso? Eu não sei, não...
- MESTRE** – O que é que tem o Celso, Glória?
- GLÓRIA** – Bem, ele fica falando pra todo mundo coisas que não devia falar.
- MESTRE** – Que tipo de coisas?
- GLÓRIA** – Fala que o mestre tem várias esposas, que isso é normal aqui na ordem, que o sexo na ordem é livre. Se é o irmão dele, então... este fala na cara dele que não acredita no mestre, que este mundo está cheio de guru por aí. Eu não queria falar, pra não parecer que eu quero mal a ele, que estou aqui para criar intriga. Mas é que, o senhor sabe, eu acho que o mestre deve estar ciente de tudo que se passa, não é?
- MESTRE** – Você fez muito bem em me dizer, da próxima vez proceda da mesma maneira.

De penumbra passa-se a escuridão total no ashram.

CENA 15

Cenário

Casa de Celso (canto vazio, com mesa, cadeiras e telefone).

Figurinos

Os mesmos

Celso, sentado à mesa, estuda.

- IRMÃO** – Ô Celso, vê se dá um jeito nessa portuguesa, cara. Tá me ouvindo? Ô Celso!
- CELSO** – Estou, eu vou falar com ela.
- IRMÃO** – Ainda? Pensei que já tivesse falado. Anteontem você disse a mesma coisa.

CELSO – É que não deu, mas eu vou falar.

IRMÃO – Manda ela ir à luta, ir lá pra casa dele, sei lá.

CELSO – É, eu vou falar.

IRMÃO – Papai ligou pra cá ontem. Ela atendeu. Ele ficou querendo saber quem era ela.

CELSO – E aí? O que você disse?

IRMÃO – Pra tirar por menos, eu disse que era a arrumadeira.

Celso suspira aliviado.

Mas vê bem, heim Celso. Eu não vou ficar botando pano quente não. Vê se você se livra dela essa noite ainda.

CELSO – Hoje à noite, não. É sacanagem. Está chovendo.

IRMÃO – Sacanagem é ela querer transformar isso aqui em quartel general do Omar Khayam. Se fosse pelo menos brotinho, ainda ia lá... mas maior velha escrota...

Você é gozado, primeiro você vem com um papo de que ela é cheia da grana, que você só está esperando pra ver o lance da herança dela, que já está sendo liberada, não sei o que mais... Agora a mulher está aí, dura. Você continua paparicando, então você tem mais esperança no Omar Khayam do que ela. Você ainda acha que ele vai resolver o problema da herança?

CELSO – Ele vai resolver.

IRMÃO – Pô, você acredita mesmo no cara, heim?

CELSO – Não é que ele tenha poderes. É que ele é bem relacionado. Ele é grão-mestre da maçonaria.

IRMÃO – Ou pelo menos ele diz que é.

CELSO – Bom, aí eu não sei, só sei que lá em Boa Vista todo maçom que ia falar com ele tratava como ele sendo grão-mestre. É por isso que ele arma, mas sempre se dá bem.

IRMÃO – Se ele se dá bem, é porque alguém se dá mal no lugar dele. Acho que você devia se afastar enquanto é tempo. Observa que o dinheiro lá de Roraima está vindo no nome dela, não é?

CELSO – É. Isso é.

IRMÃO – Então, cara, qualquer processo que moverem, só vão ter provas contra ela. O nome dele nem aparece. Você vai ver só. Eu duvido que ele volte a Boa Vista. E ela, se voltar, vai se ferrar. Ontem telefonou pra cá uma cliente dele, dizendo que o irmão dela, que se tratava com ele, morreu.

Eu falei pra dona Glória hoje de manhã. Ela não comentou com você?

CELSO – Não, não... estranho.

IRMÃO – Qual é a dessa velha, heim? Ela ainda não se mancou que ele não quer nada com ela?

CELSO – O caso dela é estranho. Parece que ela entrou pra ordem acreditando piamente nele. Depois eu acho que ela foi sacando algumas coisas, só ficou esperando o lance da herança. Mas acho que nesse meio tempo ela foi seapaixonando por ele. Quando a gente veio de Goiânia, ele nem queria que ela viesse. Mas ela é demais. Veio só com esse vestido. Largou o emprego que tinha lá num clube, largou tudo. Não sei, tem horas que eu acho... acho, não; só pode ser isso, ela ainda acredita nele. Eu tenho medo de falar, medo dela enlouquecer, sei lá. Ela não está preparada pra receber a verdade de cara. Não sei como é que eu vou fazer.

IRMÃO – Bem, eu vou indo. Amanhã eu ligo pra saber como é que foi. Se o papai ligar pra cá, diz que eu fui dormir fora. Tchau.

CELSO – Tchau.

Apaga-se a luz em Celso e acende-se a luz em Glória, que caminha de um lado pro outro com o telefone na mão.

CENA 16

Cenário
O mesmo.

Figurinos
Os mesmos.

GLÓRIA – Alô, eu queria uma ligação a cobrar para 2863485, é Boa Vista, Roraima. Aqui é da parte do mestre Omar Khayam.

Silêncio. Telefone toca.

Alô, o desembargador Paulo Duarte, por favor. Alô, doutor Paulo Duarte, aqui é Glória, discípula do mestre Omar Khayam. O mestre mandou dizer pro senhor ir a Caldas Novas, falar com a juíza que está cuidando do meu caso, pra ela dar parecer favorável a mim. É só, obrigada, bom dia.

Desliga o telefone. Consulta a agenda.

Ai, deixa eu ver quem é o outro pra telefonar. Ah, está aqui. Alô, eu queria um telefonema a cobrar para 2568566, é Goiânia, aqui é da parte

do mestre Omar Khayam.

Silêncio. Telefone toca.

Alô, doutor Moreira Marques? Como vai o senhor, tudo bem? Aqui é a Glória, do mestre. Olha, ele mandou dizer pro senhor avisara as pessoas que fizeram encomendas, que ele vai demorar mais um pouco aqui porque tem que resolver uns problemas, mas que, tão logo os remédios cheguem, ele despacha praí. É só, bom dia, até logo.

Glória coloca o telefone sobre a mesa. Celso está sentado à mesa. Glória consulta novamente a agenda.

Ai, ainda tem o Joaquim pra telefonar, mas não me lembro se eu tomei nota do telefone dele. Ai, achei. Vou ligar logo...

CELSO – *(agarrando o telefone):* Não! A senhora não vai mais dar telefonema nenhum daqui.

Celso tem expressão de louco.

GLÓRIA – Por quê, rapaz?

CELSO – Porque a senhora vai embora agora. E não tente ficar, porque eu tenho poderes para destruí-la apenas com a força do pensamento.

GLÓRIA – Olha, Celso, vê bem o que tu estás fazendo. Tu vais te arrepender, rapaz.

CELSO – *(sorrindo como louco):* A senhora vai embora agora!

GLÓRIA – Olha, está bem. Tu já disseste, não vais precisar repetir.

CELSO – Vamos! Saia daqui agora! A senhora pensa que eu não sei que a senhora vive querendo me destruir? Porque a senhora é uma imbecil, não vê que não pode destruir um mago como eu.

Celso fala olhando nos olhos de Glória, que caminha para trás.

GLÓRIA – É, o mestre se enganou contigo, tu é um ingrato. Ele depositava tanta confiança em ti.

CELSO – Fora! Não quero mais ouvir sua voz! Fora daqui!

GLÓRIA – Tu vais te arrepender.

Glória recoloca a agenda dentro de uma bolsa de mão e pega uma sacola de supermercado já com algumas coisas, dentro da qual coloca a bolsa de mão e um chulé que estava estendido no encosto da cadeira. Glória sai andando por entre a platéia. Celso, de frente para o público, olha para Glória saindo e tem pena. As expressões faciais são de vital importância.

Tão logo Glória tenha alcançado certa distância do palco, tem início a gravação. Celso se senta

novamente à mesa. Abre o livro, tenta ler, mas não consegue. Fica pensativo.

GRAVAÇÃO: Toca o telefone.

CELSO – Alô.

MESTRE – Alô, Celso?

CELSO – É ele.

MESTRE – Celso, aqui é o mestre. Tudo bem?

CELSO – Oi, mestre. Tudo bem.

MESTRE – O que houve com Glória?

CELSO – Ah, mestre, o senhor me desculpe, mas é que não dava mais. Eu conversei com ela, tentei explicar a situação, mas ela ficou nervosa, não quis ouvir, disse que ia embora daqui, que já estava cheia das situações que o senhor criava.

MESTRE – É, infelizmente Glória é uma pessoa de gênio difícil, não é muito fácil conviver com ela.

CELSO – Pois é, mestre. Eu ainda fiz o possível pra ela ficar, pra falar com o senhor antes... Afinal, pra onde ela iria? Ela não conhece ninguém aqui. Mas não adiantou. Ela disse que eu tinha me aliado a sua esposa pra que ela se afastasse do senhor, mas que eu ia ver do que ela era capaz sozinha.

MESTRE – Ela disse isso, é?

CELSO – Disse coisas piores... Não gosto nem de lembrar o que ela falou. Ofendeu tanto sua esposa, o senhor, meu irmão, todo o mundo...

MESTRE – Eu vou curá-la.

CELSO – É, mestre. Eu acho que ela é digna de pena. Ela está hospedada onde?

MESTRE – Na casa dela mesmo. Pelo menos eu creio.

CELSO – Como? Não entendi.

MESTRE – Eu mandei ela voltar pra Goiânia, pra ir adiantando os trabalhos por lá.

CELSO – Ah... entendo.

MESTRE – Mas quando você aparece aqui para conversarmos?

CELSO – Essa semana eu vou viajar. Acho que só vou poder vê-lo depois que o senhor voltar de Goiânia novamente.

MESTRE – Não, eu não vou mais para Goiânia.

CELSO – Como?

MESTRE – O que tem que ser resolvido por lá Glória resolve sozinha. As pessoas que fizeram encomenda vão se entender muito bem com ela. Eu estarei acompanhando a distância.

CELSO – Ah, sim, entendo.

MESTRE – Então, fico aguardando sua visita

CELSO – Assim que eu puder, irei vê-lo. Só que, infelizmente, talvez isso demore um pouco.

MESTRE – Venha sim, temos muito a conversar.

CELSO – Até lá, então, mestre.

MESTRE – Paz, muita paz.

CELSO – Obrigado, mestre.

CENA 17

Cenário

Sala de espera e ashram.

Figurinos

Os mesmos.

Paralelamente a Celso pensativo e à gravação, o ashram se ilumina gradativamente. O mestre mexe em alguns livros.

Tão logo terminada a gravação, apaga-se a luz em Celso e em casa, para acender-se nele já na sala de espera.

Celso bate à porta do ashram. O mestre se aproxima da porta. Exatamente aí, acende-se gradativa e rapidamente a luz na sala de espera.

MESTRE – Quem é?

CELSO – Meu nome é Celso. Eu recebi um telefonema de um discípulo dizendo...

MESTRE – Ah, já sei. Aguarde um minuto.

O mestre observa pelo olho mágico quando Celso se senta. Então roda o tricô da porta, deixando-a meio entreaberta, e corre e senta em sua cadeira.

MESTRE – Entre.

Celso ao entrar olha intrigado atrás da porta, como se estranhando tivesse ela se aberto sozinha.

MESTRE – Paz, muita paz. Meu nome é Omar Khayam. Sou grão-mestre da Ordem Tântrica e Zoística do Brasil, monge suâmi, único mago prático no mundo. Tenho dezoito diplomas de cursos superiores, que só não uso em substituição ao papel higiênico porque uso água. De nada me valeram esses diplomas. Sou antes de tudo um vagabundo. Sim, tudo o que aprendi foi como vagabundo pelo mundo. Conheço noventa e dois países, falo trinta e quatro idiomas e setenta e dois dialetos, sou monge da Igreja Gnóstica e da Igreja Copta, além de graduado em mais de vinte sociedades e grão-copta da Maçonaria Egípcia, Rito de Mênfis. Curo qualquer doença, sem cobrar nada. Sou um mago. Tenho o dinheiro que quero, na hora que quero. Sou décimo dan em aikidô e tae-kwon-dô. Sou mestre de jiu-jitsu, judô, karatê e kung fu. Soube que você é um dos organizadores de um grupo de jovens. Que tipo de trabalho desenvolvem?

CELSO – Bem, nosso trabalho é de conscientização política...

MESTRE – Ah, sim, muito bem. É importante que o jovem se interesse por política. Mas é importante que domine, além do conhecimento social, o conhecimento do ser humano, na sua individualidade. E esse conhecimento só pode vir daquele que criou o ser humano, ou seja: Deus. E a função do mestre é transmitir esses conhecimentos.

Silêncio. Celso olha os livros, contempla as estantes.

CELSO – O senhor já leu isso tudo?

MESTRE – Muito mais... Isso é apenas uma pequena parte dos meus livros. Você precisa conhecer minha biblioteca.

Silêncio.

Mais alguma pergunta? Pode perguntar o que quiser, sinta-se à vontade. Algum problema de saúde?

CELSO – Bem, eu não tenho, não; mas minha mãe tem.

MESTRE – Pode trazê-la aqui que eu não cobrarei nada.

CELSO – Ah, mas ela não mora aqui, mora distante.

MESTRE – Então vamos ver o que ela tem.

CELSO – Ela tem um problema na perna, que...

MESTRE – Vamos ver, vamos já ver. Segure este bastão com as duas mãos.

O mestre dá a Celso um bastão redondo, que este segura nas pontas.

MESTRE – Concentre-se.

O mestre passa os dedos sobre o bastão.

MESTRE – Pronto, pode parar de se concentrar. O problema que sua mãe tem é um fungo alojado na epiderme, que provoca um certo escurecimento na região, além de algumas dores não muito frequentes.

Celso se espanta com a exatidão do diagnóstico. O mestre sorri.

MESTRE – É a primeira vez que conversa com um mestre shaolin?

CELSO – O senhor...?

MESTRE – Filho de pai marajá indiano riquíssimo e mãe baronesa alemã, larguei tudo aos quinze anos para sair pelo mundo peregrinando. Levei dez anos subindo as montanhas do Tibete até encontrar meu mestre; e mais trinta até me tornar mestre. Não invejo nenhum homem na área do conhecimento, sou o homem mais culto do mundo. Aliás, o papa Paulo VI me conferiu em 1972 o título de Homem Enciclopédico Mundial. Aqui você vai aprender muita coisa. Tenho muitos livros aqui, que você poderá ler a hora que quiser. Vou lhe ensinar muita coisa. Você vai ver que a magia só não existe para os que estão com a mente imbecilizada por esta sociedade lá fora. Mas esqueçamos os imbecis, deixemos que eles se percam lá fora, vamos nos dedicar ao estudo da magia, que nada tem de sobrenatural. É tudo muito simples, tudo matemático. Você vai aprender a dominar sua mente; e, assim, conseguir o que quiser. Basta ter autodomínio. Não vou ensiná-lo a atravessar barreiras, mas a elevar-se acima delas: nas alturas tudo é planície. Vou lhe mostrar muita coisa que os imbecis lá fora não conseguem explicar, chamam de mistério. Você aprender muita coisa...

A cortina vai-se fechando com o mestre falando.

FIM

TERMINAL

Texto de Rodrigo Carvalho Marques Dourado

Nota introdutória:

Esta peça é uma crônica urbana. Passa-se no Recife, mas pode ser livremente adaptada a qualquer grande cidade brasileira. Tomo, aqui, o ônibus com um espaço de convívio social, em que conflitos de ordem coletiva e privada se entrelaçam. Mas o ônibus também é tomado como espaço de teatralidade, palco para artistas à margem, ambulantes, homens da fé e inúmeros outros sujeitos que performam para uma plateia movediça, em trânsito. Dessa forma, o diálogo mais realista se cruza com efeitos e expedientes espetaculares a fim de iluminar as vivências da metrópole. Tendo em vista a multiplicidade de vidas que se irmanam num coletivo, a dramaturgia conta com inúmeras personagens, em contraponto à tendência observável no teatro brasileiro, de redução dessas últimas, fruto das dificuldades de produção vividas pela cena nacional. Trata-se, portanto, de um desafio para grandes elencos, grupos, escolas de teatro e de uma deliberada provocação para romper essa lógica do mercado. De toda forma, o jogo dos atores é livre e permite que cada intérprete assumam mais de uma personagem, cabendo aos grupos, diretores e elencos encontrar soluções próprias.

PERSONAGENS:	
Passageiro1,	Homem
Passageiro 2,	Homem
Passageiro 3,	gênero livre
Passageiro 4,	gênero livre
<i>(Os passageiros 1, 2, 3 e 4 podem ser livremente caracterizados - na idade, tipos físicos, vestes. Formam um espécie de coro, a voz da sociedade)</i>	
A Equilibrista,	20 e poucos anos
A Garota de Piercing 1,	20 anos
A Garota de Piercing 2,	20 anos
A Mulher de Cabelos Longos,	30 e poucos anos
A Mulher de Mochila,	30 e poucos anos
Embolador 1,	40 e poucos anos
Embolador 2,	20 e poucos anos
Ibeji 1,	Orixá-criança
Ibeji 2,	Orixá-criança
O Cobrador de Azul,	40 e poucos anos
O Equilibrista,	20 e poucos anos
O Garoto que Vende Pipocas,	criança
O Homem de Boné Vermelho,	40 e poucos anos
O Homem de Branco,	30 e poucos anos
O Magro de Camiseta Regata,	30 e poucos anos
O Motorista,	perto dos 60 anos
O Pastor,	20 e poucos anos
<i>Esta peça deve, preferencialmente, ser encenada dentro de um ônibus, com espectadores e atores confundindo-se como passageiros liberdade para rearranjar o texto à sua maneira. Um letreiro eletrônico com os dizeres “Parada Solicitada” está posicionado em frente ao motorista. Acende-se e apaga-se por ocasião das descidas. Pode também ser encenada num teatro ou noutro espaço, e o dispositivo cenográfico deve colocar os espectadores dentro da cena como passageiros. De início, o ônibus segue seu percurso, calmamente, por alguns minutos.</i>	

CENA 1: Embarque

O COBRADOR DE AZUL –

(Bate uma moeda na estrutura metálica do ônibus. Como um comissário de bordo, formal): Boa noite, senhores passageiros. Daremos início, neste momento, às nossas instruções de viagem. Mesmo que seja um passageiro habitual, e ainda não tenha conseguido financiar seu veículo próprio com aquele ar-condicionado fresquinho - e, quem sabe, todo blindado -, pedimos atenção aos nossos esclarecimentos. Em caso de emergência, máscaras de oxigênio não cairão automaticamente de cima dos seus assentos. Respira fundo, segura na mão de Deus e vai! Cintos de segurança também não estão disponíveis em casos de turbulência, portanto, sugerimos atenção aos freios e que segurem, com força, (aponta) as barras de metal em frente aos seus assentos e fartamente disponíveis ao longo de todo o coletivo. Seus assentos também não são flutuantes e, em caso de emergência, se alguém conseguir abrir uma dessas janelas, será um herói. Os senhores também podem se acomodar na parte debaixo dos assentos, caso seja necessário. Nosso serviço de bordo não conta com nenhum lanche, ou melhor, conta com vários, em intervalos irregulares e totalmente terceirizados. Não nos responsabilizamos pela qualidade dos alimentos servidos. O lixo deve ser descartado pelas janelas e, no caso dos chicletes, grudados na parte inferior dos assentos. É proibido fumar, mas não se preocupe, as janelas permitem que toda a poluição da cidade penetre nos seus pulmões. Esse serviço não tem custos adicionais. Bolsas e mochilas devem ser acomodadas no colo. Sugerimos, fortemente, não ceder sua mochila para nenhum passageiro sentado, pois não nos responsabilizamos por objetos perdidos e/ou furtados. Caso desejem utilizar o banheiro, aguardem chegar em casa. O tempo de viagem é impreciso, depende do trânsito. Ao chegarem em seus destinos, não haverá funcionários identificados para lhes servir, virem-se. *(Simpático)* Tenham todos uma boa viagem!

CENA 2: Um dia de fúria

(Soa a campainha. A Mulher de Mochila levanta-se de um banco mais à frente e dirige-se até a porta dos fundos, por onde pretende descer. Alguns passageiros ouvem música com seus fones de ouvido. Outros têm a cabeça baixa, olham fixamente para os celulares enquanto rolam com os dedos as páginas de suas redes sociais. Outros observam a paisagem pela janela, algo melancólicos. Três passageiros conversam animadamente)

A MULHER DE MOCHILA –

(Em voz alta): Motorista, vai descer!

(O ônibus não para)

A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Com mais volume):</i> Motorista, vai descer!
<i>(O ônibus não para)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Berrando):</i> Moço, vai descer! <i>(Bate com força no compartimento acima da porta traseira)</i> Vai descer, <i>(bate)</i> vai descer, <i>(bate)</i> vai descer! <i>(Desce os degraus, olha pelo espelho retrovisor para o motorista, à espera de uma atitude)</i> Moço, eu pedi parada e o senhor não parou, eu não vou descer no meio da pista, que eu não tou doida, nem na próxima parada, quero descer na minha parada!
<i>(O ônibus segue. As pessoas olham para trás. Os que estavam concentrados em outras tarefas, agora assistem ao ataque de fúria da passageira)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Em tom de ameaça):</i> Agora, eu quero ver como vai ser. Porque eu não vou descer fora do meu ponto, nem vou voltar andando. O senhor vai ter que dar um jeito. <i>(Caminha, forte, rápida e decidida para a frente do ônibus, próximo ao cobrador. Bélica)</i> O senhor tá me ouvindo falar, moço? Eu tou falando com o senhor!
<i>(O motorista segue ignorando-a)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	Não é possível que o senhor não tenha ouvido a campainha. Eu puxei antes da parada, não foi? <i>(Olha para os passageiros. Alguns baixam os rostos. Outros assentem com a cabeça)</i> Agora, a gente vai pra polícia! Porque eu não vou descer na próxima parada e quero saber como é que a gente vai fazer. Ah, se quero!
<i>(O ônibus para. É o ponto seguinte. O Magro de Camiseta Regata sobe, passa a catraca e fica de pé no corredor. A passageira permanece em frente ao cobrador, bate sobre a mesa dele, enquanto fala para o motorista, olhando-o pelo espelho retrovisor)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Violenta):</i> Como é que a gente vai fazer? <i>(Bate)</i> Como é que a gente vai fazer? <i>(Bate)</i> Como é que a gente vai fazer?
<i>(As portas se fecham. O ônibus segue viagem)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Que cresceu alguns centímetros. Em fúria, caminha de um lado a outro do corredor, que se alargou):</i> O senhor tá doido, é? <i>(Grita).</i> Ei! <i>(Observa o ônibus se deslocar, frenética)</i> É um absurdo isso! Eu sou uma mãe de família! Eu tou exausta. <i>(Dedo em riste)</i> O Senhor não tem o direito de me tratar assim! Eu sou uma mãe de família, uma trabalhadora. Como é que vai ser? Eu vou ter que andar tudo isso até minha casa? Eu tou exausta, trabalhei o dia inteiro, mereço respeito. Eu paguei a passagem,

	quero ser bem tratada, tenho o direito a descer no meu ponto ou não tenho?
<i>(Um buburinho começa a se formar entre os demais passageiros)</i>	
PASSAGEIRO 1 –	É um absurdo!
PASSAGEIRO 2 –	Ela pediu parada na hora certa.
PASSAGEIRO 3 –	Ele não parou porque não quis.
PASSAGEIRO 4 –	Não tinha por que não parar.
PASSAGEIRO 2 –	Eles são todos assim.
PASSAGEIRO 3 –	Eu, fosse a senhora, ia pra polícia.
PASSAGEIRO 1 –	Eu não descia depois de jeito nenhum.
PASSAGEIRO 4 –	A pessoa paga uma passagem cara dessas pra ter que andar depois!
PASSAGEIRO 3 –	Deixe de ter a passagem, pra ver se eles não param rapidinho e mandam a pessoa descer! Uma humilhação!
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Abre a mochila, trêmula. Aponta para os passageiros objetos que saca da bolsa):</i> Vocês tão vendo isso aqui? É minha carteira de trabalho! Assinaram hoje. Eu passei foi 2 anos desempregada, vivendo de bicos. E logo hoje, esse homem quer estragar minha alegria. Ah, mas não vai, não! <i>(Volta para a porta traseira do ônibus e bate nela)</i> Abre esta porcaria!
PASSAGEIRO 4 –	Ela tá muito nervosa. Assim não vai conseguir é nada.
PASSAGEIRO 2 –	Ah, meu filho, quanto mais ela reclamar, mais eles vão fazer picuinha.
PASSAGEIRO 3 –	Cuidado pra não se machucar, moça!
PASSAGEIRO 1 –	Quebra, quebra mesmo, pra ver se ele não para!
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Que continua a bater na porta):</i> Eu quebro! Eu paguei a passagem. Eles não são donos do ônibus, não. Os donos são a gente. <i>(Bate)</i> Eu tou mandando, faça a volta nessa bexiga desse ônibus e me deixe na minha parada! Eu exijo!
PASSAGEIRO 1 –	Mas, repara, se ele vai voltar mesmo!
PASSAGEIRO 2 –	E a gente é obrigado a pagar pelo erro dos outros, é?
PASSAGEIRO 3 –	O ônibus já tá é atrasado.
PASSAGEIRO 4 –	Eu tou vendo é que a gente só chega em casa amanhã mesmo.
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Ofegante. Saca uma foto da bolsa):</i> Vocês tão vendo este aqui? É meu filho! <i>(Passageiros observam, curiosos)</i> Ele tá sozinho em casa, me esperando. O pobrezinho é doente, ficou só porque eu não tinha com

	<p>quem deixar. Me diga, se uma criança desta merece dormir sem ver a mãe!</p> <p>Sem eu dar um cheiro nele antes de botar na cama. Motorista, o senhor é um desalmado. O senhor não tem filho, não?</p>
PASSAGEIRO 1 –	A criança não tem nada a ver com isso. Tá errado!
PASSAGEIRO 3 –	Tem filho quem pode, né?
PASSAGEIRO 2 –	Uma menino deste tamanho, sozinho em casa. E não tem pai, não, é?
PASSAGEIRO 4 –	Mulher devia ficar em casa, cuidando das crianças. Mas aí, tá vendo, mudaram as coisas, deu nisso!
PASSAGEIRO 2 –	E o motorista quer saber? Se ele for tomar conta da vida de cada um aqui, não sai do canto.
PASSAGEIRO 1 –	E ele não dá um piu, visse.
PASSAGEIRO 3 –	Deve tá se borrando de medo.
A MULHER DE MOCHILA –	<p><i>(Saca papeis da bolsa):</i> Isso aqui são os remédios do menino. Ele toma 12 comprimidos por dia. Quem é que vai pagar por isso se eu ficar em casa?</p> <p><i>(Irônica)</i> Hein, motorista, é o senhor que vai pagar os remédios do meu menino? E se ele não tomar o remédio na hora certa, daqui a pouco, ele tem uma crise. <i>(Volta para a porta traseira e bate)</i> Motorista, miserável, eu preciso dar o remédio do meu menino!</p>
PASSAGEIRO 2 –	A criança doente adocece a mãe.
PASSAGEIRO 1 –	Afe, eu não posso com criança doente, fico pra morrer!
PASSAGEIRO 3 –	Esse menino tinha é que tá internado.
PASSAGEIRO 4 –	E tá ficando mais longe, viu. Eu, no lugar dela, descia logo e corria pra casa.
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Irônico):</i> Ela vai ter que descer aí mesmo.
PASSAGEIRO 2 –	Eu não disse?
A MULHER DE MOCHILA –	<i>(Incrédula):</i> O que foi que o senhor disse?
PASSAGEIRO 3 –	Agora, é que ela vai dar a moléstia!
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Desafiador):</i> Que a senhora vai ter que descer aí mesmo.
<p><i>(A mulher de mochila cresce mais alguns centímetros. O corredor se alarga ainda mais. Enquanto caminha, novamente em direção ao cobrador, a mulher de mochilha cruza seu olhar com o do Homem de Boné Vermelho, que está sentado ao lado da Garota de Piercing 1, cabisbaixa. Por um segundo, tudo para, enquanto seus olhares se cruzam. Ela, furiosa. Ele, assustado. Ela chuta, sem querer, um objeto no piso do ônibus. Ouve-se o tilintar de uma moeda batendo insistentemente na</i></p>	

<i>estrutura de metal do ônibus)</i>	
A MULHER DE MOCHILA –	Isso é um absurdo. O senhor é um... é um... escroto! Mas eu sou uma mãe de família, não sou nenhuma marginal, não. Se fosse um marginal que subisse no ônibus, eles fariam o que ele mandasse. Mas como sou uma mãe de família, tenho que passar por isso. Cadê a câmera nessa hora?
PASSAGEIRO 1 –	É... Um marginal entrava aqui e eles ficavam pianinho...
PASSAGEIRO 2 –	Mas eles só sabem tratar assim trabalhador!
PASSAGEIRO 3 –	Arrasta pra Polícia, Motô!
O Homem de Boné Vermelho –	<i>(Na contramão de todos):</i> Desça aí, minha senhora, a gente também é trabalhador e quer chegar em casa logo.
<i>(Todos o olham fixamente. A Garota de Piercing 1, ao seu lado, levanta timidamente a cabeça, está assustada, como se pedisse ajuda)</i>	
PASSAGEIRO 4 –	É, minha senhora, pare de reclamar e desça logo. <i>(Sarcástico):</i> Vai a pé e aproveita pra fazer exercício. <i>(Comenta para o passageiro ao lado)</i> Tá precisando. <i>(Risos)</i>
A MULHER DE MOCHILA –	Isso porque não é com o senhor! Eu não preciso de exercício, não. Eu preciso é de respeito. Coisa que o senhor não deve ter nem pela senhora sua mãe! Mas isso não vai ficar assim, não. Eu vou denunciar vocês pra empresa. <i>(Anota o número do ônibus)</i> Vamos ver se depois que eu ligar, vocês voltam a fazer isso com mais alguém! Até na televisão eu vou, se for preciso. <i>(Saca o celular e fotografa o cobrador e o motorista do ônibus, que não reagem).</i> Bora ver se vai ser bonito ver os rostos de vocês no facebook, na Folha, no Ronda Policial!
<i>(O ônibus para. É mais um ponto. O Garoto que Vende Pipocas sobe pela porta traseira e grita)</i>	
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Pipoca é um real!
<i>(A Mulher de Mochila desce esbravejando e derruba o saco de pipocas do vendedor. Tilintar de moeda. O Motorista fecha a porta. O Garoto que Vende Pipocas só consegue recuperar parte de sua mercadoria, o restante fica caído na rua. Ele senta nos degraus, pensativo. A Mulher de Mochila, já na calçada, aponta o dedo do meio para o Motorista)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Isso é uma louca! Querendo arrumar confusão...
O COBRADOR DE AZUL –	Eu não tou dizendo a tu?
PASSAGEIRO 4 –	Uma hora desta e a gente não pode nem descansar em paz. <i>(Encosta a</i>

	<i>cabeça na janela)</i>
PASSAGEIRO 3 –	Mete o pé, motorista, que eu quero chegar logo em casa.
PASSAGEIRO 1 –	<i>(Timidamente):</i> Ela tava certa, ele que é o errado da história.
PASSAGEIRO 2 –	Quem mais vai andar é ela! Coitada...
O COBRADOR DE AZUL –	É bom que ande mesmo, pra pensar na vida!
O Homem de Boné Vermelho –	<i>(Para A Garota de Piercing I):</i> Tua parada é a próxima?
CENA 3: A Partida	
<i>(O ônibus para e é desligado. Apenas a luz da parte frontal, onde ficam motorista e cobrador, se acende. Estamos alguns momentos antes da cena inicial. É o ponto de partida do coletivo)</i>	
O MOTORISTA –	Faltam quantos minutos?
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Olha o relógio):</i> Cinco.
O MOTORISTA –	Tu comesse?
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Fala com a voz alterada):</i> Comi nada. E deu tempo! Tomei foi um guaraná com uma coxinha. E tu?
O MOTORISTA –	Engoli um negócio ali, um guisado. É bom, visse! A mulher faz por dez conto.
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Sempre com a voz alterada):</i> Oxe, tu é doido! Ali na Barraca de Bia, ela faz por oito.
O MOTORISTA –	Mas é ruim demais a comida de Bia...
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Mudando de Assunto. Enquanto contabiliza dinheiro):</i> Ei, quase que tu ia com o outro hoje.
<i>(O Motorista não responde)</i>	
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Repetindo, mais alto):</i> Quase que tua ia com o outro hoje!
O MOTORISTA –	<i>(Liga o ônibus, acelera o motor e grita):</i> Tu é doido, aquele puto só me fode. Acho que ele tá desconfiado. Todo dia quer fazer dupla comigo.
O COBRADOR DE AZUL –	Tu tás há quantos dias sem folga?
O MOTORISTA –	<i>(Que enxuga o suor do rosto com uma toalha):</i> Pra mais de quinze!

O COBRADOR DE AZUL –	Tu precisa descansar, rapaz. Isso não tá certo. Do jeito que tu tás, eu vejo a hora acontecer uma merda.
O MOTORISTA –	<i>(Incomodado)</i> : Fala baixo, rapaz, e vira essa boca pra lá. Tu sabe que eu não posso. Tu não sabe que minha menina ficou buchuda e o cabra safado do pai desapareceu? Olha, seu eu pego aquele sujeito.
O COBRADOR DE AZUL –	Como assim, desapareceu? Tu não sabe quem é? O Cabra fugiu? Tem que ir atrás dele!
O MOTORISTA –	Minha menina é moça direita, estudiosa, religiosa. Começou a frequentar a Igreja, lá perto de casa, com minha mulher. Eu nunca tive tempo pra essas coisas, tu sabe.
O COBRADOR DE AZUL –	Igreja é bom, eu não largo meu Pastor por nada. E a gente tem que tá perto de Jesus, nesse mundo de cão, tem que defender a família, que tá se acabando por causa da televisão, dos maus exemplos.
O MOTORISTA –	Pois a menina começou num tal de ir pra Igreja todo dia, que nem a mãe mais tava acompanhando. Eu não reclamei, tando perto de Deus é melhor que tá nessas festas, nessas bebedeiras, na Internet...
O COBRADOR DE AZUL –	Fez certo.
O MOTORISTA –	Depois, a mãe descobriu que ela tava namorando um rapaz da mesma Igreja. Moço religioso, da família do Pastor, estudando pra ser Pastor também. Eu mesmo só vi uma vez, num culto de domingo, muito rápido, mal me lembro a cara do sujeito, um tal de Marcos.
O COBRADOR DE AZUL –	Ah, compadre, tua menina tá feita, que esse pessoal vive bem, ganha dinheiro, tudo com a benção de Deus, claro, tudo coisa certa, ajudando os outros a melhorar de vida.
O MOTORISTA –	Eu até que pensei nisso, compadre, que a menina podia casar, se organizar. A mãe tava acompanhando, me garantiu que o cabra era direito.
O COBRADOR DE AZUL –	Aleluia, glória ao Senhor, compadre.
O MOTORISTA –	Aleluia, coisa nenhuma. Não deu seis meses, a menina começou a engordar, a ficar doente. Eu, muito fora de casa, nem notei. Minha mulher fez vista grossa, mas quando minha mãe foi lá em casa, em dois tempos, olhou pra menina e disse: “essa menina tá buchuda”.
O COBRADOR DE AZUL –	Aí, é bronca! Do cabra lá, filho do Pastor?
	<i>(O Motorista acelera. A conversa segue gritada)</i>
O MOTORISTA –	Esse mesmo, o tal Marcos. Mas quando eu soube, olhe, só falei matar a menina na porrada. Muito nova, tá em tempo de pegar bucho, não.

	Corremos na casa do Pastor.
O COBRADOR DE AZUL –	E ele?
O MOTORISTA –	Disse que o filho tinha ido pra casa de uma tia doente, que tinha ido lá cuidar dela, que ia passar um tempo lá, que a gente podia dar um jeito nisso...
O COBRADOR DE AZUL –	Casamento?
O MOTORISTA –	Casamento? Ele sugeriu foi que minha menina tirasse... Disse que pagava tudo, que dinheiro não era problema, mas que o menino dele era muito novo ainda, tinha que estudar e coisa e tal.
O COBRADOR DE AZUL –	Compadre, que bronca arretada!
O MOTORISTA –	E assim se passou um mês, dois e ninguém nunca mais viu esse cabra safado. A gente deixou de ir na Igreja, porque eu não aguento nem olhar na cara daquele Pastor.
O COBRADOR DE AZUL –	E tu não pensasse em tirar, não?
O MOTORISTA –	Oxente, tu é doido? E isso é coisa de Deus, compadre? Não é a Igreja mesmo que diz que não pode tirar.
O COBRADOR DE AZUL –	Mas veja bem, nesse caso é diferente, é tua menina...
O MOTORISTA –	Pois a gente vai criar. Com aperto, com tudo. E eu vou achar o pai, custe o que custar. Agora, é mais uma boca pra dar de comer. Eu disse pra minha mulher segurar aquela menina, mas eu aqui o dia todo, faltou foi um homem dentro de casa pra botar rédea.
O COBRADOR DE AZUL –	E tu vai desistir de cobrar as obrigações do sujeito?
O MOTORISTA –	<i>(Em tom de certeza): Não, (olha para o painel do ônibus em sua frente) o que é dele tá guardado...</i>
<i>(O Motorista acelera o motor)</i>	
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Alertando):</i> Compadre, do jeito que tu tá de saúde, uma hora tu vai ter que deixar esse emprego, sossegar. Tás nesse volante há quanto tempo?
O MOTORISTA –	<i>(Acelera o motor e grita):</i> Trinta anos!
O COBRADOR DE AZUL –	Então, bota os homens na justiça. Fala com o advogado do sindicato. Isso é causa certa, é causa ganha. Com o dinheiro que tu ganhar, tu vive direito, bota um negócio pra tu e ainda ajuda tua menina.
O MOTORISTA –	Tu é doido! Não quero conversa com esse povo de sindicato, não. Não

	visse o Tião, foi se meter com esse povo do sindicato, acabou demitido e sem direito a nada. Se eu botar na justiça, os homens me demitem na hora e eu não posso perder esse emprego de jeito nenhum.
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Conformado):</i> Tu é que sabe. E hoje, do mesmo jeito?
O MOTORISTA –	Do mesmo jeito. O letreiro tá funcionando.
O COBRADOR DE AZUL –	Tá, mas qualquer coisa... <i>(bate com força uma moeda na barra de metal ao seu lado)</i>
O MOTORISTA –	Pronto, bem forte. Assim. Faltam quantos minutos?
O COBRADOR DE AZUL –	Tá na hora. Bora embora. Hoje, eu tenho fé que faço o trocado da janta.
O MOTORISTA –	Tás liso?
O COBRADOR DE AZUL –	E então, desde o início do mês. E o negócio tá fraco. Muito cartão de estudante e trabalhador. Mas eu dou meu jeito aqui.
O MOTORISTA –	Bora embora que daqui a pouco o outro, que sai depois, alcança a gente e aí tu já viu. <i>(Acelera o motor de forma ensurdecadora e dá partida no ônibus. As luzes dos passageiros se acendem)</i>
CENA 4: Pipoca é Um Real	
<i>(O Garoto que Vende Pipocas joga sua pipocas no piso do ônibus, desesperado. Ele começa a contar as pipocas em agonia)</i>	
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Uma, duas, três, quatro, cinco...
PASSAGEIRO 2 –	Quanto é a pipoca, menino?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Seis, sete, oito, nove, dez, onze...
PASSAGEIRO 2 –	<i>(Ríspido):</i> Me dá uma pipoca aí, menino.
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Doze, treze, catorze, quinze...
PASSAGEIRO 1 –	<i>(Para o Passageiro 2):</i> Isso não quer trabalhar, não. É preguiçoso.
PASSAGEIRO 3 –	<i>(Rude):</i> Oh, menino, não tás vendo o rapaz falando contigo, não? Queres ganhar dinheiro, não?
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Ríspido):</i> Bora, desce, menino!
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Dezesseis, dezessete, dezessete, dezessete... <i>(Ele parece não acreditar no</i>

	<i>número e recomeça a contagem</i>). Um, dois, três, quatro...
O COBRADOR DE AZUL –	Oh, menino, desce que eu já mandei. Já é a terceira vez que tu sobe aqui hoje. Eu já te conheço. Tu sobe que a gente nem vê. Tem que pedir pra subir, menino. <i>(Enxotando)</i> Bora, bora, desce!
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Sem ouvir ninguém à sua volta)</i> : Oito, nove, dez, onze...
PASSAGEIRO 2 –	Ei, menino, me dá uma pipoca dessa daí. Tás moco, é?
	<i>(O motorista acelera)</i>
PASSAGEIRO 4 –	O menino todo sujo! Isso é falta de mãe que cuide.
PASSAGEIRO 3 –	Nem pra escola isso vai.
PASSAGEIRO 1 –	E esses meninos querem tá na escola?
PASSAGEIRO 2 –	Não aprende mais, não. Só quer saber de rua.
PASSAGEIRO 4 –	Se a Prefeitura leva pro abrigo, foge num instante.
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Quinze, dezesseis, dezessete, dezessete...
O COBRADOR DE AZUL –	Eu vou ter que parar o ônibus pra tu descer, é, pirraia? Bora, desce, desce!
PASSAGEIRO 3 –	Todo perebento, parece menino da beira da maré.
PASSAGEIRO 4 –	E descalço pisa num vidro aí, tome sangue.
PASSAGEIRO 2 –	É você quer ajudar, e ele nem presta atenção. Menino, uma pipoca!
PASSAGEIRO 1 –	<i>(Vai em direção ao menino e bate com força em suas costas)</i> : Ei, menino, o rapaz tá falando contigo, tás ouvindo não?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Acorda do transe, assustado)</i> : É dois, é dois reais a pipoca.
PASSAGEIRO 2 –	Mas quando tu subisse, tu dissesse que era um real, que eu ouvi. Tu quer me roubar, é?
PASSAGEIRO 3 –	Agora, pronto!
PASSAGEIRO 4 –	Mas é cada uma que dá dez!
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Irritado)</i> : É dois reais!
PASSAGEIRO 2 –	Tu tás querendo enganar quem, menino? Isso aí em qualquer canto é um real. Só pago um real.
PASSAGEIRO 1 –	Onde já se viu essa pipoca safada ser dois reais?

PASSAGEIRO 3 –	Isso aprende com os pais. Pai ladrão, o menino vai no mesmo caminho.
PASSAGEIRO 4 –	Sabe o que é isso? É a ajuda do Governo! Dão o peixe, mas não ensinam a pescar. E as mães, tome filho no mundo, porque quanto mais menino, mais auxílio do Governo.
PASSAGEIRO 3 –	Exato! Bota os meninos no mundo, sem condições de criar, e a gente que pague.
PASSAGEIRO 1 –	O governo devia era ligar as trompas dessas mulher tudinho.
PASSAGEIRO 2 –	Tás sentindo o cheiro da cola?
PASSAGEIRO 3 –	E então! Dinheiro pra cola tem.
PASSAGEIRO 4 –	Já visse eles brigando por causa da cola? É triste!
PASSAGEIRO 3 –	Ah, rapaz, mas naquelas manifestações que tiveram ano passado, até protesto dos cheira-cola teve. Tu já pensasse?
PASSAGEIRO 2 –	Eu vi, loguinho criam a bolsa-cola e a gente é que vai pagar, viu.
O COBRADOR DE AZUL –	Bora, menino, desce, eu já disse. Tu ainda quer enganar o povo. E sobe e nem uma pipoca oferece pra gente, que tá trabalhando. <i>(Enxotando)</i> Todo errado, bora, desce, desce!
PASSAGEIRO 3 –	Esses maloqueiros são fogo, têm uma chance aí de fazer as coisas direito e já querem tirar vantagem dos outros.
PASSAGEIRO 4 –	Bota pra descer mesmo, cobrador.
PASSAGEIRO 2 –	Vai voltar pra casa com as pipocas todas, se não baixar esse preço.
PASSAGEIRO 1 –	Guarda o celular, minha gente, que se com a pipoca é esse roubo, não duvido nada que isso dê bote...
<i>(O Garoto irrompe num choro intenso, soluçante, convulsivo)</i>	
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS –	<i>(Soluça):</i> Eu não posso voltar pra casa! Eu não posso voltar pra casa! Minha mãe vai dar em mim! É dois, é dois reais! Minha mãe vai dar em mim! <i>(Agressivo)</i> É dois, é dois reais!
<i>(Os passageiros ficam atônitos. O burburinho cessa. O Cobrador de Azul observa impassível. O Homem de Branco, sentado na última cadeira do ônibus, chama o menino)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Menino, eu quero uma pipoca. Chega aqui.
<i>(O menino caminha lentamente até o fundo do ônibus, inseguro. Olha com desconfiança para o homem, soluça baixinho)</i>	

O HOMEM DE BRANCO –	<i>(Seco):</i> Senta aqui, menino.
<i>(O menino vacila)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	<i>(Incisivo):</i> Senta. Que é que tu tem? Tás chorando porquê?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Pipoca é dois, é dois reais. O senhor vai querer?
O HOMEM DE BRANCO –	Primeiro me diz, tás chorando por quê?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	É que... é que... minha mãe vai dar em mim!
O HOMEM DE BRANCO –	Vai dar em você por quê?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Ela disse que se eu chegasse em casa com alguma pipoca sobrando ou algum dinheiro faltando, ela ia dar em mim! Eu perdi oito pipocas. E ainda não vendi nenhuma. <i>(Em pânico)</i> Ela vai me dar uma pisa!
O HOMEM DE BRANCO –	O que é isso embaixo da tua camisa?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Tímido):</i> Isso, o quê?
O HOMEM DE BRANCO –	<i>(Aponta):</i> Isso aí, embaixo da tua blusa
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Despistando):</i> Nada...
O HOMEM DE BRANCO –	<i>(Com autoridade):</i> Me dá.
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Agressivo):</i> Não!
O HOMEM DE BRANCO –	Me dá.
<i>(O Garoto que Vende Pipocas entrega, com relutância, um tubo de cola que escondia debaixo da camisa)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Tu sabia que isso não presta?
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Hein?

<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Isso não é coisa de criança.
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Mas não é meu, não. É do meu amigo, ele...
O HOMEM DE BRANCO –	Vamo fazer um negócio?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Ele me deu pra eu guardar e eu...
O HOMEM DE BRANCO –	Quantas pipocas tu perdeu?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	<i>(Agressivo):</i> Por que o senhor quer saber?
O HOMEM DE BRANCO –	Me diz, quantas?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Oito.
O HOMEM DE BRANCO –	Se eu te der dez reais, tu deixa a cola comigo?
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Deixa?
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS–	Mas o senhor vai querer quantas pipocas?
O HOMEM DE BRANCO –	Só uma. O resto tu vende depois pra levar o dinheiro pra tua mãe. Mas a cola fica comigo.
<i>O Garoto que Vende Pipocas pensa, reluta, mas entrega uma pipoca ao Homem de Branco, que toca na cabeça do menino e lhe entrega dez reais)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Diz a tua mãe que tu perdeu a cola. E joga fora todas as outras que ela tiver dentro de casa.
<i>(Silêncio. Dua entidades infantis, os orixás gêmeos Ibeji, performam uma dança no centro do ônibus)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Tu é sabido. É bom de conta. Tua mãe não vai dar em tu, não. Vai pra casa tranquilo. Tu tá protegido.
<i>(Soa a campainha. O garoto sorri, timidamente, e sai, acompanhado pelos Ibeji. O ônibus para. Ele</i>	

<i>desce e grita na calçada)</i>	
O GAROTO QUE VENDE PIPOCAS-	Pipoca é um real!
<i>(Tilintar de moedas no ônibus. O Homem de Branco inala, com intensidade, a cola que ficou em suas mãos. Depois, joga-a pela janela do ônibus)</i>	
CENA 5: Whatsapp	
<i>As luzes se apagam, somente um refletor ilumina o Magro de Camiseta Regata, que está de pé no corredor do ônibus; outro refletor banha de luz o Homem de Branco, ao fundo. Os dois começam a se olhar insistentemente. Tentam disfarçar o contato visual, observam os demais passageiros. O Magro de Camiseta Regata acaricia o genital suavemente. O Homem de Branco abre o saco de pipocas, come-as e as oferece, de longe, ao Magro de Camiseta Regata, que caminha em direção ao fundo do ônibus. As luzes se apagam por completo. Quando se acendem novamente, vemos o Homem de Branco numa extremidade do banco traseiro direito e o Magro de Camiseta Regata noutra extremidade do banco traseiro esquerdo. Os dois se olham insistentemente. O Homem de Branco continua a comer pipocas. Suavemente, os dois começam um movimento corporal que lembra a masturbação. As luzes se apagam novamente. Quando se acendem, já não vemos os ombros e a cabeça do Homem de Branco. O Magro de Camiseta Regata esparrama seus ombros no assento do ônibus, coloca a cabeça para trás e fecha os olhos, tem pequenos espasmos. A pipoca está espalhada pelo chão do ônibus, próximo a ele. Após alguns minutos, a luz se apaga novamente. Quando reacende, vê-se o Homem de Branco sentado ao lado do Magro de Camiseta Regata)</i>	
O HOMEM DE BRANCO -	Teu nome?
O Magro de Camiseta Regata-	(Tímido): Carlos.
O HOMEM DE BRANCO -	Eu sou Paulo.
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO -	Tu mora onde?
O Magro de Camiseta Regata-	(Incomodado): Longe....
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO -	Tá a fim de ir lá em casa? Eu moro no fim da linha...

<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	É de boa, pô, eu moro sozinho. É limpeza...
O Magro de Camiseta Regata–	Posso não...
O HOMEM DE BRANCO –	Essa hora, tu já largou do trabalho, né?
O Magro de Camiseta Regata–	Já...
O HOMEM DE BRANCO –	Tu trabalha de quê?
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Então, bora lá em casa, depois eu pago um táxi ou peço um uber pra tu voltar pra tua casa.
<i>(Silêncio)</i>	
O Magro de Camiseta Regata–	Posso não. Minha mulher tá me esperando em casa.
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Me passa teu whatsapp.
O Magro de Camiseta Regata–	Tenho não...
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Gostei de tu... Quando é que eu posso te ver de novo?
<i>(Silêncio)</i>	
O Magro de Camiseta Regata–	Tu tem dez reais aí?
<i>(Silêncio)</i>	
O Magro de Camiseta Regata–	Tem ou não tem dez conto?

<i>O Homem de Branco vacila. Abre a carteira, tira o dinheiro. O Magro pega e esconde rapidamente)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Tu é michê?
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Quanto é teu programa?
<i>O Magro de Camiseta Regata se mostra irritado. Olha, raivoso, para o Homem de Branco, que insiste)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Quanto é teu programa? Eu pago.
O Magro de Camiseta Regata–	Tu é doido, cara? Eu não faço isso daí, não...
<i>(Evita o contato visual com o Homem de Branco. Observa os demais passageiros, tímido)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	Então...
O Magro de Camiseta Regata–	Isso daí é pra me ajudar a comprar o gás lá de casa, que acabou.
<i>(Silêncio)</i>	
O HOMEM DE BRANCO –	E aí? Como é que eu faço pra te ver de novo?
O Magro de Camiseta Regata–	Eu largo todo dia essa hora e pego sempre esse ônibus.
O HOMEM DE BRANCO –	Massa. Pega meu whatsapp...
O Magro de Camiseta Regata–	Vinte.
O HOMEM DE BRANCO –	O quê?
O Magro de Camiseta Regata–	Da próxima vez, tu pode descolar vinte?
<i>(Silêncio)</i>	
O Magro de	Vi que tu gosta de criança. Eu tenho uma menina pequena. Me ajudando,

Camiseta Regata–	tu ajuda ela... A gente se ajuda.
O HOMEM DE BRANCO –	(Entre humilhado e excitado): Quando?
O Magro de Camiseta Regata–	Esta semana.
O HOMEM DE BRANCO –	Teu nome é Carlos mesmo?
O Magro de Camiseta Regata–	E o teu é Paulo?
(Silêncio)	
O HOMEM DE BRANCO –	E tem algum jeito de eu te achar fora daqui? Facebook, telefone?
O Magro de Camiseta Regata–	Aqui.
<i>(O Magro de Camiseta Regata levanta e sai, rápido, não olha para trás, pede parada e salta do ônibus. Tilintar de moeda)</i>	
CENA 6: Embolada	
<i>(Dois emboladores saltam dos bancos com seus pandeiros. Enquanto o primeiro faz as rimas, o segundo o acompanha intercalando os versos. As rimas a seguir são possibilidades de improviso a partir da formação de cada plateia. Podem ser rearranjadas, suprimidas ou distendidas. Com exceção das que se dirigem a personagens da obra. De início, apresentam-se)</i>	
EMBOLADOR 1 –	Muito boa noite, senhores passageiros. Peço a licença dos senhores pra apresentar um pouco da minha arte. Eu não sou desta cidade, vim do sertão, lá de longe, faz muito tempo. E vivo de coletivo em coletivo, trazendo um pouco de alegria pro povo desta terra. Eu podia tá matando, eu podia tá roubando, mas tou aqui trabalhando honestamente. Se o motivo da tristeza é a falta de homem bonito, aproveite que eu vou ficar somente dez minutos. Após a brincadeira, vocês podem fazer fila. Quem quiser me beijar, faça fila do lado direito: as mulheres. E o homens, já que não vai dar tempo, podem beijar o cidadão aqui (aponta um passageiro). Sorrir é o melhor remédio! <i>(Começa o o show. A cada verso, aponta um passageiro. Cantam)</i> Essa daqui tem o cabelo amarelo, se não for irmã do Belo, é da Patrícia Pillar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	O moço de cabelo branco, isso é dinheiro no banco, com preguiça de gastar.

EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Alemão, muito obrigado, quando eu virar viado, eu venho te procurar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Essa aqui tem um defeito, é maga, só tem um peito, mas presta pra namorar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Deixa eu passar pra frente, que eu sei que ainda tem gente doidinha pra me ajudar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Deixa eu falar com ela, se não ganhar nada dela, vai ser o jeito tomar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	E ele me deu um real, já dá pra comprar de sal pra minha sogra tomar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Loirinha, falta você, e agora quero saber quanto a loirinha me dá.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Aponta para a Mulher de Cabelos Longos):</i> A moça não deu nadinha, vou chamar os trombadinha mais tarde pra lhe roubar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Ainda para a Mulher de Cabelos Longos):</i> Ela disse que não paga e eu vou jogar uma praga pro marido lhe chifrar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
<i>(A Mulher de Cabelos Longos faz um gesto de desprezo)</i>	
EMBOLADOR 1 –	Ela disse que não tem, eu vou é pra trás também, pra ver o povo animar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Homem de Boné Vermelho):</i> E aquele trabalhador, que tá ali de boné, patrão como é que é, vire pro lado de cá. <i>(O Homem de Boné Vermelho o ignora)</i>
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Homem de Boné Vermelho):</i> Eita cabra educado, virou a cara pro outro lado, só quer mesmo é namorar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.

EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Homem de Boné Vermelho):</i> Ele faz musculação, um murro da sua mão, é bater e derrubar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Motorista):</i> Vou cantar pro motorista, que é um verdadeiro artista na arte de pilotar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Motorista):</i> O Motorista é muito chique, é o cara de Titanic, olha ali onde ele tá.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
<i>(O motorista não reage)</i>	
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Motorista):</i> Esse motorista é surdo, veja só que absurdo, não dá mais pra trabalhar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Motorista):</i> Tua menina tá buchuda, mas se serve de ajuda, o safado vai achar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Tem uma barba de primeira, parece Tarcísio Meira, olha a barba como tá.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar
EMBOLADOR 1 –	Olha a mulher me chamando, calma que eu já tou chegando, madame pode pagar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Homem de Branco):</i> Meu amigo tá a fim, vá comer amendoim, pra essa peste levantar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para o Homem de Branco):</i> O senhor bate o tambor, cuidado com o Pastor, que vai querer lhe lascar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Agora que comecei, vou cantar em japonês, arigatô, saionará.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	Amigo, dê um trocado, que eu tou rouco, tou cansado e a fome quer me matar.

EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para a Garota de Piercing I):</i> Veja lá uma princesa, coroada de beleza, pessoa espetacular.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para a Garota de Piercing I):</i> Essa é muito feliz, tá com o brinco no nariz, pode ver, pode olhar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para a Garota de Piercing I):</i> Tava ela roendo a unha, Jesus Cristo é testemunha, a fome tá de lascar.
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
EMBOLADOR 1 –	<i>(Para a Garota de Piercing I):</i> Pode até não ter dinheiro, mas beleza, companheira, tem pra vender e sobrar
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
<i>(A Garota de Piercing I não levanta o rosto em nenhum momento. O Homem de Boné Vermelho olha para o cantador, ameaçador)</i>	
EMBOLADOR 1 –	Minha língua nunca erra, eu sou um canhão de guerra e tou pronto pra detonar
EMBOLADOR 2 –	Beira-Mar, Beira-Mar.
<i>(Param a cantoria)</i>	
EMBOLADOR 1 –	Muito obrigado, senhores passageiros, sigam com Deus no volante e atentos aos sinais, porque de um ponto ao outro, tudo se transforma e, às vezes, a vida passa pela janela sem que a gente perceba. Obrigado, Cobrador, agradeça ao Motorista e diga que tudo se ajeita e quando uma porta se fecha, a outra se abre. Boa noite e boa viagem!
<i>(Soa a campainha. A porta traseira se abre. Saltam. Tilintar de moeda)</i>	

CENA 7: O Abuso I

A luz se acende sobre A Garota de Piercing I e O Homem de Boné Vermelho. Uma outra atriz, caracterizada exatamente como A Garota de Piercing passa pela catraca. Ela se coloca de pé, no centro do corredor, ao lado do banco em que está a luz)

A GAROTA DE PIERCING 2 –

(Que está de pé): Meu nome é Gabriela. Hoje é (cita a data da apresentação), são (olha o horário no relógio) e eu subi nesse ônibus exatamente 45 minutos atrás, saindo da minha faculdade. Quando eu entrei neste ônibus, este lugar tava livre, esta janela, atrás da cadeira mais alta. Eu tava exausta, depois de um dia inteiro de aulas, e com fome, só pensava em chegar em casa e dormir. A saída da faculdade, vocês sabem, é sempre um pouco tensa: o ponto de ônibus deserto, a escuridão, o medo dos caras que se aproximam. Além disso, meu piercing, essa coisa minúscula, sempre me deixa em situações difíceis. Você faz um furo num lugar diferente e, pronto, os homens pensam que, por conta disso, podem te furar, quando quiserem, como quiserem. A gótica, a emo, a punk, a vida louca, a maconheira, a trepa fácil. Hoje, por sorte, meu ônibus, este daqui, passou primeiro que o dos meus amigos e eu subi aliviada, não precisava ficar sozinha naquela parada, morrendo de medo, esperando um ônibus que não chega nunca, ou tentar, em pânico, pegar um táxi, depois que alguém suspeito se aproxima de você e ainda ter medo do taxista, que pode fazer qualquer coisa contigo. Isso se você tiver dinheiro pro táxi, claro. Hoje, não. Eu sentei aqui, encostei na janela sonolenta e pensava no que ia cozinhar quando chegasse em casa, antes de ir pra cama. Apesar do sono, minha visão periférica me permitiu ver que um homem de boné vermelho, que tava em outra cadeira, assim que me viu sentar, levantou-se e veio se acomodar ao meu lado. *(Pausa)* Hoje, a conversa na parada era essa: um aluno entrou no banheiro feminino atrás de uma menina de quem ele tava a fim. A gente tinha ficado puta, claro. Mas não é só isso, não. É cantada de professor, de aluno, de funcionário. É aluno homem achando que é melhor que a gente, medo de andar pelo campus, em qualquer horário. As outras meninas se juntaram e desceram a porrada no cara, e os meninos, na parada de ônibus, tavam dizendo que isso era errado, que podiam ter pedido pra ele sair calmamente. E a gente tentanto convencer eles que, nessa hora, o medo fala mais alto. Porque só a gente que é mulher sabe como se sente ao sair de casa, pensando em tudo que pode acontecer de ruim... *(Pausa)* Eu achei estranho o movimento do cara de boné vermelho, vir sentar ao meu lado, com tantos lugares vazios no ônibus e fiquei atenta. Continuei com a cabeça enconstada na janela, mas não conseguia relaxar realmente. Eu só comecei a ficar incomodada mesmo, quando ele esfregou a perna pela primeira vez na minha.

(Continua)

CENA 8: Equilibristas

(A Mulher de Cabelos Longos atende o celular. Fala em voz alta, sem nenhum pudor. Dois jovens, homem e mulher, pegam carona nas janelas do ônibus. Um do lado direito, outro do lado esquerdo. Estão se equilibrando, dependurados. Assim que notam a presença dos equilibristas, alguns passageiros fecham as janelas. A Mulher de Cabelos Longos está concentrada em seu telefonema. Não presta atenção no que está acontecendo em sua volta e deixa a janela aberta)

A Mulher de Cabelos Longos –	Eu tou voltando pra casa, Ciço. <i>(Ouve)</i> Eu já disse a tu que larguei mais tarde hoje, oxe. <i>(Alterada)</i> Esse barulho é o ônibus, Ciço! <i>(Ouve)</i> Não tem ninguém aqui comigo, não, Ciço, que inferno! <i>(Ouve)</i> E tu tá onde, que tá esse barulho aí também?
O EQUILIBRISTA–	<i>(Grita para A Equilibrista):</i> Tu é rocheda demais! Bicha desenrolaaaaadaaaaa!
A EQUILIBRISTA–	<i>(Grita para O Equilibrista):</i> Tu que é, bebê!
O EQUILIBRISTA–	<i>(Sempre gritando):</i> Bora aloprar lá no Pátio!
A EQUILIBRISTA–	<i>(Sempe gritando):</i> Bora, as menina tão lá. Hoje, tem é gente.
O EQUILIBRISTA–	Hoje é que é bom lá. Os boyzinho e as boyzinha tudinho.
A EQUILIBRISTA–	Mas se tu olhar pra uma boyzinha daquela, tá lascado comigo.
O EQUILIBRISTA–	Tu não sabe que eu só tenho olhos pra tu, meu coração!
A EQUILIBRISTA–	<i>(Rindo):</i> Deixa das tuas pala, que quando tu caísse, toda semana era uma diferente.
O EQUILIBRISTA–	Mas agora só dá tu no meu coração, até a mulher eu deixei.
A EQUILIBRISTA–	Deixasse aquela rapariga porque ela num presta mesmo!
<i>(Motorista acelera)</i>	
O EQUILIBRISTA–	Segura direito nessa porra!
A EQUILIBRISTA–	Oxe, eu me garanto. Relaxa, bebê. Não é dessa vez que tu fica sem mim, não.
O EQUILIBRISTA–	Se eu ficar sem tu, eu caio de novo.
A EQUILIBRISTA–	E teus menino?
O EQUILIBRISTA–	A mulé não deixa eu ver mais não... Tu não sabe?
A EQUILIBRISTA–	Tem bronca, não, a gente faz os da gente.
O EQUILIBRISTA–	Aí, eu vi vantagem!
O COBRADOR DE AZUL –	Uma peste dessa cai, e a culpa é de quem? Do Motorista, do Cobrador.

	Sei não, viu...
PASSAGEIRO 1 –	Bota pra descer!
PASSAGEIRO 2 –	Cadê a segurança nessa cidade? Isso é um absurdo. A gente, pai e mãe de família, voltando pra casa do trabalho, e ainda ter que correr o risco de ser assaltado. Nem a janela a gente pode abrir e o ar condicionado não funciona. Ninguém vê isso!
O COBRADOR DE AZUL –	E tu é doido de mexer com esse povo. Melhor fazer que não viu. Esse povo é perigoso!
PASSAGEIRO 3 –	Vocês não souberam, não, do ônibus que foi assaltado hoje de manhã? Perto do aeroporto. Os cabras subiram, fizeram a limpa, só que tinha um policial à paisana que reagiu. Foi bala pra tudo quanto é lado. Uma moça foi baleada e tudo, coitada. Deu no rádio.
PASSAGEIRO 4 –	Eu vi isso aí. Só orando, minha gente, porque é só Deus que protege a gente. <i>(Começa a orar)</i>
PASSAGEIRO 1 –	E fedorento que esse povo é. Dia desses, um se pendurou, entrou pela janela e ninguém mais aguentava ficar dentro do ônibus por causa da catinga. E o cobrador não fez nada, ficou quieto, na dele.
O COBRADOR DE AZUL –	E a gente é polícia, por acaso? Esses dois aí mesmo, vocês não viram, não? Tão de tornozeleira. Pegam essas pestes e soltam rapidinho. E esse povo fica na rua, pintando miséria.
PASSAGEIRO 4 –	Valha-me, Cristo. <i>(Continua a rezar)</i>
PASSAGEIRO 2 –	Vou eu, vai tu roubar pra ver se a gente é solto assim tão rápido.
PASSAGEIRO 3 –	É a turma dos direitos humanos que faz isso. Direitos humanos pra humanos direitos! Mas aqui, no Brasil, direitos humanos só serve pra bandido!
PASSAGEIRO 1 –	<i>(Para o Cobrador de Azul):</i> O senhor não é polícia, mas bem que devia fazer alguma coisa.
	<i>(Motorista acelera)</i>
A Mulher de Cabelos Longos –	Eu vi tua mensagem no whatsapp, Ciço, mas eu tava ocupada na hora. <i>(Ouve)</i> E eu vou ficar respondendo mensagem na hora do trabalho, é, Ciço? <i>(Ouve)</i> Mandar o quê? <i>(Ouve)</i> Mandar uma foto pra tu ver onde eu tou? Mas, menino, e tu não confia em mim, não, é? <i>(Ouve)</i> Vou mandar foto coisa nenhuma. <i>(Ouve)</i> É só você esquentar a comida dela, que eu deixei pronta, e dar. E desliga essa televisão que tá alto demais. Bota ela aí pra eu falar com ela. <i>(Ouve)</i> Ciço, bote a menina... bote a menina pra falar. <i>(Ouve)</i> Eu já disse a tu que tou voltando pra casa. <i>(Ouve)</i> Roupa? Que roupa? Eu tou com a farda da firma ainda, Ciço. <i>(Ouve)</i> Não, Ciço, eu não tou de shortinho, não. E se eu tivesse? Mas, menino!

PASSAGEIRO 3 –	Um desse joga uma pedra aí no ônibus, é prejuízo pra vocês.
PASSAGEIRO 2 –	Lasca a cabeça de um e tá feita a desgraça.
PASSAGEIRO 1 –	Esse povo tem amor à vida de ninguém, não.
PASSAGEIRO 4 –	Deus que me perdoe, mas não era melhor que uma peste dessa caísse do ônibus? Era menos um pra ameaçar cidadão de bem. A cidade ficava mais limpa.
O COBRADOR DE AZUL –	O senhor tá doido? Se um desses cai aí, quem se prejudica é a gente. Quem vai tá de tornozeleira é a gente, num instante. O menor risco é o de demissão.
<i>(Motorista acelera)</i>	
O EQUILIBRISTA–	Visse aquela charque que passou ali?
A EQUILIBRISTA–	Vi não.
O EQUILIBRISTA–	<i>(Risonho)</i> : Mulher-homem da porra. Mais homem que eu.
A EQUILIBRISTA–	<i>(Risonha)</i> : Oxe, dispense, curto não.
O EQUILIBRISTA–	Vai me dizer que quando tu caísse, não tinham umas dessas por lá?
A EQUILIBRISTA–	E então, de tuia.
O EQUILIBRISTA–	E nenhuma delas quis tu?
A EQUILIBRISTA–	E depois, tinha uma na minha cola. Queria que eu fosse a mulher dela, dá pra tu?
O EQUILIBRISTA–	E tu não encarasse, não?
A EQUILIBRISTA–	Dispense, doido. Tu sabe bem do que eu gosto.
O EQUILIBRISTA–	<i>(Fantasia)</i> Mas eu bem que ia curtir duas mulé, assim... Tu não encara, não?
A EQUILIBRISTA–	Dispense, doido, que papo troncho da porra! Eu já disse a tu que não curto. Fiz amizade com elas tudinho, são tudo minhas amigas, cada bicha rocheda da porra, mas eu gosto mesmo é de rola!
O EQUILIBRISTA–	<i>(Vaidoso)</i> : Depois, é o que mais tem pra tu aqui, bebê.
PASSAGEIRO 4 –	Misericórdia, tás vendo a conversa? <i>(Volta a orar)</i>
PASSAGEIRO 2 –	Mas eu não tou dizendo! E a gente ainda tem que ouvir essas nojeiras.
PASSAGEIRO 3 –	E o motorista, ao invés de parar, deixa uma pouca-vergonha dessas!
PASSAGEIRO 1 –	Arrumar um emprego, ninguém quer. Capinar um mato, carregar um frete, fazer uma faxina. Esse povo tudo novo, forte, pronto pra trabalhar.

	Mas prefere tá aí, na rua, se drogando, assaltando.
A Mulher de Cabelos Longos –	É o que, Ciço? Tu tás me chamando de quê? <i>(Ouve)</i> Rapariga é a mãe, Ciço! Eu sou tua mulher, mãe da tua filha e tu me chama de rapariga! <i>(Ouve)</i> Tu que és um cabra safado! Pensa que eu esqueci quando tu arrumasse aquela mulher? E eu deixei pra lá, Ciço. Por causa da nossa menina. <i>(Ouve)</i> Safado é tu, que não pode ver uma periquita. Pensa que eu não tou ligada, não, na vizinha? Eu tou ligada nas safadezas de vocês! <i>(Ouve)</i> Olha, Ciço, eu vou te dizer uma coisa. Eu tou cansada. Cansada de trabalhar feito um burro de carga e ficar ouvindo essas coisas de tu. Cansada de chegar em casa e ter que cuidar da menina, dormir quase nada e ainda ter que levantar às 4h da manhã pra ir trabalhar. <i>(Ouve)</i> Tu não faz é nada, Ciço. Quem sustenta essa casa sou eu. <i>(Ouve)</i> Tu és um preguiçoso, Ciço. <i>(Ouve)</i> E tem mais, viu, de hoje, não passa, não. Eu vou te deixar e tu que se vire pra lá.
	<i>(Motorista acelera)</i>
A EQUILIBRISTA–	Ei, bebê, e a gente vai fumar nada, não, é?
O EQUILIBRISTA–	Relaxa, que já tá tudo certo. Fique de boa, que eu vou botar pra gente.
A EQUILIBRISTA–	E tu tem dinheiro pra pedra, fuleiro?
O EQUILIBRISTA–	Deixa comigo que eu dou meus pulo.
A EQUILIBRISTA–	Pensei que tu tivesse saído da pedra.
O EQUILIBRISTA–	O Pastor que ia lá no presídio até me ajudou, lia uns negócios da Bíblia, levou comida, conversou, mas quem aguenta aquilo ali sem a pedra?
A EQUILIBRISTA–	E tu sabe ler?
O EQUILIBRISTA–	Sei nada. Mas o Pastor lia pra gente, a gente orava e tudo, era uma onda.
A EQUILIBRISTA–	Mas tu sabe que se te pegarem na pedra, tu cai de novo, né?
O EQUILIBRISTA–	Tou ligado, mas é nenhuma, os homem não pega a gente, não.
	<i>(Motorista acelera)</i>
A EQUILIBRISTA–	Eu tou é com uma fome da porra.
O EQUILIBRISTA–	A gente pega a sopa dos crentes lá e desce pro pátio. Lá a gente desenrola a pedra.
A EQUILIBRISTA–	Eu gosto que só a porra de tu, bebê. Contigo, eu não caio mais nunca.
O EQUILIBRISTA–	É só dá tu no meu coração agora, bebê. A gente não cai é mais nunca!

A EQUILIBRISTA-	Bora, que tá chegando no Pátio.
O EQUILIBRISTA-	Oxe, só se for agoooooooooora!
	<i>(Motorista acelera)</i>
A Mulher de Cabelos Longos –	É isso mesmo, Ciço, eu vou te deixar. Vou pra casa de mãe. Amanhã, passo aí pra pegar a menina. Pra tu aprender a valorizar a mulher que tu tem e deixar de tuas safadezas. Dez anos nessa agonia, eu não aguento mais, não. Tu não me dá nada, só aperreio, decepção. Eu achei que depois da menina tu ia se ajeitar, dar mais atenção em casa. Tu sabia que hoje é meu aniversário, Ciço? Nem disso tu lembra, faz mais de cinco anos que tu nem me dá um presente...
	<i>(Soa a campainha. O ônibus para. O Equilibrista salta e arranca, pela janela, o celular da Mulher de Cabelos Longos. Ele e a Equilibrista correm. O Motorista arranca. A Mulher de Cabelos Longos toma um susto e fica catatônica, sua mão ainda segura um celular ausente)</i>
A Mulher de Cabelos Longos –	<i>(Grita):</i> Moço, roubaram meu celular, para o ônibus, roubaram meu celular. Ciço!
	<i>(O Cobrador de Azul bate sem cessar uma moeda na estrutura metálica do ônibus. O ônibus para novamente. A Mulher de Cabelos Longos desce, gritando, desesperada)</i>
A Mulher de Cabelos Longos –	<i>(Já na rua):</i> Ciço!
CENA 9: O Abuso 2	
A GAROTA DE PIERCING 2 –	<i>(De pé, retomando):</i> Eu só comecei a ficar incomodada mesmo quando ele esfregou a perna pela primeira vez na minha. Eu puxei minha perna, meu corpo, me encolhi toda, me afastei, mas ele continuou se aproximando, esfregando a perna na minha, me deixando cada vez mais encolhida, acuada. Ele não olhava pra mim, tinha a visão fixa pra frente, mas a coxa subia e descia lentamente, sutilmente. A batata da perna tocava levemente a minha e o pé também tava colado com o meu. Eu não conseguia acreditar. Tentava entender se aquilo não era o movimento do ônibus, mas não, não era normal aquela aproximação toda. Eu, que só olhava pra paisagem lá fora, esperando que aquilo parasse, quase sem ar, tomei coragem sabe de Deus de onde e com toda a raiva e medo que eu tava sentindo, virei pra ele furiosa e disse:

A GAROTA DE PIERCING 1 –	<i>(Que está sentada)</i> : Oh, seu imbecil, não vai parar, não?
A GAROTA DE PIERCING 2 –	<i>(De pé)</i> : Ele não disse nada. Não olhou pra mim, não se mexeu. Eu achei que tinha dado um grito, mas percebi que ninguém no ônibus tinha me ouvido, o barulho do motor, as pessoas conversando, nada... Era como se eu não tivesse voz. Ele apenas levantou a camisa, lentamente, e me mostrou uma arma que tinha na cintura. <i>(Pausa)</i> Esta não é a única arma dentro deste ônibus. <i>(Pausa)</i> Meu corpo gelou imediatamente, eu fiquei sem nenhum movimento, só conseguia pensar na minha mãe, eu queria gritar, mas não podia, pedi com todas as forças que me sobravam que ele me pedisse o celular e descesse do ônibus, mas o tempo passava e ele continuava a esfregar a perna na minha e não dizia nada. Ele não me pediu o celular. Eu pus a mão na bolsa, discretamente, meu corpo tremia todo, eu procurava o apito, que já me salvou tantas vezes, mas a bolsa pesava, eu não conseguia distinguir nada que tinha nela, cada objeto que se movia lá dentro fazia meu corpo gelar, ele ia perceber. E percebeu. Disse calmamente pra mim:
O Homem de Boné Vermelho –	Olhe pra baixo.
A GAROTA DE PIERCING 2 –	<i>(De pé)</i> : O que mais me amedrotava é que ele agia como se fosse um conhecido meu, um parente, íntimo. E a calma dele fazia com que as pessoas não percebessem nada. E eu não conseguia reagir. Quando eu olhei pra baixo, percebi que ele tava tocando o pau dele. Eu gelei de novo, e só então, entendi tudo. Ele não queria meu celular. Fechei os olhos por alguns segundos, e quando abri novamente, na esperança de que ele tivesse ido embora, ele já tava com o pau pra fora e começou a me perguntar coisas.
O Homem de Boné Vermelho –	Tu mora onde?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	<i>(Sentada)</i> : Na Zona Norte.
O Homem de Boné Vermelho –	Em que parte da Zona Norte?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	Em Olinda.
O Homem de Boné Vermelho –	E tu vai descer onde?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	No Shopping, marquei com um amiga pra gente ver um filme.
A GAROTA DE PIERCING 2 –	<i>(De pé)</i> : Foi o que saiu na hora. Um lugar público, gente, movimento.
O Homem de Boné Vermelho –	Você vai descer na mesma parada que eu.
A GAROTA DE	<i>(Sentada)</i> : Não vou, não. Por favor!

PIERCING 1 –	
A GAROTA DE PIERCING 2 –	(De pé): Nessa hora, eu olhei pra ele, mas eu não consigo lembrar quase nada do rosto: uns quarenta e poucos anos. Do olhar, eu nunca vou esquecer. Sereno, hipnótico. Quando percebeu que eu olhava ele nos olhos, disse de novo:
O Homem de Boné Vermelho –	Olhe pra baixo.
(Continua)	
CENA 10: Ilusionismo	
PASSAGEIRO 1 –	Cobrador, cadê meu troco? Tá faltando cinco centavos. Se eu não tiver os cinco, eu não passo da catraca. Pois, se vire, que eu quero meus cinco!
PASSAGEIRO 2 –	Cobrador, quebra esse galho pra mim, tou sem a passagem, deixa eu pular a catraca.
PASSAGEIRO 3 –	Cobrador, manda fechar essa porta, senão cai um aqui!
PASSAGEIRO 4 –	Cobrador, esse ônibus passa pelo hospital? Passa pela faculdade? Fica perto do cartório? Para em frente àquele banco?
O COBRADOR DE AZUL –	(Como um showman): Aqui, é assim. Cobrador, isso! Cobrador, aquilo! Cobrador, aquilo outro! Se você acha que pra entrar nesta profissão, tem que ser bom de conta, você tá enganado. Pra entrar nesta profissão, você precisa é de ilusionismo!
<i>(O Cobrador de Azul coloca cartola, capa e bengala de um mágico de circo. Os quatro passageiros de antes transformam-se em seus assistentes de palco. Sua mesa, num mala de truques. Uma luz espetaculosa banha seu assento e o corredor central do ônibus, por onde as personagens circulam)</i>	
O COBRADOR DE AZUL –	O primeiro número é o da multiplicação de dinheiro. Você sabe, a gente sai do ponto de partida com uns pouco centavos que a empresa garante, porque o montante pesado do dinheiro vai pro cofre. E dali até o final da viagem, essa pequena quantia tem que se multiplicar. Porque o cliente tem sempre razão e quando lhe falta o troco, aqui a gente é empregado, gerente e patrão. Quem ouve, somos nós. Quem soluciona o problema, somos nós. <i>(Começa a fazer um truque com moedas embaixo de copos. Aponta para um passageiro. Formal)</i> Você está vendo esta moeda? Coloque seu dedo sobre o copo que guarda a moeda. <i>(Aguarda)</i> Agora, vou misturá-los. <i>(Mistura os três copos. Rufar de tambores)</i> Adivinhe onde a moeda está agora. <i>(Aguarda)</i> . Neste copo? Vejamos. <i>(Levanta o copo)</i> . Você está correto. Aplausos! <i>(Assistentes de palco aplaudem e conclamam o público a fazer o mesmo)</i> . Agora, levante este copo. <i>(Aguarda)</i> Mais uma

moeda! Levante este último. *(Aguarda)* Mais uma moeda! *(Aplausos)* Espera daqui, puxa de acolá, balance os bolsos, procura no fundo da bolsa e voilà, o troco se multiplica! Se Jesus multiplicou os pães, o nosso milagre diário é multiplicar os centavos. *(Assistentes de palco aplaudem)* Mas se o passageiro não tem a passagem, se tem criança querendo entrar no coletivo, então, o número é o da invisibilidade. Por favor, assistente, tome seu lugar. *(Aponta para a parte frontal do ônibus. Um dos assistentes vai até lá. O Cobrador, então, coloca sua capa encobrindo a catraca. O assistente pula a catraca, por trás da capa. O cobrador retira a capa. O truque é deliberadamente mal executado)* Voilà! *(Assistentes aplaudem)* Mais um passageiro incluído, mais uma viagem garantida! A técnica da invisibilidade é bastante utilizada quando recebemos torcidas organizadas em nosso coletivo. Nesta hora, porém, o número é um pouco diferente. Quem deve ficar invisível sou eu mesmo. Um número extraordinário, fantástico, nunca antes executado por outros mágicos. *(O Cobrador senta em seu lugar. Cobre-se com a capa. Os quatro assistentes vão para a parte da frente do ônibus. E saltam a catraca de volta, como passageiros que invadem o ônibus sem pagar a passagem. Pedem aplausos)* Nestes dias, esta magia é particularmente útil para garantir a nossa sobrevivência. Mas se vocês acham que o nosso arsenal de magias acaba por aqui, estão muito enganados. Também abrimos e fechamos portas, como Moisés abriu o Mar Vermelho, como Ali Babá abriu a caverna. *(Grita)* Abre-te, Sésamo! *(A porta traseira se abre. Assistentes aplaudem efusivamente)* Agora, por favor, quero que todos me auxiliem, levantem e balancem as mãos. Força, fé! *(Apontando para a porta traseira)* Fecha-te, Sésamo! *(Porta se fecha. Assistentes aplaudem)* Fantástico, extraordinário. Mas nosso poderes vão muito além disso, somos também controladores do tempo, do clima. Em casos de frio ou chuva, garantimos aos nossos passageiros a temperatura adequada. Peço que, por favor, fechem os olhos. *(O público fecha os olhos. Rufar de tambores. Os assistentes fecham todas as janelas do ônibus)* Podem abrir novamente os olhos. Voilà! Passageiro quentinho, coletivo sequinho. *(Aplausos)* Mas nos casos de calor extremo, na falta de um ar condicionado que nos resfrie, garantimos aos passageiros a brisa fresca desta cidade. Por favor, fechem os olhos novamente. *(O público fecha os olhos. Rufar de tambores. Os assistentes abrem todas as janelas do ônibus)* Podem abri-los e sentir o aroma refrescante do vento desta cidade! *(Aplausos)* Vocês estão surpresos? Vocês estão impressionados? Isso porque ainda não conheceram a nossa extraordinária capacidade de localização. Nosso assistente trará agora um mapa e vocês, qualquer passageiro, podem me perguntar um local por onde passa este coletivo, que eu, de olhos vendados, apontarei o lugar com precisão no mapa. *(Assistente coloca a venda no Cobrador. Outro assistente traz um mapa gigante da cidade)* Podem perguntar. *(Assistente incita público a perguntar. O Cobrador aponta no mapa lugares aleatórios. Os assistentes manipulam o mapa de maneira a situar o local indagado na posição em que está seu dedo. Como os demais, o truque é mal feito. Assistentes aplaudem sempre que se dá um acerto)* Ainda de venda, mostrarei a vocês um outro número que envolve também o sentido da visão, uma magia importante para lidar

	com as dificuldades do dia-a-dia desta profissão tão menosprezada, afinal, quem leva a sério os ilusionistas? <i>(Os assistentes vão, pouco a pouco, retirando do bolso produtos e simulando vendedores ambulantes)</i>
PASSAGEIRO 1 –	Pipoca é um real! Tem salgada e doce. Pipoca é...
O COBRADOR DE AZUL –	Ei, rapaz, já falei pra tu descer! <i>(O assistente lhe entrega uma pipoca e o Cobrador se cala e sorri. Passageiro 1 segue anunciando seu produto)</i>
PASSAGEIRO 2 –	Chiclete é dois reais, tem de menta, hortelã e morango. Chiclete é...
O COBRADOR DE AZUL –	Meu irmão, bora, desce, bora! <i>(O assistente lhe entrega um chiclete e o Cobrador se cala e sorri. Os passageiros 1 e 2 seguem anunciando seus produtos)</i>
PASSAGEIRO 3 –	Caneta quatro cores é três reais. Risca perfeito, tem azul, vermelho, preto e verde. Caneta quatro cores é...
O COBRADOR DE AZUL –	Pirraia, tás incomodando o pessoal, bora, desce! <i>(O assistente lhe entrega uma caneta e o Cobrador se cala e sorri. Os passageiros 1, 2 e 3 seguem anunciando seus produtos)</i>
PASSAGEIRO 4 –	Biscoito é dois reais. O passatempo da viagem. Biscoito é...
O COBRADOR DE AZUL –	De novo, boyzinho? Tu é insistente, hein, garoto! <i>(O assistente lhe entrega um pacote de biscoito e o Cobrador se cala e sorri. Os passageiros 1, 2, 3 e 4 seguem anunciando seus produtos. O Cobrador tira a venda)</i> Com esse número, vocês acabaram de presenciar o poder do teletransporte. Essa mercadoria estará toda na barraca da minha mulher, amanhã, lá na praça central. <i>(Assistentes aplaudem)</i> Mas além da visão, um mágico precisa treinar bem a audição e com esse meu companheiro, o motorista, é um número que envolve os ouvidos a minha especialidade neste coletivo.
	<i>(Motorista acelera. O Cobrador de Azul desfaz-se de suas vestes de mágico e volta ao seu lugar. Os assistentes também se desfazem das personagens e voltam aos seus assentos. Tilintar de moeda)</i>
	CENA II: Rebanho
	<i>(O Pastor sobe no ônibus. Bíblia em mãos. Esta cena é, toda ela, séria. Se o fanatismo parece, para alguns, cômico; para os professores da fé, ele manifesta a verdade da alma)</i>
O PASTOR –	<i>(Enfático. Para o Cobrador de Azul):</i> Boa noite, irmão.
O COBRADOR DE AZUL –	Boa noite, irmão.
O PASTOR –	Paz do Senhor. <i>(Paga a passagem e passa na catraca. Para o Cobrador de Azul)</i> Jesus te abençoe. <i>(Para os passageiros)</i> Boa noite, irmãos e irmãs. <i>(Aguarda)</i> Sei que muitos não me responderam porque estão cansados,

	<p>outros não sabem quem eu sou, outros não conhecem a Palavra do Senhor, mas eu venho trazer para vocês a Palavra e para quem, como eu, tem a missão de semeá-la, nenhum silêncio intimidado, nenhuma rejeição é obstáculo, porque o Senhor disse (<i>Enfático</i>): “vai e não te importas com as dificuldades e com os sacrifícios, porque o Demônio tem muito disfarces, porque ele vai te deixar desanimado muitos dias, vai colocar à prova tua força e tua fé, mas tu és maior, tu és grande e tua missão é tremenda, não te acanhes”. (<i>Humilde</i>) Para vocês que não me conhecem, eu sou o Pastor Marcos. Muitos vão se perguntar: “mas um jovem como este, que poderia estar namorando, que poderia estar se divertindo, que poderia estar farrando, aproveitando seu tempo, que poderia ter todas as mulheres que quisesse, o que faz um jovem deste aqui?”. E eu, quando ainda mais jovem, também me perguntei: “Jesus, por que tu me escolheu? Logo eu, um jovem na flor da idade, um jovem cheio de oportunidades, um jovem que poderia ganhar dinheiro, viajar”. (<i>Arrepentido</i>) Naquela época, eu saía com meus amigos, ficava na rua até altas horas da madrugada, conhecíamos meninas solteiras, fumávamos maconha, consumíamos álcool e eu acreditava que tinha uma boa vida, que viver era aquilo. (<i>Mudança brusca. Forte</i>) Porque eu não sabia que estava a serviço do Capeta! (<i>Doce</i>) Porque Jesus ainda não tinha aparecido para mim, porque Jesus não tinha soprado no meu ouvido ainda. Minha mãe dizia: “Meu filho, sai desta vida, entra para a Igreja. E eu desrespeitava a minha mãe e respondia: que nada, mãe, coisa de gente velha, esse negócio de Jesus não existe, eu quero é curtir a vida!”. (<i>Sofrido</i>) E então, um dia, o Satanás preparou uma armadilha para mim: voltávamos de uma festa, eu e meus amigos, bêbados, e um acidente de moto levou o meu colega e me deixou numa cama de hospital por seis meses. Naquele momento, perto da morte, Jesus se aproximou de mim e disse (<i>Alegre</i>): “Tu és meu, filho, e eu não vou te deixar na mão”. (<i>Forte</i>) Aleluia, irmãos?</p>
Passageiros 1 e 4, Cobrador de Azul –	(<i>Fortes</i>): Aleluia, irmão!
O PASTOR –	(<i>Glorioso</i>): E Jesus segurou na minha mão e me salvou do vale dos mortos. E durante os seis meses que passei na cama, o Senhor falava comigo todos os dias, através da minha mãe, do meu pai, que crentes, me levavam a Palavra diariamente. E foi, então, que Jesus me disse: “Tu serás propagador da Palavra” e aqui estou eu, cumprindo minha missão, para salvar outras almas perdidas, como a minha era.
PASSAGEIRO 2 –	(<i>Forte</i>): Foi um livramento!
PASSAGEIRO 3 –	(<i>Com fé</i>): Oh, Glória!
O PASTOR –	(<i>Com fé</i>): Glória em Deus, irmão! (<i>Didático</i>) E por isso, eu gostaria de falar a vocês hoje sobre família, sobre casamento, para celebrar a união de meu pai e minha mãe, e pensar no papel que está célula fundamental da sociedade tem sobre a vida dos jovens, como teve sobre a minha naquele momento fatídico. A Bíblia (<i>mostra o Livro</i>) diz que o casamento é

	uma instituição sagrada, criada pelo próprio Deus. Em Gênesis, Capítulo 2, Versículos 18 a 24, a Bíblia diz que não é correto que o homem viva sozinho, que Deus criou a fêmea para o ajudar. O casamento, portanto, é uma união inquebrável, com propósitos divinos, rompida somente pela morte. Quem dos irmãos aqui presente é casado?
PASSAGEIRO 1 –	Eu, irmão.
O PASTOR –	<i>(Paternal)</i> : Deus abençoe tua família.
PASSAGEIRO 2 –	Eu também!
O PASTOR –	Deus abençoe tua esposa, irmão!
PASSAGEIRO 4 –	<i>(Com orgulho)</i> : Há vinte anos e tenho três filhos.
O PASTOR –	Deus demarre bênçãos sobre teus filhos, principalmente os varões. <i>(Retoma. Subindo de tom)</i> Mas Jesus alerta, irmãos, que o casamento entre homem e mulher é uma união em que os dois se tornam uma só carne. Que o fim divino dessa união é a multiplicação da humanidade. Somente o homem e a mulher podem formar a instituição do casamento, que é Sagrada! O resto é gambiarra, é luxúria, é armadilha de Satanás! Dois homens não se reproduzem, duas mulheres também não. Porque o Dom Divino da criação foi dado somente ao verdadeiro casal: formado por homem e mulher. <i>(Mais alto)</i> Mas o capeta tem suas artimanhas: a televisão, a Internet, que estão aí, todos os dias, tentando destruir essa união! Por isso, a mulher deve ser submissa ao homem. Por isso, é preciso compromisso, cumprimento do dever, tudo para Glorificar a Deus. <i>(Duro)</i> Está proibida a poligamia, o adultério! Em Gênesis, Capítulo 2, Versículo 24 e em Mateus, Capítulo 19, Versículos 3 a 6, Jesus diz “Portanto, o que Deus pôs sob o mesmo jugo, o homem não deve separar”
PASSAGEIRO 3 –	<i>(Enfático)</i> : O Senhor glorifica, irmão!
O PASTOR –	Glorifica! <i>(Esbraveja)</i> Porque Jesus odeia o adultério e a imoralidade! Porque Jesus condena a libertinagem, porque Jesus não aceita o divórcio e, por isso, uma esposa cristã não honra a Deus nem ao casamento quando exagera nos problemas domésticos e inventa desculpas para se separar do marido. Por isso, nem tudo que hoje se diz casamento significa família!
PASSAGEIRO 3 –	<i>(Enfático)</i> : Tá repreendido, Senhor!
O PASTOR –	Tá repreendido, em nome do Senhor! <i>(Hipnótico)</i> E por isso, muito casais não entendem a função da família, que é multiplicar a vida. E, por isso, muitas pessoas se deitam fora do casamento. E, por isso, muitos dão vida a filhos ilegítimos. E, por isso, muitos ceifam a vida através do aborto. Mas a vida começa na concepção. <i>(Condenatório)</i> E se a vida começa na concepção, abortar um ser humano é um gesto de assassinato! Em Exodos, Capítulo 21, Versículos 22 a 25, a lei de Moisés fala sobre a punição para quem agredir uma mulher grávida. Mas o que a fêmea não

	entende é que o feto não é uma extensão da mãe. <i>(Raivoso)</i> As feministas dizem que a mulher é a única que tem direito sobre o filho, mas o feto só precisa do útero dela, e já é um ser vivo, por isso, ela não tem o direito de tirar aquela vida! Nenhum ser humano tem poder absoluto sobre o próprio corpo, muito menos a fêmea! E o que é que vemos por aí? Muitas mulheres querem interromper a gravidez fruto de uma relação promíscua, da irresponsabilidade. Querem se livrar do fruto indesejado a qualquer custo. Mas Jesus condena esta atitude. Tu te tornas um assassino se interrompes uma gravidez. Por isso, filhos fora do casamento não são abençoados. Por isso, varão, varoa, assume teus filhos, não os entreguem para serem criados por casais ilegítimos. Pai com pai. Mãe com mãe. O que estão fazendo das nossas crianças, irmãos? Tu, homem, assume teus deveres dentro de casa, com tua esposa, com teus filhos, de provedor.
PASSAGEIRO 1 –	Tá repreendido três vezes!
O PASTOR –	<i>(Ameaçador):</i> E quem assim não o fizer arderá no fogo do inferno. Por isso, se você, irmão ou irmã, pecou, a Igreja tem a saída para você! <i>(Doce)</i> E a saída é muito simples, irmãos, é aceitar a Palavra, frequentar a Igreja, respeitar o casamento, contribuir com a sua comunidade. E, por isso, irmãos, nós pedimos a sua ajuda para glorificar ao Senhor! Seu décimo terceiro, suas férias. Aquele carro que não te serve mais. Aquele valor que seria gasto com álcool, drogas, investe na tua Igreja, irmão, que o teu Pastor saberá multiplicar essa quantia em Glórias! <i>(Humilde)</i> E, por isso, pedimos, varão, varoa, que tu contribua com nosso projeto social com qualquer quantia: cinco, dez, cinquenta reais. Põe tua vida nas mãos do Senhor! <i>(Abre a Bíblia e coleta valores com os passageiros equanto entoa um louvor. Passageiro 1 entrega quantia)</i>
O PASTOR –	<i>(Profético):</i> Deus te dará em dobro!
	<i>(Passageiro 2 entrega quantia)</i>
O PASTOR –	Deus te dará em dobro!
	<i>(Passageiro 3 entrega quantia)</i>
O PASTOR –	Deus te dará em dobro!
	<i>(Passageiro 4 entrega quantia)</i>
O PASTOR –	Deus te dará em dobro!
	<i>(O Cobrador de Azul entrega quantia)</i>
O PASTOR–	<i>(Efusivo):</i> Jesus está muito feliz! Oh, Glória!

Passageiros 1, 2, 3 e 4, O Cobrador de Azul –	(Efusivos): Oh, Glória!
(O Pastor encaminha-se para o fundo do ônibus, vai em direção ao Homem de Branco)	
O PASTOR –	E tu, irmão, não gostarias de contribuir com nossa Igreja?
(O Homem de Branco não responde. Coloca suas Guias de Candomblé para fora da camisa)	
O PASTOR –	O Senhor tem um plano para ti, irmão.
(O Homem de Branco tira da bolsa um corte de tecido e começa a colocá-lo na cabeça, como um turbante)	
O PASTOR –	Se tu aceitares a Palavra, irmão, Deus te tirará do pecado.
(O Homem de Branco não responde)	
O PASTOR –	(Irado): Mas satanás e seus demônios povoam a terra desde Adão e Eva, querendo destruir a raça humana. Até o Senhor Jesus foi tentado por satanás. Se você se tornar filho de Deus, o satanás não poderá te tocar. Por isso, se tu te envolveres com macumba, feitiçaria, bruxaria, magia negra, tu estarás renegando o Senhor.
PASSAGEIRO 1 –	Tá repreendido!
PASSAGEIRO 3 –	Tá amarrado em Nome do Senhor!
O PASTOR –	(Irado): Exu e Pomba-Gira tomam conta da vida dos que adoram o capeta. Entidades malignas se apossam do teu espírito se cultuas os orixás, porque tudo o que não presta vem da África! Vírus com o Ebola, a Aids. Miséria, fome, guerras entre etnias, porque aquele é um continente amaldiçoado!
(O Homem de Branco esboça um sorriso irônico)	
O PASTOR –	Por isso, é preciso limpar a terra desses demônios! (Canta) O Sangue de Jesus tem poder, tem poder, tem poder. O Sangue de Jesus tem poder, faz o satanás tremer! (Passageiros 1, 2, 3 e 4, o Cobrador de Azul acompanham em coro) O Sangue de Jesus tem poder, tem poder, tem poder. O Sangue de Jesus tem poder, faz o satanás tremer! (Fala) Abandona, irmão, essa vida de pecado e aceita Jesus!
(O Homem de Branco muda de assento, afasta-se do Pastor, que se indigna)	

O PASTOR –	Em Números, Capítulo 23, Versículo 23, está escrito: “Não há magia que possa contra Jacó, nem encantamento contra Israel” e, por isso, eu digo que a macumba não tem poder contra o povo de Deus. Eu te conclamo, irmão, abandona esses trajes, abandona essa fé suja e se junta aos ungidos, aos escolhidos pelo Senhor!
<i>(O Homem de Branco não reage)</i>	
O PASTOR –	<i>(Colérico, apotando a Bíblia para o Homem de Branco):</i> Além do mais, irmão, pelos teus trejeitos, eu sei que realizas práticas mais vergonhosas que cultivar a Pomba-Gira. Porque Exu quando se apossa dos subjulgados, faz o homem ganhar espírito de homem afeminado e a mulher ganhar espírito de masculinizada.
PASSAGEIRO 4 –	Queima, Senhor!
O PASTOR –	<i>(Em transe. Fanático):</i> “Semelhantemente os homens, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição de seu erro”. Abandona, irmão, tua práticas sujas! “Por isso, Deus entregou tais homens à imundície”; “como homem não te deitarás como se fosse mulher, é abominação”. <i>(Em exorcismo)</i> Sai desse corpo, Satanás!
PASSAGEIRO 1 –	Sai, Exu!
PASSAGEIRO 2 –	Pisa, Senhor!
PASSAGEIRO 3 –	Abandona!
PASSAGEIRO 4 –	Queima, Sodoma e Gomorra!
O PASTOR –	Porque todo homem que se deitar com outro homem como se fosse mulher, será morto! Teu sangue cairá para purificar a terra. E Sodoma e Gomorra arderão no fogo eterno. Liberta, Senhor, esse homem impuro. Porque Deus condena o pecado, mas ama o pecador. Sai do pecado, sai Pomba-Gira, pune o pecado e salva este pecador...
<i>(O Homem de Branco levanta-se e pede parada. Soa a campainha. O Pastor segue em seu transe. O ônibus para. O homem de Branco salta. Tilintar de moeda)</i>	
O PASTOR –	Aleluia, Senhor!
Os passageiros 1, 2, 3 e 4 –	Aleluia!
O PASTOR –	<i>(Desperta do transe):</i> Meus irmãos, quando eu subi neste ônibus, eu sabia que Deus tinha uma missão para mim. E agora, está viagem segue mais pura. <i>(Colérico)</i> É a metralhadora de Jeová! Mas não se iludam, o satanás tem muitos disfarces. E quando menos se espera, ele nos coloca à prova. Em oração, me recolho e abençoo este coletivo. Que Deus esteja no

	volante! <i>(O Pastor toma um assento. Abre a Bíblia e, em silêncio, começa a contabilizar o dinheiro recolhido)</i>
CENA 12: O Abuso 3	
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Quando a Mulher de Mochila começou a chamar atenção dentro do ônibus, foi o único momento em que ele ficou nervoso. Colocou o pau pra dentro da calça e começou a suar. Perguntava a todo instante:
O Homem de Boné Vermelho –	Tua parada é a próxima?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	Não, eu vou descer no shopping.
O Homem de Boné Vermelho –	Você vai descer comigo, eu já disse. Fique quietinha aí e baixe a cabeça.
A GAROTA DE PIERCING 2 –	A Mulher de Mochila ainda chegou a olhar pra ele e foi nesse momento que pensei em gritar, levantar, correr, fazer um escândalo. Mas ele levantou novamente a camisa e me mostrou a arma. Eu pensei em mim, mas pensei também nos outros passageiros. Ele podia me matar, podia começar um tiroteio e matar outras pessoas. Eu não podia sair dali. Enquanto ele olhava pra mulher, continuei procurando o apito e quando consegui pegá-lo, de tão nervosa que eu tava, o apito caiu no chão. Ele só segurou forte no meu punho e disse:
O Homem de Boné Vermelho –	Baixe a cabeça, eu já disse!
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Eu imaginei que alguém podia achar o apito e entender o que tava acontecendo, mas o apito ficou lá, jogado no chão. A Mulher de Mochila chutou ele sem perceber. E eu perdi as esperanças.
	<i>(Tempo. Ronco de motor)</i>
O Homem de Boné Vermelho –	Qual teu nome?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	Luana.
O Homem de Boné Vermelho –	Tu tem quantos anos?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	Vinte.
O Homem de Boné Vermelho –	E tu mora com quem?
A GAROTA DE	Com meu pai, ele é policial.

PIERCING 1 –	
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Ele sorriu.
O Homem de Boné Vermelho –	É capaz de eu conhecer.
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Nessa hora, um cantador subiu no ônibus. Ele ficou nervoso de novo. Chegou a tocar na arma quando o cara se aproximou e brincou com ele. Eu fechei os olhos mais uma vez, cheguei a ouvir o barulho do tiro. Só abri os olhos novamente quando ele segurou minha mão e disse:
O Homem de Boné Vermelho –	Tu é minha namorada.
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Eu tentei tirar a minha mão, mas ele segurava com força. Ele era muito forte. Dedo entre dedo. A pele dele era grossa, quente. Ele olhou com raiva pro cantador, que tentou falar comigo, mas eu não podia olhar.
<i>(Tempo. Ronco de motor)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Tu gosta de coroa?
A GAROTA DE PIERCING 1 –	Moço, por favor, deixa eu descer!
O Homem de Boné Vermelho –	Tu tem cara de doidinha...
<i>(Silêncio)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Gostei desse brinco aí no teu nariz.
<i>(Silêncio)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Posso lamber?
<i>(Silêncio)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Sente aqui, ó. Como tu me deixa!
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Ele colocou minha mão no pau dele.
O Homem de Boné Vermelho –	Mexe.

<i>(Silêncio)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Mexe, caralho!
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Eu mexi no pau dele. Enquanto isso, a arma saltava pra fora da camisa.
<i>(Tempo. Ronco de motor)</i>	
O Homem de Boné Vermelho –	Eu quero que tu baixe a cabeça e fique quietinha, se tu fizer alguma coisa, tu deixa de ser minha namorada e tu sabe o que eu faço contigo e com todo mundo aqui. Eu vou levantar e tu vai passar na minha frente. A gente desce junto. Tu vai conhecer minha casa e vai ser minha mulher.
<i>(A Garota de Piercing 1 levanta, cabisbaixa. O Homem de Boné Vermelho a segue. Atrás deles, caminha a Garota de Piercing 2)</i>	
A GAROTA DE PIERCING 2 –	Agora, nós vamos descer. Passando ao lado de vocês: dois namorados, pai e filha, amigos talvez? A verdade é que ninguém presta atenção. O que vai ser de mim, talvez vocês ouçam falar amanhã. Talvez não. Essa viagem não termina pra mim, mas também não termina pra vocês. Nesse ônibus, ainda fica uma arma.
<i>(Soa a campainha. O ônibus para. Os três saltam. Tilintar de moeda)</i>	
CENA 13: Desembarque	
O COBRADOR DE AZUL –	<i>(Como comissário de bordo. Formal):</i> Atenção, senhores passageiros, vamos nos preparar para o desembarque. No Recife, trinta graus. Já que seus assentos não são reclináveis, não há necessidade de colocá-los na posição vertical. Se as suas colunas resistiram a eles, vocês já saíram na vantagem! Todo o lixo deve ser descartado pela janela. Poupem-nos do trabalho de recolhê-lo posteriormente. Neste momento, as luzes do ônibus serão reduzidas <i>(luz cai em resistência)</i> . Aparelhos eletrônicos devem ser escondidos nas bolsas imediatamente. Passageiros em conexão para outros pontos da cidade, devem descer e entrar numa daquelas filas gigantes. Nosso piloto conta com vasta experiência, mas infelizmente padece de um problema de saúde funcional. Seus ouvidos não funcionam mais. Por isso, eu e as moedas somos os seus ouvidos. No momento, gostaria de pedir aos senhores passageiros, para que façamos um desembarque tranquilo, que coloquem os fones de ouvidos situados em frente aos seus assentos para que possam escutar a trilha sonora da

	viagem, única música ouvida por nosso piloto ao longo desta jornada.
	<i>(Os passageiros colocam os fones de ouvido. Em caso de não ser possível recorrer a essa tecnologia, uma trilha sonora em alto volume deve ser executada. Texto alternativo dito pelo Cobrador de Azul: “No momento, gostaria de pedir aos senhores passageiros, para que façamos um desembarque tranquilo, que escutem a trilha sonora da viagem, única música ouvida por nosso piloto ao longo desta jornada”. Pelos fones, ou caixas, ouve-se o barulho de um motor ensurdecedor. O mesmo, e único som, que o motorista escuta ao longo de toda a viagem. Os passageiros assistem, embalados pelo ronco do motor, ao último diálogo que se dá dentro do ônibus. O ônibus para. O Motorista pega uma arma que estava escondida no painel à sua frente, sai de seu lugar e pula a catraca. Dirige-se ao Pastor. Diálogo inaudível)</i>
O MOTORISTA –	Teu nome é Marcos?
O PASTOR –	É.
O MOTORISTA –	Tu lembra de mim
O PASTOR –	<i>(Assustado):</i> Não, senhor.
O MOTORISTA –	Eu sou o pai de Patrícia, a que tu embuchou.
	<i>(O Motorista atira, à queima roupa, no Pastor. O Cobrador de Azul grita)</i>
O COBRADOR DE AZUL –	Compadre!
	<i>(Blecaute. Motorista, Cobrador e Pastor descem. Na parte superior das janelas do ônibus, que são como monitores, exibem-se as imagens do Motorista e do Cobrador em redes sociais. As imagens feitas pela Mulher de Mochila no início da viagem. São procurados pelo crime que acaba de acontecer. Em caso dessa tecnologia não ser viável, outras soluções podem ser experimentadas e utilizadas: cartazes, banners, jornais, panfletos com as imagens dos procurados)</i>
	FIM

E U SEMPRE SOUBE

Texto de Márcio Azevedo

Notas do autor:

Para o cenário, um ciclorama ao fundo, onde serão projetadas as fotos dessas oitenta mães, entrevistadas. Nas coxias(pernas) da cor sépia, com fotos e bilhetes estampados, lembrando páginas de um diário, com molduras nas cores do arco-íris para estas fotos.

No centro, uma mesa com cavalete, vários livros em cima. Uma garrafa d'água, copo, uma cafeteira elétrica. Uma cadeira de escritório alta, com rodinhas. Nas laterais dois banners, com a foto da autora e seu livro.

O figurino de Majô é um terninho executivo de bom gosto. Branco, com detalhes em rosa claro.

Por conta da delicadeza do tema, peça a direção que use o tom mais naturalista possível. Sem exageros.

Com muito pouca luz, temos MAJÔ, uma mulher elegante, de 55 anos. Ela está encostada na mesa, com seu livro em punho. Na mesa, outros livros, uma garrafa d'água e uma cafeteira elétrica. Ouvimos NATURE BOY na gravação de Aurora.

MAJÔ - Toda vez que um gay sai do armário, uma mãe entra. E dentro deste armário, ela encontra outras aves. Aves da mesma plumagem, que voam juntas, de mãos dadas.

A luz agora aos poucos vai revelando o cenário.

MAJÔ - Boa noite a todos. Escolhi esta frase da escritora Edith Modesto para começar a palestra desta noite, por não ter outra mais oportuna. Meu nome é Majô Gonçalo. 55 anos. Jornalista. Estou aqui pra falar do meu primeiro livro: “Eu sempre soube”, que inicialmente se chamaria: “Mamãe cor- de-rosa”, mas isso é uma outra história.

Acredito que muitos de vocês já me conhecem da TV. Foram anos e anos apresentando a revista eletrônica mais assistida do País. Chegar neste livro foi uma estrada longa, iniciada muitos anos atrás, quando um amigo, muito querido, me deixou uma caixa com vasto material de entrevistas, depoimentos, frases e artigos, colhidos da experiência de 83 mães, que têm em comum a dor e a delícia de serem mães de filhos gays, lésbicas e trans. Mães da adversidade. Mães que por amor aos seus filhos, precisaram se reinventar e aprenderam a sonhar outros sonhos.

Na época, por motivos pessoais, eu estava vivendo um dos piores momentos da minha vida. Então, deixei a caixa do meu amigo, também num armário e segui meu caminho.

Um belo dia, na redação da TV, duas informações chegaram às minhas mãos. Um relatório e um livro com parábolas budistas. O relatório me pegou pela dureza dos fatos. Eram pais e mães que torturaram e assassinaram seus filhos, pelo simples fato de serem gays.

Separei alguns desses crimes para relatar e, por mais absurdo que sejam, eles estão no google à disposição da curiosidade de vocês. A realidade é dura, mas ela precisa ser vista. Usar estes óculos cor-de-rosa e fingir que vivemos trancafiados num comercial de margarina só faz piorar a escuridão em que vivemos.

Enquanto narras os fatos, encarando com um olhar duro para plateia, vão sendo projetadas no telão, as matérias aqui citadas.

Tocantins, 2017. Um pai, matuto, chega em casa e encontra sua única filha de 14 anos, sem blusa, tendo seus seios tocados pela amiga do colégio, de 17 anos. O pai revoltado, põe para fora de sua casa, com socos e pontapés, a colega da menina. Depois, pega a filha pelos cabelos e vai arrastando a coitada até um matagal, nos fundos de sua casa. Ali, ele abre o zíper da sua calça, põe o membro, já ereto, pra fora e diz a filha que ela irá aprender a gostar de homem a qualquer preço. Tal ato é chamado de estupro corretivo. Mossoró, Rio Grande do Norte, 2015.

Doralice, mãe desesperada com todo tipo de chacota que seu filho de 8 anos sofria na escola e no bairro onde moravam, manda a criança para o pai, ex detento, preso por tráfico de drogas no Rio de Janeiro.

O encontro com o pai não poderia ter sido mais desastroso. Horrorizado porque o filho gostava de dança do ventre e de lavar louças, passou a aplicar o que chamou de “castigos”. Surrava o filho repetidas vezes para “ensiná-lo a andar como homem”. Uma semana depois da convivência, iniciou outra sessão de espancamento. Duas horas depois, a criança foi levada para um posto de saúde. Parecia desmaiado, com os olhos grandes, de cílios longos, entreabertos. Mas não havia mais o que fazer. As pancadas do pai dilaceraram o fígado do garotinho. Uma hemorragia interna se seguiu, levando o menino a óbito.

Los Angeles, Estados Unidos. 2016. Um pai chega em casa a noite e encontra o filho de 10 anos, maquiado e vestido com roupas de sua irmã. Este pai espanca o menino, gritando, inúmeras vezes, que preferia ter um filho morto, a ter um filho “viado”. Não satisfeito, pega um spray de pimenta e atira nos olhos do guri. Tremendo demedo, o menino faz suas necessidades ali mesmo. O pai obriga que a criança a comer as fezes. E por fim, depois de todo tipo de humilhação, dá um tiro no rosto do filho. À queima-roupa.

Cravinhos, interior de São Paulo, 24 de dezembro de 2016.

A mãe pede ao filho de 17 anos que se vista de Papai Noel e faça uma surpresa ao filho caçula de 7 anos, fruto de seu novocasamento.

Na hora da ceia, com toda a família em reunida à mesa, o filho vem do quarto vestido de Mamãe Noel. A festa termina ali. Três dias depois, ela paga para dois garotos de 16 e 18 anos, respectivamente, entrarem pela janela, no quarto do filho para darem uma surra “bem dada”. Os dois se empolgam e quase sufocam o rapaz com uma gravata. Ele consegue fugir e ao encontrar a mãe no quintal, fumando, pede socorro. Assustada, com medo de ser denunciada, a mãe passa a mão numa faca que trazia com ela, para caso de algo dar errado e golpeia nove vezes o corpo do filho. Para evitar provas, pede ajuda ao marido e juntos queimam o corpo doadolescente.

Nova York, 2013. Um menino de 16 anos, filho de um famoso rabino, não

aguentando mais se esconder, sai do armário e se assume para os pais. A notícia soa como uma bomba para o rabino, que chantageia o filho, ameaçando se matar para não ter que viver aquela vergonha na sociedade judaica. O filho, se sentindo culpado, resolve mudar e segue o aconselhamento do pai: internar-se num acampamento para homens com tendências homossexuais, chamado “*Born Perfect*”, criado pelo psicanalista Albert Green, que impunha aos rapazes um confinamento por cinco anos, sem nenhum contato com mulheres para que eles não aprendessem os trejeitos femininos. No acampamento, aos sábados, eram obrigados a tomar Viagra e se relacionarem sexualmente com prostitutas/professoras. Elas eram recrutadas para o treinamento dos meninos, avaliados pelos professores que assistiam a tudo, como grandes *voyeurs*. Não aguentando a pressão, esse menino fugiu do acampamento e aos 21 resolveu processar o pai e o terapeuta.

Seis casos relatados. Em 2017, 445 lésbicas, gays, e transexuais foram mortos em crimes hediondos motivados por homofobia. O número representa uma vítima a cada 19 horas. Deste total, 194 eram gays, 191 pessoas trans, 43 lésbicas e cinco bissexuais. Em relação à maneira como foram mortos, 136 episódios envolveram o uso de armas de fogo, 111 armas brancas, 58 foram suicídios, 32 ocorreram após espancamento e 22 por asfixia. Há, ainda, registro de violência como apedrejamento, degolamento e desfiguração dorosto.

Está bom pra vocês? Saber que tudo isso acontece ao seu lado com seu vizinho, com alguém do seu trabalho e que todo este ódio é fomentado cada vez que se faz uma piada homofóbica. A cada vez que uma mãe fofoqueira comenta pejorativamente a sexualidade do filho da prima, na frente do seu filho pequeno, esta criança com certeza vai aprender a ter preconceitos.

Paralelo a este lamaçal de notícias ruins, que quanto mais eu cavoucava, mais sujeira vinha, ganhei de uma colega um livro com parábolas budista. E já na primeira fábula, fui pega pela surpresa.

Um monge budista é solicitado por um homem pobre que sustenta sua casa e seus filhos apenas com o leite extraído de uma única vaca. O buda empurra a pobrezinha num precipício, acabando com a fonte de renda daquele senhor. Anos depois se reencontraram. O homem de pobre não tinha mais nada. Os filhos crescidos, muito bem vestidos, vieram agradecer ao mestre por seu feito. Afinal, se não fosse pela morte da vaca, não teriam se mexido e dado início a um novo estilo de vida. Moral da história: todos nós temos uma vaca para empurrar.

Fechei o livro, fui pra frente de um espelho e pensei: Maria José Gonçalo está na hora de empurrar sua. Entrei no carro, fui até a emissora e entreguei minha carta de demissão.

Eu não estava mais feliz fazendo aquele trabalho por tantos anos. Nada me motivava mais a ir trabalhar. Estava no piloto automático. Não só para o trabalho, mas para todos os segmentos da minha vida.

Voltei pra casa ouvindo Rolling Stones, feliz, sem aquele peso nas costas. Passei em casa, peguei a mala de roupas, tirei a caixa de depoimentos do armário e fui pra minha casa em Lumiar. Sem namorado. Sem celular. Era tipo, “*Me, myself and I*”. Foram semanas convivendo com aquelas mulheres e suas histórias de superação. Sim, superar o medo, a vergonha, a rejeição. (*com ênfase*) Superar as culpas, meu Deus!

Histórias tocantes como a da dona Violeta, uma senhorinha linda, cabelinho branco, 83 anos, mãe de Ernani, um homem de 51, pai de duas moças com idades entre 18 e 22 anos. Uma das poucas que entrevistei pessoalmente. Dona Violeta confidenciou: – Ah minha filhinha, não queria ir embora desse mundo sem antes ver meu Ernani sair do armário. Vocês falam assim, nãoé? Viu como estou por dentro das coisas? Meu filho é gay. Tenho certeza disso, como dois e dois são quatro. Mãe sente. Mãe tem radar. Só que ele não se assume, por nada! Todos nós da família já falamos, direto e indiretamente, a esposa não sabe mais o que faz para pôr na cabeça dura desse menino, que ele pode ser quem ele quiser, que ela não liga. Ao contrário, até gosta. Ela diz que os gays são mais sensíveis, querem menos sexo. Fora que é o meu filho quem escolhe a roupa para minha nora ir numa festa, num casamento.

Toda infância das minhas netas, era meu filho que penteava, arruma, perfumava as meninas. Eu fico com meu coração aflito, por que aqui dentro, sei que a causa da infelicidade dele, da esposa e das minhas netas é por minha culpa. Eu errei. Errei feio, porque acabei criando meu filho como hétero, quando eu sempre soube que ele era homossexual.

Essa fala da dona Violeta me fez pensar tanto a respeito. Quantas mães não devem estar neste momento criando seus filhos de maneira errada? Quantas mães neste mundo não vem forçando suas crianças a irem contra a natureza delas. Moldando seus filhos com um argila escura, nebulosa.

A mãe em Manaus, por exemplo, quando sua filha com três aninhos de idade, lhe disse que não queria mais ser uma menina, que ela era um menino e se chamava Betinho. Dos três aos nove, a mãe e o pai de Betinho viram o amor que os unia evaporar em cada gesto, cada sinal que a criança dava daquela decisão, que mais dia ou menos dia, se concretizaria. O pai de Betinho, pra não ser diferente de muitos outros pais, afinal, o mundo masculino não está preparado para este tipo de enfrentamento, foi comprar cigarros e nunca mais voltou. A mãe, sozinha, desesperada, briga com o filho e volta a lhe chamar de Yasmim, seu nome de batismo. A criança triste, chorando, vai até seu quarto e sozinha, se veste de menina, põe enfeites no cabelo, ainda comprido, passa um batom rosinha na boca, e calça sapatinhos com saltinhos. Vai até o quarto da mãe, que também está em lágrimas, com um bilhetinho na mão e pede desculpas por não ser a filha que ela gostaria de ter. Lembrem-se que eu disse: uma criança de nove anos. Ao ler o bilhete, a mãe dá um salto da cama e corre no quarto do filho. O bilhete dizia: (*projetar fragmentos do*

bilhete no telão) – Mãe, acho que saí da sua barriga por engano. Por isso estou só neste mundo tão grande. Já pensei em me jogar da janela ou me jogar embaixo de um caminhão, mas penso que era tudo bobagem. Não sei se realmente quero mais viver. Como Yasmim, sei que não. Eu me pergunto sempre por que meu pai não me ama? Tenho pesadelos que ele me toma de você na justiça e me obriga a ser como não quero ser. Estou muito sofrido. Tenho medo de ir aos médicos e eles tocarem nas minhas partes íntimas e descobrirem quem sou eu de verdade. Quero morrer. Quero morrer. Por favor, me ajude a ser menino, pelo amor que você tem a mim. Só tenho você, minha mãezinha. Eu te amo.

À parte dos médicos, a criança se refere a uma experiência traumática que teve, numa ocasião em que sua mãe com medo de o garoto estar com pneumonia, passou a mão no filho, que por acaso estava disfarçado de Betinho e o levou na emergência de um hospital em Manaus. A médica de plantão percebeu que não se tratava de um menino chamado Betinho. E exigiu que a mãe despisse a criança na sua frente. A mãe se recusou e antes de sair, esta senhora, médica, ocupando um cargo público, a serviço do povo, olhou nos olhos da criança, e disse: – Que Deus te salve destamãe!

Voltando ao bilhete, assim que leu, a mãe correu para o quarto do filho, com uma tesoura na mão, que deixou-a assustada e falou: meu filho, vem aqui. A mãe passou a mão naquela farta cabeleira e de prima cortou acima da nuca.– Pronto! Yasmin acabou de morrer. A partir de agora eu sou a mãe mais feliz e orgulhosa de um menino chamado Betinho.

A criança pulava mais que milho na panela quente. Chorava, ria, beijava a mãe como se não houvesse amanhã. A mãe foi até o armário, pegou todos os vestidos e roupas que pudessem ativar a memória de quem um dia foi Yasmim, bem como sapatos, presilhas, pulseiras, fotos e fez uma grande fogueira no quintal.

Betinho e ela sentaram-se na varanda, abraçados, e viram queimar medos, preconceitos, ódio. A mãe foi dormir chorando. Enterrar uma filha viva, queimar suas lembranças, suas expectativas foi um processo bem doloroso. Mas era isso ou perder fisicamente seu único filho.

Os anos seguintes foram muito difíceis. Os parentes e os amigos não entendiam a decisão daquela mãe. Parecia que ela, com seus pensamentos anarquistas, comunistas, fez por vontade própria a filha virar filho. No colégio não era diferente. As crianças que conheceram Yasmim, não deixavam Betinho em paz, com o famoso *Bulliyng*. Nunca mais houve um convite para festas de aniversário dos coleguinhos. Os tios não deixavam mais os primos brincarem com Betinho. Uma irmã da mãe, com muita parcimônia, disse que o marido dela tinha medo que “aquela doença” pegasse na sua filha da mesma idade. O pai, quando procurado em sua nova casa, disse à mãe que quando a criança aparecesse em sua porta com trajes de mulher e atendendo pelo nome de Yasmim, ele abriria a porta com prazer. Mas se fosse pra trazer “Betinho”, que não perdessem seu

tempo.

Não houve outra solução para os dois, se não mudar de cidade. O passado deles, assim como, a certidão de nascimento de Yasmim ficaram lá em Manaus. Hoje moram em Aracaju. A mãe para poder se ajudar, ajudar o filho e tentar transformar este mundo, entrou numa faculdade de psicologia. Ela que sempre trabalhou como bióloga. Na nova escola, ninguém sabe que Betinho já foi menina um dia. O menino, hoje, com catorze anos faz futebol. Eu vi as fotos, é um rapaz lindo. Sempre enturmado com os novos amigos. Paquera e é paquerado pelas meninas. Está fazendo tratamento médico para interromper o fluxo hormonal. A mãe se formou, abriu seu próprio consultório e se especializou em troca de gênero.

Aparentemente, vivem em paz e felizes. Mas na vida destas duas pessoas existe uma bomba-relógio, capaz de explodir a qualquer momento, num vestiário de educação física, numa apalpada mais assanhada de alguma namorada atiradinha, ou com a visita inesperada de um parente ou um amigo antigo. Como ela me disse na entrevista, “eu durmo todas as noites abraçada com o medo. E acordo toda manhã de braços dados com esperança.”

Que barra, não é mesmo? Esta situação poderia ser na sua casa. Ou na sua. Poderia ser na casa da Priscilla, uma menina linda, fofuxa, lésbica, 22 anos, que eu conheci na rua. Uma barraca de cachorro quente. Bem masculinizada, estava abraçada com a namorada, as duas cogitavam ter um filho, feito de modo natural. Foi quando a Priscilla comentou: – Se eu aparecer de barriga em casa, minha mãe morre de vez. Jesus mataela.

Curiosa, a jornalista tomou minha cabeça e comecei a puxar conversa com elas, paguei a conta das duas e ainda pedi mais uma cerveja pra cada. A mãe de Pri, era pastora. Tinha mais três filhas, sendo que a do meio, para seu desgosto, era bissexual. Perguntei se a mãe me daria uma entrevista, ela respondeu que achava pouco provável, mas que não custava tentar. Tomou nota do meu celular e foram embora.

Dois dias depois toca meu telefone. Era a mãe de Priscilla, que depois de vários pedidos da filha, resolveu conversar comigo. Marcamos numa praça, longe de casa. Não queria que o marido, nem que ninguém da igreja soubesse. Apoiar a causa gay era pecado, dos graves. Os gays não têm direito a desfrutar do reino de Deus. Quando morrerem, vão queimar no mármore do inferno. Por isso, ela queria aproveitar enquanto estava no mesmo plano terrestre que a filha. Depois que morressem, nunca mais se veriam. Ela disse que se sentia culpada por tudo o que aconteceu à filha. E, dentro dela, alguma coisa dizia que a entrevista poderia ajudar. Talvez Priscilla, quem sabe, tocada pela prova de amor dada pela mãe ao passar por cima de Deus, voltasse para casa, para viver na “normalidade”.

Troca de luz, indica nova personagem. Ela puxa a cadeira, senta-se e temos a mãe de Priscila em

seu depoimento. *Mulher bruta, 48 anos, machucada pela vida. Nascida num bairro simples, teve uma vida modesta, sem passar necessidades. Subserviente a Deus. Tem um olhar triste, gostaria de ser diferente, mas a vida toma caminhos independentemente da nossa vontade.*

Mãe P: Vamos deixar uma coisa bem clara, antes desta nossa conversa. Eu só estou dando esta entrevista porque você me garantiu ser tudo anônimo, nem meu nome, nem o das meninas, serão expostos. Não pra minha preservação, mas pra preservação das minhas filhas. Das três. Se não fosse sua amizade com a minha caçula, jamais estaria aqui falando da nossa intimidade. Já sofremos tanto com tudo isso! Parece ferida que nunca fecha. Cicatriz feita com ferro quente na pele da gente, que a cada troca de estação lateja, arde, queima como que na primeira vez.

Eu me cobro muito por não ter tido mais tempo de acompanhar o crescimento delas por não ter estado tão perto, de coisas que aconteceram em suas vidas, que possam claramente tê-las levado pro caminho que partiram.

Infelizmente, alguém muito chegado à nossa família, alguém que a gente nunca pensaria ser capaz de fazer mal às meninas, passou dos limites tanto com uma, quanto com a outra. E elas ocultaram isso de mim, por culpa ou por vergonha. Creio que esse foi um dos grandes motivos, porque resolveram não ter mais contato com o sexo que asoprimei.

Eu precisava trabalhar. Não tinha com quem deixar as crianças. Por isso elas ficavam na casa da minha mãe. Quando ia passar na minha mente que na casa dos meus pais minhas meninas correriam perigo?

Como mãe, eu te digo assim: carrego uma tristeza profunda na minha alma, *(pausa)* lá no fundo eu vejo que tenho uma grande parcela de culpa nas decisões delas. Isso já tem mais de doze anos e de lá pra cá, eu nunca mais consegui dormir em paz. Tenho de me encher de remédios, senão não durmo. Fico rezando a noite toda, pedindo perdão a Jesus pelos meus erros.

Acho que toda mãe quando descobre que está grávida faz planos, tem sonhos, fica vendo a carinha daquela pessoa que vai sair de dentro dela. Eu não me esqueço até hoje do nascimento das minhas três filhas.

Não foram erros, não foram deslizamentos, elas foram desejadas, esperadas, amadas. Dei uma infância normal, dentro dos limites de quem vive numa comunidade. Elas jogavam bola, soltavam pipas com os outros meninos, mas eu não via maldade naquilo.

Quando criança, eu também fui assim. A minha mais velha, que é a normal das três, brincava igual. As outras duas eram muito fechadas entre elas.

A psicóloga veio chamar minha atenção, dizendo que esteve tudo ali diante dos meus olhos, que eu que me fiz de cega pra não ver, que as mães só não enxergam aquilo que não querem ver.

Mas, como eu não levo desaforo pra casa, perguntei na cara dela: a senhora é mãe? Ela fez que não com a cabeça. Por isso. É muito fácil falar,

julgar sem conhecer o riscado. Vai ser mãe de três meninas dentro de uma favela, com todo tipo de gente ruim como vizinho, traficante se escondendo no teu quintal, com polícia te extorquindo em vez de te defender, com marido desempregado, esmolando um bico aqui, outro acolá. E a senhora ali, tendo que se virar em trinta. Uma hora é fazendo unha, outra é faxinando a casa dos outros, indo dormir 4, 5 horas da manhã pra dar conta de encomendas de ovo de páscoa, de panetone, casadinhos...Chegou a ter época que tive de escolher, ou comia eu, ou comiam minhas filhas. E foram muitas noites que fui dormir com a barriga roncando de fome, mas o uniforme delas estava limpo e passado, os cadernos impecáveis, e o dinheiro pra passagem da escola em cima da mesa. É muito fácil julgar, sem estar no lugar do outro.

A luz traz de volta nossa narradora.

MAJÔ: Ao longo destas entrevistas, vocês vão observar que a fala de julgar e ser julgado é muito recorrente. Somos juízes de nós mesmos. O tempo todo.

A luz troca novamente para mãe P.

MÃE P: Tudo veio a piorar na adolescência delas, começaram a ficar mais arredias, malcriadas, deram pra mentir, se distanciaram das colegas delas de colégio. Viviam dando perdido pra não ir no culto da igreja. E não parece, mas é na adolescência que a despesa aumenta, que aí chega a vaidade, é perfume, creme pra cabelo, absorvente, remédio pra cólicas. Ou seja, passei a trabalhar ainda mais com isso, nós perdemos aquele contato de mãe e filha, aquela intimidade. Deus é testemunha de que se eu errei, foi tentando acertar.

Ah, e outra coisa muito importante, que você tome nota disso aí nesse seu papel, não abro mão dos meus princípios, e respeite minhas condições, antes que você questione a minha fé, meu amor a Cristo. Minha religião não está em negociação. Meu Deus não aceita barganha. Eu amo minhas filhas, aprendi a conviver com esse problema, mas meu Deus está acima de tudo.

Eu trato com amor, com carinho, mas isso não quer dizer que eu aceite, e não por ser cristã.

Como mãe mesmo, acho que elas poderiam ter dado uma chance maior de tentar novamente, ver até onde elas aguentariam manter uma relação de homem e mulher. Que não fizessem sexo. Mas tentassem com um rapaz bem intencionado, namorico no portão, beijos e afagos. Com o tempo a libido viria. Sexo é consequência de um bom casamento. De mais a mais, pra nós mulheres é tão fácil dar prazer ao seu varão, sem tem prazer. O prazer de uma mulher está em ver sua família feliz. Sua casa arrumada, suas contas pagas e a consciência limpa, servindo a Deus.

Mas minhas filhas não se permitem viver essa paz. Parece coisa de

encosto, que o espírito do mal se apossou do corpo delas. É luxúria. Desejo. Sempre me coloquei à disposição delas pra ajudar no que fosse preciso, seja dialogo, seja lutando pra afastar delas aquelas outras companhias que também tem o mesmo jeito. “Tudo” filha de Satanás. “Tudo” mulher do cão. Sabe como é? Essas meninas que andam com as minhas filhas são pesadas. Minha filha por exemplo, é uma menina alta, puxou a altura do pai. Além de ser gordinha. Quantas vezes ouvi, meu marido dizendo: filha, grande sim, pesadão.

Ouvir aquilo do meu marido cortava meu coração. Ele estava sofrendo por culpa minha. Que eu sou a mãe. E eu quem deveria ter posto limites. Pra piorar, ela ia sair à noite, vinha vestida de homem. Até botina do exército ela arrumou. Eu olho pra essa menina e não reconheço mais minha filha.

Talvez por isso seja difícil dar carinho, tocar nela. Ver a menina transformada daquele jeito era algo que eu não esperava. Depois raspou a cabeça só de um lado. O lado que sobrou ela pintou de azul, ficou um horror. Quando eu fui perguntar o que era aquilo, ela me disse que azul era a cor mais quente.

Falei é quente porque você quer, pois você vai ter quente agora. Perdi a cabeça, bati muito nela. De mão, de chinelo, de cinto. Bati tanto que quebrei meu punho, tive que ir pro hospital. E ela estava lá, de pé, sem por uma lágrima, que aquilo ali é mais tihosa que o capeta. Se doía em mim, imagino nela, mas quanto mais eu batia, mas ela me enfrentava. E quando eu parava, ela dizia: cansou? Bate mais ou me mata, e se matar verifica se estou respirando. Que quando eu levantar do chão eu vou cair de boca na primeira buceta que passar na minha frente. Pode ser até a sua, que nessa família isso é normal. Teu paizinho querido não passou uma vida inteira procurando tuas filhas? Bolinando duas meninas, indefesas, amedrontadas.(alto) E não vem com essa história que você não sabia, que eu digo na sua cara, é MENTIRA. Você sempre soube, mãe. Você sempre soube. E nunca fez nada. Com aquele velho nojento, asqueroso, tu não foi valente desse jeito. Não meteu uma bala ou uma porrada na cabeça do traste. Não entregou ele pra polícia. Afinal de contas ele é homem, macho, estava furando uma mulher. Errada sou eu, que sou sapatão. Fanchona. Não é isso que teu Deus ensina? Palmas pra você Bispa Tânia, a queridinha de Deus.

Para arrematar e me machucar mais, ela ainda disse que a maior vingança era saber ele acreditava ser o machão, que estava deflorando uma garotinhae, na verdade ele era um sodomita, já que ela, Priscila, tinha alma e pensamento de homem, que era e se sentia um homem.

Ouvir aquilo tudo me deixou tão confusa e abalada que abri minha guarda pras trevas. A expressão de ódio nos olhos da minha filha é uma imagem que vou ter por cem anos e não vou esquecer. Ela nunca vai me perdoar por ter passado tudo aquilo. Eu pus Deus no meu coração e consegui perdoar meu pai. Não sei a religião da dona, mas antes que a senhora me

julgue, está na bíblia: "HONRA TEU PAI E TUA MÃE, PARA QUE SE PROLONGUEM OS SEUS DIAS NA TERRA, QUE O SENHOR TEU DEUS TE DÁ"

Como eu ia entregar ou matar meu pai? Só que na ocasião, eu precisava fazer alguma coisa pra amansar aquele olhar frio que me cortava mais que uma faca ou navalha afiada.

Passei a mão numa leiteira com água fervendo no fogão e joguei em mim. Essas manchas que a senhora está vendo aqui no meu corpo são as queimaduras que ficaram. Queimei todo o mal que meu pai fez a mim e as minhas meninas, eu queimei quando joguei aquela água no meu corpo. *(começa a chorar)*. Eu queimei tudo, viu? Jesus me salvou.

Agora chega, desliga essa câmera que eu não quero falar mais nada. Falei até o que não devia. E a senhora também deve fazer parte do círculo do demo. Eu fui mordida pela serpente do deserto. A senhora não me liga mais, não me procura mais, por favor. E se usar meu nome, eu lhe processo, viu?

Outra troca de luz. Trilha sonora. Majô pega um copo d'água. Encara a plateia

MAJÔ: Alguém está servido? Uma água? Um café? Foi assim que terminou minha entrevista com a mãe de Priscilla.

Cada vez que eu tomava uma porrada destas, levava dias pra me recuperar. A intolerância religiosa, sempre presente, causando uma histeria coletiva em seus fiéis. Uma cegueira maléfica, que só prejudica nossos filhos.

Vocês não fazem ideia da quantidade de jovens que se descobrem gays e por uma total falta de apoio dos familiares, se suicidam. Outros debandam para o álcool ou drogas mais pesadas. Muitos jovens saem de casa, escondidos e se perdem no mundo. Algumas meninas lésbicas, fugidas ou expulsas de casa, sem dinheiro, sem trabalho, acabam se prostituindo. E a cada cliente, mais raiva e asco ao sexo masculino.

Sandra é uma mãe do interior de Santa Catarina. Professora de balé de uma escola particular em Joinville. A filha de 17 anos, desde os 15 sinalizava que seria lésbica. A mãe, desde então, lia tudo que podia a respeito, em sites, livros, dvds. Mas sempre com muita discrição. Pedia a filha enfaticamente, que nunca deixasse o pai ou os irmãos perceberem nada. A menina, sem escolhas, rezava a cartilha que a mãe mandava.

Do dia pra noite, como num passe de mágica, a guria acordou masculinizada, usando a calça jeans do pai, o blusão do irmão, com a voz engrossando e o corpo ficando quadrado. Sandra apertou tanto a filha que ela soltou que estava tomando hormônios masculinos. A mãe, coitada, tomou um susto, só fazia chorar. Discutiram, se machucaram e Sandra no ardor da conversa, pediu que a filha não fosse mais ao colégio em que trabalhava, pois ela tinha vergonha da coisa que a garota se tornará, dos

comentários maldosos que isso poderia gerar e por medo de perder suas alunas. Afinal que mãe deixaria sua filha, fazer balé, com a mãe de uma menina que mais parecia um caminhoneiro, um tatu bola? Pensa! É igual contratar um gordo como personal trainer.

Fez-se um silêncio que se cortava com faca. Sandra de cabeça quente, foi trabalhar. À noite, surpreendeu a filha com a visita de um psiquiatra que veio autorizar uma internação na clínica de repouso da cidade vizinha. A menina chorou, esperneou. Prometeu rios e mundos, dizendo que mudaria, que no dia seguinte reataria o namoro com seu último namorado. E Sandra concordou em deixar tudo como estava. No dia seguinte, ao chegar do trabalho, Sandra encontrou a casa vazia, o armário da filha vazio, o cofre de casa arrombado. Na mesa da sala, uma carta.

É projetado no telão, fragmentos da carta e trilha sonora.

MAJÔ: Mãe, queria que você soubesse que independente de qualquer coisa, eu te amo demais. Você sempre comprou muita briga por mim e, embora a gente tenha errado muito na nossa relação, você ainda faz parte de mim. Como vai ser esse processo, ainda não sei, minha cabeça tá um nó. Mas estudando mais sobre o universo LGBT e lembrando de toda a minha vivência, como eu me comportei desde criança, você vai pegar o gancho.

Eu acho que sou um homem trans. não vai mudar nada em mim, minha essência, no que acredito, nas coisas que luto. Vai mudar como eu me enxergo e como as pessoas vão me enxergar também.

É muito difícil me imaginar como homem porque sempre lutei contra a existência masculina e o que o universo masculino faz conosco (até então) mulheres. Então, se eu entender que é isso mesmo, vou ser um homem diferente justamente por ter tido a vivência de mulher lésbica e ter sido podada pelo universo masculino desde que nasci.

Eu acho que sou um homem trans. não vai mudar nada em mim, minha essência, no que acredito, nas coisas que luto. Vai mudar como eu me enxergo e como as pessoas vão me enxergar também.

É muito difícil me imaginar como homem porque sempre lutei contra a existência masculina e o que o universo masculino faz conosco (até então) mulheres. Então, se eu entender que é isso mesmo, vou ser um homem diferente justamente por ter tido a vivência de mulher lésbica e ter sido podada pelo universo masculino desde que nasci.

Estou te contando antes de qualquer processo prático porque te amo, confio em você. Espero que não veja como morte da filhinha que você botou no mundo e, sim, uma nova vivência do ser humano que nasceu de você, aprendeu muita coisa contigo e te admira. Eu sou exatamente a mesma pessoa desde que nasci, só amadureci e fui crescendo como indivíduo. Te amo mais do que imagina. E por favor, não fica triste. não estamos mais 100 anos atrás. Hoje em dia tem trans até na novela. A

grana que peguei foi um empréstimo, antes que você grite que eu roubei. Um dia pago, com juros e correções. Beijos.

MAJÔ: Desde o dia em que encontrou o bilhete, já se passaram quatro anos. Quatro anos que Sandra não tem notícias da filha ou filho. Claro que no meio de quase oitenta entrevistas, tem as mais leves, mais divertidas como a da mãe Y que, numa dessas coincidências, também foi estudar psicologia para entender melhor o filho. Parênteses aqui: debruçada neste manancial das mães de GLS, descobri que coincidências não existem. Somos todas variações de nós mesmas.

Uma nova luz indica a visita de mãe Y. Mulher jovem, 43 anos, paulista, classe média alta, bem resolvida, blindada para proteger seu filho, sem medo de enfrentar o mundo. Fumante, agitada. Antes de ser psicóloga era professora de Yoga.

MÃE Y: Uma pergunta: incomoda-se antes de começar nosso bate-papo eu passar um incenso aqui no consultório? Pra deixar o clima mais leve, pra nossa energia fluir melhor. Uma das principais razões de ter escolhido a psicologia como profissão foi tentar entender o outro, me colocar em seu lugar, antes de começar a julgar.

Rapidamente temos Majô:

MAJÔ: Olha o julgamento aí, meu povo. Chora cavaco.

MÃE Y: Nem sempre é fácil, principalmente, nesta sociedade doida, que não é nada analisada. Meu filho esta com 19 anos. Apesar de nunca ter sido verbalizado, ele é gay. Uma escolha dele, que eu, como mãe, tenho que aceitar e apoiar. *Hellooooo*, estamos em 2018. Não preciso que ninguém me chame atenção para isso. Tudo que uma mãe normal quer é ver seu filho feliz, se realizando.

Mas o ser humano é cruel, ele quer te esfregar na cara, o que o seu coração quer negar. Ele precisa tirar o véu do encanto da poesia, que te protege da realidade. Ele quer te frustrar, provando que Dorothys não existem, e que o reino de Oz e o vale do umbral são o mesmo lugar. Toda mãe sabe, desde sempre, que seu filho veio com algo a mais. Eu sempre soube. E daí? É o que falo pras mães no consultório, aceita que dói menos. O sofrimento é sempre opcional.

Uma vez, quando João Vitor, meu filho, tinha 3 para 4 aninhos, eu o levei numa pracinha ali nos Jardins. Tinha várias crianças brincando, a maioria meninas com suas bonecas. Do outro lado dois meninos brincando com seus carrinhos. João não deu a mínima pros garotos e passou boa parte daquela manhã sentado no chão brincando com as bonecas das novas amiguinhas.

Foi a primeira vez que meu coração chorou. Eu sentada sozinha naquele

banco, fumando, vendo um mundo de preconceitos e lutas que meu filho teria de enfrentar, naquele instante soube que ficaria madrugadas e madrugadas acordada, esperando meu filho voltar da rua, sempre preocupada com a violência e as marcas causada pelos outros que não aceitam as diferenças.

Não criei meu filho pra apanhar de madrugada na Paulista com uma lâmpada na cabeça. Não criei meu filho pra ser humilhado, levar cusparada na cara em rede nacional. Criei meu filho pro mundo, sim. Mas um mundo de gente do bem.

No caminho pra casa, meu filho pega na minha mão e com a voz mais inocente do mundo, me pergunta:

–Mamãe, você me dá uma Polly?

Apertei a mão dele com mais força, olhei pra baixo e disse:

– Quem sabe, meu filho, quem sabe?

Depois, fomos em silêncio para casa. Naquele minuto, eu pedi a Deus para que como num milagre, toda aquela profecia cor-de-rosa, feita por uma boneca de látex, fosse revertida. Hoje, eu sinto muita vergonha por ter tido vergonha do meu filho. Mas não me torturo com isso, porque fez parte de uma fase que muitas mães de filhos gays também passaram. Uma coisa que eu venho descobrindo nestes anos de luta é que nós, mães da diversidade, não estamos sozinhas no mundo. Nós somos muitas. Infelizmente, ainda não temos consciência do poder de nossas vozes. Por isso, fiz questão de gravar este depoimento.

Eu senti vergonha do meu próprio filho. Filho que EU pus no mundo.

Hoje, quero comprar a casa inteira da Polly pro meu filho, mas ele prefere um DVD da Beyoncé.

Outra vez, foi uma pecinha do colégio, “A floresta encantada”. Cada criança fazia um animal da floresta. Fomos todos assistir: foi o padrinho, a madrinha, todos apostando que João Vitor vinha de leão, rugindo alto. Eis que de repente entra meu filho, vestido de borboleta, dançando e falando: – Eu sou uma borboleta! Antes eu era uma lagartinha, mas eu desabrochei e agora eu vou bater minhas asinhas e sair por aí.

Todos riram daquela cena. Até a professora de artes riu. Eu queria morrer de vergonha, enfiar minha cabeça num buraco e sumir dali pra sempre. Meu ex- marido, Raul, pai do João Vitor, me olhou de um jeito parecendo que eu seria fuzilada em algum paredão.

Foi a primeira vez que falamos sobre a sexualidade do nosso filho. Ele me ameaçou tirar a guarda da criança se eu não levasse o Vitinho para um psicólogo no dia seguinte. E foi embora dizendo que preferia ter um filho morto que um filho “viado”. Putz, era “tudo” que uma mãe, desesperada como eu não precisava ouvir naquela hora.

Na saída da escola, os olhares dos pais, e as frases maldosas sussurradas

entre as mães.

- Ele é assim, porque é filho de pais separados.
- Isso é que dá criar filho sem limites.
- Deus me livre ter uma aberração dessas dentro de casa.
- Entendeu agora o porquê de não querer ter filhos?

Gente cruel. Desocupada. Esquecem que em qualquer família pode ter um parente gay, uma filha sapata.

Desse dia em diante, João nunca mais foi convidado para as festas dos amiguinhos homens, só das meninas e, mesmo assim, nem todas o convidavam. Uma vez, na natação, uma dessas amiguinhas que Vitor adorava, soltou sem querer, que a avó disse pra ela não ficar perto dele, que era má influência para qualquer criança.

Uma tia, daquelas solteirona, mal humoradas que tem em toda família, chegou em casa dizendo: – Menina, menina, abre teu olho com Vitorinho. Você educa esse menino sem regras. Mima demais. Ele faz o que quer. Tem que matricular no colégio militar. Criança tem que ser criada no cabresto. Você tem que arrumar um homem, urgente, pra impor regras nesta casa. Passa um pente fino na sua vida. Ou este garoto vai acabar um marginal.

Até a empregada aqui de casa veio me chamar atenção pelo fato do Vitor só gostar de assistir ao DVD da Frozen da Disney e depois ficava horas cantando *Let it go* pela casa. De fato, a música leva qualquer adulto à loucura, que aquilo é um chiclete pra grudar no ouvido, mas fazer o quê? Eu tenho que respeitar os gostos dele.

Caramba! Eu sou mãe. Não sou a mulher maravilha. Eu faço o meu melhor, pelo menos tento. Meu filho não é doente. A sexualidade dele não é lepra. Muito menos pode se chamar um menino destes de marginal. Ele é normal, trabalha, estuda, fuma o baseado dele, mas dentro de casa, não incomoda ninguém. Quem ele leva pra cama dele, não interfere em nada na minha vida. É todo mundo dando pitaco. Deixa a gente em paz.

Minha mãe, o Raul. Minha tia, a empregada.

Não bastasse isso, a vaca da diretora me chamou na sala dela pra me dizer que meu filho era estranho, diferente dos outros alunos, que eu abrisse meus olhos. Eu mandei na lata: meu filho é normal, ele tem 11 anos e é gay, qual o problema? A mulher, perplexa, me perguntou como eu podia aceitar uma situação desta sem tentar fazer nada para “curar” um menino de onze anos.

Eu olhei bem nos olhos dela e disse:

- Vamos fazer assim: primeiro a senhora se cura do seu preconceito. Se der certo, eu pego o telefone do seu médico e levo meu filho pra se curar. Ah, antes que eu me esqueça, já experimentou fazer sexo? Faz bem

pra tez. Essas rugas, manchas, que tem na sua pele, essa falta de viço, somem na hora. Meia hora bem dada por dia e oh, sua vida é outra. Passei a mão na criança e fomos dali pra casa, pedimos uma boa pizza e sentamos juntos para assistir ao filme Frozen pela milésima vez.

De lá pra cá, muita água rolou em casa. Blindei minha família da maldade alheia. Para evitar que meu filho fique pelas ruas, exposto, fiz da minha casa, uma colônia de férias gay. Vêm os amigos dele, minha sobrinha lésbica, minha vizinha, mãe de trans, que costuma dizer brincando que aqui é a Disney das LGBTs. A gente põe Ragatanga. A gente brinca de imagem e ação. Aliás, dica da mamãe aqui: não morra sem jogar imagem e ação com os gays. É divertidíssimo. Os gays fazendo a surda muda, você se urina de rir. Uma loucura. Como elas são criativas.

Eu me tornei mãe militante, afinal nossos filhos não são de chocadeira. Vou as paradas gays com faixas, cartazes e camisetas.

Hoje em dia as coisas se inverteram aqui em casa. João Vitor morre de vergonha de mim. Ele é desses gays que tentam ser discretos, quem diria, né? Não dá pinta, se veste todo transadinho, jeans e camisa polo. Dá um Jean Paul Gautier pra ver se ele usa? Que nada. Perfume dele é Azzaro, igual ao pai, que continua homofóbico. Perto de mim, ele nunca mais falou besteira nenhuma, que ele não tá doido. Eu tenho pra mim que João Vitor não se assume por medo do pai. Ele tem uma admiração tão forte pelo Raul. Uma necessidade de agradar pra ser amado. O calcanhar de Aquiles dos gays é a rejeição. Fode legal com a cabecinha deles. E o imbecil do pai cagando pro filho. Isso me desgostou tanto. Um pai que não sabe a cor favorita do filho. Que nunca sentou pra ver um filme ao lado do filho. Que nunca experimentou o arroz a piemontese maravilhoso que o filho sabefazer. Que nunca leu um dos poemas que ele escreve, um mais lindo que o outro. Eu tenho cópia de todos.

Posso gravar um recado neste seu filme pro pai dele? Quem sabe ele não assiste? Escondido, é claro.

Raul, meu querido. Teu filho é mil vezes mais homem que você! Babaca. Obrigada por me conceder seu espaço pra falar. Parece que eu desentalei um carço de abacate.

Eu ando fazendo aquela linha, mãe Elza, mentalmente eu congelei tudo aquilo que nos machucou e ainda machuca. E transformei o “livre estou” em mantra. Pois é assim que eu quero ver meu filho: livre pra ele ser quem ele quiser ser.

Luz e trilha Let it go vão mudando o ambiente e resgatando Majô.

MAJÔ: Fiz questão de por este inferno desta música pra vocês verem que a mãe do João Vitor tem toda razão. Você ouve hoje e são mais dez dias seguidos com ela na cabeça. Ou como diria a mãe da Pri, Queima senhor, até torrar. (*ela ri, timidamente, da besteira que falou*)

Ai, que ridícula. Estão gostando? Ou estou entediando vocês com as minhas histórias? Eu me apaixonei tanto, tanto pelas vivências destas mulheres que poderia passar horas aqui falando delas.

Esse livro tem tantas camadas que é preciso ler mais de uma vez. Marcar frases a lápis. Ler essas frases marcadas em voz alta para assimilar as sublinhas.

Numa outra entrevista, a entrevistada não quis ficar anônima. Uma grande mãe, que ficou logo minha amiga. Será que ela veio ver a palestra (*para a cabine de luz*). Querido, por favor, dá uma luz aqui na plateia (*se assusta*). Meu pai, quanta gente aqui! Olha, Dona Beatriz, a senhora disse que vinha e veio mesmo? Dona Beatriz é avó de gêmeos gays. Os dois são cabeleireiros. O pai deles, filho dela, expulsou o filho de casa e ela, como boa avó que é, acolheu os meninos. Terminou de pagar os estudos dos dois com a aposentadoria dela e a roda do destino girou. O filho faliu, quebrou e os netos se juntaram com mais dois amigos e hoje são donos de uma rede de salões espalhados pelo Brasil todo. Sustentam o pai e, claro, recompensaram a avó com uma senhora casa no Recreio. Seja bem-vinda, dona Beatriz!

Dona Ondina? Que surpresa. A senhora é igualzinha como nos vídeos. A senhora aqui na plateia, Dona Ondina soube, pelas amigas na hidroginástica, dessas entrevistas e me mandou um vídeo, ela também tem um filho gay. O que faz dela um caso atípico, é que o filho é um cachorro. O Totó. Um poodle toy lindo, que tem um caso com o Hulk, um vira-lata grande, o outro cachorro da Dona Ondina. Totó, como bom poodle, é o passivo da relação, no início foi difícil de aceitar pra dona Ondina, mas hoje em dia eles vivem numa boa, todo mundo feliz. A ponto de mandar o cachorrinho pro pet shop e ele voltar de lá cheio de frufu, todo perfumado. A luta agora da Dona Ondina é na prefeitura, que ela quer trocar o registro do cachorro de Totó pra Rogéria. Eu dei meu total apoio à causa. Afinal, quem sou eu para ir contra a natureza, não é minha amiga? Seja bem-vinda ao nosso encontro. Me espera na saída pra lhe dar um abraço e tirar uma foto. (*achando*) Mãe Naná, a senhora veio, axé minha mãe. Pode apagar a luz, querido.

Mãe Nana é a mãezona que estava falando pra vocês. Essa mulher tem pra mais de cem filhos. Põe mais de cem, né não, Naná? Biológicos são três, mas de santo é uma renca deles.

Mãe Naná de Oyá. A única que eu estou falando o nome e não a inicial, por opção dela. Se não fosse essa mulher, não sei se estaria aqui de pé, falando assim abertamente pra vocês. Nossa entrevista foi feita em duas partes.

Começou com meu amigo, que me deixou as caixas, e terminou comigo. Foram as ervas e os conselhos desta mulher que me empurram de volta pra minha vida.

Ouvimos uma canção afro, luz troca para um novo clima. Mãe Nana é uma

senhora gorda, farta, de 60 anos. Expansiva. Fala alto, gesticulando muito. Mora na Baixada, livre de amarras, com a postura que seus anos de sabedoria lhe proporcionam. Alegre, quente. Com um português sofrível, mas naturalmente engraçado. Mexe com ela, pra ver o que te espera!

MÃE N: Meu filho, eu não sou fofqueira não, que eu não ando com tempo pra isso, mas como a moça que deu a entrevista antes de mim, falava alto, parecia surda, eu ouvi tudo. Que apesar da idade, meu ouvido é bom. E vou te contar, não entrei aqui e quebrei tudo, que eu tenho respeito por mim mesma, que gente rica se vem aqui e dá ataque, é que sofre de problema dos nervos, mas se sou eu que quebro tudo e dou vexame é que sou favelada e macumbeira.

Onde já se viu dizer que teve sorte, que o filho dela SÓ é gay, que podia ser pior se ele fosse trans. Pois fique essa dona sabendo, que minha filha é trans e é luxo e beleza. Mas deixa estar que o que é dela está guardado. Que no “qui” ela passou por mim, ali fora, eu “soprei” um pó de abafa orgasmo nas costas dela, que e ela nunca mais vai gozar.

Que eu sou dessas, dá na minha cara, me chama de piranha, mas não mexe com meus filhos, que eu viro o bicho. Recebo um saci, que até o inferno tem medo de mim. Hummm.

Se ela sofreu com a bichinha do filho dela, eu também sofri com o meu. Bem pior, que meu filho depois de 21 anos comigo, respondendo por José Antônio, virou Pamela. Isso mesmo. Bato no peito pra dizer: sou mãe de trans. Sou mãe de Pamela. E olha, ser mãe de boneca, não é fácil, não.

Hoje está tudo bem, é moderno. “Prafretext”. Mas dez anos atrás, era não. Eu e Rodney, meu marido, tivemos que tirar força do rabo (*se toca*)... Ai, desculpa pelo palavrão. Na edição você corta? Que a gente não tá acostumado com essa coisa de documentário. O máximo que nós já viu de perto é gravação de novela, que quando eu era jovem fiz muita figuração. Conheci Francisco Cuoco jovem, bonito, eu sentia “uma” tesão nele. Você acredita que lá atrás, no tempo do guaraná de rolha a gente teve um “trelelê”? Aquilo tem um sarapatel, que puta que pariu (risos). Vai engasgar não, menino. Bebe água. Chama São Brás. Eu vou tentar me controlar. Só não pode me dar corda. Que pobre é assim. Toda vez que sai de casa, esquece de trazer a finesse. Mas vamos lá...Onde eu estava? Ah...

Se não fossem meus orixás pra me dar apoio! Não te contei? Eu sou zeladora de santo, conhecida em toda a baixada como Mãe Naná de Oyá. Pra desfazer feitiço não tem ninguém nesta cidade melhor do que eu. Agora, esse negócio de trazer homem de madame de volta em três dias, faço nada. Que isso quem faz é circo.

Pra você ver, que quando está no destino, está. Fiz tanto feitiço pra meu filho, filha quero dizer. Troca de calbeça. Dei piru de cera pra pomba-gira. Ai, outro palavrão. Edita, por favor. Se bem que piru não tem nada demais. Metade da população tem, e a outra metade cultiva. Mas corri

muita tarimba pra fazer minha filha voltar à normalidade.

Que assim, aceitar, no início, eu não aceitei, mas fui obrigada a conviver. A gente ama os filhos, do jeito que eles “é”. Comadre Dalva, mesma. Tem um filho bandido, quero dizer deputado. E ela aceita bem. Ainda do Partido dos crentes. Mas vai devolver o filho? Não vai. Vai matar, expulsar de casa?

Hoje em dia nem que tivesse na garantia eu “devolvia” minha filha no Procon. E também de mais a mais, no caso de Pamela, ela passa mais tempo na Europa que aqui em Queimados. Os vizinhos também não abrem a boca, que eles ainda não perderam o juízo. Sei o nome completo de todos, a data de nascimento de vizinho por vizinho. O primeiro que falar eu quebro uma perna, arranco um bracinho. Que eu sou dessas. A bondade passa no meu livro até a página vinte, dali pra frente o livro vem todo escrito em sangue.

Felizmente sou muito boazinha, rezo um quebranto que é uma beleza, ainda não cobro nada. Mas tenta fazer pouco de mim! Chama a maluca na minha cabeça pra ver se em dois minutos eu recebo um catiço e ponho fogo em tudo à minha volta. Já tive seis infartos e não morri, você acredita? Que eu chego no inferno, o diabo diz que não está e me manda subir. Chego no céu, Deus me dá férias e manda voltar.

Você não sabe quem eu carrego na minha coroa, menino. Eu trago Oyá na minha igina, mas na verdade eu sou de exu com erê. Sou traçada na cachaça com groselha.

Fui feita com sete anos, com pai de santo da África. Sabe o que é isso? É coisa pra caralho. Ai!!! Traz sabão pra passar na minha boca, pelo amor de Deus(*gargalha*).

Antônio, meu filho, sempre foi diferente, quero dizer Pâmela. Desde muito pequeno que ele era diferente, Eu pari três filhos homens, no meio do caminho, morreu um e ganhei outra. Vai entender?

Mas sabe o que foi isso? Foi não ter dado a obrigação da minha Padilha antes de eles nascerem. Que a minha entidade é de luz, ela dá de um tudo que você pede, mas ela cobra. E cobra desse jeito. A galinha que eu neguei pra pomba-gira, ela mandou de volta como filha. É a porra da vida. Preconceito eu não tenho, que na minha religião o que mais se tem é boiola.

Eu tive um irmão de sangue que era gay. Morreu daquela doença nos anos 90. E por conta disso minha casa era sempre alegre, com aquele “viadeiro” todo, muita pluma, muito paetê, que viado quando vem, não vem com pouco. Olha menino, eu tenho uma teoria minha, que Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo foi descansar. O diabo veio e pensou: – Eu tenho que ser rápido, pra destruir a criação dele. Daí arrancou uma prega do cu do Adão e fez o viado. Tu pensa que foi uma serpente que ofereceu a maçã pra pobre da Eva? Foi nada. Foi um viado.

Falou pra burra (*imitando gay*): miga, sua louca, prova esta maça, que seu cabelo vai ficar babado. A besta provou e deu no que deu. Estamos perdendo os homens pros gays até hoje. Que tá assim (*fazendo sinal com a mão*) de homem casado, carrão na garagem, mas que na calada da noite se pica pra Avenida Mem de Sá ou pra Glória e se fartam com as bonecas que estão lá fazendo pista. Eu tenho uma filha travesti, esqueceu? Ela me conta tudo. E quem queima a rosca são eles, são as meninas não. Por isso muita delas não operam, não cortam o salsichão fora. Que elas não são bestas, não querem perder dinheiro.

A primeira vez que Toninho deu sinal que ia debandar pro outro lado foi com cinco aninhos, ele comeu uma amora e ficou com a boquinha toda roxinha, menino, pra quê? O garoto volta e meia passava amora na boca como se fosse batom e fica pra lá e pra cá de boca pintada. Quando os irmãos mais as crianças da rua iam brincar numa casa de árvore que eu tenho no quintal, ele era sempre a mamãe e o pior, volta de lá grávida, de barrigão e tudo.

Ainda tinha parto normal no tanque lá de casa.

Depois, um pouquinho maior, a gente ia nesses lugares de alugar filme(tenta lembrar), locadora. O menino ia direto nos filmes da Barbie, me dava os filmes escondidos e pedia pra dizer que era pra mim. Uma vez, o rapaz da locadora disse que o filme era de menina, e eu, pra defender meu filho, falei bem alto: vem cá, ohh infeliz, onde que está escrito isso? A partir daquele dia, eu percebi que meu filhote seria gay e que eu tinha a obrigação de proteger pra sempre o meu filho, que a escrota da sociedade bota pra foder com os que “abraça” a diferença. Vocês e esse rapaz da câmara são gays também, não são? Que eu daqui já catei tudo, já chegou o cheiro de leite de rosas, de alma das flores, que viado eu conheço pelo cheiro, “Cês” são cachos um do outro, né? Pode se abrir. Minha boca é um tumulto, sou incapaz de falar da vida de alguém.

Mas voltando à infeliz da minha filha. Em casa, não era muito diferente, não. Toda hora, um dos irmãos de Pamela, chamava o Toninho de traveca, de boiola. E o menino, em vez de revidar, quebrar um dente do irmão, fazer um traumatismo craniano no outro, não. Ficava chorando pelos cantos, feito uma mariquinha. Filho de Oxum, já viu?

O menino é um doce, um melado. Ele era tão chegado em mim, tão perto de mim. Os irmãos viviam enciumados, diziam que eu puxava a sardinha pro lado dele. E puxava mesmo. Estava investindo na minha velhice. Que eu me pelo de medo de acabar gaga, esquecida num asilo. Os filhos tidos como normais não estão nem aí pra mãe. Mas o filho gay, não. Esse faz a gente se sentir querida, cuidada. Hoje eu digo que toda mãe, se for esperta, deveria querer ter uma flor dessas no jardim dela(*emocionada*). É falar no meu filho, quero dizer, filha e fico assim...Emotiva. Pamela me dá de um tudo, sabia? Do bom e do melhor. Não me deixa faltar nada. Fora que ela cuida do meu aspecto, faz meu cabelo, minhas unhas. Diz aí,

pareço ter 60 anos?

Na adolescência foi que a coisa desandou. Nas giras do centro, quando cantava pras yabás, misericórdia. O menino era tomado por um encosto de uma chacrete aposentada. E se requebrava pra cá, e ventava pra lá. O pai não aguentou. Pediu arrego e foi embora de casa. Foi viver com uma pequena da rua de trás.

Por segundos, voltamos para Majô:

- MAJÔ:** Lembram das coincidências? Como os pais covardemente se ausentam?
- MÃE N:** Posso continuar? Ou esse exu vai me interromper de novo? Claro que o falecido pôs toda culpa de Toninho em mim. Pro meu ex marido, a culpa de Cristo ter sido crucificado é minha. Que quando “Pilates” perguntou pro povo: Barrabás ou Cristo? Eu era um judeu no meio do povo, que estava do lado de uma velha surda que ficava perguntando, o que foi que ele disse? Eu repeti Cristo ou Barrabás? Ela: Cristo ou quem? Eu: Barrabás. Ela: Satanás? Eu perdi a calma e gritei: BARRABÁS, velha da praça. Foi o suficiente pro povo em coro começar a clamar: Barrabás, Barrabás.

Com isso reencarnei aqui, na Baixada, casei com o traste do Rodney e sou mãe de Pamela. Se eu senti falta de Rodney? Só se eu fosse doida. Aquilo ali já não servia mais pra nada, bebia tanto que ficou “brocha”. E homem “brocha” é igual aquele eletrodoméstico que foi caro, e você adorava, usou tanto que deu defeito, mas você fica com pena de jogar fora, achando que um dia vai pôr no conserto e deixa na garagem pegando sereno. Não dá pra quem necessita, não empresta pra uma prima, não passa num ferro velho.

Marido “brocha” é isso. É foda (*faz gesto de bater na boca e mandar cortar*)! A transição dela? Foi puxada, viu? Que até quando Toninho veio me dizer que era gay, eu dei de rir. Falei: filho, eu sempre soube que você era assim.

Você não tem culpa de ser assim, não. Isso é coisas de karma. Que eu já vi nos búzios, em outra encarnação “cê” foi Cleópatra. Daí, nessa encarnação veio louca numa cobra.(ri) Tenha seu namoradinho. Traga ele aqui em casa. Você tem seu quarto. O mesmo direito que dou a seus irmãos de trazerem essas piranhas deles pra “abater” aqui, lhe dou igual. Pra que senhor, que fui fazer a mãe moderna? O garoto ficou dias sem falar comigo. Tive que pôr muito o nome dele no congelador pra acalmar aquele menino. Que esse passou na fila do gênio umas dez vezes.

Depois de uma semana, conversamos de novo, desta vez um papo cheio de afeto, de Abraços e carinhos. Parecia que, mesmo com a ausência do pai deles, tudo ia tomar seu lugar de volta. Até que o diabo lembrou de mim e mandou recado.

King Kong apareceu. King Kong era um filho de santo meu, viado. Quase dois metros de altura, encorpado, bem encorpado, gordo mesmo, deste tamanho (*fazendo com as mãos*), que tinha passado dois anos na Itália e um belo dia bateu na minha porta, toda adaptada. Foi merda e voltou goiabada. Com dois pares de peitos na bandeja, uns cabelos na cintura.

Imagina um poste de peruca e saia? A visão do inferno, o rascunho do capeta. Era King Kong que agora atendia por Xênia Diamond. Posso com um negócio desses? Nome bom pra dar em cachorro. Eu, coração mole, aceitei King Kong de volta no terreiro. Ele carregava uma pomba-gira maravilhosa, que dava um ibope na assistência. Faturava bem pro centro. Daí, o que foi que aconteceu? Toninho garrou amizade com a chupeta de baleia.

Eu estava desesperada, porque, nesta época, meu filho só falava em suicídio. Uma vez encontrei na mochila dele um caderninho com cadeado. Claro que em dois tempos arrombei aquele cadeado e li a porra do diário. Como meu filho sofria com as questões dele. A gente reclama, se espanta, não aceita, mas vou te contar é duro demais ter esse carma de vocês. Como pode isso? O homem evoluir tanto pra umas coisas, ir pra Marte? Inventar uma desgraça como esse negócio de whatsapp, mas não evolui nos seus conceitos. Acho que a gente vai chegar no ano 3000 com as pessoas preocupadas com quem seu vizinho se deita. O bilhete de suicídio estava bem no final do caderninho. Perdi meu chão quando li aquilo. Imaginar meu filho num caixão(*se arrepia*).

MAJÔ: Eu juro a vocês que só fiz transcrever estes depoimentos no livro. Essas repetições existem de fato. O suicídio é falado, dito, citado em mais da metade dos oitenta depoimentos. Por isso, mães abram suas mentes ou um dia vocês podem chegar em casa e o pior estar ali na sua frente.

MÃE N: Se essa “amapôa” me interromper mais uma vez, eu sopro pó de enrosca tripa nas costas dela que vão ser duas semanas com prisão de ventre. Hummmm. Como eu estava falando, eu tive uma irmã que se matou. Eu, melhor do que ninguém, sei que quem quer se matar, se mata! Já viu que na minha família tem de tudo? Natal na casa da minha falecida mãe era uma loucura, um “rebuceteio” só. Se cercasse virava hospício, se jogasse uma lona, era circo.

A amizade da King teve seu lado bom. Que tirou essas besteiras da cabeça do meu filho. Mas pôs outra. Eu não sabia, moço. Mas meu menino com quinze anos era virgem, você acredita? E foi king que levou ele pra tal da “discoteque” do Batom Vermelho. Daí, você já viu, carne fresca no pedaço. As bichas ficaram ouriçadas com aquele menino bonito. Que no Antônio, eu caprichei. Abateram na hora. Meu bebezinho que eu troquei fralda, pus talquinho, dali em diante, beijou a boite toda, no atacado e no varejo.

Olha, garoto: escreve aí uma dica boa. Todo pai, toda mãe, só controla

seus filhos, suas filhas, até o primeiro beijo na boca. Depois que a criança toma gosto pela coisa, não tem pepa pig que de jeito. Eles que eram uns amores, viram uns demônios, uns psicopatas, só tem “bubice” na cabeça. Sabe a Pedrita dos Flintstones? Ela não tem um osso atravessado na cabeça?

Então, Pâmela tem uma rola, que vai de orelha a orelha. Nessa idade que mistura puberdade com adolescência, só as minhas almas do cativeiro pra ajudar. E com hormônios subindo pra cabeça, não tinha tipo ou gosto, Pâmela tinha pressa. Podia ser branco, preto, “cafuçú”, mameluco, se tivesse pinto, a menina se atracava, que só jogando sal grosso pra desencaixar.

Falo isso, por que eu tive três filhos homens, minha casa num certo ponto, tinha que ser pintada de seis em seis meses, que nas paredes era rastro de punheta pela casa inteira. Porra quando seca, mancha, que só com Veja Multi ação pra tirar. Eu entrava no quarto deles e já cumprimentava as paredes: oi minhas netas, meus netos. Vó Naná tá aqui.

Quanta bobagem. Acho que é pra fugir do assunto. Não é moleza abrir sua vida pras câmeras. Um dia, Antônio fez 21, se achando o dono do mundo.

Ele me apareceu na sala com duas malas minguadas e uma mochila nas costas. Ia pra Itália com a King Kong. Eu tentei de um tudo pra impedir que ele fosse, de pegar santo a enfartar. E só escutei ele dizendo:

– Se for morrer, morre logo que ainda dá tempo de despedir de você antes de perder meu voo.

Não teve jeito, garoto. Sentada feito uma jaca madura no sofá estava, ali fiquei. Ele me deu dois beijos e bateu a porta.

Aqueles dois segundos em que a porta bateu passou um filme na minha cabeça. Me dei conta que o grande amor da minha vida, estava indo embora. Que grande amor não é só homem. Um filho pode, sim, ser o grande amor de sua vida. E o meu ia pra muito longe de mim.

Aqui dentro, eu sabia que aquele ANTÔNIO, estava indo pra nunca mais voltar. Eu levantei daquele sofá catando cavaca, passei a mão numa guia de Ogum que eu tenho sempre atrás da porta, que é pra dar proteção, e fui na rua feito doida gritando por meu filho. Ele estava entrando no carro da King Kong, um fusca verde sapo, pavoroso, que até hoje eu me pergunto, como ela cabia dentro dele. Falei (*ternura*): filho, oxalá que te abençoe. Leva isso pra te proteger. E seja lá o que te acontecer, seja lá em que esta irresponsável te transformar, eu vou te amar pra sempre. Aqui vai ser sempre a sua casa. E o colo farto de sua mãe vai continuar quente pra receber você, meu amor. Vai com Deus. Nos abraçamos, nos beijamos e aquele sapo-boi partiu cantando pneu(*enxuga lágrima*).

Passei os dois anos seguintes sem ter notícias do menino. Dois anos que foram roubados da vida. Desapareceram. A gente precisa perder pra dar

valor. Meu filho, meu mundo. Fechei o centro. Dei férias dos meus guias. Era uma tristeza tão grande dentro de mim pra poder fazer caridade alheia.

A parentada aqui só chutando cachorro morto. Dizendo que a culpa era minha. Que tinha que “tê” internado ele. Que isso era de tanta macumba que eu fiz na vida. Porra, o tiro eu dou, mas quem mata é Deus, né, não? Vem essas donas doidas aqui pedir pra separar os machos dela, pra matar as esposas e quem paga a conta sou eu?

Como eu estava com a minha tenda fechada, acabei indo num grupo de ajuda da igreja católica do meu bairro. Pra que senhor? Logo no primeiro dia um homem me chamou num canto e acabou comigo e com meu filho. Me humilhou, disse cobras e lagartos. Eu corri pro padre em prantos e ele estufou o peito, empinou a cabeça, pensei, pronto outra “fumaçada”. Só que o padre pôs a mão dele em mim e me disse: filha, se Deus se importasse com gente como teu filho, a nossa igreja estaria vazia. Olha em volta. Muitos não falam, não externalizam, mas Deus está vendo. São muitos. Tanto nos fiéis, como nos cleros. A quantidade de padres infectados com o vírus do HIV é enorme, só não divulgamos. Vai pra casa e seja feliz, você fez e deu o teu melhor pros três filhos. Segue em paz, entrega teu coração ao Senhor, que ele não deixa um filho em oração sem respostas.

Menino, aquele padre foi “babadeiro”. Devia estar mediunizado. Vim pra casa agradecendo aos céus. Quando meto a chave na porta e abro, dei um grito para se ouvir até no Japão. Tive a prova que Deus é por nós. Um mulherão lindo no meu sofá. Era PAMELA minha filha trans.

- Toninho, é você meu filho?
- Para de show. Toninho morreu num acidente de trem. Foi degolado. Agora a senhora tem uma FILHA. Meu nome é Pamela Ravache!
- Pamela, Toninho, Maria, João, não importa. Qualquer coisa era melhor que Xênia Diamond. Corre aqui e me abraça.
- Falei: meu filho, quero dizer minha filha, precisava este nome? Pamela? Isso é nome de quenga, de garota de programa. Quer ter nome de mulher põe o nome da sua avó em homenagem a ela que adorava você. Iracema. Que nome lindo. É indígena.
- Ficou louca mamãe? Onde já se viu, uma travesti chamar Iracema? Não fatura. E tem mais, mamãe. Antes que você saiba pela boca dos outros vai saber da minha. Eu estou fazendo vida na Europa.
- Mas deixe de ser besta. “Tá me trolando”? Qualquer pessoa que respira neste mundo seja aqui ou na Europa, faz vida.
- Acorda mulher. Tô dando “atendimento” naltália.
- Sempre soube que você carregava mediunidade com você, É herança de família. Mas está dando atendimento com cartas oubúzios?
- Ela não gostou da brincadeira, não. Chegou a gritar comigo:
- Estou fazendo “vício”. “Tô viciosa”. Quer que eu desenehe?

Garoto, aquilo foi uma confusão na minha cabeça. Tudo no mesmo dia. O

homem da igreja, o padre, Pamela no sofá, o carro dos 30 ovos passando, eu lembrando que não tinha mais uma porra de um ovo dentro de casa, aquele monte de peito se mexendo, King Kong cheirando cecê, misturando com uma catanga de perfume que vinha de Pamela, parecia aqueles perfumes da Mary Key, ia enjoando minhas narinas, e ainda isso? Saber que meu bebê voltou do estrangeiro TRAFICANTE! Cheia de vícios.

Caí dura e rota no chão. Epilepsia na hora. Precisou de três dias pra eu voltar a falar. Depois descobri que não era nada disso, que Pâmela era comerciante, como ela se definia, vendia, alugava e parcelava em 10 vezes, sem juros, o corpo dela mesmo. Mas estava rica, endinheirada. Trouxe tanto presente caro pros irmãos que os fingidos “era” só sorriso pra irmã. Que o dinheiro não faz? Meia dúzia de perfumes fedidos, uns relógios de marca e os irmãos que “odiava viado”, só faltavam lamber o chão que Pamela passava. Disseram até que ela era bonita. Que se não fosse o sangue, eles pegavam. Eu vivi pra ouvirisso.

Um dia, cozinhando o almoço de domingo, Pamela saiu do banheiro enrolada na toalha, e me chama:

– Mamma, tenho uma coisa pra temostrar.

Que eu viro pra olhar, ela abre a toalha e mostra a cirurgia que ela tinha feito e não tinha me contado nada.

– Creio em Deus Pai. Você tá de Buceta! Cadê seu pinto? Era tão perfeitoinho. Agora você está assim, deformada? Com a perseguida mais perfeita que a minha. Não...Não...Não...isso não é justo...

Não aguentei o tranco, convulsionei ali mesmo. Princípio de AVC. Fiquei uma semana falando assim com a boca torta.

Aquela “pepeca” não saía do meu pensamento. Pareciam duas folhas de alface pequenininhas. Perfeitinhas. As minhas são duas “lambras”, cada uma de um tamanho. E as da minha filha, uma obra de arte, quase um Romero Britto. Toda depilada. Eu ia no hortifruti fazer feira, via uma alface na prateleira, começava a gaguejar, a me “tremilicar”. Ia nestes fast food, pedia um hambúrguer, quando ia comer que via a alface, eu dava defeito. Tá uma coisa que nem terapia, nem meus santos deram jeito. Trauma de alface. Não como mais por nada. Agô, meu pai. Mas pode vir Xangô na terra, com tacho de fogo pra tacar em mim, que não como alface. Como esses médicos conseguem fazer uma buceta de silicone, não sei? Coisinha mais perfeita. Se não fosse a minha idade, mandava Pamela trazer uma pra mim. Tamanho G.

O tempo foi passando. Todo ano minha filha parecia uma Apará, passava seis meses na Itália, seis meses aqui comigo. Quando vem, vem parecendo o papai Noel das GLBT, carregada de presente pra comprar o silêncio da família. Casou. Com um italiano maravilhoso. Feio igual o demônio, mas rico. E com dinheiro, todo mundo é lindo. Tem cara de ser bem

apanhado, volumoso. Que Pamela é dessas. Não se contenta com pouco, não. É gulosa, a moça. Puxou isso do lado da família do pai dela, que eu não sou assim. Não sou “mesma”. O que Deus me dá eu uso e agradeço, que eu sou humilde, amanhã pode faltar. Mas ela está bem feliz na vida de dona de casa. Esse marido foi um achado. Minha cigana que botou no caminhodela.

Homem bom, generoso. Eu que amarrei os dois. Que assim casada, os riscos dela fazer merda diminuem.

Abriu uma boutique pra ela, bem no comercio daqui, ponto bom. Pâmela agora é comerciante de verdade. Só vende papa fina na loja dela. E essas travestis roceira daqui de Queimados, compra que nem água. É peruca, cola pra cílio, meia de seda, tudo importado. As vezes eu vou pra São Paulo com a King Kong e a gente lota o fusca, ainda é aquele verde horroroso, que parece um sapo. A gente lota o fusquinha de coisa comprada nas lojas da 25 de março, troca as etiquetas quando chega aqui e as doidas pagam como se fossem importado. Mas não deixa de ser, que a China e o Paraguai são país, não é Estado. Esqueci de contar que nos seis meses que ela fica na Europa, eu que tomo conta da Butique e a King é a gerente. E faz a segurança da loja também, que quem é besta de dar calote num Exu daquele tamanho?

Eu falo assim, zoando, isso é de mim, a vida pode estar a merda que for que eu tô sambando. Mas, aqui entre nós, Pamela me enche de orgulho, sabia? A danada venceu! Eu vejo por aí estas madames que se jogam dentro de um Uber e vem lá de Ipanema pra jogar comigo. Umas donas podre de ricas e infelizes. Ocas. Vazias. Um bando de morta-viva.

Minha filha pode ser trans, pode ser diferente, mas é feliz, moço. Os olhos dela brilham, tudo bem que ela usa aquelas lentes azuis, ridículas, mas brilham. Minha filha não veio no mundo a passeio não. Ela deu nome e sobrenome. Pamela Ravache. Anota aí: minha menina, meu tesouro. A melhor filha que eu poderia ter tido. Por ela, eu passava tudo outra vez. Me liga todo dia. Não sei pra quê? Deve de ser carência.

Última vez que nos falamos ela inventou a moda que quer ser mãe. Falei: menos, filha. Bem menos. Começa com uma samambaia, se ela não morrer, você adota um cachorro. Se ele não morrer, aprender a latir, que um cachorro na suas mãos é capaz de miar, daí, você cogita em ter filhos. Quanto a mim? Eu reabri meu barracão. Pamela não me nega nada, já disse, mas eu também tenho que ter minha renda. Tá assim (*gesticulando*) de filhode santo novo. Ainda mais agora, que estou aceitando as bonecas “tudo”. Ah, nem te conto. Sabe a Kombi que vende os ovos que a galinha chorou pra botar? Estou dando uns pegadas no motorista. Não é uma Coca-Cola, mas se arrota bem. E o no feijão com arroz, ele manda bem. Fora que também já economizo nos ovos, que eu não estou morta, nem nada. Agora é muita obrigação pra Oxum no terreiro e omelete do almoço ao jantar. E assim estamos tocando essa porra. Ai, outro palavrão. Tem como cortar na edição?

Majô volta de vez, com sua luz e nova trilha.

MAJÔ: Tem minha querida, claro que tem. Bem, nosso tempo está acabando. Passou rápido, não foi? (*folheando uma pasta sobre a mesa*). Uma pena. Nesta pasta tem os depoimentos que vieram depois de o livro ser editado. Não foi porque terminei a pesquisa, que encerrei meu contato com as mães. Estou pensando em publicá-los em nova edição. Ou fazer o volume dois. A TV que eu trabalhei está me rondando pra fazer um programa novo pra eles, com esta temática LGBT. As sextas depois da meia-noite. Não estou querendo aceitar, apesar de a grana ser ótima.

Parece meio oportunista fazer este programa agora. Hoje em dia, negro e gays, são os que rendem bom ibope. Estampar bandeira gay na embalagem dos salgadinhos é fácil. Pega bem na fita. Quero ver na prática. Por que não doam 1% das vendas pros hospitais que fazem pesquisa pro HIV? Por que não incentivam campanhas de conscientização pra população? Por que não pressionam as emissoras de TV para por na grade de suas programações programas gays antes do meio-dia? Personagens nas novelas que não sejam estereótipos da palhaçada, da afetação? Ou exibir dois homens se beijando na boca, como se exibem feras soltas num Simba safari. De soltas elas não têm nada. Tudo sempre é muito maquiado, muito varrido pra debaixo do tapete quando o assunto é a sexualidade do outro. Eu não quero ganhar dinheiro `as custas da dor de uma causa, que passou a ser minha, que é sua, dele. De todos nós. Porque se o seu filho não é gay, maravilha. Mas como garantir que o seu neto não será? Todos nós temos nosso telhado de vidro.

Levantar bandeiras para me autopromover, nem pensar. Por isso vou continuar fazendo minhas palestras, preparando um novo livro. Se alguém quiser me dar seu depoimento, pega meu e-mail, meu whatsapp com alguém aqui atrás da minha produção. Será um prazer ouvir suas histórias, ainda mais agora que, depois de burra velha, achei tempo pra fazer faculdade de...? Psicologia. Tô falando...

Trilha sonora. Majô começa a arrumar suas coisas para ir embora. Para. Pensa. Põe a bolsa de volta na cadeira.

MAJÔ: Vocês estão com tempo para ouvir mais uma história? Uma história que encerra o livro, mas que deveria ser a primeira a ser contada. Vai me fazer bem contar essa história pela primeira vez em público. Pode ser?

Então, sentem, que lá vem textão. Eu vou contar a minha história.

Eu nunca tive muito talento para ser mãe. Quando criança, nunca dei muita importância para as bonecas. Tinha algumas. Brincava com outras. Mas nunca aquelas bonecas foram minhas filhas. Sempre fui muito precoce.

Menstruei aos dez anos e, aos doze, já tinha uma libido afloradíssima. Perdi minha virgindade aos dezesseis e bingo! Nove meses depois, eu, que

nunca tive vontade de ser mãe, estava trazendo ao mundo meu filho Matheus.

Minha sorte, e sorte dele, que minha mãe era o meu oposto. Uma mulher que pariu nove filhos, teve vinte e dois netos e pegou o meu filho pra criar como se fosse dela. O bacana nisso tudo, é que meus pais nunca me cobraram uma postura materna. Eles me aceitavam como eu era.

Para ser mãe é preciso ter vocação. É preciso um altruísmo fora do comum, para se anular todo dia um pouco. Ser mãe é realmente para os fortes.

Sem saber como lidar com aquela vida na minha vida, de onde tirar sentimentos normais a qualquer mãe, que em mim não existiam, fui morar em Londres. Estudar jornalismo fora, sempre com o aval dos meus pais.

Passei nove anos lá. Conheci pessoas incríveis. Casei com um roteirista inglês. Um cara brilhante, premiado no mundo todo por seus filmes. Minha

vida era um conto de fadas. Muito sexo, muito beijo na boca, muita cerveja, alguns cigarrinhos e acabei não dando conta desses nove anos longe daqui. Nove anos sem visitar meu filho, renegando minhas culpas, escondendo meus erros e tentando viver alheia à minha própria história.

Um belo dia, toca o telefone da minha casa na Inglaterra, um frio miserável, levanto da cama, atendo ao telefone e escuto meu pai com a voz muito seca, trêmula, me dizer que minha mãe tinha partido.

Ninguém escapa da ampulheta da vida, da precisão dos ponteiros. Um dia está tudo bem e em frações de segundos, bah. Você entra no elevador do destino e despenca da cobertura para o subsolo numa tacada só.

Sem escolhas, entrei no avião e voltei. Não imaginava qual seria a próxima cena do meu roteiro. Depois de três dias de luto, meu pai me chamou no quarto e me disse que dali para frente, Matheus era minha responsabilidade. Que ele estava velho demais para criar um neto sozinho. De fato estava.

O menino era um estranho pra mim e eu pra ele. Trocávamos um oi, um afago, dois abraços e alguns doces. Mais nada. Eu não sabia seus gostos, suas aptidões, que história ele gostava de ouvir, nada. Um hiato de nove anos irreversível para nós. Acho que por ser aquariana, eu sou blindada de pieguices, me tornei uma mulher fria, muito prática com minhas decisões.

Costumo brincar, dizendo que o que não tem opção, “opcionado” está.

Liguei para Londres, terminei com George, ali mesmo, pelo telefone. Pedi que me mandasse minhas coisas e que se ele quisesse minha casa no Brasil, estaria de portas abertas para recebê-lo. Mas eu sabia que para George, o Brasil é um país onde macacos correm pelas ruas, araras sobrevoam nossas cabeças e que não passamos de nativos colonizados.

Quando desliguei o telefone, desliguei também uma Majô que eu amava. Faz qualquer coisa com um aquariano, mas não tente tirar ou podar a liberdade dele. E a minha liberdade tinha sido comprada por aquele pivete, branquinho, cara cheia de sardas, com um pouco mais de um metro de altura.

No capítulo seguinte, procurei um emprego. Consegui. Num emissora fodona de TV, comecei por baixo, mas eu sabia que com a minha determinação e talento, chegaria lá. Aluguei um apartamento no Jardim Botânico e fui morar com meu filho. Claro, contratei a melhor babá que me indicaram. Nena, uma sergipana doce, afetuosa com crianças, burra como uma porta, mas com uma maternidade exalando pelos poros.

Nesse período dos dez aos quatorze anos do Matheus, eu comecei a notar um movimento estranho nas escolhas e gostos do meu filho, no contrafluxo dos colegas dele. O gosto musical do meu filho era apuradíssimo, um menino que se emocionava de verdade ouvindo Chopin, Mozart, jazz, blues.

Alucinado por novelas. Principalmente se eram novelas com a Claudia Raia. As cores também eram outra pinta que meu filho dava. Ele sabia uns nomes de cores que hétero não conhece por nada. Magenta, lavanda, vermelho escarlata, turquesa, grená. Um menino de doze anos que me pediu para pintar o quarto dele de fúcsia...

Ali, eu já sabia que o riscado ia ser dobrado. Mas dentro da gente, sempre existe uma esperança de que o filho vai mudar com o tempo, que é só uma fase boba, entrada na puberdade, enfim. Falo muito de boa, por mais cuca fresca que eu fosse naquela época, não queria ter um filho gay. Vamos ser francas? Qual mãe que deseja isso? Não por preconceito meu, jamais, mas pelo lamaçal que vinha pela frente. Este País não é a França ou a Holanda. Eu estou falando de uma província chamada Brasil, capital do racismo, do preconceito, da impunidade.

Uma vez, ele com uns treze anos, passou a mão num batom que eu tinha, se trancou no banheiro e passou o batom com gosto, à la Raia.

O que o bichinho não contava era que o batom era aquele Boca Loka, 24hs, lembra? Aquilo não saía por nada. Coitado, ele esfregava tanto, que a boca foi inchando, ele chorando, até que a babá veio ver o que estava acontecendo, eu trabalhando, sem saber deste circo em casa.

Ela também ficou tão desesperada, com medo que eu chegasse e visse a tragédia, passou acetona na boca do menino. Por fim, o batom saiu. Mas por uns dois dias Matheus ficou com a mesma boca da Angelina Jolie.

A outra vez foi aos dezesseis, eu sempre mandava o menino, em janeiro, pra passar as férias com o avô e os primos, assim, eram dois meses de férias na minha vida também. Parece cruel, mas toda mãe deveria ter dois meses de férias por ano, dos filhos e dos maridos. Corrigindo, dos maridos, três.

Na cidade do meu pai, durante o carnaval, os homens se vestem de mulher para sair no tradicional bloco das piranhas. Mas se vocês vissem esses homens, iam entender, são a visão do inferno. A impressão que dá é que o satanás pôs uma saia do tipo, “mamãe sou kenga”, uma xuxinha no cabelo, uma maquiagem fusquinha na cara e saiu.

Matheus se juntou com os primos mais velhos pra ir no tal bloco. Pediu pras minhas sobrinhas ajudarem ele a se arrumar, entrou no quarto das meninas e ficou ali por horas. Preciso contar o resto da história? Meu pai, com 72 anos, quase enfartou quando viu o neto que ele ajudou a criar saindo do quarto.

Era uma miss Brasil. Até salto e cílio postiço o menino tinha.

O meu pai não aguentou aquilo, um militar na reserva, que criou nove filhos, nenhum deu pra coisa. Resultado, deu uma surra no garoto. Bateu com gosto. Dizia pro neto: melhor apanhar agora dentro de casa que apanhar na rua. Neto meu tem que aprender a ser homem, honrar as bolas que tem no meio das pernas. Tive que largar tudo que estava fazendo, pegar meu carro e ir resgatar meu filho. Enfrentar meu pai, que depois deste dia ficou anos sem falar comigo. Meu pai dizia que o neto era afeminado por minha culpa, que eu abandonei meu filho, que minha estadia na Europa, me fez liberal demais.

Claro que tive de ouvir: – Teu filho é viado por não ter pai.

Na volta, dentro do carro, Matheus só chorava, mas chorava muito, pedia perdão e dizia que não queria ser assim, que aquilo era mais forte que ele. Que era uma coisa sem controle, se eu poderia pagar um médico pra ele ou leva-lo para uma igreja.

Parei o carro no meio da serra, não esqueço, era uma segunda de carnaval.

Olha aqui Matheus, vamos ter uma conversa direta e reta, que eutenho pavor de gente que chora, que se vitimiza. Chega de show! Desce deste salto, que você não esta doente, você não está morrendo. Você é gay, só isso, simples assim. E nenhum gay neste mundo tem culpa de ser gay. Ninguém escolhe ser gay. A pessoa nasce assim. E muita ignorância do pai ou da mãe que não pense assim. Se é genético, se é carma de outras vidas, eu não sei te dizer, só sei que doença não é, pra você se tratar. Nem vai ter igreja nenhuma que mude sua essência, por que DEUS te gosta assim, te quer assim. Gay!

Ele gritava mais ainda, não sou, não sou.

Para de gritar, Matheus. O nome disso é histeria. Vamos manter acalma. Olha pra mim, eu disse olha pra mim. Você gosta de meninas?

Ele, de cabeça baixa, disse um não murcho.

Ele gritava mais ainda, não sou, não sou.

- Para de gritar, Matheus. O nome disso é histeria. Vamos manter acalma. Olha pra mim, eu disse olha pra mim. Você gosta de meninas?

Ele, de cabeça baixa, disse um não murcho.

- Você já teve alguma relação sexual com outro homem? Ele, mais sem graça ainda... Quase.

- Pronto, fodeu. Se provou, viciou. Que vicia mesmo. O negócio é bom. Falo de experiência própria. Aquele comentário esdrúxulo fez o menino que só chorava dar uma risada que ecoou naquela Rio x Petrópolis. Ficamos os dois rindo e pela primeira vez nos abraçamos, de um jeito que eu nunca tinha abraçado ninguém navida.

- Agora que você se acalmou, a gente pode conversar. Você ser gay e gostar de outro homem é o menor dos problemas. Onde você coloca sua boca, o que você faz com seu corpo é assunto que só diz respeito a você e a sua cama. Ninguém tem o direito de se meter nisso. Você me ouviu? Ninguém!!!

Mas a sua postura, o seu modo de se apresentar ao mundo, o seu jeito de viver em sociedade, isso sim, cabe a mim, ao seu avô, seus tios, seus amigos. Você faz parte de um núcleo, você não é um ermitão. Seja quem você quiser ser, mas se dê ao respeito. Não queira ser uma bicha louca, afetada, uma despombada, que dessa forma você vai me envergonhar, você vai se expor, vai ter que ouvir coisas horrorosas das outras pessoas.

Tenha postura, Matheus. Saiba chegar e sair dos locais, honrando seu nome, o nome da sua família. Tenha bom senso. Quando se vive em sociedade, se vive em regras. Eu, como mulher, adoraria andar pelas ruas sem blusa.

Pagando peitinho. Sair sem calcinha. Urinar em pé no meio da rua como vocês fazem, mas eu não posso. E nem por isso eu me martirizo, me vitimo.

Faz parte do jogo.

Eu tenho vários amigos gays, VÁRIOS. Alguns afetados. E te digo, por mais que estejamos no terceiro milênio, super avançados na modernidade, nós não mudamos nada neste sentido do preconceito. Tudo o que foge do padrão, assusta, causa medo, indiferença.

Na frente desses meus amigos, ninguém abre a boca pra falar nada, mas é a pobre da bicha se virar, que começam os kikikis, kakashas. Olha a bicha pão com ovo, o boiola, a gazela, Bambi. Eu posso não ser a mãe que você sonhou, mas sou sua mãe. E não quero isso pra sua vida, ser a joga pedra na Geni do bairro. Não quero ouvir um filho da puta falar assim do meu filho. Por isso, NÃO DESMUNHECA, você não é a Carmen Miranda. Não rebola pra andar, que você não é Top Model. Não fala fino, que você não engoliu gato, pra ficar miando. SEJA HOMEM! Você nasceu homem e vai morrer sendo homem, entendeu? O que você faz com seu corpo, isso

é problema seu, mas nunca esqueça que você é homem.

Aprende mais uma coisa comigo, Matheus. Dinheiro é a mola do mundo. Dinheiro compra respeito. Por isso, em vez de ficar pensando em se vestir de mulher, em dar sua pinta com seus amiguinhos, Estuda!

Estuda muito, menino. Pra ser gente na vida, tem que se ter estudo. Se você quer se impor como um gay, precisa ser dono das rédeas da sua vida.

Enquanto alguém, seja esse alguém, eu, seu avô, algum namorado, enquanto alguém pagar o papel higiênico que limpa sua bunda, você vai ter que prestar satisfações e dançar a música que a pessoa põe pra tocar.

Trabalhe feito um condenado para você ter sua independência. Pra você comprar o silêncio das pessoas. Uma bicha bem sucedida é muito mais feliz que uma bicha pobre. Não queira ser o palhacinho dos outros. O viado que chega nas festas causando, espalhando purpurina pra todos os lados. Não se feche em guetos. Não se vulgarize com esse dialeto que as gays inventaram. Chame atenção pelo seu charme, pela sua inteligência. Uma frase que aprendi nos bastidores da TV, Bicha burra nasce morta.

Fale um bom português, domine outros idiomas, seja culto, viajado. Isso amedronta os outros. Estamos entendidos? Três horas depois, liguei o carro e voltamos pra casa. O menino ali, calado, pensativo.

Acabei de reproduzir um discurso de muitos anos atrás, real. Hoje, eu não pensaria desse jeito. Sou capaz de reconhecer um teor de preconceito em cada sentença, cada frase. Mas, eu sou mãe. E mães são tentativa e erro. Eu não fazia ideia que ao fazer este discurso egoísta, defendendo o que seria bom pra mim e não pro meu filho, estava condenando Matheus a viver preso em padrões impostos por mim e pela sociedade.

Passada uma semana, Matheus arrumou um emprego de office boy num escritório de contabilidade. Quando recebeu o primeiro salário, veio me mostrar, feliz feito pinto no lixo. Me ofereceu uma parte, pra ajudar a pagar alguma conta de casa. Eu ganhava muito bem no meu emprego, não precisava daquilo, mas aceitei, pra que ele tivesse brios de saber que a conta de luz da nossa casa, por exemplo, era paga com a grana dele. Parecia um pavão. Nunca mais parou de trabalhar. E eu nunca mais pude gritar dentro de casa, desliga essa luz que eu ainda não estou dando pro dono da light.

No aniversário dele de dezessete anos, outra surpresa. Matheus veio me apresentar o namorado, Bruno. Um garoto bonitinho, quieto, comprido, magro, parecia uma girafa. Pelo menos não era afetado. Queria fazer engenharia. Nada que depunha contra, mas eu não sei o que deu em mim, se foi ciúmes, se foi estranheza. Eu sei que não bateu bem, chamei meu filho num canto e pedi que depois do parabéns o rapaz fosse embora.

Ah se arrependimento matasse! Cada vez menos Matheus vinha dormir

em casa. Era enfiado dia e noite na casa da girafa.

E a cada noite que ele dormia fora, o tal instinto materno aflorava. Eu ficava preocupada com aquele menino nas ruas, nesta cidade tão violenta e tão cruel com os gays. Como pode a mesma mãe que abandonou o filho com a avó, agora não dormia, enquanto não soubesse que o mesmo filho estava num lugar seguro. É a tal da gangorra da vida.

Pra poder ter paz, eu comprei um apartamento pequeno, um quarto e sala em frente ao meu prédio. Assim, tanto ele quanto eu, teríamos liberdade, mas não estaríamos longe um do outro.

Ele adorou. Perguntou se podia levar a girafa pra morar com ele, eu falei:

· Amor, eu não sou índio que dá um presente e depois toma. A casa é sua. O condomínio é seu, as contas são suas. É o que eu te falei três anos atrás naquele carnaval, se dê ao respeito e seja feliz.

Os anos foram se passando, Matheus acabou fazendo jornalismo também. Não sei se para me agradar, se foi para me trazer pro mundo dele e vice-versa, por me ter como referência. Enfim Eu comecei a me relacionar com

um homem mais novo e domingo sim, outro também saíamos os quatro para almoçar. Era uma farrá. Nunca consegui ser aquela mãe exemplar, dessas de novelas, mas uma boa amiga sim. Matheus e eu, fomos nos tornando melhores amigos, uma amizade sem muito afeto, troca de chamegos, mas com muito diálogo, sarcasmo, vinho e boas risadas.

Minha história poderia acabar aqui, mas lembram da roda gigante de que falei? Do elevador que vai da cobertura ao solo em segundos? Uma madrugada toca meu celular. Um número que nunca tinha visto. Era do hospital Miguel Couto, avisando que Matheus, então com 23 anos, estava entre a vida e a morte. Tinha levado uma surra de seis rapazes na Gávea.

Esse é o pior pesadelo para pai e mãe de filho gay. Muitas vezes, o que aos olhos dos outros soa como preconceito nosso, é medo. Medo de que o mundo possa machucar o teu rebento. Todo aquele meu discurso sobre dar pintas, afetações era temendo esse dia. Era querendo esconder o meu filho do mundo. Porque o mundo é cruel.

São a covardia e o preconceito que habitam jovens de classe média alta, que se acham os machões, os justiceiros do mundo, que sofrem lavagem cerebral dos pais em casa, dos avós, dos professores nos colégios, desses políticos de merda que pra poder roubar em Brasília, levantam bandeiras de ódio em nome da tradicional família brasileira.

Meu cu pra família brasileira. Eu e meu filho somos o quê? Dois despatriados? Dois desparidos? Não tem nem cabimento este pensamento, de que a homossexualidade representa o fim da família brasileira. É uma família diferente, porra, mas é uma família! No fim, é tudo igual. É uma questão de bom senso, inteligência, educação, de amor

ao próximo e de não julgarmos as pessoas.

Quando eu vi meu filho naquele leito todo machucado, roxo, ferido, senti muito ódio da vida, do ser humano. Aqueles socos, chutes, pontapés eram em mim, eram naquela enfermeira que estava cuidando do meu filho. Era em você, em você, em você.

Quando um gay é morto por homofobia, uma sociedade inteira é morta igualmente. Quando uma lésbica sofre o que eles chamam de estupro corretivo, todos nós também somos corretivamente estuprados.

Durante muito tempo, Matheus ficou com pânico de sair de casa. Largou o emprego. Entrou em depressão, quis se matar. Foi uma barra. Sem me falar nada ele foi escrevendo um livro, um livro sobre intolerância, sobre homofobia. Quando soube, mexi meus pauzinhos e conseguimos publicar o livro. Foi um sucesso. E graças às histórias daquele livro, meu filho teve que sair de casa, foi pra Berlim dar uma palestra sobre o assunto. Gostou tanto de Berlim que resolveu ficar por lá nos dois anos seguintes.

Como eu me via no meu filho! Como tinha traços da minha personalidade nele! Eu estava orgulhosa de ser mãe daquele ativista. Volta e meia falava na terapia, do tempo que perdi deixando de ser mãe, mas nunca me arrependi. Achava que no final foi tudo no seu tempo certo. Minha mãe era uma mulher muito católica, beata e ela sempre dizia: – Não cai uma folha da árvore sem que Deus não queira. Deus sabe o tempo de todas as coisas. Deus! Quanto poder numa palavra só. DEUS! O Senhor dos nossos destinos.

Dois anos depois, Matheus volta. Fui busca-lo no aeroporto, achando que ia encontrar um escritor feliz, realizado, bem sucedido, mas quando ele sai daquela porta do desembarque, sozinho, com a mesma cara murcha de anos atrás, eu pensei: brigou com o bofe. E Como meu filho é de peixes, sabia que viria o rosário de dramas pra cima de mim.

Trocamos o bom e velho beijo e fomos pro carro, calados. Eu tentava puxar assunto e só vinham monossílabos. Daí, não me aguentei, parei o carro no acostamento e falei: desembucha. Ou esse carro não sai daqui.

Pausa dramática, silêncio glacial e, do nada a bomba: – Estou com AIDS.

Putá que los parió. AIDS. Isso tudo em 5 de junho de 1999. Época de ouro do HIV. No rádio do carro, por coincidência, estava tocando uma música do Renato Russo, cantada pela Cassia Eller (*ela canta*), Mudaram as estações, nada mudou...Silêncio outra vez.

Deus, o cara mais requisitado do mundo, o bonzinho, que faz tudo pelos seus filhos, manda o MEU filho, filho que eu fiz, que eu pari, que terminei de criar, de volta da Alemanha com AIDS. Uma doença que você acha que até controla, com AZT, coquetéis, mas uma doença filha da puta, oportunista, que num piscar de olhos, vira a mesa e ganha o jogo. Que ninguém sabe de onde saiu. Uma bomba-relógio que o menino teve que engolir e que o botão pra detonar essa bomba estava na mão desse Deus

divino, maravilhoso, o big boss, opaizão.

Fomos pra casa chorando. Mentalmente, só consegui pensar em todos os amigos que eu tinha em Nova York, pra mandar meu filho pra lá para se tratar, se curar. Quando chegamos em casa, a primeira coisa que ele quis fazer foi ligar pro ex-namorado, a Brunete. Meu coração só conseguia sentir raiva desse viado, provavelmente ele tinha passado o vírus pro meu filho.

Hoje eu sei que isso não faz diferença alguma pra nós, mas na época, como mãe, tudo que eu queria era achar um culpado. Quem passou essa merda pro meu filho? Queria esganar o pescoço da bicha que contaminou meu filho.

O babaca do Matheus se sentia culpado, achava que ELE tinha contaminado a girafona. Os dois conversaram, se entenderam e ainda voltaram, vocês acreditam? Parecia que a doença ao invés de afastar, uniu mais ainda.

Procuraram grupos de apoio e, mais uma vez, surgia um novo tipo de gueto. Eram todos portadores do vírus que se cuidavam entre eles, se blindavam. Não quiseram minha ajuda, nem dos médicos que eu arrumei. Era bonito ver esses rapazes juntos, eles faziam campanha de prevenção em escolas, distribuíaam preservativos na praia aos domingos. Ser testemunha ocular desta filantropia que meu filho fazia, mesmo com os problemas e medos que ele tinha, só aumentava o orgulho, o meu amor por ele.

Um dia, Matheus me liga no trabalho e diz que ia dar a cara pra bater, que daria uma entrevista a uma emissora de TV, concorrente da minha.

Pedi para eu me preparar pro chumbo grosso que provavelmente viria. Perguntei se estava certo daquela decisão, se ia fazer bem assim, se expor, se isso não poderia piorar a doença. Preocupações de mãe.

Ele, muito peitudo, disse que sim, que era irrevogável aquela decisão, que o caso dele poderia ajudar muita gente e que não via razões para ter vergonha de ser soropositivo. Não pensei duas vezes, e falei:

· Então vem dar esta entrevista pramim.

Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Entrevistar meu filho, encarar a morte de frente, sem medo, olho no olho. Uma entrevista que até hoje é tida como referencia no assunto. O problema do HIV, naquela época, é que tudo era potencializado. O que é uma simples chuva pra você, pra eles é o inicio de uma pneumonia. Uma tosse vira tuberculose. Uma diarreia vinda de um sanduíche mequetrefe comido na rua pode ser neles uma infecção intestinal que leva ao óbito. Você passa a dormir e a acordar todos os dias sobressaltada, querendo ter notícias do seu filho. Todo Natal passa a ter sabor de ser o último, bem como Ano Novo, seu aniversário, aniversário do seu filho. Tudo fica em aberto; e se este ano for o último que passamos juntos? É um mar de interrogações.

Todas sem encontrar respostas, porque as respostas estão onde? No tal Deus, dono do mundo. É ele quem decide teu tempo. O tempo desta doença em você. Não que você esteja livre de uma bala perdida, de um acidente de automóvel. Mas essa porra desse vírus se aloja na sua cabeça e produz medo, te deixa um poço de medo. Inverte o foco e o eixo de tudo.

Um belo dia, aconteceu. Matheus acordou com muita diarreia, vomitando a alma, depois veio a febre, que tinha hora marcada. Todos os dias no mesmo horário, a maldita vinha e fazia o bichinho suar tanto, a ponto de ter que trocar a roupa de cama durante a noite. Aguentamos essa barra uma semana, o emagrecimento dele era visto a olho nu. A cada dormir e acordar, era um quilo a menos de Matheus. Eu, Bruno e ele optamos pela internação.

Foram dois meses de luta, vendo meu filho definhar, cada dia um pouco. E tudo isso sozinha, eu não tive um irmão, um sobrinho, uma tia pra visitar meu filho no hospital. Eles tinham medo de pegar a doença. A ignorância dessa gente não permitia ver que o preconceito deles é que era contagioso.

Eu passei esses dois meses morando com meu filho no hospital. Revezava o turno com o Bruno, que foi um anjo da guarda, incansável.

Junto com ele, vieram várias bichas amigas dos dois, uma fauna, era viado de todo tipo, tamanho e cor. Tinha drag, tinha trans, sapatão, travesti com peito, sem peito. Em 60 dias fiquei PHD nesse mundo LGBT. Eu era praticamente a Dorothy deles.

Quase todos eles eram sócios de um clube *privé gay*, antigo e o oposto do que eram as casas noturnas GLS que eu frequentei. Era um clube de homens mais velhos, respeitosos, aquelas gays alinhadas, com carteirão embaixo do braço. Parecia aquele filme Cocoon, uma casa geriátrica do movimento LGBT. Depois eu mesma passei a frequentar e ser sócia. Sou até hoje. Lá é um grande barato. As mães desses gays frequentam a casa também. A faixa etária da turma vai de 40 à morte, ficando na média dos 70,80, é viado com andador, com muleta, cadeira de rodas. A bicha que foi coreógrafa da Virginia Lane, faz show toda semana, olha que máximo. Atéa

bicha sair do camarim e subir no palco, a música já tocou duas vezes, mas elas são tinhasas, não descem do salto.

Pois bem, uma dessas colegas do meu filho, Shytara, veio me contar no corredor do hospital que o Matheus tinha loucura pra que eu fosse mãe do ano neste clube. Todo mês de Maio, no domingo do dias das mães, a diretoria e seus sócios, elegiam a mamãe cor-de-rosa. Ela recebia uma faixa, uma coroa e era reverenciada até o ano seguinte. Mas que o Matheus achava que eu nunca iria me expor àquele ridículo.

Shytara foi embora e aquelas palavras ficaram ecoando em mim. Meu filho

tinha o sonho de me ter como a mamãe cor-de-rosa e nunca me disse nada. E sendo muito honesta, em outra situação que não aquela jamais teria aceitado me expor a isso.

Naquela mesma madrugada, Matheus convulsionou, na minha frente, uma coisa horrível de se ver e viver. Os médicos vieram correndo, entubaram meu filho e levaram ele pro CTI. Que pesadelo! Por um triz, meu filho não morreu naquela noite na minha frente.

Quatro dias depois, o médico que acompanhava o caso, veio falar comigo. Ele me perguntou se eu tinha condições financeira para montar aquele CTI em casa, uma espécie de home care. E disse que sim, lógico. Ele respondeu que ia mandar o Matheus pra casa e que eu aproveitasse ao máximo meu filho que, pela experiência dele, duraria mais uma semana, **NO MÁXIMO**.

Malandro, a porrada doeu. Passou um filme na minha cabeça. Desde a trepada que ele foi feito, o parto. Minha mãe levando meu filho, Londres, a volta de Londres, a serra de Petrópolis, o dia em que conheci a girafona, o Miguel Couto, Berlim, e a frase: – Estou com AIDS.

Fui pra casa sem falar lé com cré. Mas eu tinha um deadline para cumprir, não podia me dar o luxo de sofrer, de chorar, porque nesse tempo eu tinha de estar forte, dando força pro Matheus.

Ele dormia praticamente o dia inteiro, não reagia a nada, era como se ele já tivesse morrido pro mundo. Foi quando me veio uma ideia louca na cabeça. Passei a mão no telefone liguei pra bicha Thundercat e montei meu circo.

No dia seguinte, o quinto dia do prazo que o médico me deu, Matheus acordou com uma baita surpresa. Minha casa estava inteira decorada com balões coloridos, das cores que ele amava, fúcsia, magenta, cereja, verde esmeralda. Tinha mais de trinta viados em casa, todos montadíssimos, perucas coloridas. Gloria Gaynor e Madonna se revezando no som.

Meu filho ficou tão surpreso, sem entender nada, mas estava sorrindo. E quando meu filho sorria, a vida parava, a crueldade do mundo congelava. Eu via tudo escondida pela fresta da porta. Eis, que de repente, uma das bichas que dublavam parou tudo, pegou um microfone e anunciou:

- Excepcionalmente este ano, por causa da Maria Matheus que resolveu fazer uma pegadinha com as colegas, nós resolvemos antecipar a coroação da nova mamãe cor-de-rosa. Senhoras e senhoras, a Mamãe do ano 2000, MajôGonçalo!

(Começa a tocar a música Mamãe na voz de Ângela Maria, ou um camareiro traz para a atriz um cetro, faixa e coroa, ou desce do urdimento).

E nisso, soltaram a música da Ângela Maria cantando Mamãe. Eu entrei, de peruca rosa, roupa rosa, faixa e coroa na cabeça.

As bichas me ovacionando, eu em lágrimas, fui até meu filho, que fez um esforço sobre-humano pra sentar naquela cama, também em lágrimas, nos olhamos, nos abraçamos e pela primeira vez em 25 anos eu disse:

- Eu te amo, meu filho. Te amo muito. Te amo desde o dia que você nasceu, eu só não sabia que te amava tanto assim. Você é meu norte, meu sol. Meu dia, minha noite. Você é o que há de melhor em mim.

Eu consegui dizer isso com meu filho em vida. Consegui pedir perdão pelas ausências, pelo abandono, pelas faltas, pelas reuniões nos colégios que eu não fui. Por não ter visto ele andar pela primeira vez, por não ter sido o meu nome a primeira palavra que ele falou quando aprendeu a falar. Eu pedi perdão pelos beijos que eu não dei. Mas que ele soubesse que ELE me ensinou a amar. No que eu olho pra trás, era aquele viadeiro inteiro chorando. Parecia último capítulo de novela mexicana. E era.

Matheus me deu um selinho na boca, e disse com a voz fraquinha:

- Mãe, você está ridícula com essa peruca, mas eu te amo assim mesmo. Tiramos uma foto, abraçados, agarrados, numa tentativa de perpetuarmosso amor naquela fotografia.

O médico não era Nostradamus, mas a profecia dele estava certa. Dois dias depois, Matheus acordou assustado, me pedindo um gole d'água. No que eu levantei pra pegar, um apito ensurdecido invadiu meus ouvidos e ecoa até hoje, noite após noite. O assóvio da morte vinha daquela máquina de monitoramento. Toda uma vida resumida numa linha reta.

Um silêncio invadiu minha alma. 2h da manhã, e tudo que eu tinha naquele momento era um filho morto na minha frente.

A fortaleza que eu sempre disse e me vangloriava ser desmoronou ali, eu gritava ajoelhada no chão, chorava, pedia socorro, me abraçava naquele corpo magro, frágil, ainda quente, pedia pra Deus trazer meu filho de volta, mas nessas horas Deus é um sádico, ele não te poupa da dor, ele faz questão de enfiar uma faca no meio do teu peito e abrir um abismo, onde você é projetada com passagem só de ida.

Deus, o cara todo poderoso, levou meu garoto, sem me pedir licença. *(ela revive o dia e começa a ter um diálogo com Deus. Um pino de luz é o caminho entre eles, conforme desenvolve o monólogo, Majô vai perdendo o controle, chegando ao seu limite)* E aí, amigão. Estou com um baita de um problema aqui embaixo esperando você estalar os dedos e resolver. Afinal, você não pode tudo? Está feliz agora, seu sacana, filho da puta? Era isso que você queria? Ver uma mãe sofrendo. Um coração rasgando na sua frente? É justo, a mãe ir antes do filho? É justo? Ou você se masturba vendo isso? Te dá prazer? É o tal do castigo divino, por eu ter sido uma escrota abandonando meu filho aqui? É culpa que você quer? Toma! Eu sou toda culpa. Eu Errei. Perdão, Senhor. Perdão, seu ditador do inferno. Ou você também é desses que tem aos montes aqui na terra, que não gostamos excluídos? Você levou meu filho por ele ser gay? A coragem dele

assumir ser o que é te deixou baqueado? Só você pode ser o fodaço? Está naquela porra de bíblia que você gosta dos ousados. Mais ousado que ele foi? Que merda é essa? Ele também é teu filho. Esse garoto não pode causar mal nenhum no teu mundo. Deixa eu ir no lugar do meu filho. Uma vida por outra. Eu já vivi muito, mas ele não. Ele estava começando a viver o melhor da vida agora. Diz que você vai trazer meu filho de volta, que você se enganou!

Responde, caralho? Covarde!!! Leva minha vida, acaba comigo, mas deixa o menino aqui. Ele é bom. É um menino puro. Ele conseguiu me amar, mesmo eu sendo uma filha da puta, uma escrota, egoísta. Você está me ouvindo velho surdo? RESPONDEEEEE, CARALHO! Por que você quis o meu filho? Quem tem que pagar sou EUUUU. Se te serve de consolo, fique sabendo que eu te renego. Eu, Maria José Gonçalo, renego teu batismo em mim. Eu renego tua existência em mim. Cada prece, cada Pai Nosso, cada Ave Maria, cada terço, eu renego. Eu te condeno às trevas, Deus da dor, Deus da solidão. Quem você pensa que nós somos? Marionetes deste teuteatro?

Condeno você e teus profetas. Se você não quiser me perder, atende meu pedido. Acorda meu filho, por favor. Eu estou te implorando, de joelhos. É isso que você quer de mim, que eu me humilhe. Eu faço. Mas acorda meu filho!!! Ou me leva junto. Mas pra que tanta maldade? Eu faço o que você pedir pra ter meu menino de volta, aqui nos meus braços...Um dia...Só mais um dia. Um minuto que seja, mas me devolve MEU FILHO! Devolve...

Ela entra numa crise de choro e, aos poucos, retorna ao tom normal.

MAJÔ: Deveria ser proibido a mãe enterrar o filho. Deveria ser o primeiro dos dez mandamentos de Deus.

Que dor! Que dor! É uma dor que não acaba. Ferida aberta que nunca cicatriza. Mas que também não te mata. Ela te deixa viva e semi-lúcida para te lembrar todos os dias. Aquela cicatriz está ali, em alto relevo na tua pele. Só que o tempo é cruel. Ele não respeita teu luto. Ele faz a vida andar pra frente, como um cavalo amestrado, você segue marchando. Você sente sede, fome, você tem vontade de ir ao banheiro, igual. Passa mais um tempo e você sente vontade de falar com alguém, de ver gente. E quando você menos percebe, você está numa porra de uma missa de sétimo dia que a piranha da tua irmã, que desprezou o sobrinho gay uma vida inteira, marcou e vai estar lá posando de tia boazinha. E você tem que ir! E tem que cumprimentar aquelas pessoas, agora cheias de benevolência pro filho viado que você teve.

Na volta da missa, eu quis vir pra casa com Bruno. Fomos direto pro apartamento deles. Foi quando a Brunete me entregou uma caixa grande que era a vida do Matheus nos últimos anos.

Quando abri a caixa, eram cadernos e cadernos escritos, fitas de VHS e

fitas K-7. Há quase quatro anos meu filho vinha colhendo depoimentos, entrevistas com as mães dos amigos. Ele queria lançar um livro, fazer um filme, quem sabe uma peça de teatro, uma série, chamada “Mamãe Corde-Rosa”. Onde o foco era a mente materna. Bruno me falou que foi uma forma que meu filho encontrou pra me conhecer melhor, pra se aproximar de mim.

Pedi pro Bruno ir na padaria comprar um refrigerante, que eu queria ficar ali, sozinha. Quando ele saiu, comecei a folhear aqueles manuscritos.

Eram várias anotações sobre nossas vidas (*volta a se emocionar*).

Tudo que Matheus queria era o meu amor, o meu respeito, a minha admiração. Diante daquilo tudo, a vida passou a ter outro sentido pra mim. Foram anos digerindo aquele universo até chegar aqui, esta noite com vocês. Me perdoem os excessos, a ênfase em algumas coisas, mas apesar de não parecer, eu sou gente, de carne e osso. Não sou máquina.

Esse livro com depoimentos quase todos verídicos foi a arma que encontrei pra quebrar dogmas, paradoxos, romper barreiras, disseminar preconceitos e também acalentar outras mães que passam por tudo o que eu passei. A minha dor, pode ser a sua dor. O meu silêncio, pode ser a perda do seu filho amanhã. Quanto mais este assunto vier à tona, quanto mais nós, mães, tiramos os véus que a sociedade põe para cobrir seus vexames, mais vamos avançar.

A questão é: até quando tantos pais esconderão a poeira debaixo do tapete? “Seja gay, a gente tolera, mas saiba que nunca trataremos isso com naturalidade”. Esse é o discurso que ninguém diz e que segue velado em tantas famílias. É preciso abrir este caminho, mostraraos seus filhos que vocês se interessam pela vida afetiva deles tanto quanto se interessariam pela de um filho hétero. É preciso sair da zona de conforto, que foca as conversas no trabalho, no dinheiro e nas amenidades, buscando fugir de tudo o que diz respeito à homossexualidade em si.

Não tenha medo de perguntar quais são os lugares que ele frequenta. Nem com quem ele vai, nem qual música toca. A vida de um gay não é mais nem menos promíscua que a de um hétero. Não é a orientação sexual que determina se a pessoa vai dormir com uma pessoa a vida inteira ou com 3 na mesma semana. Isso não tem nada a ver com ser gay ou não. Tenho amigos gays super caretas e amigas solteiras super liberais. Ninguém é melhor nem pior por isso. Livrem-se destes dogmas.

Participe da vida do seu filho gay. Pergunte sobre seus sonhos. Se ele quer casar, se vai querer festa, se vai querer um buquê, seja ele homem ou mulher. Pergunte se ele sonha com filhos. Se vai querer adotar, se pensa em inseminação ou numa barriga de aluguel. Pergunte se ele gosta daquelas camisas brancas que você compra para ele ou se preferia que elas fossem floridas. Pergunte à sua filha se ela se protege no sexo, ainda que saiba que o tipo de relação que ela mantém não resulta em gravidez.

Mostre que você se importa e que o espaço de diálogo entre vocês pode ser cada vez maior.

Mostre ao seu filho que ele é muito mais importante do que seus amigos conservadores. Mostre que você está disposta a abrir mão destes seus “amigos” que ficam escandalizados com a homossexualidade, em respeito a ele. Mostre que este tipo de gente não te interessa mais, porque quem julga que seu filho não é bom o bastante por amar pessoas do mesmo sexo, merece todo o seu desprezo.

Faça com que eles percebam que, por você, tudo bem se a Tia Loló ficar chocada com o fato de o sobrinho-neto ser gay. Tia Loló deu sorte de estar viva até agora e ela precisa conviver com isso. Mostre ao seu filho que você não está mais preocupado em poupar a Tia Loló, o Tio Tônico, a prima Rosângela e seus trigêmeos do que em fazer com que ele se sinta bem e livre na festa de família pela primeira vez. Quando a Tia Loló perguntar: “como vão as namoradinhas do Matheus”, responda tranquilamente: “é namoradinho, Tia Loló, ele se chama Bruno, é engenheiro, um rapaz ótimo.”. Se a Tia Loló engasgar com o amendoim, bata nas costas dela. Mas não bata no ego do seu filho, trancafiando-o num eterno armário de vidro.

Quais os olhares que passaram a ser mais importantes do que os olhares de amor dele para você e de você para ele? A quem você confere a legitimidade de julgar o seu filho a ponto de te tornar omissa na vida dele? A quem você se rende para não abraçá-lo da forma mais sincera e entregue?

Já é hora, mãe. Já é hora, pai. Acolham seus filhos de forma integral antes que seja tarde demais. Olhem pra mim. Não queiram chegar neste ponto, por que não tem volta. Quando fecha a tampa do caixão, é um grito que não se cala mais dentro de você. Não compactuem com mais choro no banho, mais segredos, mais mentiras. Não abram mão de ouvir histórias boas, histórias alegres, histórias de amor. Nem abram mão da convivência com seus novos genros e noras. Acima de tudo, não permitam que a noção de “amor incondicional” torne-se uma farsa na relação de vocês. Mostre ao seu filho todo dia que seu amor por ele é infinitamente maior do que a miséria humana que julga, aponta e condena determinadas formas de amar. Mostre ao seu filho que o mundo pode virar-se contra ele, mas que seus braços serão sempre um lugar seguro onde ele é bem-vindo por ser quem ele é.

Comprem o livro. Leiam. Divulguem. Eu estarei sempre à disposição para ouvir, compartilhar, dividir com todos vocês esse sentimento lindo que é o amor por um filho.

Ah, esqueci de dizer. Fiz as pazes com Deus. Fazer o quê? O maior saldo desta jornada foi descobrir que nada em nós é mais forte que a nossa própria natureza. Tenham todos uma boa volta pra casa e que Deus os acompanhe. Obrigada.

Cai o pano. Sobe a trilha: Sem medo, nem esperança na voz de Gal Costa.

FIM